

Ψ INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

DM
MACE.1

TESE DE MESTRADO

PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA CLÍNICA

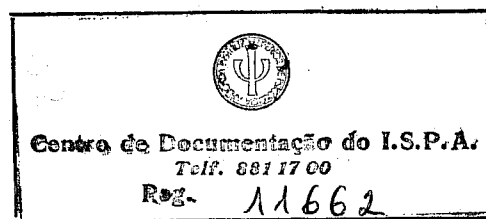
1994-96

FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS DA
TABELA DE BION

Esmeralda Macedo, nº 701

Orientador: Professor Doutor Carlos Amaral Dias

Lisboa, 1997



ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE	1
1 - A VIDA DE W.R. BION	2
1.1 - A INFÂNCIA E A ADOLESCÊNCIA	2
1.2 - TEMPO DE GUERRA	3
1.3 - O PÓS-GUERRA	4
1.4 - A FORMAÇÃO	6
APRESENTAÇÃO DA OBRA	10
2 - O PERÍODO GRUPAL	10
2.1 - AS EXPERIÊNCIAS COM GRUPOS (1961)	10
2.1.1 - O Trabalho com Grupos Durante a Guerra	10
2.1.2 - O Trabalho Com Grupos na Tavistock Clinic	11
2.1.3 - Pressuposto Básico de Ataque/Fuga	12
2.1.4 - Pressuposto Básico de Dependência	12
2.1.5 - Pressuposto Básico de Emparelhamento	13
2.1.6 - Estados Emocionais	13
2.1.7 - Conclusão	15
3 - O PERÍODO PSICÓTICO	17
3.1 - SECOND THOUGHTS	18
3.1.1 - The Imaginary Twin (1950)	18
3.1.2 - Notes on the Theory of Schizofrenia (1953)	18
3.1.3 - Development of Schizophrenic Thought (1956)	19
3.1.4 - Differentiation of the Psychotic from the Non-Psychotic Personalities (1957)	21
3.1.5 - On Hallucination (1958)	23
3.1.6 - On Arrogance (1958)	23
3.1.7 - Attacks on Linking	24
3.1.8 - A Theory of Thinking (1962)	25
4 - O PERÍODO EPISTEMOLÓGICO	27
4.1 - LEARNING FROM EXPERIENCE (1962)	27

4.1.1 - A Função Alfa.....	28
4.1.2 - Os Vínculos	30
4.1.3 - O Vínculo K.....	31
4.1.4 - O Modelo	32
4.1.5 - O Objecto Psicanalítico	32
4.1.6 - O Facto Seleccionado.....	33
4.1.7 - O Aparelho para Pensar Pensamentos.....	34
4.1.8 - O Modelo Continente/Conteúdo.....	34
4.1.9 - O Vínculo - K	35
4.2 - ELEMENTS OF PSYCHO-ANALYSIS.....	36
4.2.1 - O Eixo Vertical.....	37
4.2.2 - O Eixo Horizontal.....	38
4.2.3 - Os Elementos em Psicanálise.....	39
4.2.4 - Continente/Conteúdo E Ps<--> D.....	40
4.2.5 - A Dimensão dos Sentidos, Mitos e Paixões	41
4.2.6 - Os Elementos e a Tabela	42
4.3 - TRANSFORMATIONS (1965).....	44
4.3.1 - A Invariância.....	44
4.3.2 - A Transformação	45
4.3.3 - Transformações Projectivas e de Movimento Rígido.....	46
4.3.4 - Transformações em Alucinação.....	47
4.4 - A ATENÇÃO E INTERPRETAÇÃO (1970).....	48
4.4.1 - A Realidade Última	48
4.4.2 - O Grupo e o Místico	50
5 - O ÚLTIMO PERÍODO	52
5.1 - TWO PAPERS: THE GRID AND CAESURA (1977).....	52
5.2 - THE GRID (1971).....	53
5.3 - CAESURA (1975).....	56
6. - A TRILOGIA FANTÁSTICA	58
6.1 - O SONHO.....	58
6.2 - O PASSADO PRESENTE.....	59
6.3 - O PASSADO ESQUECIDO	59

7 - A AUTOBIOGRAFIA.....	61
SEGUNDA PARTE	62
1 - OS MODELOS	63
1.1 - O MODELO.....	63
1.2 - O VÉRTICE.....	65
1.3 - O SÍMBOLO.....	66
1.3.1 - Antes de Bion.....	66
1.3.2 - A Perspectiva de Bion.....	69
1.4 - O MODELO CIENTÍFICO-FILOSÓFICO.....	71
1.5 - O MODELO ESTÉTICO-ARTÍSTICO.....	72
1.6 - O MODELO MÍSTICO-RELIGIOSO.....	75
1 - OS FUNDAMENTOS.....	82
1.2 - A INFLUÊNCIA DE SIGMUND FREUD.....	83
1.2.1 - O Projecto para uma Psicologia Científica.....	83
1.2.2 - Psicologia de Grupo e Análise do Ego.....	84
1.2.3 - Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental (1911).....	86
1.2.4 - Neurose e Psicose (1924).....	88
1.2.5 - Inibição, Sintoma e Angústia.....	89
1.3 - O MITO DE ÉDIPO.....	91
2. O MODELO FREUDIANO.....	96
3 - A INFLUÊNCIA DE MELANIE KLEIN.....	99
3.1 - IDENTIFICAÇÃO PROJECTIVA.....	99
3.1.1 - O Continente/Conteúdo.....	100
3.2 - POSIÇÃO ESQUIZO-PARANÓIDE E DEPRESSIVA.....	103
3.2.1 - Flutuação Entre a Posição de Dispersão Esquizo-Paranóide, Ps, e a Posição Depressiva de Integração, D (Ps <---> D).....	104
3.3 - O MODELO KLEINIANO.....	106
3.4 - O MODELO BIONIANO.....	108
3.5 - AS INFLUÊNCIAS FILOSÓFICAS.....	110
3.5.1 - Platão.....	110
3.5.2 - Immanuel Kant.....	113
3.5.3 - A Teoria do Conhecimento.....	115

3.5.4 - Juízos Analíticos e Juízos Sintéticos	116
3.6 - CONSIDERAÇÕES	119
QUARTA PARTE.....	121
1 - OS FUNDAMENTOS DA TABELA	122
2 - A TABELA	126
3 - OS MODELOS	127
3.1 - O MODELO CONTINENTE-CONTEÚDO	127
3.2 - O MODELO KANTIANO.....	129
3.3 - O MODELO MATEMÁTICO	131
3.3.1. A Função.....	131
3.3.2 - A Teoria das Funções.....	134
3.4 - O MODELO COGNITIVO I.....	135
3.4.1 – Conceito.....	135
3.4.2 - A Teoria do Pensamento	140
3.5 - MODELO COGNITIVO II.....	140
3.5.1 - A Verdade	140
3.5.2 - Bion e a Verdade	142
3.6 - MODELO COGNITIVO III	146
3.6.1 - O Pensamento como Evolução e Expansão	146
3.6.2 - O Universo em Expansão	146
3.6.3 - A Teoria das Catástrofes	147
3.6.4. - O Universo Mental em Expansão	150
3.7 - MODELO TERNÁRIO	152
3.7.1 - Amor, Ódio e Conhecimento.....	154
CONCLUSÃO	158
BIBLIOGRAFIA.....	162

PRIMEIRA PARTE

1 - A VIDA DE W.R. BION

1.1 - A INFÂNCIA E A ADOLESCÊNCIA

Wilfred Ruprecht Bion nasce a 8 de Setembro de 1897 em Muttra, na Índia, numa época em que dominava ainda o imperialismo, sob as ordens da Rainha Vitória, e se vivia uma época de paz e prosperidade que não mais voltaria a existir. Pertencendo a uma família com fortes ligações a este país, Bion viveu aí até aos 8 anos de idade, altura em que vai estudar para Inglaterra.

Sobre a infância e, sobretudo, acerca da família de Bion pouco se sabe, uma vez que o único documento existente sobre esse período da sua vida é a sua autobiografia que faz poucas referências à família. No entanto, sabe-se que seu pai era engenheiro do serviço público e que sua mãe se dedicava à vida doméstica e, de acordo com o relato de Bion, não viviam na opulência.

A relação de Bion com os pais parece ter sido uma relação normal, tendo em conta a época, e foi marcada pelos excessos, não havendo lugar para os meios-termos: uma mãe que tanto podia transmitir calor e segurança como, de repente, se tornar fria e assustadora e, um pai que parece ser duro para com o filho mas, que Bion descobre que, afinal é sensível ao ponto de ser possível confundir-lo e pô-lo fora de si. Por seu lado, a relação com a irmã é marcada por uma certa conflitualidade que obrigava os pais a intervir, até que Bion descobriu que a melhor forma de lidar com o assunto era a de se afastar da irmã. Desta forma, conseguia frustrar a irmã que desejava ter domínio sobre ele e o desejo do pai que sonhava ver os filhos amigos e unidos.

A partir dos 4 anos, altura em que entra na escola, inicia-se uma nova etapa na vida de Bion. Se antes só existia uma "luz intensa" ou uma "escuridão intensa" sem nada pelo meio, a partir do momento em que toma contacto com a escola começa a existir um meio-termo. Também nesta altura um outro aspecto começa a fazer parte da sua vida: fazer oito anos e ir para Inglaterra, uma vez que todos os filhos de trabalhadores ingleses na Índia tinha esse destino pela frente. Os longos quatro anos que ainda faltam para esse acontecimento parecem ter ficado marcados pela descoberta da masturbação que passa a ser um motivo para que sintam culpa, a partir do momento em que os pais o descobrem.

E, finalmente, chega o grande dia: a ida para Inglaterra que o afasta quase por completo da sua família e, o afasta definitivamente da sua amada Índia. Assim, aos 8 anos, Bion encontra-se sózinho em Inglaterra, no pátio da escola, perante outras crianças naturalmente agressivas e um sistema de ensino também naturalmente rígido. Neste período, Bion refere o martírio que eram para si as missas, as longas caminhadas e a humilhação de que era alvo por parte dos seus colegas, "sentia-se quase morrer para si mesmo". No entanto, tinha dois amigos com quem passava as férias e cujas famílias lhe proporcionavam o conforto e mesmo algum afecto que não podia ter por parte da sua própria família.

Com 12 anos, Bion e os seus amigos vão para a Main School, uma nova etapa da sua vida como estudante e como pessoa; uma etapa ambicionada por permitir uma "sensação de liberdade" que até aí não era possível e que Bion descreve como "a ansiedade de ser um novo rapaz outra vez." É a partir desta altura que as suas capacidades físicas se começam a evidenciar, uma vez que era bom em todos os desportos que praticava; este sucesso desportivo parece ser uma forma de compensar o seu fracasso anterior como "fag" (uma espécie de servidor) dos colegas mais velhos que, no entanto, é descrito como "um fracasso a que estou profundamente agradecido." Para Bion, os jogos eram em si mesmos agradáveis e podia jogá-los pelo prazer do jogo, mas esta perspectiva muda quando se torna o capitão das equipas; embora fosse um mau capitão, esse fracasso não foi notado graças à aproximação da guerra. Ao longo da sua estadia na Main School, Bion acalentava o desejo secreto de entrar em Oxford ou Cambridge e tornar-se um desportista internacional. No entanto, esse sonho parecia estar fora do seu alcance já que a sua família não o podia ajudar financeiramente e também não era suficientemente pobre para que lhe pudesse ser atribuída uma bolsa de estudo. Mas, como entretanto começam a surgir os rumores de guerra e na sua escola desfila uma divisão militar, Bion parece ficar de alguma forma fascinado com essa amostra do exército, o que faz com que não consiga trabalhar e com que o seu último ano no colégio de Bishop's Stortford, que tinha sido o seu ano de glória, termine num anti-climax tanto nos estudos como no desporto.

1.2 - TEMPO DE GUERRA

Praticamente no dia a seguir a ter deixado o colégio, Bion decide apresentar-se como voluntário à junta de recrutamento para a sua preparação militar. Mas, é recusado e só o facto de o pai conhecer uma pessoa influente lhe permite ingressar no tão desejado exército. Finalmente, no dia 4 de Janeiro de 1916, torna-se membro das forças armadas, sendo mais tarde destacado para o 5º Batalhão de Blindados, tal como era seu desejo, e é colocado em Wool. É aí que toma contacto com o grande segredo da Inglaterra para fazer frente à espionagem alemã, o primeiro tanque que vê assusta-o, ao mesmo tempo que o impressiona. O seu batalhão é mais tarde destacado para França, onde Bion passa o tempo da 1ª guerra mundial. Durante este período, Bion admite o seu medo de morrer e na sua autobiografia relata alguns episódios onde se sentiu humilhado por esse facto, assim como o seu medo por ser o comandante do blindado e, por esse motivo ter de permanecer com o corpo fora do carro, o que em situação de bombardeamento o tornava um alvo fácil. E, foi mais ou menos isso que aconteceu durante uma missão de reconhecimento onde foi salvo por um dos colegas de ser atingido por uma bala. Outro dos acontecimentos desta guerra que marcaram Bion prende-se com o facto de ter assumido o comando duma divisão de infantaria na batalha de Cambrai quando todos os outros oficiais foram mortos e, por esse motivo ter sido distinguido com uma medalha militar. Tal como anteriormente na escola, também neste caso essa distinção o fez sentir-se aborrecido já que não gostava da ideia de ser distinguido de entre todos os outros, embora merecesse de facto a distinção.

Mais tarde obtém uma licença para ir a Londres receber o louvor com que fora distinguido e nessa altura volta a encontrar-se com a mãe, no entanto, esse encontro dura pouco tempo porque se dá uma grande ofensiva alemã e todos os oficiais de licença são de novo convocados. Quando volta para a Frente é feito comandante de uma secção que se torna uma força de reserva para a infantaria francesa, o que o faz sentir frustrado devido às longas esperas e, também porque quer ser perfeito no seu papel de oficial e nem sempre isso é possível uma vez que agora está comandar homens da infantaria quando a sua formação tinha sido feita para os blindados. Entretanto, tinha sido promovido a tenente e, esse facto tinha as suas vantagens, que se traduziam por poder ter um quarto próprio com uma cama com roupa lavada, assim como uma nova farda e roupa interior lavada o que, teve para Bion uma grande importância para a sua mente.

Mais, tarde, Bion volta a ser distinguido, desta vez com a Legião de Honra francesa por causa da sua acção na batalha de Amiens mas, ao que parece, desta vez gosta dessa distinção: "eu gostava da faixa - vermelho-vivo - e ficava bem com a DSO mas, achei difícil dar uma resposta adequada aos cumprimentos." (Bion,1982,p.273) Bion tinha agora a patente de capitão e, pela primeira vez desde a sua entrada no exército, parecia sentir-se mais calmo e relaxado. Por esta altura, o fim da guerra já estava próximo e, quando se deu a desmobilização das tropas e Bion voltou a Londres, reconheceu que tinha sido uma guerra que lhe tinha exigido responsabilidades que ultrapassavam a sua capacidade, formação e educação. Mas, parece que, afinal Bion tinha capacidades suficientes para fazer face a essas responsabilidades.

1.3 - O PÓS-GUERRA

Apesar dos anos que passou na guerra, o sonho de frequentar uma das duas mais importantes universidades manteve-se. E, foi assim, que no dia seguinte à sua desmobilização do exército Bion foi à Universidade de Oxford. Desta vez teve mais sorte e foi admitido sem problemas já que os desempenhos desportivos e as medalhas ganhas na guerra jogaram a seu favor.

A sua impressão da Universidade foi a melhor: "Oxford era muito amável e tolerante ... Oxford era maravilhosa." (Bion, 1985, p.11), apesar de se sentir inferior aos seus colegas, que vinham de colégios mais famosos e de famílias com tradições universitárias, o que não era o seu caso.

Frequentou o curso de História Moderna, que terminou em 1921 mas, devido à guerra não pôde fazer o curso em três anos como era normal e, por esse motivo não obteve a classificação de "muito bom" que lhe permitia enveredar por uma carreira académica. Decide, ainda aprofundar os seus conhecimentos da língua francesa e, assim, passa o ano seguinte na Universidade de Poitiers. Findo esse período decide voltar para o seu antigo colégio, Bishop's Startford, onde dá aulas de história e literatura. O seu êxito como professor é evidente, no entanto, Bion sente-se cada vez menos motivado para o

ensino e, um incidente com a mãe de um dos seus alunos (que o acusa de seduzir o filho), faz com que seja demitido do colégio e a que chegue ao fim a sua carreira como professor.

Mas, durante esse ano em que dá aulas, Bion mantém a tradição de se encontrar com os seus antigos colegas do colégio e parece que é através deles que toma contacto com os livros de Freud. Talvez devido a esse facto se tenha decidido a estudar medicina e a tornar-se psicanalista. Mais uma vez o seu valor como desportista e as suas medalhas de guerra permitem-lhe ser aceite em Oxford sem dificuldade.

Durante o curso de medicina teve a oportunidade de conviver e aprender com alguns professores célebres que o faziam sentir moralmente revigorado. Entre esses professores estava Wilfred Trotter, um cirurgião importante na época, de quem Bion se tornou assistente e que funcionou como um substituto paterno ao qual se ligou durante a sua vida e que também lhe permitiu humanizar-se, já que tendo como exemplo um Mestre que também falhava, Bion pôde começar a aceitar melhor os seus próprios erros.

Bion termina o curso de medicina em 1930, tendo durante esse tempo ganho uma medalha de ouro em cirurgia e tendo também continuado a evidenciar-se como desportista ao nível da natação e do rugby. Depois de sair da Universidade inicia-se de imediato na psiquiatria, ao que parece com algumas dificuldades e também chocado com a prática corrente de os médicos mais conhecidos enviarem pacientes a outros menos conhecidos mediante o pagamento de uma percentagem.

Em 1932 emprega-se na Tavistock Clinic como médico assistente, uma vez que não tinha formação específica nem em psicanálise nem em psiquiatria. Esta clínica foi a primeira a proporcionar psicoterapias de orientação psicanalítica em regime ambulatório a pessoas que não podiam pagar os preços praticados na clínica privada, sendo os custos suportados por doações e subscrições públicas. Até 1939 continua na Tavistock mas tem de trabalhar em part-time noutras instituições; entre 1932 e 1939 começa fazer parte do grupo de J.A. Hadfield que, na altura era o único universitário a interessar-se pela psicoterapia de inspiração psicanalítica e que foi um dos fundadores da Tavistock. Assim, quando esta clínica começa a tornar-se uma instituição especializada em psicoterapia e necessita de fazer estudos conjuntos com o Instituto de Psicanálise, Bion junta-se a esta nova instituição, onde se mantém até voltar para a guerra em 1940.

Antes de voltar para a guerra Bion tem ainda tempo de passar umas férias na fazenda de uns amigos onde conheceu uma actriz por quem se interessou e que mais tarde viria ser sua esposa. Casa com Betty Jardine logo no início da guerra e, até cerca de 1943 o seu casamento é invejado por muitos dos seus amigos. Nessa altura vêm-se uma ou duas vezes por semana, uma vez que Bion está ocupado com o seu trabalho no Hospital e a sua esposa continua com as suas digressões. Esta felicidade termina quando Betty morre poucos dias depois do nascimento da filha.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Bion trabalha como psiquiatra em vários hospitais e, começa a desenvolver os seus primeiros trabalhos com grupos, sendo famoso o trabalho conhecido como "Experiência de Nothfield", de que iremos falar mais adiante.

Quando a guerra termina e Bion volta para casa vê-se com o problema acrescido de ter uma criança para cuidar, juntamente com os seus problemas de dinheiro. Mas, aos

poucos a sua vida vai-se equilibrando e, Bion decide iniciar uma análise com Melanie Klein, ao mesmo tempo que abre um consultório e mantém o seu emprego na Tavistock Clinic.

Em 1951 volta a casar, desta com uma assistente sua da Tavistock, casamento que se mantém ao à sua morte.

Em 1956 Bion, já com créditos firmados, torna-se presidente do Instituto Britânico de Psicanálise e, por essa altura já desperta tanto o interesse como o desprezo dos seus colegas pelo seu trabalho. E, assim, já farto de alguns desses colegas decide aceitar o convite da Sociedade Psicanalítica de Los Angeles e radicar-se nesta cidade. Contudo, não foi bem sucedido, em parte porque era considerado um kleiniano e, nos Estados Unidos a obra de Melanie Klein era pouco considerada.

Assim, sem grandes perspectivas na América do Norte, Bion volta-se para a América do Sul, visitando a Argentina em 1968 a convite de Leon Grinberg e, já na década de 70, visitando o Brasil por diversas vezes. Este país fascinou-o de tal forma que só não fixou residência em Brasília por causa da oposição da sua esposa. As suas visitas ao Brasil ficaram marcadas pelas "Conferências Brasileiras", uma série de seminários que são hoje-em-dia extremamente importantes para a compreensão da sua obra e que, mais uma vez, levaram ao despetotamento de sentimentos contraditórios em relação ao seu trabalho e, mesmo à sua pessoa.

Em 1979 regressa a Inglaterra, país de que estava afastado há 11 anos, vindo a falecer devido a uma leucemia mielóide aguda no dia 8 de Novembro na sua querida cidade de Oxford e com desejo não consumado de visitar a sua não menos querida Índia.

1.4 - A FORMAÇÃO

Como já foi dito atrás, Bion teve contacto com os trabalhos de Freud por volta do ano de 1921, no entanto, não sabemos até que ponto esse facto o influenciou na sua decisão de ser psicanalista. Porque foi com essa intenção que Bion decidiu frequentar o curso de medicina: "Porque que é que quer ser médico?" perguntaram-lhe quando foi para Oxford, "Porque quero ser psicanalista.", foi a resposta mais correcta que veio à cabeça de Bion, mas que não disse em voz alta (Bion, 1985, pág. 19).

Mas, foi um fracasso amoroso que o levou ao primeiro contacto com a psicanálise. Depois de ter pedido em casamento uma rapariga por quem se tinha apaixonado e de ela ter aceitado, passadas algumas semanas recebe uma carta onde lhe era dito que afinal o casamento não era possível. Esta notícia deixa-o em estado de choque e por isso decide procurar a ajuda de um psicoterapeuta.

O psicoterapeuta diz-lhe que necessita de 12 sessões para se "curar" da ansiedade que os seus fracassos atléticos e escolares em Oxford lhe tinham provocado. Bion aceita essas 12 sessões uma vez que ainda dispõe de dinheiro do tempo do exército mas, em breve se conclui que esse tempo não chega e, assim, vê-se obrigado a pedir um crédito ao

analista e um empréstimo a um amigo. Apesar de não ser possível saber ao certo quanto tempo durou essa psicoterapia, supõe-se que tenha durado cerca de 7 ou 8 anos coincidindo com o início da clínica particular por parte de Bion e, também como ele próprio diz porque "...em contraste com as minhas finanças, a aquisição de um fundo de fracassos parecia não ter fim. Por isso decidi parar com as minhas tentativas para ser curado." (Bion,1985, pág.34).

Pelas palavras de Bion, fica-se com a sensação de que não concordava muito com os seus métodos do seu primeiro analista, já que este tinha uma teoria em que deveria existir na vida passada do paciente algum acontecimento traumático "recalcado" e, as sensações desagradáveis sentidas actualmente estavam associadas ao traumatismo antigo e não ao acontecimento actual. Embora fosse uma lógica psicanalítica, Bion não gostava dela e, ironicamente, contrapõe com o seu próprio exemplo. "Se a tua noiva foge com o teu rival, não te preocupes, mas sente-o no passado." Devido a esta teoria, Bion apelidou o seu psicoterapeuta de "Feel it in the Past" ou de Dr. FiP. O essencial desta análise foi o analista achar que já era tempo de Bion se voltar para si próprio, para o seu Eu, só que ele não tinha qualquer confiança no seu Eu uma vez que tinha desejado "admirar, adorar e idolatrar" pessoas que não tinham querido ou não tinham podido conformar-se a esse seu desejo, de forma que concluiu que não possuía as qualidades requeridas para que isso acontecesse e que, sem dúvida, o seu terapeuta também não tinha estado à altura para o ajudar. Mas, a gota de água nesta relação que já se vinha tornando difícil foi o facto de o terapeuta lhe ter proposto o envio de pacientes mediante uma percentagem, Bion já tinha conhecimento deste tipo de "negócio" pouco ético, ficando chocado quando lhe foi proposto, motivo que o levou a terminar a relação.

Terminada esta terapia que, parece não foi o que Bion esperava e, sentindo necessidade de elaborar a sua vida interior bastante atormentada, decide fazer nova terapia, desta vez com um analista de renome. Foi ter com Jonh Rickman e, com algum receio aceitou iniciar a análise. Ficou surpreendido por as suas interpretações lhe parecerem tão senso comum e lhe lembrarem a vida real.

Jonh Rickman, sendo apenas alguns anos mais velho que Bion era bastante parecido com ele, desde a sua formação em medicina e a passagem pela guerra no mesmo período (mas na Rússia) até ao seu interesse pela psiquiatria, em que se especializou a seguir à guerra, e ao seu interesse pela psicanálise. Fez psicanálise com Freud e foi membro da Sociedade Britânica de Psicanálise na época de Ernest Jones; em 1925 começou a interessar-se pelas conferências de Melanie Klein sobre a análise de crianças e, viria mesmo a submeter-se a uma análise com ela em 1934, depois de uma análise anterior com Ferenczi em 1928. Embora se considerasse kleiniano, sempre foi visto com algumas reservas pela própria Klein, já que não aceitava totalmente as suas teorias.

A análise com Rickman terminou no início da Segunda Guerra Mundial, altura em Bion e o próprio Rickman são mais uma vez recrutados mas, mesmo que não tivesse existido a guerra a relação entre ambos também não se teria prolongado muito mais. Na sua biografia Bion faz poucas referências a este seu analista, no entanto, refere a existência de uma contra-transferência demasiado positiva - "Eu pensava que Rickman gostava de mim." - mas, "...houve um tipo de turbulência emocional, com altas e baixas pressões, que extinguiu a análise, tanto quanto eu e Rickman nos apercebemos. Parou, não sem antes

extinguir, também, qualquer centelha de respeito que os meus colegas pré-psicanalíticos pudessem ter tido por mim e, antes que tivesse podido ir suficientemente longe para ser independente." (Bion, 1985,p.46) Este parágrafo mostra bem a ambivalência que Bion sentia em relação ao seu analista. Afastados pela "turbulência emocional" e pela guerra viriam, contudo, a juntar-se nessa mesma guerra onde desenvolveram um trabalho terapêutico de grande valor ao nível dos grupos.

Durante a Segunda Guerra Bion é destacado como psiquiatra, primeiro para fazer a recruta dos soldados para o exército e mais tarde dos oficiais, sendo depois transferido para o Northfield Military Hospital por sugestão de Rickman e Clifford Scott. Tinha ficado bastante magoado por as suas experiências anteriores para o recrutamento de oficiais não terem sido reconhecidas, essas experiências foram os famosos grupos sem líder.

Depois da guerra terminar Bion decide continuar a trabalhar na Tavistock Clinic em tempo parcial, retomando a sua formação no Instituto de Psicanálise e iniciando uma análise com Melanie Klein. A ideia de fazer uma análise com esta analista já lhe tinha passado pela cabeça e ficou assente quando Rickman lhe comunicou que seria impossível continuarem a sua análise já que a sua aproximação durante a guerra tornava essa continuação inviável.

Bion já tinha ouvido falar de Melanie Klein mas sentia-se reticente uma vez que as suas experiências com mulheres não o encorajavam a pensar que a sua associação com ela poderia dar algum resultado, mesmo assim foi ter com ela. Tal como já tinha acontecido anteriormente, Bion tentou valorizar as suas condecorações militares para ser aceite mas, nas suas próprias palavras: ... ela não percebeu, ou escolheu não saber o enorme significado da DSO."(Bion,1985,pág.67), apesar desse receio, foi aceite.

As referências a esta análise são poucas, sabendo-se apenas que a análise incidiu sobre aquilo que achava ser normal: o relato de várias preocupações, preocupações com a criança, ansiedades financeiras, etc., Melanie Klein permanecia inamovível, Bion diz ter-se sentido contente por ser assim, no entanto, isso não o levava a abandonar o seu sentimento de dor.

Bion refere que era assíduo nas suas sessões psicanalíticas e que quando lhe era feita uma interpretação ele, só ocasionalmente, sentia que estava correcta; o mais usual era achar que não faziam sentido mas mal podia argumentar uma vez que entendia as interpretações de Klein como pouco mais do que a expressão das suas opiniões que não eram suportadas por nenhuma evidência. As interpretações que Bion ignorava ou que não entendia ou não dava resposta, mais tarde percebia que tinham sido correctas. Mas, as mais convincentes eram aquelas que pareciam harmonizar-se com aquilo que Bion sabia, ou que Melanie dizia, sobre a sua personalidade. Ela tentava passar para ele as interpretações do material a partir do qual os seus sentidos tinham ficado alerta. Mas, para os seus métodos serem eficientes dependiam da receptividade de Bion, o que este conclui não ser um aspecto diferente de qualquer outra forma de assistência humana - tem que haver alguém ou alguma coisa pronta para receber.

À medida que o tempo foi passando, Bion foi-se reconciliando com o facto de que nem mesmo Melanie Klein podia ser uma substituta para os seus sentidos, interpretações

para o que os seus sentidos lhe diziam e, escolha entre contradições. Refere que não se tornou mais submisso aos seus pontos de vista mas sim que se tornou mais consciente do seu desacordo. Apesar disso, Bion diz que houve qualquer coisa que o fez sentir grato a Klein e um desejo de ser independente da opressão do tempo, do excesso de dinheiro e do esforço envolvido. Ao fim de alguns anos a análise terminou, embora Bion tivesse ficado com a ideia de que Klein achava que ele ainda tinha muito mais para aprender com ela.

APRESENTAÇÃO DA OBRA

2 - O PERÍODO GRUPAL

2.1 - AS EXPERIÊNCIAS COM GRUPOS (1961)

2.1.1 - O Trabalho com Grupos Durante a Guerra

Os primeiros trabalhos escritos por Bion surgem na década de 40 quando está na Segunda Guerra Mundial e começa a trabalhar com grupos.

As primeiras experiências de Bion surgiram em colaboração com Rickman (seu antigo analista) e tinham por objectivo tratar e readaptar neuróticos em grupo. No entanto, esta tentativa não foi aceite pelos seus superiores como era esperado e, por isso nunca foi para a frente. Além disso, Bion foi destacado para outro hospital.

Nesse novo hospital foi integrado numa Comissão destinada a recrutar oficiais, onde propôs a técnica do "grupo sem líder". A proposta de Bion foi que se organizasse um grupo oficialmente desprovido de líder e que dessa forma se observassem as tentativas que os vários membros do grupo faziam para o conduzir ou guiar. Este modo de recrutamento de oficiais oferecia várias vantagens, entre as quais o facto de abranger vários candidatos ao mesmo tempo e de toda a Comissão de recrutamento (militares de carreira e oficiais de saúde) poderem ter juntos uma ideia sobre o valor dos candidatos.

Com este novo método é introduzido um princípio democrático que leva a pôr em evidência também o estudo das aptidões relacionais dos candidatos (além da avaliação psicológica) e, este aspecto era explicado por Bion dizendo que um oficial em tempo de guerra realiza bem as suas tarefas quando se interessa bastante pelas relações interpessoais. No entanto, este método acabou por ser também abandonado por ser considerado demasiado revolucionário e mesmo subversivo.

Depois desta experiência é colocado no Hospital de Nothfield, onde o seu trabalho consistia em decidir se os homens estavam aptos para voltar para a guerra e, em caso afirmativo, readaptá-los à vida militar. É na forma de readaptação que surge a inovação proposta por Bion, mostrando que no tratamento do grupo, a neurose tem de ser apresentada como um problema do grupo.

Assim, Bion criou o que viria a ser considerado como o primeiro passo para seminários terapêuticos, ao criar espaços onde os homens se podiam movimentar livremente de acordo com as suas inclinações e os seus impulsos em conflito. Bion refere que a situação criada a partir destes grupos era muito semelhante ao que era vivido em

tempo de guerra, em que os soldados e os oficiais se empenhavam nas tarefas mesmo que não tivessem consciência da tarefa a realizar: "A atmosfera não era diferente da que é vista numa unidade de exército sob comando de um general em que os soldados têm confiança, mesmo que não possam conhecer-lhe os planos."(1961,p.13)

Esta experiência acabou ao fim de seis semanas devido a imposição dos superiores de Bion sendo, por isso, difícil tirar conclusões precisas. No entanto, foi possível perceber que as reuniões de formatura ficaram marcadas pela capacidade crescente de os homens que as integravam manterem contacto com a realidade e regular eficientemente as suas relações com os outros e as suas tarefas. A longo prazo, esta experiência deu origem a muitas mais conclusões importantes.

2.1.2 - O Trabalho Com Grupos na Tavistock Clinic

Depois da guerra, Bion voltou à Tavistock Clinic, onde continuou a trabalhar com grupos. Nesta nova fase, teve a oportunidade de deixar de lado as teorias psicanalíticas sobre os grupos e testar as suas próprias teorias. Aquilo que Bion propunha aos seus pacientes era que estes estivessem dispostos a aceitar a tarefa de estudar as suas tensões e, a sua técnica consistia em o terapeuta não estabelecer nenhuma regra pela qual o grupo se regesse, o que permitia uma situação próxima da associação livre. E, as suas interpretações apoiavam-se na constatação de que se geram tensões grupais tanto em relação ao terapeuta como em relação aos próprios elementos do grupo.

A partir desses trabalhos, Bion começou a chegar a conclusões para as quais necessitou de arranjar uma terminologia adequada.

Assim, uma das primeiras noções que surgem é a de **mentalidade de grupo**, definida por Bion como "... o fundo comum ao qual as contribuições anónimas são efectadas e através do qual os impulsos e desejos implícitos nestas contribuições são satisfeitos." (Bion,1961,p.42) e, que se refere ao facto de que dentro de um grupo, o indivíduo adquire uma unanimidade de pensamento e de objectivo, a qual transcende os indivíduos e, se institui como uma entidade à parte. A existência desta mentalidade de grupo elimina qualquer possibilidade de vida privada e, opõe-se a que as pessoas possam obter individualmente aquilo que poderiam esperar do grupo. A partir da constatação de que existe uma oposição conflituosa entre a necessidade individual e a mentalidade de grupo, Bion elabora o conceito de **cultura de grupo**, em que se cria uma "teocracia em miniatura" onde o líder se torna um ser supremo ou, pelo contrário, o líder e os outros elementos parecem todos iguais.

A forma pela qual Bion elucida e estuda as tensões num grupo baseiam-se na tríade **indivíduo-mentalidade-cultura**. Tendo identificado já estes três fenómenos independentes, o problema que se colocava era perceber como operavam na prática, já que perante as suas interpretações, enquanto terapeuta do grupo, havia alturas em que as reacções do grupo se encaixavam nas suas teorias, mas outras vezes isso não acontecia. É a partir desta altura que Bion começa a perceber que há padrões de comportamento que

vão surgindo regularmente levando-o, assim, à identificação dos três pressupostos básicos: ataque/fuga, dependência e emparelhamento. Estes três pressupostos têm em comum a característica de ignorarem o tempo, levando a que as pessoas do grupo entendessem mal tudo o que tivesse em conta esse aspecto, levando-os a agir de forma agressiva contra tudo o que significasse desenvolvimento e a oporem-se a qualquer evolução que poderia resultar de uma compreensão.

2.1.3 - Pressuposto Básico de Ataque/Fuga

Partindo da pressuposição básica de que quando duas pessoas se juntam é para propósitos sexuais, então, o pressuposição básica de um grupo sobre pessoas que se reúnem num grupo será de que "... as pessoas reúnem-se em grupo para fins de preservação do grupo."(Bion,1961,p.55) e, existem duas técnicas de autopreservação: o ataque e a fuga.

É comum nos grupos a preocupação com os membros ausentes, que são sentidos como um perigo para a coesão do grupo. Essas preocupações levam a que o inconsciente grupal fique dominado por ansiedades paranóides. Desta forma, o grupo mostra-se altamente defensivo e "ataca" qualquer situação nova que provoque dificuldades psicológicas ou, então, o grupo "foge" dessas dificuldades, criando um inimigo externo, ao qual atribuem todos os males, ficando unidos contra esse inimigo "comum". Como consequência, é exigido que o líder deste tipo de grupo tenha características paranóides e tirânicas.

Assim, a preocupação com o ataque/fuga perante um inimigo comum leva o grupo a ignorar outras actividades ou, se não puder fazê-lo, a suprimi-las ou a fugir delas, o que leva a que o indivíduo no grupo sinta que o bem-estar deste é um assunto secundário: o grupo vem em primeiro lugar; por outro lado, na fuga, o indivíduo é abandonado; para o grupo a necessidade suprema é a de sobreviver, não o indivíduo. Desta forma, a cultura do grupo ataque/fuga põe em evidência o indivíduo com tendências paranóides.

2.1.4 - Pressuposto Básico de Dependência

A pressuposição básica que preside a este tipo de grupo é a de que o grupo se reúne a fim de ser sustentado por um líder de quem depende para nutrição, tanto material como espiritual e protecção, ou seja, existe um objecto externo cuja função é fornecer segurança para o organismo imaturo, o que significa que existe uma pessoa que é sempre sentida como estando em posição de suprir as necessidades do grupo e, o resto, numa posição de serem suprimidas as suas necessidades. (Bion,1961, p.65)

Neste tipo de grupo, com a característica de pôr em relevo uma pessoa, um dos principais problemas que surgem é a dificuldade que se cria quando qualquer membro que

quer ser ouvido, já que perante o grupo e perante si próprio, isso significa que esse membro seja encarado como um rival do líder. No grupo paira a ideia de que o benefício que pode advir para os seus elementos só pode ser dado pelo líder e, existe nos elementos do grupo uma acentuada dificuldade em acreditar que tenham possibilidade de aprender algo de valor uns com os outros. Contudo, o interesse do grupo pelo líder resume-se a tudo aquilo que este possa dizer ou fazer e que se possa encaixar numa crença previamente estabelecida não havendo, portanto, necessidade de tentar compreendê-lo. Daí que para Bion, no grupo de dependência "... acredita-se que o poder decorre não da ciência, mas da magia." e, "Uma das características do líder é que ele seja um mágico ou se comporte como um." (1961,p.75)

2.1.5 - Pressuposto Básico de Emparelhamento

Este pressuposto consiste no facto de que o grupo espera que, de acordo com a primeira descrição de Bion, um casal do grupo gerará um filho "Messias" que será o redentor de todos. De início este pressuposto foi denominado de "acasalamento" mas mais tarde, o nome foi mudado para "emparelhamento" uma vez que as esperanças messiânicas do grupo podem estar depositadas numa pessoa, numa ideia, num acontecimento, etc., não sendo necessário ter em conta o sexo dos elementos envolvidos. A questão principal neste grupo é o sentimento de esperança, que deve ser tomado como prova de que esse grupo se acha em existência mesmo quando não existem outras provas. As ideias optimistas que são expressas neste tipo de grupo são racionalizações destinadas a efectuar um deslocamento no tempo e uma transigência como os sentimentos de culpa - o disfrutar do sentimento é justificado pelo apelo a um resultado que se supõe moralmente inobjectável. Para que o sentimento de esperança prevaleça no grupo de emparelhamento é necessário que o líder seja futuro, ou seja, a esperança messiânica nunca deve ser alcançada.

O problema neste grupo surge quando há a racionalização da sexualidade emergente, levando a uma tendência para que o grupo de trabalho seja influenciado na direcção da criação de um Messias, quer seja pessoa, ideia ou Utopia. Isto faz com que a esperança seja enfraquecida, já que há a constatação de que não há nada a esperar o que, por sua vez, faz como que os sentimentos de ódio, destrutividade e desprezo voltem a imperar onde antes só existiam os sentimentos opostos.

2.1.6 - Estados Emocionais

Ao longo do trabalho com grupos, a preocupação de Bion incidiu mais sobre o clima afectivo que acompanha as trocas verbais dos seus elementos do que, propriamente, sobre o seu conteúdo, isto porque concluiu que as conversas mantidas dentro do grupo eram quase desprovidas de qualquer conteúdo intelectual.

Assim, o estudo dos estados emocionais em conjunto com os pressupostos básicos constitui-se como a forma de entender o funcionamento dos grupos. Para Bion, "... o indivíduo no grupo possui razões que derivam directamente das peculiaridades dos estados emocionais associados aos pressupostos básicos." (Bion, 1961, p.83) e, considera os pressupostos básicos como sendo deduzíveis a partir dos estados emocionais. Mas, os estados emocionais de que se tem conhecimento têm um significado diferente conforme estejam associados a cada um dos pressupostos básicos e, quando estão ao serviço de um desses pressupostos exclui os estados emocionais associados aos outros dois pressupostos, mas não as emoções próprias do grupo de trabalho.

O **grupo de trabalho** parte do princípio de que quando um grupo se reúne, o faz para uma tarefa específica e, que na maior parte dos casos a cooperação entre os seus membros tem de ser conseguida de forma refinada; a estrutura psicológica deste grupo de trabalho é muito poderosa e esforça-se para manter a sua estrutura refinada pondo, assim, em evidência a força das emoções que estão associadas aos pressupostos básicos. A participação nesta actividade só é possível a indivíduos com anos de treino e uma capacidade de experiência que lhes permitiu desenvolver-se mentalmente. Uma vez que esta actividade se acha ligada a uma tarefa, encontra-se também relacionada com a realidade, os seus métodos são racionais e, dessa forma, embora de forma embrionária, é científica. As suas características são semelhantes àquelas que Freud (1911) atribuiu ao ego. O termo "grupo de trabalho" abrange apenas a actividade mental de um tipo particular, não as pessoas que se entregam a ela.

A função do grupo de trabalho deverá incluir os seguintes aspectos: o desenvolvimento de pensamento projectado para ser traduzido em acção; a teoria em que se baseia; a crença na modificação ambiental como em si própria suficiente para a cura, sem qualquer mudança correspondente no indivíduo e, finalmente, uma demonstração do tipo de facto que se acredita ser "real".

Além do "grupo de trabalho", Bion faz referência ao "**grupo especializado de trabalho**", que tende especialmente a estimular a actividade de um pressuposto básico. Os dois grupos típicos desta natureza são a Igreja e o Exército, de que Freud já tinha falado em 1921. A Igreja está sujeita à interferência de fenómenos de grupo de dependência, enquanto o Exército está sujeito a fenómenos de grupo do tipo ataque/fuga. Mas, é preciso considerar a hipótese de que esses grupos são parte do grupo principal e, que o objectivo é o de neutralizar, respectivamente, o grupo de dependência e o grupo de ataque/fuga de forma a impedir a função do grupo de trabalho do grupo principal. Se assim for, então, deve-se considerar um fracasso do grupo especializado de trabalho se a actividade grupal dependente ou de ataque/fuga deixar de manifestar dentro dos grupos especializados de trabalho ou crescer com uma intensidade esmagadora. Em qualquer dos casos o resultado é o mesmo: o grupo principal tem de assumir as funções próprias ao grupo especializado de trabalho e, ainda preencher as suas funções de grupo de trabalho.

Como a função do grupo de trabalho é, essencialmente, a de traduzir pensamentos e sentimentos em comportamentos adaptados à realidade, é má adaptação dar expressão

às suposições básicas, porque estas tornam-se perigosas proporcionalmente à tentativa que é feita de traduzi-las em acção.

Mas, voltando ao grupo de pressupostos básicos, o que é que se passa com os dois pressupostos básicos que não estão activos quando o grupo de trabalho está combinado com o outro pressuposto? Para explicar esta situação, Bion formulou a noção de fenómenos "protomentais".

O **sistema protomental** é definido como um "... sistema em que o físico e o psicológico ou mental são indiferenciados."(Bion,1961,p.91) Para Bion trata-se de uma matriz a partir da qual as emoções próprias aos pressupostos básicos fluem para reforçar, infiltrar e, ocasionalmente, dominar a vida mental do grupo. E, uma vez que se trata de uma estrutura tanto física como psicológica, é natural que quando uma aflição surge, ela se possa manifestar sob formas psicológicas ou físicas.

A importância deste conceito é que assim "... disponho-me a explicar a solidez com que todas as emoções de um determinado pressuposto básico parecem estar fundidas e, ao mesmo tempo, fornecer um conceito que explique o paradeiro dos pressupostos básicos que foram obviamente sentidos por um grupo como potencialmente activos e, dessa maneira têm de ser considerados como estando em 'algum lugar'."(Bion,1961,p.93) Porque, quando o grupo de trabalho é impregnado pelas emoções associadas a um dos pressupostos básicos, ou outros dois ficam confinados dentro sistema protomental.

Por fim, convém ter em conta que os fenómenos protomentais são uma função do grupo e que, portanto, devem ser estudados no grupo.

2.1.7 - Conclusão

No grupo de pressupostos básicos há três aspectos que é importante ter em conta, uma vez que presidem ao seu funcionamento:

(1) a ausência da noção de tempo não é reconhecida nestes grupos e, tudo o que tenha em conta esse aspecto é mal compreendido e aceita e desencadeia sentimentos persecutórios;

(2) a oposição ao desenvolvimento, levando ao desencadear da hostilidade sempre que o grupo é confrontado com a possibilidade do aparecimento duma pessoa ou ideia messiânica;

(3) a existência de um líder, que no caso do grupo de trabalho é investido de sentimentos que poderiam ser atribuídos à enigmática e perguntadora esfinge do Mito de Édipo, de quem a desgraça emana e, que se traduz pelo temor que as perguntas e o objecto dessas perguntas inspiram aos membros do grupo.

Para elaborar as suas teorias sobre os grupos e, especialmente, sobre o grupo de pressupostos básicos, Bion parece ter sido fortemente influenciado por Arnold Toynbee, um historiador inglês seu contemporâneo, cuja principal tese dos seus trabalhos era de que as civilizações nascem como criações. A importância desta questão para Bion passou pelo facto de ele ter indentificado a incógnita, de ordem psicológica, que o historiador propunha: a capacidade dos indivíduos de uma comunidade estabelecerem relações pessoais e a qualidades dessas relações. O estudo de Toynbee tentava encontrar uma unidade que se bastasse a si própria e que pudesse permanecer inteligível se fosse isolada da história e, essa unidade foi encontrada no conjunto das nações, ou seja, a civilização. Ao longo do estudo de 21 nações, chegou à conclusão de que podiam ser agrupadas em três modelos: o helénico, o chinês e o judeu. Embora não tenha sido referido por Bion, pode-se pensar que estes três modelos tenham tido uma grande influência no estabelecimento dos três pressupostos básicos.

Assim, o modelo da civilização helénica encontrava-se entre a unidade cultural e o pluralismo político e, mesmo partilhando a mesma cultura, vários estados Soberanos entravam em guerra entre si; por seu lado, o homem em vias de civilização buscava a criatividade potencial oferecida por um regime de grande independência e de uma extrema diversidade local. No entanto, este regime tem como consequência uma luta permanente que, quando se torna muito intensa, a sociedade vê-se obrigada a procurar a paz numa unidade uniforme. Esta situação só terminou quando um dos grupos nacionais foi absorvido por um elemento estranho à sua situação afectiva (o império Romano). De acordo com Bion, o pressuposto básico de ataque/fuga também tenta resolver os seus problemas através da luta.

Por seu lado, a civilização chinesa é caracterizada por apresentar uma sucessão de períodos tentando realizar o ideal de um Estado universal, pontuada por etapas intermediárias de desunião e desordem. De acordo com o modelo chinês, o homem dito civilizado esforça-se para conservar uma unidade de conjunto e restabelecê-la de cada vez que se rompe. Esta restauração é necessária para evitar a luta e a desordem proveniente da ruptura. O estabelecimento de um Estado universal elimina normalmente a identidade dos Estados que foram incorporados. De acordo com Bion, no pressuposto básico de dependência, o grupo procura a segurança e espera poupar os seus membros das experiências afectivas próprias aos outros pressupostos.

Apesar de não ter Estado nem pátria a comunidade judaica teve a força de vontade para conservar a sua identidade; o seu êxito deveu-se à observação de prescrições religiosas rigorosas, não queria confundir-se com a maioria já que se achava depositária de uma revelação religiosa única e, finalmente, esforçou-se sempre por conseguir os meios económicos necessários à sua sobrevivência. Com este modelo, o homem procura salvaguardar a fé de "povo eleito", enquanto o resto das comunidades se resignaram à fusão das identidades nacionais numa unidade ecuménica. De acordo com Bion, o pressuposto básico de emparelhamento vem sempre acompanhado de um sentimento de esperança: alguém ou alguma ideia terá de surgir para salvar o grupo mas, para preencher este papel, a esperança messiânica nunca deverá ser concretizada.

3 - O PERÍODO PSICÓTICO

Apesar de ter abandonado o trabalho com grupos, Bion continuou sempre a ser influenciado pelo que observou nesses grupos, motivo pelo qual se decidiu a analisar pacientes psicóticos e, também neuróticos graves e toxicodependentes, sendo que em todos os casos só analisava os pacientes que se podiam deslocar ao seu consultório. O trabalho com psicóticos foi bem documentado por si próprio em artigos que abrangem o período entre 1950 e 1960 e, a sua principal preocupação prende-se com a forma como os pacientes psicóticos usavam a Linguagem, o Pensamento e a função do Conhecimento.

Nos trabalhos desta altura, considerado o período psicótico, nota-se a forte influência exercida pelas obras de Melanie Klein, sendo o seu referencial as relações de objecto parciais, a teoria da inveja primária, a primitiva angústia de aniquilamento, a utilização dos primitivos mecanismos de defesa como o da negação onnipotente, os das dissociações, da negação, das identificações projectivas; as posições esquizo-paranóide e depressiva; e o complexo de Édipo muito precoce.

Além disso, Bion observou em todos os seus pacientes psicóticos um forte conflito entre as pulsões de vida e as pulsões de morte, assim, como uma estreita relação entre a "pulsão a conhecer" (epistemofilia) e o sadismo, que fica muito exarcebada pelas fantasias ligadas à cena primária edípica.

Dando particular importância aos conflitos ligados ao Conhecimento, Bion baseou-se no facto de que a criança faz as primeiras perguntas antes de adquirir a linguagem verbal, elaborando a partir daqui uma teoria da esquizofrenia onde o pensamento verbal representa o elemento essencial das funções desenvolvidas pelo ego para entrar em contacto com a realidade, acrescentando ainda, que este tipo de pensamento não contacta com a realidade exterior mas, também, com a realidade psíquica interna e, que isso se torna intolerável devido ao facto de que o paciente sente uma relação causa-efeito entre o pensamento verbal e a dolorosa posição depressiva. Assim, Bion parte das teorias de M. Klein (a pulsão de morte que age dentro do ego e provoca uma sensação de aniquilamento) e, chega à concepção de um ataque à percepção da realidade interna que acontece com violência contra os elos que vinculam as diversas fantasias e entre estas e a realidade, o que faz com que o paciente esquizofrénico viva num mundo fragmentado, sem uma conjugação e discriminação das partes diferentes de si próprio, ou entre os objectos diferentes.

3.1 - SECOND THOUGHTS

3.1.1 - The Imaginary Twin (1950)

"The Imaginary Twin" é o primeiro artigo da colectânea "Second Thoughts" e, também o primeiro do período psicótico, com o qual obteve o título de membro da Sociedade Britânica de Psicanálise.

Este artigo foca, sobretudo, questões de ordem técnica já que se baseia na análise de três pacientes psicóticos, onde é possível "ver" o psicanalista em acção. Maior parte do artigo é dedicado à exposição os factos e das observações mais importantes e relevantes em relação ao discurso e às atitudes do paciente. Ao mesmo tempo podemos dar-nos conta da forma como Bion espera pacientemente que um desses factos tenha impacto em si próprio para que possa fazer uma interpretação, pondo em evidência a visão binocular. Por outro lado, neste artigo é também posta em evidência a importância que Bion dá à linguagem, procurando as suas ambiguidades, paradoxos e equívocos. No fundo, este artigo é dedicado ao já conhecido assunto da clivagem de partes más e a confirmação das descobertas já relatadas por Melanie Klein, como por exemplo, a precocidade da fase edípica. Através das explicações que Bion vai dando sobre os casos que relata na última parte do seu artigo, podemos constatar que a função do gémeo imaginário, que é colocado como hipótese no início da sua descrição, "é a de negar uma realidade diferente do próprio sujeito, o que implica que coexista a sua incapacidade para tolerar as realidades psíquicas internas e que muito trabalho tem que ser feito para que a tolerância possa ser aumentada". (Bion,1967,p.19) Talvez nesta passagem se possa encontrar o embrião daquilo que mais tarde seriam dois temas principais na obra de Bion: a tolerância à frustração e a capacidade de reverie da mãe (e do analista).

Ao nível da técnica, ficamos com a ideia de que, tal como acontecia com os grupos, também na psicanálise o papel desempenhado pelo psicanalista é muito mais exploratório do que descritivo.

3.1.2 - Notes on the Theory of Schizophrenia (1953)

Logo no primeiro parágrafo Bion elucida-nos sobre o tema principal: "... irei discutir o uso da linguagem feito por pacientes esquizofrénicos e a forma como se articula com a teoria e a prática da psicanálise." (Bion,1967, p.23), destacando desde logo a influência que os conceitos de Melanie Klein (ainda era relativamente recente o seu artigo "Notes on Some Schizoid Mechanisms"), tal como 'identificação projectiva' e posição 'esquizo-paranóide' e posição 'depressiva', têm neste seu trabalho.

Neste trabalho Bion faz uma abordagem das relações de objecto do paciente esquizofrénico através da linguagem e do pensamento verbal, provavelmente influenciado

pela técnica tradicional dessa época que, seguindo Klein, consistia em modificar apenas os meios de comunicação de que o paciente dispunha. Este método exigia um grande poder de observação e, dava toda a sua importância às acções do indivíduo no consultório (sobretudo na análise de crianças) e aos usos da linguagem.

Assim, as conclusões a que Bion chega têm por base a análise de seis pacientes e como ele próprio diz "As evidências das interpretações têm de ser encontradas na contra-transferência e nas acções e associações livres do paciente."(Bion,1967,p.24)

De acordo com Bion, o esquizofrénico utiliza a linguagem de três formas: como um modo de acção, como um método de comunicação e como um modo de pensamento. Mas, irá dar particular atenção à linguagem apenas como modo de acção ao serviço da clivagem e da identificação projectiva, sendo este apenas um dos aspectos das suas relações de objecto; desta forma o paciente usa as palavras como coisas ou como partes clivadas de si próprio que põe dentro do analista.

Nesta fase, o paciente esquizofrénico possui uma capacidade embrionária para fazer uso do pensamento verbal mas, como não sabe o que fazer com ela prefere deixá-la para o analista, a quem atribui uma maior capacidade para lidar com esse pensamento, voltando a usar as palavras como coisas. Este tipo de situação parece acontecer quando o paciente tem a sensação de ter sido punido por usar as palavras como uma forma de escapar às suas lutas internas.

Por seu lado, a clivagem excessiva, a inveja e os ataques à comunicação verbal podem provocar no paciente a ilusão de que destruiu a sua capacidade para pensar, sentindo que essa capacidade se pode encontrar no seu estado psíquico anterior ou que o analista lha roubou. Esta convicção faz com que tenha medo de usar a sua rudimentar capacidade de pensar e que odeie e ataque o analista. Para o paciente este é o acontecimento mais infeliz que lhe podia ter acontecido, já que o pensamento verbal está ligado ao sentimento de catástrofe e dor provocados pela depressão, o que faz com que recorra à identificação projectiva para colocar esse pensamento verbal no analista, o que mais uma vez se torna um acontecimento infeliz porque a falta dessa capacidade é também sentida como insanidade. Este facto tende a que se torne uma realidade os resultados catastróficos que podem advir da re-introjecção da capacidade de pensamento verbal.

3.1.3 - Development of Schizophrenic Thought (1956)

Este pequeno artigo de 1956 introduz alguns conceitos que irão ser discutidos em trabalhos nos anos seguintes e, que são conceitos que se tornaram importantes na obra de Bion e na psicanálise em geral, tal como personalidade psicótica e não psicótica, objectos bizarros, etc..

Bion informa-nos desde o início que a sua principal preocupação neste trabalho é dedicada a três aspectos: a discussão do ponto em que a personalidade psicótica diverge da personalidade não-psicótica; o exame da natureza dessa divergência e, as suas

consequências. Para poder analisar essa divergência, Bion baseia-se no contacto analítico com os pacientes esquizofrênicos e, em dois trabalhos de Freud e um de Melanie Klein.

Assim, a Freud vai buscar mais uma vez a sua descrição do aparelho mental (que já tinha utilizado em 1953) posto em actividade devido às exigências do princípio da realidade e, em particular da parte que diz respeito à consciência das impressões sensoriais; em segundo lugar surge a tentativa de Freud de sugerir a importância do conflito entre instintos de vida e de morte; a Klein, Bion vai buscar a sua descrição dos ataques sádicos fantasiados que o bebé faz em relação ao seio durante a posição esquizo-paranoide e, a sua descoberta da identificação projectiva.

Na continuação dos trabalhos desenvolvidos por Freud, também para Bion as perturbações do esquizofrênico são devidas à interacção entre o meio ambiente e a personalidade, mas irá apenas interessar-se pelos problemas relativos à personalidade. Existem quatro aspectos aos quais Bion deu particular importância:

- 1- a grande preponderância de impulsos destrutivos que faz com que mesmo os impulsos de amor sejam transformados em sadismo;
- 2- o ódio contra a realidade que se estende a todos os aspectos que o fazem tomar consciência dessa realidade, tanto externa como interna;
- 3- devido aos dois aspectos anteriores, existe o medo de uma aniquilação iminente;
- 4- a formação prematura e precipitada das relações de objecto, entre as quais se encontra a transferência que, por um lado, é superficial mas é mantida com grande tenacidade.

Tendo em conta estes aspectos, Bion pôde formular a existência duma parte psicótica e duma parte não-psicótica da personalidade. No entanto, o principal factor para essa diferenciação prende-se com a identificação projectiva da tomada de consciência da realidade associada ao início do pensamento verbal. Só que esta identificação projectiva deriva dos ataques contra o aparelho de percepção que acontece desde o início da vida, sendo esta parte da personalidade dividida em minúsculos fragmentos e expelida da personalidade. Os ataques sádicos contra o ego e os fundamentos do pensamento verbal, e a identificação dos fragmentos, dão a certeza de que existe uma diferenciação entre a parte psicótica e a parte não-psicótica da personalidade até que seja impossível essa diferenciação.

Uma vez que a destruição é bem sucedida, o paciente sente uma falha na sua capacidade de percepção, sendo que as suas impressões sensoriais sofrem ataques sádicos tal como acontece com o seio. Desta forma sente-se aprisionado no seu estado mental e sem possibilidade de escapar já que destruiu a sua percepção da realidade. Este sentimento de aprisionamento é, ainda intensificado devido à presença dos fragmentos expelidos. Nas fantasias do paciente as partículas expelidas do ego levam a uma existência independente e incontrolada fora da personalidade mas, ambos contêm ou são contidos por objectos externos, onde exercitam as suas funções como se a prova a que foram submetidos servisse só para aumentar o seu número e para provocar a sua hostilidade contra a mente que os expeliu. Como consequência o paciente sente-se rodeado de objectos bizarros.

Os objectos bizarros são definidos por Bion da seguinte forma: cada partícula é sentida como consistindo no objecto real que a engolfou; a natureza dessa partícula como um todo dependerá, em parte, da carácter do objecto real e, em parte, do carácter da partícula da personalidade que o engolfa. O objecto, enraivecido por ter sido engolfado, incha, por assim dizer, e inunda e controla o pedaço da personalidade que o engolfa, nessa medida, a partícula da personalidade tornou-se uma coisa. Uma vez que é dessas partículas que o paciente depende para usá-las como protótipos de palavras (e mais tarde para formar a matriz da qual se devem originar as palavras), essa inundação do pedaço da personalidade pelo objecto contido, embora controlador, lava o paciente a sentir que as palavras são as próprias coisas reais que elas designam e, desse modo, aumenta a confusão, descrita por Segal, que surge como consequência de o paciente equacionar mas não simbolizar. (Bion, 1967, p.39/40)

Como consequência dessa situação, o paciente move-se, agora, não num mundo de sonhos mas num mundo de objectos que são normalmente os acessórios dos sonhos. Estes objectos, primitivos mas complexos, partilham qualidades que são normais nas personalidades não-psicóticas, como é o caso de objectos anais, sentidos, ideias, superego e outras qualidades da personalidade. Uma das evidências desta situação é que o paciente é levado a usar os objectos reais como ideias e fica confundido quando esses objectos obedecem às leis da natureza em vez de obedecerem às leis do funcionamento mental.

Associada à identificação projectiva surge a incapacidade da personalidade psicótica para introjectar, apenas consegue utilizar a identificação projectiva de forma reversiva, o que faz com que não consiga sintetizar os seus objectos, só os consegue aglomerar e comprimir. Assim, quando que qualquer coisa foi posta nele, ou que sente que introjectou, vai sentir essa entrada como um assalto e, a retaliação por parte dos objectos devido à sua violenta intrusão.

Também na personalidade psicótica o pensamento verbal é perturbado devido à incapacidade de sintetizar os objectos e, o uso da identificação projectiva excessiva na posição esquizo-paranóide previna a fácil introjecção das impressões sensoriais e, o consequente estabelecimento duma base firme de bons objectos da qual depende o início do pensamento verbal.

Na conclusão deste artigo, Bion coloca a questão de que mesmo no neurótico grave existe uma personalidade psicótica que tem que ser trabalhada da mesma forma que se consiga ter sucesso.

3.1.4 - Differentiation of the Psychotic from the Non-Psychotic Personalities (1957)

Este artigo é uma continuação do anterior, se bem que desenvolvido mais pormenorizadamente mas, baseando-se no facto de que a diferenciação entre os dois tipos de personalidades depende da minúscula fragmentação de toda a parte da personalidade que diz respeito à tomada de consciência da realidade externa e interna e, da expulsão desses fragmentos de forma que entram ou engolfam os seus objectos.

Aqui Bion vai desenvolver mais detalhadamente as teorias de Freud e Klein a que já tinha feito referência anteriormente. Assim, tendo por base o trabalho de Freud de 1924 "Neurose e Psicose", onde o compromisso do ego com a realidade é considerado como essencial para a diferenciação entre psicose e neurose.

Relativamente aos aspectos mencionados por Freud, Bion faz duas modificações de forma "colocá-los de forma mais estreita com os factos." (1967, p.46)

Na primeira modificação Bion acha que em momento algum o ego possa estar completamente retirado da realidade; o seu contacto com a realidade é mascarado pelo predomínio, na mente e no comportamento do paciente, de uma fantasia onipotente cujo propósito é o de destruir não só a realidade mas a percepção dela e, assim, atingir um estado que não é vida nem morte. A personalidade não-psicótica depende desta relação do ego com a realidade, que é paralela à personalidade psicótica sendo, obscurecida por ela.

A segunda modificação é de que o afastamento da realidade é uma ilusão, não um facto, que deriva do emprego da identificação projectiva contra o aparelho mental descrito por Freud. O domínio da fantasia é de tal forma grande que, para o paciente, não se trata de uma fantasia, mas de um facto, e o paciente age como se o seu aparelho perceptivo pudesse ser dividido em pequenos fragmentos e projectado para dentro dos seus objectos.

Como resultado destas modificações é possível chegar-se à conclusão de que os pacientes psicóticos contêm, na sua mente, uma parte não-psicótica da personalidade e uma parte psicótica da personalidade, que predomina a tal ponto que a parte não-psicótica fica obscurecida.

Já anteriormente Bion tinha aludido à estreita relação entre a capacidade de formar símbolos e o pensamento verbal, que seria mais aparente na posição depressiva, no entanto, neste artigo ele conclui que a perturbação do pensamento verbal acontece na fase esquizo-paranóide, altura que deveriam ter sido lançadas as bases mas, que não foi possível devido à utilização excessiva da clivagem e da identificação projectiva. Bion refer também que, de acordo com as suas experiências, existiria desde o início um tipo de pensamento mais relacionado com o que se pode chamar de ideogramas e visão do que a palavras e audição, que depende da capacidade de equilíbrio entre introjecção e projecção e, a fortiori, da percepção dos mesmos, que são funções da parte não-psicótica da personalidade. Embora coexistindo, estas funções da parte não-psicótica da personalidade não são acessíveis à parte psicótica, já que a substituição da introjecção e da projecção pela identificação projectiva faz com o paciente psicótico apenas disponha dos objectos bizarros, continuando, assim, os ataques destrutivos contra tudo o que o possa pôr em contacto com a realidade interna ou externa. Devido ao grau extremo a que leva a divisão tanto dos objectos como do ego, torna-se arriscada qualquer tentativa de síntese e, como se desfz da sua capacidade de articulação, o paciente sente que os métodos de síntese de que dispõe estão enfraquecidos; consegue comprimir mas não unir, consegue fundir mas não articular. A capacidade de unir, tal como todas as outras partículas expelidas parece ter-se tornado ainda pior do que quando foi expulsa; assim, qualquer união que ocorra é feita de modo vingativo, ou seja, de uma maneira expressamente contrária aos desejos do paciente no momento.

3.1.5 - On Hallucination (1958)

Neste artigo Bion descreve algumas observações detalhadas de alucinações e os seus resultados. Mas, é preciso ter em conta que todo o material aqui apresentado é derivado da aplicação prática das teorias que Bion referiu no seu trabalho sobre a diferenciação entre a parte psicótica e a parte não-psicótica da personalidade e, que as descrições são baseadas na análise de um paciente com diagnóstico de esquizofrenia.

Através do relato de várias sessões de análise de um paciente esquizofrénico, Bion tira algumas conclusões sobre as alucinações e que são as seguintes:

- os 'sonhos' dos pacientes psicóticos partilham muitas das características das alucinações e, assim, quando um paciente diz ter tido um sonho, ele pensa que o seu aparelho perceptual está empenhado em expelir alguma coisa e o sonho é uma evacuação da sua mente, semelhante a uma evacuação dos seus intestinos. Mas, um paciente só consegue relatar um sonho depois de muito trabalho analítico ter sido feito e, isso só pode acontecer se tiver o sentimento de que o sonho lhe pertence; em resumo, para um psicótico o sonho é uma evacuação de material que foi assimilado durante as horas de vigília.

3.1.6 - On Arrogance (1958)

Trata-se de um pequeno artigo onde Bion aborda a questão da curiosidade, da estupidez e da arrogância na sua relação com a procura da verdade, baseando-se na experiência com um paciente com todas as manifestações descritas como psicóticas, embora não fosse um psicótico propriamente dito.

Quando os instintos de morte predominam na personalidade, o orgulho transforma-se em arrogância; se predominam os instintos de vida, então, o orgulho transforma-se em auto-respeito.

Na relação com este paciente forma-se uma Reacção Terapêutica Negativa, que se manifesta através de uma atitude de arrogância, estupidez e curiosidade e, que tem como objectivo atacar os vínculos com o analista de forma a impedir que a verdade seja conhecida.

Para ilustrar esta questão, Bion serve-se, também, do mito de Édipo mas, sob um vértice diferente do que tinha sido utilizado até aí. Assim, os personagens em destaque são a Esfinge, Tirésias e o Oráculo, que constituem a tríade da arrogância, da curiosidade e da estupidez.

3.1.7 - Attacks on Linking

Este artigo visa esclarecer os ataques destrutivos que o paciente psicótico faz contra tudo aquilo que é sentido como tendo a função de ligar um objecto a outro, ou seja, tudo aquilo que possa ligar o paciente à realidade interna e externa. A base para este trabalho são as teorias de Klein, sobretudo, as suas descrições das fantasias do bebé de ataques sádicos ao seio, da clivagem que o bebé opera nos seus objectos, da identificação projectiva e, finalmente, as suas ideias sobre os estágios iniciais do complexo de Édipo.

Os ataques aos elos de ligação têm início na fase esquizo-paranóide, que é dominada por relações de objecto parciais. Na situação de análise a existência de uma relação de objecto parcial é posta em evidência quando o paciente, profundamente perturbado, diz "parece", ou "eu penso", ou "eu creio", mostrando um sentimento que faz parte da sua mente mas, que não é sentido como sendo um objecto total. Uma vez que a relação de objecto parcial não tem só a ver com os objectos mas também com as suas funções, a sua preocupação é com o que é cada função, sobre a qual tem consciência, embora seja incapaz de apreender a totalidade da qual a função é uma parte. A consequência disso é de nunca se colocar a questão de porque o analista ou o paciente (no caso da situação analítica) estão ali, ou porque se disse, fez ou sentiu algo, nem tampouco é possível cogitar para tentar alterar um estado mental.

Para entender melhor o porquê dos ataques do bebé contra o seio é preciso fazer referência à agressão primária e à inveja. Esses ataques aumentam quando a mãe não é receptiva aos sentimentos de pavor que o bebé projecta e, diminui mas, não desaparece, se a mãe for capaz de introjectar os sentimentos do bebé e permanecer equilibrada. No entanto, a gravidade dos ataques permanece porque o bebé psicótico está sobrecarregado de inveja e ódio por a mãe conseguir manter um estado mental confortável; esta é outra das características dos ataques aos elos de ligação, que se traduz pelo ataque à paz de espírito da mãe (e do analista).

Assim, podemos constatar que a origem dessa perturbação é dupla. Por um lado, encontra-se a disposição inata do paciente para a destrutividade excessiva, para o ódio e para a inveja e, por outro lado, o ambiente, que na pior das hipóteses, nega ao paciente o uso dos mecanismos de clivagem e da identificação projectiva. No entanto, não se podem atribuir as suas perturbações nem só ao paciente nem só ao ambiente, elas começam no início da vida e a questão com que o paciente se confronta é: o que são os objectos de que se apercebe? A sua principal preocupação prende-se com os objectos concretos e, as funções (entre as quais se encontram os seus próprios sentimentos) que estimulam a sua curiosidade são investigadas através da identificação projectiva. Devido à negação no uso desse mecanismo, tanto por causa da incapacidade da mãe em servir de receptáculo ou por causa do ódio e da inveja do paciente, leva à destruição do elo de ligação com o seio e, como consequência a uma grave perturbação do impulso para ser curioso, do qual depende toda a aprendizagem. Confrontado com a dificuldade em lidar com os seus sentimentos demasiados poderosos, o ódio torna-se o sentimento principal que é dirigido a todas as emoções e a toda a realidade externa que as estimulam.

Em consequência deste processo, os objectos instalados no paciente exercem a função de um superego severo e destrutivo em relação ao ego, uma que o seio ao ser sentido como fundamentalmente compreensivo, é transformado, através do ódio e da inveja, num objecto cuja voracidade devoradora tem como objectivo a introjecção das identificações projectivas do bebé com a finalidade de as destruir.

As principais conclusões a que Bion chega neste artigo dizem respeito ao estado mental em que a mente do paciente contém um objecto interno que se opõe e destrói todo e qualquer elo de ligação, desde o mais primitivo (que é o grau normal de identificação projectiva) até às formas mais sofisticadas de comunicação verbal e as artes.

3.1.8 - A Theory of Thinking (1962)

Este artigo de 1961 é a apresentação de um sistema teórico, podendo ser considerado como a transição para o período epistemológico. Aqui, Bion refere que a sua semelhança com uma teoria filosófica depende do facto de que os filósofos se interessam pelo mesmo assunto e, difere de uma teoria filosófica por se destinar, como todas as teorias psicanalíticas, ao uso. E, diz ainda que, o presente sistema mantém com proposições semelhantes da filosofia a mesma relação que as proposições da matemática aplicada mantêm com a matemática pura. (Bion, 1961) Frisa, também, que esse sistema teórico se destina a ser aplicável num número significativo de casos e, que, portanto, os psicanalistas devem vivenciar realizações que se aproximam da teoria.

Esta teoria de Bion parte do princípio de que o pensar é o resultado bem-sucedido de dois desenvolvimentos mentais básicos: o desenvolvimento dos pensamentos e a existência de um aparelho para os pensar. Estes aspectos levam a concluir que o pensar é um desenvolvimento imposto à mente pela pressão dos pensamentos e não o contrário.

Os "pensamentos" podem ser classificados como preconcepções, concepções ou pensamentos e, finalmente, conceitos. A concepção surge através da conjunção de uma preconcepção (que pode ser considerada como análoga ao conceito de Kant de "pensamentos vazios") com uma realização. Como exemplo desta situação, temos que a preconcepção (a expectativa inata de um seio, o "pensamento vazio"), quando o bebé é posto em contacto com o próprio seio, associa-se com a consciência da realização e é sincrónica ao desenvolvimento de uma concepção. As concepções estão associadas a uma vivência emocional de satisfação.

Bion restringe o termo "pensamento" à união de uma preconcepção com uma frustração; o modelo proposto é o de um bebé cuja expectativa se associa a uma realização de um não-seio disponível à satisfação. Confrontado com um seio "ausente" dentro de si, depende da capacidade de tolerância à frustração do bebé para fugir dessa frustração ou modificá-la.

Se a capacidade para tolerar a frustração é suficiente, o "não-seio" no interior torna-se um pensamento e desenvolve-se um aparelho para o "pensar", o que vai de encontro às formulações de Freud no seu artigo "Dois princípios do funcionamento

mental", em que a predominância do princípio da realidade é paralela ao desenvolvimntno de uma capacidade para pensar e assim transpor o fosso de frustração entre o momento em que uma necessidade é sentida e o momento em que a acção apropriada para satisfazer a necessidade culmina na sua satisfação.

Por seu lado, a incapacidade para tolerar a frustração leva à fuga, o que tem como resultado que aquilo que deveria ser um pensamento, um produto da justaposição de uma preconcepção e uma realização negativa, torna-se um objecto mau, indistinguível de uma coisa-em-si-mesma, que se presta apenas à evacuação. Com consequência, o desenvolvimntno de um aparelho para pensar fica perturbado havendo, então, o desenvolvimntno hipertorfiado do aparelho de identificação projectiva. Com o domínio da intolerância à frustração, surgem ataques destrutivos como forma de fugir à percepção da realização e, o domínio da identificação projectiva faz com que surja a confusão na distinção entre o self e o objecto externo, implicando a ausência de percepção de qualquer tipo de dualidade.

Quando a intolerância à frustração não é excessiva mas tem uma intensidade que impede suportar o domínio do princípio da realidade, surge a onipotência como substituto da associação da preconcepção, ou da concepção, com a realização negativa. A onisciência substitui a discriminação entre o verdadeiro e o falso por uma afirmação ditatorial de que uma coisa é moralmente correcta e a outra é falsa. A adopção de uma onisciência que nega a realidade faz com a moralidade daí resultante seja uma função da psicose; uma vez que a discriminação entre o verdadeiro e o falso é uma função da parte não-psicótica da personalidade, há um conflito potencial entre a procura da verdade e procura da superioridade moral.

Para que o processo do pensamento decorra sem perturbações é necessário que a mãe tenha uma capacidade de reverie para poder acolher os dados sensoriais que o bebé recolhe através da sua consciência (este termo é utilizado por Bion tal como Freud o descreveu, ou seja, como um "órgão sensorial para a percepção de qualidades psíquicas") e que não está preparado para suportar; mãe funciona, assim, como o órgão receptor dessas sensações e, a sua tarefa consiste em convertê-las de forma adequada para que possam ser pensadas pelo bebé.. Quando isto não acontece, impõe-se uma identificação projectiva excessiva que vai impedir o desenvolvimento de uma função alfa e, a conversão de elementos alfa, capazes de serem pensados; desta forma a introjecção que o bebé faz dos conteúdos que lhe são devolvidos pela mãe transforma-se num terror sem nome, uma vez que aquilo que não era tolerável fica ainda menos tolerável. Como a consciência rudimentar do bebé não consegue suportar a carga que é depositada sobre ela leva a que em vez de se estabelecer dentro dela um objecto compreensivo, se estabeleça um objecto que propositadamente não compreende, com o qual o bebé se identifica.

4 - O PERÍODO EPISTEMOLÓGICO

O chamado período epistemológico de Bion, inicia-se nos anos sessenta, altura em já não tinha necessidade de se preocupar com o facto de ser um kleiniano ou não, uma vez que as suas contribuições para a teoria psicanalítica já tinham sido reconhecidas. Alguns autores referem que o início deste período coincide com a morte de Melanie Klein, por quem tinha sido fortemente influenciado durante o período psicótico. Não se pode saber se esse facto influenciou de alguma forma as obras posteriores de Bion mas, o que provavelmente foi de extrema importância foi o facto de nesta época ser um homem na casa dos sessenta anos, com um vasto leque de interesses que foi desenvolvendo ao longo da vida e que passou por muitas experiências de todos os tipos e que foram marcos importantes.

No início deste período deixava antever um projecto ambicioso que era o de escrever uma génese da mente e, estabelecer os fundamentos para uma psicanálise científica. E, este projecto foi desenvolvido quase em simultâneo através da redação de dois livros. No primeiro, *Learning From Experience*, expõe o modo como o pensamento evolui para a abstração e para a complexidade a partir de fontes experimentais rudimentares; no segundo, *Elements of Psychoanalysis*, expõe o método que permite ao analista aumentar a sua capacidade de observação e clarificar a sua reflexão sobre as sessões analíticas, tentativa que teve como resultado a elaboração de uma tabela que permite a anotação dos fenómenos psicanalíticos.

É de notar, também, que a ruptura entre o período psicótico e o período epistemológico não se fica só pelos novos conteúdos que são introduzidos mas, também por uma transformação na forma de escrita. Se antes, os seus trabalhos tinham sido apresentados de forma convencional sob a forma de artigos escritos que previamente tinham sido apresentados em sociedades científicas, agora, as suas teorias surgem de chofre sob a forma de livros que tratam o problema específico que Bion se propõe estudar nesse momento. Este método de escrita baseava-se na técnica psicanalítica na medida em que o leitor era convidado a favorecer o processo de associação e de elaboração provocado e sustentado pela estruturação da obra. Esta funciona como continente intelectual que permite ao leitor introjectar um estado de espírito favorável à busca da verdade.

4.1 - LEARNING FROM EXPERIENCE (1962)

Com este livro Bion vai, finalmente, debruçar-se de forma mais profunda sobre a questão do conhecimento que, desde sempre, tinha sido uma das suas preocupações principais, partindo do estudo das experiências emocionais que estão ligadas ao conhecimento.

Logo na introdução sobressai a sua nova forma de escrita ao dirigir-se directamente ao leitor e, dando-lhe indicações sobre a forma como deve proceder à leitura do livro, provocando, assim, a identificação com o autor e fazendo com que a leitura se torne um processo activo onde o leitor também tenta chegar às suas próprias conclusões.

4.1.1 - A Função Alfa

Este é um livro cheio de novas ideias e conceitos que são fundamentais para compreender Bion. Aquilo que se propõe fazer logo no início é a elaboração de uma teoria das funções que é definida da seguinte forma: "Suponhamos que existem factores da personalidade que se combinam produzindo entidades estáveis a que chamo funções da personalidade." (Bion, 1962, p.19); para Bion "função" é o nome da actividade mental comum a um número de factores operando em consonância, enquanto, "factor" é o nome para uma actividade mental que opera em consonância com outras actividades mentais, constituindo uma função; os factores são deduzíveis da observação das funções das quais são parte e conservam uma mútua harmonia.

Como exemplo para demonstrar a aplicação duma teoria das funções e, sobretudo devido à sua importância intrínseca, Bion põe em evidência a função alfa, assunto que já tinha sido abordado anteriormente (Bion, 1961).

A função alfa opera sobre todas as impressões sensoriais e também sobre qualquer emoção; se a função alfa tiver êxito, produzem-se os elementos alfa, adequados para serem armazenados e para satisfazer os requisitos dos pensamentos oníricos e, que se assemelham às imagens visuais que surgem nos sonhos. Por seu lado, se a função alfa for perturbada, as impressões sensoriais permanecem inalteradas, dando origem aos elementos beta, que são sentidos como coisas-em-si-mesmas e, que não são próprios para serem usados nos pensamentos oníricos mas, sim na identificação projectiva. São objectos que podem ser evacuados ou empregues para uma forma de pensar que depende da manipulação do que é sentido como coisas-em-si-mesmas, como para substituir essa manipulação por palavras ou ideias. Com Freud sublinhou, uma das funções do sonho é a de proteger o sono, assim, fracasso da função-alfa significa que o paciente não pode sonhar e, portanto, também não pode dormir.

A função-alfa é necessária para o pensar e para o raciocínio consciente e para relegar o pensar para o inconsciente quando é necessário libertar a consciência da carga do pensamento mediante a aprendizagem de uma tarefa. Os ataques a esta função, estimulados pelo ódio e pela inveja, destroem a possibilidade de o paciente poder estabelecer um contacto consciente, consigo próprio ou com os outros, como objectos vivos, motivo pelo qual se refere a objectos inanimados ou a lugares quando devia referir-se a pessoas. Devido ao medo desses ataques, o bebé pode inibir o impulso para se alimentar mas, como o sentido da realidade é demasiado forte e o obriga a continuar a alimentar-se, então, a inveja e o ódio que são experimentados numa situação que estimula o amor e a gratidão, tornam-se intoleráveis e levam a uma clivagem que produz um estado mental na qual o paciente persegue vorazmente toda a forma de comodidade material

sendo, ao mesmo tempo, insaciável e implacável na sua procura de saciedade; como este estado tem origem na sua necessidade de se libertar das complicações emocionais que implicam o captar da vida e uma relação com objectos vivos, o paciente parece ser incapaz de experimentar gratidão ou interesse em si próprio ou nos outros, implicando, também, a destruição do seu interesse pela verdade. Uma vez que destruiu a função-alfa e, só consegue introjectar elementos-beta, as relações que pode estabelecer com os objectos à sua volta são semelhantes às que se estabelecem com objectos inanimados e, o estabelecimento de uma relação com qualquer aspecto de si próprio é semelhante ao de autómato.

Para que o pensamento se possa desenvolver sem perturbações é necessário a existência duma função-alfa não perturbada, como já foi dito atrás, e também a existência do "sonho" que é possibilitado por essa função; esta função-alfa do "sonho" contém os mesmos elementos da teoria clássica, ou seja, a censura e a resistência, só que nesta teoria esses elementos são essenciais para a diferenciação entre consciente e inconsciente e ajudam a manter a discriminação entre os dois. Entre o consciente e o inconsciente encontra-se o que Bion denominou por "barreira de contacto" e que consiste no conjunto formado pela proliferação dos elementos-alfa que aderem entre si para marcar o contacto e a separação entre essas duas instâncias.

No entanto, essa barreira de contacto também pode ser constituída por elementos-beta, que são incapazes de se vincular entre si e, que Bion denominou "tela de elementos-beta". A comparação dessa tela com os estados confusos semelhantes aos sonhos mostra que o seu propósito é o de provocar o tipo de resposta que o paciente deseja ou fazer com que o analista produza uma interpretação carregada de contratransferência.

A transformação da barreira de contacto em tela de elementos-beta é um processo vívido, onde as impressões sensoriais em vez de serem convertidas em elementos-alfa, dando origem à barreira de contacto, são destruídas. Isto provoca uma inversão da função-alfa, de modo que a barreira de contacto, os pensamentos oníricos e o processo de pensar inconsciente da vigília se convertem em elementos-alfa despojados de todas as suas características formando, assim, a tela de elementos-beta. A inversão da função-alfa implica a dispersão da barreira de contacto e é perfeitamente compatível com o estabelecimento de objectos com as características que foram atribuídas aos objectos bizarros.

Se a função-alfa não estiver perturbada e existir uma boa tolerância à frustração, então, o bebé pode permitir-se ter um sentido da realidade e de ser dominado por ele; mas, se a intolerância à frustração predominar, então, vão surgir os mecanismos onipotentes, especialmente, a identificação projectiva. No entanto, a eficácia desta função depende da capacidade de reverie da mãe, que é um factor da função-alfa, que funciona como um continente para aquilo que o bebé projecta e, que se for uma boa capacidade permite que o bebé mantenha a identificação projectiva num nível normal que lhe permite desenvolver a capacidade de pensar.

Para que o uso da função-alfa seja efectivo, é preciso considerá-la como uma constante e, uma vez que é flexível, a flexibilidade depende do emprego de variáveis como

factores que podem ser substituídos por teorias e conceitos de valor fixo. Os valores dados às variáveis (os factores) devem ser verdadeiramente constantes para que, uma vez sendo fixado o seu valor, o significado da função-alfa seja também fixo. Na prática, ainda que uma aproximação à precisão só seja possível no sentido em que o factor deve ser claramente descrito ou, no caso de uma teoria, correctamente citada. Desta forma é possível uma referência aos factores através de símbolos que formam parte de um sistema de referência aplicado uniforme e universalmente. Se o analista tiver uma noção do background ao qual a formulação que faz-se refere, tira vantagens do exercício de precisão e rigor de pensamento exigido pela tentativa de concentrar experiência clínica real para que possa ser expressa em notação tão abstrata e, através deste meio pode ver que ver está a usar para as suas formulações e as que está a deixar de lado. Com este exercício pode aperceber-se se a sua bagagem clínica se está a empobrecer ou se as teorias que utiliza são ou não adequadas à situação clínica. Esta fórmula oferece um resumo taquigráfico das sessões psicanalíticas. E, a capacidade para recordar aquilo que o paciente disse na sessão deve ligar-se à capacidade de esquecer, de modo que cada sessão é uma nova sessão e, por isso, uma situação desconhecida que deve ser investigada psicanaliticamente. Confere-se a flexibilidade necessária a este método trabalhando com funções que são variáveis, cujo valor só se torna constante quando, para as variáveis do que é a função, haja factores substituídos que sejam constantes. (p.65)

O sistema de notação deve possibilitar ao analista contar com um registo que ele próprio entenda e que possa ser comunicado a outros sem que haja perda de informação.

4.1.2 - Os Vínculos

O fracasso em usar a experiência emocional que é transformada em elementos-alfa através da função-alfa produz uma perturbação no desenvolvimento da personalidade, em que estão incluídos diversos graus de deterioração psicótica que podem ser descritos como morte da personalidade. Mas, uma experiência emocional não se pode conceber separada de uma relação e, os três factores inerentes aos vínculos entre objectos são postulados por Bion como o amor (Love - L), o ódio (Hate - H) e o conhecimento (Knowledge - K). Estes vinculos devem, também ser utilizados pelo analista para simplificar a complexidade das experiências emocionais expressas pelo analista e, poder, assim, refletir sobre elas. A finalidade em eleger entre L, H ou K é a de fazer uma única afirmação que é válida de acordo com aquilo que o psicanalista crê; não é necessário que seja uma afirmação exacta sobre uma "realização" mas, que possa parecer ao analista uma reflexão verdadeira dos seus sentimentos e que possa servir de base a todas as afirmações que possa fazer.

A eleição de L, H ou K não é determinada pela necessidade de representar um facto mas, pela necessidade de arranjar uma chave que permita validar os outros elementos que estão combinados na formulação do enunciado. Em psicanálise, onde o valor de um enunciado depende de outros enunciados, a necessidade de conhecer essa afirmação-chave é imperiosa. Quando um analista elege o seu símbolo, deve sentir que é

correcto e que estabeleceu um ponto de referência, assim, diminui o perigo de produzir um sistema de abstracções sem background e sujeito a manipulações arbitrarias.

4.1.3 - O Vínculo K

Bion deixa de lado os vínculos L e H para se dedicar apenas ao vínculo K, ao qual dá grande importância, não só porque é o mais importante para o analista mas, também porque está directamente ligado ao aprender pela experiência. Para Bion L e H podem estar relacionados com K mas não conduzem a K por si só, que representa um vínculo activo. Assim, X (K) Y significa que X está em posição de chegar a conhecer Y e que Y está em posição de ser conhecido por X, o que simboliza a relação psicanalítica. Mas, a pergunta de como pode X conhecer Y expressa um sentimento, que é doloroso e inerente a essa relação de conhecimento e que, para evoluir, depende da capacidade da personalidade de tolerar a frustração, daí dependendo a modificação ou a fuga à dor.

Para que o analista se possa ocupar da actividade K, é preciso que esteja consciente da sua experiência emocional e que consiga abstrair dela um enunciado que possa representar de forma adequada essa experiência. A abstracção inspira uma confiança que é concomitante de saber que há uma correlação entre os sentidos ou de que mais de que uma pessoa num grupo toma em consideração o que parece ser o mesmo enunciado da mesma representação de uma experiência emocional. A confiança numa representação está associada a dois aspectos: a crença de que a representação se apoia num sentido comum e de que não só representa a experiência emocional da qual foi abstraída mas que também representa outras "realizações" desconhecidas quando se efectuou essa abstracção. Assim, pode-se considerar que a abstracção é um passo importante na difusão que facilita a correlação quando se compara a representação que foi abstraída e várias "realizações" diferentes, sendo que nenhuma das quais é a "realização" da qual a representação foi originalmente abstraída. Em contraste, a concretização, pode considerar-se como uma forma de difusão que facilita a correlação pelo sentido comum, ou seja, afirmando algo de tal forma que se reconhece como um objecto sentido e que pode ser provado como objecto de outro sentido. A incapacidade própria para fazer uso de mais que um sentido é compensada pela capacidade de abstrair um enunciado de uma experiência emocional original com tanto rigor que as "realizações" da representação podem encontrar-se muitos anos depois, ou seja, uma vez que haja uma abstracção, ela pode ser utilizada outra vez e, pode usar-se nas mesmas situações que uma "realização". Para os fins da psicanálise, supõe-se que a génese de toda a abstracção é um factor da função-alfa.

As situações que surgem na psicanálise que permitem perceber de que forma o paciente utiliza ou não a abstracção, podem ser investigadas de forma proveitosa como um factor da função-alfa mas, há duas questões que são importantes: a elucidação das primeiras "realizações" da abstracção e, a elucidação da relação do modelo com a "realização" de que a abstracção e os sistemas dedutivos teóricos derivam.

4.1.4 - O Modelo

O uso de um modelo é eficaz porque devolve o sentido de concreto a uma investigação que pode ter perdido contacto com o seu background através da abstracção e dos sistemas teóricos dedutivos a ela associados; o defeito do modelo como instrumento reforça a necessidade de produzir abstracções. O modelo possui, também qualidades que o capacitam para cumprir algumas das funções de uma abstracção, tal como a capacidade de o investigador usar uma experiência emocional aplicando-a como uma totalidade a uma experiência posterior ou a algum dos seus aspectos.

Bion faz uma distinção entre abstracção e modelo, reservando para este último uma construção em que se combinam imagens concretas entre si e, este vínculo produz, por vezes, o efeito de uma narração que implica que alguns elementos na narração sejam causa de outros. Por seu lado, os elementos da abstracção não estão combinados por uma narração mas por um método que tem como objectivo revelar melhor a relação entre os objectos combinados. O sistema dedutivo abstrai de uma experiência emocional as qualidades que mostram a relação entre os elementos nessa experiência emocional. Assim, enquanto, na abstracção os elementos reais relacionados têm pouco significado, no modelo são os elementos reais que têm importância, sendo posto em segundo plano a forma como estão unidos.

Usando o modelo para abstrair uma teoria, o indivíduo deve ser capaz de abstrair de uma experiência emocional elementos que parecem estar constantemente unidos, incluindo o elemento que é o nome da teoria ou hipótese ou sistema dedutivo científico. Assim, por exemplo, "silla" é: (1) o nome dado a uma coisa-em-si-mesma como se supõe que existe na realidade (isto, de acordo com Kant, não pode ser conhecido); (2) o nome dado ao facto seleccionado; (3) o nome dado a uma selecção de sentimentos, impressões, etc., que são experimentados, devido ao facto seleccionado, como relacionados é coerentes; (4) o nome da hipótese definitiva, que diz que os elementos estão constantemente unidos. Todos estes aspectos são exemplos de nomes de hipóteses, ou seja, de elementos abstraídos de uma situação emocional aos quais se dá coerência por meio de um nome.

4.1.5 - O Objecto Psicanalítico

Bion diz que tal como é suposto que a matemática se ocupa de objectos matemáticos, também é suposto que a psicanálise se ocupe de objectos psicanalíticos e, o psicanalista deve preocupar-se em detectar e observar esses objectos no decurso da análise. A identificação dum objecto depende de dois factores: (1) a possibilidade de encontrar um meio pelo qual se possa comunicar a natureza desse objecto, e (2) o equipamento mental que o observador pode sustentar. Estes dois aspectos são problemas para os quais estas investigações devem convergir.

De todos os elementos de uma "realização" só alguns têm dados sensoriais correspondentes vinculados entre si como estando constantemente unidos e, tanto os elementos como os dados sensoriais podem considerar-se como abstraídos da totalidade dos elementos da "realização". Uma posterior abstracção tem lugar quando se dá aos elementos um nome que se percebe ser diferente da "realização" que se representa. A abstracção deve poder mostrar a função de uma preconcepção. Assim, a abstracção deve poder concretizar e a generalização deve poder particularizar.

Na sequência do que atrás foi dito é, agora mais fácil formular a natureza do objecto psicanalítico. Este objecto é representado da seguinte forma: $\{\varphi(\xi)(M)\}$, onde (φ) representa uma constante, (ξ) um elemento não-saturado que determina o valor da constante, uma vez identificada; (M) representa o carácter inato da personalidade e, (Y) representa o crescimento mental, que pode ser positivo ou negativo. O valor de M e de $()$ é determinado pela experiência emocional estimulada pela "realização" e, assim, o valor do objecto psicanalítico $() () (M)$ é, então, determinado pela identificação de $() (M)$ precipitada pela "realização". Mas, tal como em todos os conceitos biológicos, também o conceito de objecto psicanalítico, inclui fenómenos relacionados com o crescimento que, como já foi dito, pode ser positivo ou negativo (o que só é determinado através do contacto com a realização), daí que o símbolo (Y) seja necessário para definir o objecto psicanalítico. Assim, a abstracção do objecto psicanalítico está relacionada com a resolução das exigências do narcisismo e do socialismo em conflito. Se a tendência é social, a abstracção $(+ Y)$ estará relacionada com o isolamento de qualidades primárias; se a tendência é narcisista, a abstracção $(- Y)$ será substituída pela actividade apropriada a $- K$.

4.1.6 - O Facto Seleccionado

O termo "facto seleccionado" tem a sua origem em H. Poincaré e, Bion utiliza-o para descrever aquilo que o psicanalista deve experimentar no processo de síntese; o nome de um elemento é utilizado para particularizar o facto seleccionado, ou seja, o nome daquele elemento da "realização" que parece vincular elementos que até agora não se sabia que estavam ligados. As representações dos factos seleccionados podem, então, ser vistas como tendo uma coerência semelhante se se puder encontrar a representação adequada para um número seleccionado de factos. O facto seleccionado que dá coerência a um conjunto de outros factos emerge do objecto psicanalítico, no entanto, não pode ser formulado de acordo com os princípios que regem um sistema dedutivo científico. Deve trabalhar-se sobre os factos seleccionados através de processos racionais conscientes antes que se possa criar tal sistema, só então se pode formular a representação que reunirá os elementos de factos seleccionados coerentes num sistema dedutivo científico. A relação entre as hipóteses de um sistema dedutivo científico, ou seja, a conexão lógica entre elas que se fez notar por meio do sistema dedutivo, é uma característica do pensamento consciente racional, mas não da relação entre elementos de uma "realização" na qual os fenómenos parecem unir-se como resultado da descoberta de um facto seleccionado. O

facto seleccionado é o nome de uma experiência emocional e, a sua significação é, por isso, epistemológica e não se deve supor que a relação entre factos seleccionados seja lógica.

4.1.7 - O Aparelho para Pensar Pensamentos

Bion considera os "pensamentos" como epistemologicamente anteriores ao pensar e que o pensar tem que ser desenvolvido como um método ou aparelho que se ocupa dos "pensamentos"

Se o paciente não pode "pensar" os seus pensamentos, ou seja, tem pensamentos mas não possui o aparelho para "pensar" que lhe permite usar os pensamentos, a primeira consequência é uma intensificação da frustração porque falta o pensamento que deveria tornar possível ao aparelho mental suportar a tensão que o pensamento provoca. Assim, a forma que o paciente utiliza para se libertar dos objectos (que são protopensamentos ou pensamentos inseparáveis da frustração) levam-no a uma crise que ele desejava evitar.

4.1.8 - O Modelo Continente/Conteúdo

Bion introduz os termos "continente" e "conteúdo", baseando-se na teoria da identificação projectiva de Melanie Klein, para se referir à ideia de que existe um continente no qual um objecto é projectado e, que existe um objecto que pode ser projectado.

Tanto o continente como o conteúdo são susceptíveis de serem unidos e impregnados pelas emoções. Desta forma, podem modificar-se mutuamente de um modo que, geralmente, é descrito como crescimento. Quando estão separados ou despojados de emoções, a sua vitalidade diminui, ou seja, aproximam-se dos objectos inanimados.

A relação continente/conteúdo que se estabelece entre a mãe e o bebé representa a forma mais primitiva de K. Quando essa relação ocorre em K e, um conteúdo é projectado num continente, surge uma relação comensal, ou seja, o continente e o conteúdo dependem um do outro para benefício mútuo e sem dano para nenhum. Em termos de modelo, a mãe tira proveito dessa experiência que produz crescimento mental através da experiência e, o bebé também tira proveito, que o leva a crescer. Em consequência dessa actividade, os conteúdos que o bebé voltar a introjectar fazem com que o aparelho continente/conteúdo se instale no bebé parte do aparelho da função alfa.

O conjunto crescente continente/conteúdo constitui a base de um aparelho para aprender pela experiência. A aprendizagem depende da capacidade de (continente)n para permanecer integrado e perder a rigidez. Esta é a base do estado mental do indivíduo que pode reter os seus conhecimentos e experiências e que permite que esteja preparado para

reconstruir experiências passadas de forma que possa estar receptivo a uma nova experiência.

Os elementos (continente) de (continente)_n devem mantidos por uma constante (+) que deve funcionar como uma variável. A capacidade de re-formação de (continente)_n depende da existência de uma emoção, representada por (+). De forma análoga, a penetrabilidade dos elementos (conteúdo) em (conteúdo)_n depende do valor de ".". O valor de "+" e de "." é determinado pelo mesmo factor, ou seja, a emoção e, a emoção é uma função da personalidade.

As abstrações da relação comensal continente/conteúdo incluem a formação de palavras que são nomes para várias hipóteses que enunciam que certos dados sensoriais estão constantemente unidos. A partir daqui são sendo abstraídas hipóteses mais complexas e finalmente sistemas de hipóteses completos que são conhecidos como sistemas dedutivos científicos.

4.1.9 - O Vínculo - K

Bion fala da existência do vínculo (- K) para se referir àqueles pacientes que fazem tudo para fazer fracassar as interpretações do analista.

O principal factor deste vínculo é a inveja, tal como foi descrita por Melanie Klein em "Inveja e Gratidão". No vínculo (- K) o bebé projecta os seus sentimentos de medo no seio, juntamente com a inveja e o ódio que tem ao seio imperturbável. A inveja impossibilita o estabelecimento de uma relação comensal. O bebé sente que o seio, invejosamente, retira o elemento bom ou valioso contido no medo de morrer e força para dentro do bebé um resíduo sem valor. Assim, o bebé que começou com um medo de morrer acaba contendo um terror sem nome.

A violência da emoção que se associa com a inveja, e que pode ser um dos factores da personalidade nos quais (- K) está em evidência, afecta de tal forma os processos projectivos, que é projectado muito mais do que o medo de morrer. De facto é como se virtualmente, toda a personalidade tivesse sido evacuada pelo bebé.

Em (- K) o par continente/conteúdo é introjectado como [- (continente/conteúdo)], que é caracterizado como "um estado de falta". É um objecto interno sem exterior, é um canal alimentar sem corpo. A inveja continuará a despojar o objecto do que é bom e valioso até que (continente) e (- conteúdo) representem pouco mais do que uma superioridade-inferioridade vazia, que por sua vez degenera em nulidade.

A característica principal deste tipo de relação entre o continente e o conteúdo é o seu ódio a qualquer novo desenvolvimento da personalidade, ou seja, ao aprender com a experiência e ao consequente crescimento mental.

4.2 - ELEMENTS OF PSYCHO-ANALYSIS

Bion já no livro anterior, "Learning From Experience"(1962), tinha feito referência a um sistema de notação que o psicanalista podia usar para fazer o registo das sessões psicanalíticas e que lhe permitiriam situar-se ao nível das teorias que utiliza e perceber se essas teorias são ou não adequadas para o paciente em questão assim como lhe permitiria ter um sistema de referência em que poderia sempre saber o que se tinha passado na sessão e também comunicá-lo a outras pessoas sem que houvesse perda de informação. Apesar desta indicação, só um ano mais tarde, em 1963, surge a base desse sistema de notação, ou seja, a tabela proposta por Bion.

A sua intenção foi a de criar um sistema de notação científica a partir dos elementos da psicanálise, os quais englobam vários níveis e usos dos pensamentos, além das emoções que lhe estão associadas. Para criar esta tabela, Bion inspirou-se na Matemática (os "elementos" do matemático grego Euclides) e na Química (a postulação de que os elementos simples, como os átomos, se combinam para formar as moléculas), indo buscar o sistema cartesiano de coordenadas e a aplicação da tabela periódica dos elementos químicos de Mendeleiev. Assim, vamos encontrar uma tabela composta por uma coordenada vertical e uma coordenada horizontal, sendo que as respectivas fileiras e as colunas formam as casas que são ocupadas pelos diferentes enunciados.

Bion esclarece desde o início que elaborou esta tabela para uso exclusivo do psicanalista e, para que fosse utilizada somente fora da sessão, atribuindo-lhe os seguintes objectivos: (1) dispor de um método científico de notação dos fenómenos que se passaram na sessão de análise; (2) possibilitar uma comunicação semântica mais precisa dos psicanalistas entre si, ou de um autor com os seus leitores, como Bion fez com frequência; (3) proporcionar que o psicanalista seja supervisor de si próprio, estimulando o exercício da reflexão psicanalítica, no sentido de ele ter uma avaliação mais clara sobre se está a haver crescimento, estagnação ou um retrocesso do paciente; (4) visualizar o nível e a qualidade de utilização dos pensamentos, tanto por parte do paciente como do próprio analista e, principalmente, da comunicação entre ambos; (5) a tabela permite situar qualquer tipo de manifestação clínica desde os simples aos mais complexos, como p. ex. gestos, exclamações, movimentos corporais, até formulações mais complexas como pensamentos, ideias ou conceitos; (6) facilitar o entendimento epistemológico de certos modelos psicanalíticos, como o das narrativas dos mitos.

Assim, vamos encontrar no modelo gráfico da tabela, um eixo vertical denominado genético, tendo em conta que cada linha enuncia um estágio do desenvolvimento do pensamento, composto por oito linhas, desde a letra A até à letra H. O eixo horizontal é formado por seis colunas, que vão do número 1 até ao número 6 e, denominado eixo dos usos (dos pensamentos); mais tarde Bion acrescentaria uma coluna ...n, para demonstrar que a tabela era um sistema aberto e, permitir que cada psicanalista pudesse fazer os seus próprios acréscimos e modificações.

4.2.1 - O Eixo Vertical

A - Elementos-Beta

Contém os protopensamentos, os quais por não terem a condição para fazer discriminações, confundem o animado com o inanimado, o sujeito com o objecto, o interno com o externo, o símbolo com o simbolizado, o moral com o científico.

B- Elementos-Alfa

A designação mostra o resultado da actividade exercida pela função-alfa sobre as impressões sensoriais e experiências emocionais, podendo ser estes elementos compreendidos como pensamentos incipientes. Não são objectos do mundo da realidade externa mas, o efeito da acção sobre os sentidos que se aceita estarem relacionados com essa realidade. Possibilitam a formação e o uso daquilo que Freud denominou como "pensamentos oníricos".

C- Pensamentos Oníricos, Sonhos, Mitos

Representa os fenómenos compostos por pensamentos oníricos com imagens visuais, como nos sonhos e nos devaneios e, a construção de mitos, tanto os privados (tecidos com as constelações das fantasias inconsciente de cada um) como os mitos universais (o de Édipo, p. ex.).

D- Pré-concepção

Corresponde a um estado de expectativa, condição mental adequada para receber uma restrita margem de fenómenos. A sua forma mais primitiva é a expectativa do seio por parte do bebé.

E- Concepção

Quando a pré-concepção se une com uma realização que satisfaz a expectativa, então surge a concepção.

F- Conceito

Deriva da concepção por um processo de abstracção que a liberta dos elementos que a impedem de ser um instrumento de elucidação ou expressão da verdade.

G- Sistema Dedutivo Científico

Trata-se de uma combinação de conceitos e hipóteses ou sistemas de hipóteses vinculados entre si de forma lógica. A relação lógica de um conceito com outro e de uma hipótese com outra permite que o sentido do conceito com a hipótese adquira uma significação que, conceitos e hipóteses, por si só não detêm.

H- Cálculo Algébrico

Vários sinais podem ser agrupados de acordo com certas regras de combinação como acontece na matemática. Os sinais não têm propriedades além daquelas que as normas de combinação lhes conferem. $(a+b) = a + b + 2 ab$ denota uma combinação de a e b em que estas duas letras não têm outro significado que não seja o de serem substituíveis por números e compreendidos como manipuláveis no modo indicado pela fórmula. Ou seja, dizer que a e b têm propriedades, apenas significa prestarem-se a manipulação segundo normas e, estas deduzem-se do enunciado, que como a concepção, conserva a capacidade de saturação.

Estas duas últimas linhas não têm maior aplicação na prática clínica, no entanto, são necessárias para o trabalho de investigação sobre essa mesma prática clínica.

4.2.2 - O Eixo Horizontal

1- Hipótese Definitória

Tende a ligar os factos que foram descobertos previamente e estão em conjunção constante. Num primeiro momento, o enunciado está vazio de significado, é só significante e serve para evitar perdas de experiência emocional por dispersão. A hipótese definitiva tem dois aspectos negativos: o primeiro diz respeito ao facto de que ao designar algo com um nome determinado, exclui tudo aquilo que não está incluído na designação; o segundo aspecto refere-se ao facto de que o nome é uma representação e não uma coisa-em-si-mesma. Poder tolerar as qualidades negativas da hipótese definitiva implica poder tolerar a frustração.

2- Psi

Esta coluna corresponde aos enunciados falsos, usados com a intenção de impedir o aparecimento de enunciados que possam causar angústia ou turbulência emocional ou consequências que impliquem uma mudança catastrófica.

3- Notação

Esta coluna representa as categorias empregues para registar um facto, de forma a cumprir a função de notação e, de um armazenamento de dados que possam ser evocados pela memória.

4- Atenção

Reflecte o sistema dedutivo científico expresso em linguagem coloquial comum. Serve para explorar o meio e é importante para a discriminação. Uma das suas funções é ser receptivo para o facto seleccionado, ou seja, aquilo que dá coerência e significação a factos conhecidos, de relacionamento até aí não vislumbrado.

5- Investigação

Serve para classificar enunciados que permitam a exploração dirigida a um aspecto particular das coisas.

6- Acção

Esta coluna representa o uso de pensamentos relacionados com a acção ou com transformações em acção.

4.2.3 - Os Elementos em Psicanálise

As categorias obtidas através da tabela constituem aquilo que Bion postulou como elementos em psicanálise, sendo que cada um dos eixos também corresponde a um desses elementos sempre que sejam observados na sessão analítica. Estes elementos são essenciais para a prática psicanalítica, uma vez que permitem manter o significado que encerram em si próprios; p. ex. a melancolia só é melancolia por encerrar em si uma determinada combinação de elementos. É trabalho do analista separar esses elementos, libertando-os das combinações em que se mantêm e das peculiaridades que os acompanham, resultado da realização que primeiramente se destinam a representar. Estes elementos são funções da personalidade constituídas por factores. Bion propõe que se considerem os elementos como fenómenos observáveis através das suas qualidades primárias e secundárias e concebidos como tendo dimensões nos domínios dos sentidos, do mito e da paixão.

As características dos elementos em psicanálise são as seguintes:

- 1- representar a realização que a princípio descrevem;
- 2- articularem-se com elementos semelhantes;
- 3- assim articulados, formar o sistema dedutivo científico que representa a realização existente.

4.2.4 - Continente/Conteúdo E Ps \leftrightarrow D

Os dois elementos que constituem a tabela correspondem ao Continente/Conteúdo, representando um elemento que, apesar da perda de exactidão, se entende como a característica essencial da concepção de identificação projectiva formulada por Melanie Klein. Representa um elemento onde há excesso de implicações associativas, representando a relação dinâmica entre continente e conteúdo.

O segundo elemento é representado por EP \rightarrow D \rightarrow EP (2º ciclo) \rightarrow D (2º ciclo) \rightarrow EP \rightarrow (ciclo n-1) ... É considerado como a representação aproximada da interacção da posição esquizo-paranóide e da posição depressiva descritas por Klein e, da reacção suscitada pelo que Poincaré descreve como "facto seleccionado".

Estes elementos em psicanálise combinam-se para representar as situações psicanalíticas e teorias da psicanálise. Para que isso seja possível é, no entanto, importante saber quais são os fenómenos que na clínica constituem esses elementos. O reconhecimento dos elementos faz-se em três movimentos:

- 1- voltar-se para as manifestações secundárias dos elementos que ocorrem e reconhecê-las pela experiência psicanalítica;
- 2- voltar-se para as representações dos elementos que ocorrem e isolá-las na teoria psicanalítica;
- 3- examinar os procedimentos 1 e 2 e combiná-los como fontes de que se separam os elementos.

Bion sugere que, também, os elementos em psicanálise são funções da personalidade constituídas por factores, uma vez que cada uma é função de algo mais e cada uma tem uma função. O termo "função" tem aqui um significado semelhante ao que tem na matemática, ou seja, na relação com outras variáveis é também uma variável, em cujos termos se expressa e de cujo valor depende o seu. Como cada função tem também uma função, emprega-se o termo "função" como designando o grupo de acções físicas e mentais, reguladas por uma finalidade e visando-a. Bion utiliza este termo sempre que quer indicar algo que tem e é uma função, que por sua vez, tem factores e finalidades.

Uma vez que os elementos são considerados fenómenos observáveis, admitem-se as suas manifestações primárias e secundárias e não as abstracções ou signos com que são representadas. No entanto, para considerar "visíveis" as manifestações dos elementos, Bion propõe que se lhe atribua um "sentido" comum a mais que um sentido, ou seja, um

objecto é sensível `investigação psicanalítica quando satisfaz condições análogas aquela em que a sua presença física se confirma à evidência de dois ou mais sentidos. Para que esta evidência possa ser aceite e a interpretação do objecto analítico seja considerada satisfatória, os elementos psicanalíticos e objectos que deles derivam devem compreender três dimensões na mente do analista: a dos sentidos, a dos mitos e a das paixões.

4.2.5 - A Dimensão dos Sentidos, Mitos e Paixões

A dimensão dos sentidos significa que aquilo que é interpretado é, entre outras coisas, objectos dos sentidos. Dito de outra forma, quando o analista faz uma interpretação, é possível ao analista e ao analisando perceber que naquele momento se fala de algo audível, visível, palpável ou odorífero.

Quanto à dimensão do mito, Bion refere que sem ela não concebe a ideia da invenção do modelo que rege o analista. Estes mitos não afirmam um facto observado ou enunciados de uma teoria representando uma realização, são sim relatos de mito pessoal.

A dimensão da paixão implica componentes derivados de L, H, K (os três vínculos já analisados em Learning From Experience) e, pretende representar uma emoção vivida com intensidade e calor mas sem que haja violência; por paixão entende-se uma das dimensões que L, H, e K possuem, caso se reconheça como elemento presente.

Destes três vínculos, o que tem maior importância é o K, designando um vínculo entre um sujeito que procura conhecer um objecto e um objecto que se presta a ser conhecido. Representa um vínculo activo e refere-se a uma experiência emocional com uma particularidade que difere daquelas que caracterizam os vínculos L e H. Essa particularidade emocional pode ser formulada como sendo a dor ou a frustração inerente ao acto de conhecer.

O vínculo K pode representar o sujeito que procura conhecer-se a si próprio através da introspecção, assim como pode também representar uma relação entre analista e analisando na procura desse conhecimento.

Conhecer a verdade acerca de si próprio é uma função da personalidade e, o seu desenvolvimento acontece através das interacções múltiplas e sucessivas entre os mecanismos PS \leftrightarrow D e Contínente/conteúdo, tal como foram descritos anteriormente. No vínculo simbiótico Contínente/conteúdo podem ser formulados como a união de duas ideias para formar uma terceira, para benefício dos três; o crescimento mental é formulado por Bion como estando ligado ao modelo + (contínente/conteúdo) n . A função de se conhecer a si próprio, especialmente quando relacionada com o conhecimento da realidade psíquica, é denominada por Bion como função psicanalítica da personalidade. É uma função que existe desde o início da vida e, a psicanálise é um dos factores que favorecem o seu desenvolvimento. Por analogia com a pré-concepção, o vínculo K refere-se a uma expectativa, não realizada ainda, de saber algo.

4.2.6 - Os Elementos e a Tabela

Os mecanismos descritos anteriormente como factores que permitem o reconhecimento dos elementos em psicanálise, ou seja o par continente/conteúdo e a interacção PS \leftrightarrow D, são também elementos fundamentais para a compreensão da tabela de Bion, uma vez que, o eixo genético corresponde à acção do primeiro elemento e, o eixo sistemático corresponde à acção do segundo elemento.

O eixo genético deve os seus desenvolvimentos à acção do par continente/conteúdo, revelando uma relação mútua entre as categorias em que uma depende das modificações que, na categoria anterior, a levam a actuar como pré-concepção ou como registo. A dinâmica de uma das fases de A até H representa-se pelo par continente/conteúdo; o vínculo entre essas fases é automático e é representado por L, H e K.

Este eixo envolve a premissa do crescimento, que está dependente de quatro aspectos:

- 1- a psicodinâmica;
- 2- a alternância entre particularização e generalização (concretização e abstracção);
- 3- de saturações consecutivas;
- 4- de ímpetos emocionais.

Quanto ao aspecto da psicodinâmica, entende-se que o relacionamento da identificação projectiva com a sequência das posições esquizo-paranóide e depressiva apresenta, em K, problemas que podem ser vistos como decorrendo da incompatibilidade. A solução surge através da investigação clínica, dos ataques que transformam o conteúdo em fragmentos que, apesar dessa fragmentação, possuem suficiente coesão para poder entrar no problema. A fragmentação semelhante que acontece no continente permite que a associação dos fragmentos ainda possam realizar a função de ingerir ou introjectar. A dúvida em atribuir prioridade à clivagem reside no facto de não se atribuir primazia às sequências das posições esquizo-paranóide e depressiva, pois admite-se que tanto esta sequência como a identificação projectiva são mecanismos potencialmente primordiais.

A alternância entre particularização e generalização, como método de descrever a teoria, põe em questão o termo "abstracção", uma vez que implica a ideia de remover o predicado de algo. A generalização (ou abstracção) reconhece-se como processo restrito de saturar o elemento não-saturado, de forma a consolidar a aquisição que aconteceu baseando-se, assim, no facto de dominar a nova entidade. Na situação dinâmica da realização, isolar os elementos que formam a abstracção, a generalização ou ainda o cálculo algébrico, entende-se como a união da pré-concepção à realização para formar a concepção e, assim, a reformulação, ou seja, dar nome à constelação total da pré-concepção e concepção de forma a impedir que haja perda da experiência por disseminação ou dissolução dos componentes. O processo de abstracção relaciona-se com a notação (como foi descrita por Freud) e com o aumento da memória.

O aspecto das saturações consecutivas está directamente relacionado com a teoria implícita na representação da pré-concepção pela constante Psi unida ao elemento não-saturado (X), contudo, é preciso ter presente que Psi (X) representa uma realização composta.

Quanto ao aspecto dos ímpetos emocionais, Bion refere que o analista se ocupa dos aspectos premonitórios desses ímpetos e nunca se esquece da natureza política do ser humano ao avaliar a força e direcção das premonições.

Por seu lado, as categorias do eixo sistemático estão dependentes da acção de dispositivos sobre os elementos A a G. Assim, o uso que consiste no emprego de um aspecto das categorias de A a H, para indagação ou pesquisa, passa a existir graças a esse dispositivo e a ter eficácia devido ao seu uso. Este tipo de acção é descrito pela interacção entre a posição esquizo-paranóide e a posição depressiva e, tal como no eixo genético, também o vínculo dinâmico é representado por L,H e K.

É da interacção entre o par continente/conteúdo e o par $Ps \leftrightarrow D$ que surgem os pensamentos e o aparelho para pensá-los e, que é possível dar-se a passagem de uma categoria para a seguinte na tabela.

Se se considerarem os elementos em psicanálise como tendo características de voracidade, amor, ódio, inveja e curiosidade, os dispositivos que se consideram fundamentais nesses fenómenos primitivos são os mecanismos descritos anteriormente, considerando-se o par continente/conteúdo como uma interacção entre expulsão e ingestão e $PS \leftrightarrow D$ como uma interacção entre divisão e integração.

Considera-se PS como uma nuvem de partículas capazes de se conglomerarem em D e, considere-se D como um objecto capaz de fragmentar e difundir PS. Essas partículas são consideradas como contendo dentro de si o objecto ou elementos-beta, processo que constitui o exemplo do movimento geral designado por $\rightarrow D$.

Se D for considerado como um objecto integrado, ou seja, a aglomeração produzida pela convergência de partículas elementares sobre uma partícula ou sobre um elemento-beta, ou uma manifestação especial do objecto integrado, seja continente ou conteúdo. Se o campo de fragmentação é a característica elementar, então D representa todo o campo de partículas elementares.

Desta forma se conclui que cada um dos mecanismo actua, cada um à sua maneira, na forma típica ou evocativa do outro. A descrição de PS actuando sob a forma de continente, leva a pensar que se trata duma situação em que o dispositivo $PS \rightarrow D \rightarrow PS(2^\circ \text{ ciclo}) \rightarrow D(2^\circ \text{ ciclo}) \rightarrow PS(\text{ciclo } n-1) \dots$ se detém em PS mas, impelido à função vital evolutiva actua como atributo operacional automático do par continente/conteúdo. De forma semelhante, o par continente/conteúdo revela a capacidade de acção característica da interacção $PS \leftrightarrow D$. Da interacção deste dois mecanismos é possível delimitar o objecto psicanalítico que não pode ser confundido com elemento em psicanálise, já que o primeiro alude às associações e interpretações (com extensões ao domínio dos sentidos, dos mitos e das paixões) e, que por serem combinações mais complexas, necessitam de três categorias da tabela para a sua representação; o segundo é comparável a uma molécula composta por vários átomos, ou elementos psicanalíticos

simples, os quais são unidades de ideias e sentimentos que se passam no vínculo entre analista e analisando, e que podem estar representados numa única categoria da tabela.

4.3 - TRANSFORMATIONS (1965)

Tendo em conta que Bion punha em evidência que a psicanálise pode ser abordada a partir de três dimensões (a científica, a estética e a religiosa-mística), podemos encontrar em "Transformations" uma quantidade de elementos que comportam essas três dimensões: a lógica matemática, com a utilização de signos, pontos, linhas e conceitos extraídos da Geometria Moderna; a estética, como a visualização que faz do caso "Dora", cuja bela descrição literária feita por Freud representa para Bion um primeiro elo entre a psicanálise e a arte; e a filosofia religiosa-mística, como as citações de Platão, do poeta Milton e de São João da Cruz, os quais, cada um com o seu vértice e estilo próprio, asseveravam a reencarnação das almas em vidas sucessivas e a necessidade de o homem ultrapassar o 'infinito vazio e informe' para se aproximar de Deus. Além de todas estas referências, Bion utiliza também muitos exemplos clínicos como forma de mostrar que as suas posições teóricas e considerações metapsicológicas tinham uma base e uma correlação com a prática clínica e, avisa desde início que o objectivo deste livro é o de sugerir um método de aproximação crítica à prática da psicanálise e não novas teorias. (Bion, 1965, p.6)

E, como refere mais adiante: "A teoria das transformações e os seus desenvolvimentos não estão relacionados com o corpo principal da teoria psicanalítica, mas com a prática da observação psicanalítica. (...) A teoria das transformações tem como intenção iluminar uma cadeia de fenómenos onde a compreensão de um elo, ou algum dos seus aspectos, ajuda na compreensão de outros." (Bion, 1965, p.34)

4.3.1 - A Invariância

Bion inicia este livro com um capítulo onde descreve o termo "invariância". Começa por mostrar um exemplo: "Suponha-se que um pintor vê um campo de papoilas e o pinta: dum dos lados da cadeia de eventos está o campo de papoilas; do outro lado, uma tela com pigmentos dispostos sobre a sua superfície. Nós conseguimos reconhecer que o último representa a forma, de maneira que posso supôr que, apesar das diferenças entre o campo de papoilas e o pedaço de tela, apesar da transformação que o artista efectuou naquilo que viu para que tomasse a forma de uma pintura, alguma coisa se manteve inalterada, da qual depende o reconhecimento. Aos elementos que possibilitam o aspecto inalterado da transformação, eu chamarei invariantes." (1965, p.1)

Mais à frente, Bion dá-nos o exemplo da descrição que Freud faz da paciente Dora no artigo "Fragment of an Analysis of a Case of Histeria" (1905) que, pode ser entendido como análogo, mas diferindo, a uma pintura, onde há uma representação verbal duma análise; podemos ter uma impressão da experiência da mesma forma que podemos ter uma

impressão de um campo de papoilas apesar de tanto o campo original como a análise original serem-nos desconhecidos. Assim, a experiência original, a realização, nos dois casos é transformada através da pintura num quadro e, através da psicanálise numa descrição. A psicanálise pertence ao grupo das transformações; representando uma técnica análoga à do pintor, através da qual os factos de uma experiência analítica (a realização) são transformados numa interpretação (a representação). Mas, uma interpretação só pode ser compreensível tendo em conta as invariantes da teoria em que está baseada. As invariantes dependem da técnica escolhida: por exemplo, um quadro impressionista não tem as mesmas características que um quadro realista, e uma teoria freudiana não terá as mesmas invariantes que uma teoria kleiniana.

4.3.2 - A Transformação

Bion procurou o sentido da teoria das transformações em qualquer situação em que um colapso psicológico (breakdown) fosse analiticamente controlado. A significação seria menos facilmente apreendida se esse colapso já tivesse ocorrido ou se não tivesse sido possível evitá-lo. No caso de colapso psicológico do paciente, a experiência analítica sofre uma mudança catastrófica.

Na situação analítica, Bion chama a atenção para três aspectos: a subversão do sistema, a invariância e a violência; uma vez que cada uma destes aspectos desempenha um papel importante quando há uma mudança súbita no decorrer da análise. Assim, fala-se em catastrófico no sentido estrito de um evento que produz uma subversão na ordem ou sistema de coisas; é catastrófico no sentido em que é acompanhado por sentimentos de desastre nos participantes e, é catastrófico no sentido em que é súbito e violenta duma forma quase física. Desta forma, é preciso distinguir entre a fase pré-catastrófica e a fase pós-catastrófica, sendo a primeira caracterizada por não ser emocional, teórica e desprovida de qualquer mudança marcante, enquanto a segunda é marcada por uma mudança violenta, onde os sentimentos violentos são expressos de forma violenta. O analista deve procurar as invariantes que precedem a catástrofe e as que sucedem.

Utilizando o sistema de notação proposto por Bion surge-nos o seguinte: T (paciente) designa o paciente que espera a mudança a partir do seu ponto de vista; T (paciente)alfa que representa a impressão do paciente; T (paciente)beta, que designa a representação do paciente, um resultado da transformação que efectuou; o produto final ou material transformado é aquilo que é apresentado ao analista. Um processo semelhante acontece no analista e é representado pelos seguintes símbolos; T (analista), T (analista) alfa e T (analista) Beta. Em qualquer dos casos, a experiência inicial (coisa-em-si-mesma) a partir da qual se faz a transformação é designada pelo símbolo O.

Para Bion, o material obtido através da sessão analítica é significativo uma vez que se trata do ponto de vista do paciente (representação) de certos factos que são a origem da sua reacção e, cabe ao analista descobrir a natureza da sua representação, ou seja, a natureza daquilo que é simbolizado como T(paciente)Beta. Assim, a partir do material analítico como um todo, espera-se que o analista descubra a partir das invariantes desse

material o que é O e o que paciente fez para transformar O (ou seja, a natureza de T(paciente)alfa) e, conseqüentemente, a natureza de T(paciente). Quando a experiência estimulante, ocorre na sessão analítica, então, O é o mesmo para o paciente e para o analista e a distinção entre os dois deve ser feita entre os processos através dos quais o paciente e o analista transformam as suas experiências para alcançar as suas representações, ou seja, entre Tp Alfa e Ta Alfa e entre Tp Beta e Ta Beta.

4.3.3 - Transformações Projectivas e de Movimento Rígido

Bion divide as transformações em dois grupos: as de movimento rígido e as projectivas, termos que foi buscar à geometria projectiva. Assim, uma transformação projectiva transforma pontos em pontos e linhas em linhas e, preserva as propriedades de incidência dos mesmos sem, no entanto, preservar a distância nem os ângulos, o que tem como resultado figuras muito deformadas em relação à original, que se torna difícil de reconhecer. Por seu lado, as transformações rígidas, a translação e a rotação, mantêm invariantes o tamanho os ângulos das figuras; a geometria euclidiana elementar pode definir-se como a que estuda as propriedades que se mantêm invariantes sob o grupo destas transformações.

Por analogia, na mente, as transformações rígidas são aquelas que implicam pouca deformação, deixam invariantes de forma mais ou menos permanente certos significados e outras características. Por exemplo, as transformações de pensamentos em palavras que os representam, segundo códigos comuns à maioria das pessoas que utilizam o mesmo idioma, são também transformações de movimento rígido. A sua utilização e o facto de que as invariantes surgem facilmente, permitem ao interlocutor entender (transformar) o significado incluído.

Por sua vez, o grupo das transformações projectivas pode ser melhor ilustrado através de um exemplo dado por Bion a partir de sessão analítica. Trata-se de um paciente que chega à sessão, parecendo estar desorientado e confuso, que produz material, aparentemente sem significado, que não se presta facilmente a interpretações; neste caso não se pode inferir sobre aquilo de que o paciente está a falar nem sobre O. Neste tipo de transformações, factos muito distantes da sessão, tanto espacial como temporalmente, são considerados como fazendo parte da mesma ou como aspectos da personalidade do analista. As "distâncias" e as "épocas" não são respeitadas; há um exagero e uma deformação intensas (hipérbole, como lhe chamou Bion) neste tipo de transformações.

Nas transformações de movimento rígido a relação com O estabelece-se com relativa facilidade, uma vez que as invariantes podem ser detectadas mais claramente; por sua vez, nas transformações projectivas isso torna-se difícil porque as invariantes correspondentes a Oa e a Op diferem muito entre si.

Quando predomina a parte não psicótica da personalidade, as teorias habituais utilizadas pelo analista (ou seja, o seu grupo de transformações) adequam-se ao modelo do movimento rígido, enquanto que quando é a parte psicótica da personalidade que

predomina, as teorias utilizadas pelo analista enquadram-se no grupo das transformações projectivas.

Op, nas transformações projectivas não pode ser visto como idêntico a Op nas transformações de movimento rígido e, a necessidade de estabelecer a natureza da diferença surge a partir das exigências da psicanálise. Quando Bion se refere a O como indicador da realidade, as impressões que o sujeito submete ao processo Talfa, ele refere-se àquilo que Kant descreveu como a desconhecida coisas-em-si-mesma. Tp alfa ou Ta alfa indicam a representação, do analista ou do paciente, daquilo que é uma comunicação privada, entendida apenas pelo sujeito cujos processos efectuaram a transformação. São aqueles que mostram a representação daquilo que Kant descreveu como processo primário. Se o paciente e o analista concordam com uma interpretação, esta pode ser correctamente designada por Tp e Ta Beta. Uma vez que é partilhada por duas pessoas deixou de ser comunicação privada e passou a ser pública, o que está relacionado com o que Kant descreveu como qualidade secundária e que pode ser reconhecida como senso-comum. Nas transformações de movimento rígido as invariantes estabelecem uma relação com O, mas nas transformações projectivas, as diferenças entre Oa e Op não permitem um processo em que se pode voltar de Tp e Ta Beta a Op e Oa, como acontece nas primeiras. A dificuldade reside na natureza de Op nas transformações projectivas.

4.3.4 - Transformações em Alucínose

Na análise de pacientes psicóticos surge o problema de que estes têm pouca ou nenhuma capacidade de funcionar intelectualmente sem a presença real dos objectos. Em termos de transformações, não parecem capazes de produzir um TpBeta com o qual possam trabalhar na ausência de O, ou seja, não conseguem transformar O em T.

As transformações em alucínose são consequência de uma catástrofe primitiva para a qual o indivíduo não pôde incorporar uma função alfa. Predominam os mecanismos evacuativos e a identificação projectiva onipotente ou excessiva. A diferença principal em relação às outras transformações é a falta de um continente que foi destruído e que não permite conter e metabolizar as projecções.

As transformações em alucínose acontecem na área psicótica da personalidade e, os factores que operam nesta transformação são a inveja associada à voracidade; são factores que já tinham intervindo no desastre original, mas que agora proliferam como um "crescimento canceroso".

Os processos (Talfa) das transformações em alucínose, ao serem descritos em termos narrativos, podem ser expressos como a crença que o paciente sustenta de que as suas "criações" são o resultado da sua capacidade de rodear de um universo gerado por si mesmo, o que mostra um método "infalível" para não ter que sofrer a dor da frustração, assim, sua realidade é aquela que foi gerada pelo próprio através do método da alucinação.

4.4 - A ATENÇÃO E INTERPRETAÇÃO (1970)

Na introdução deste livro Bion diz o seguinte: "Duvido que alguém, a não ser o analista, entenda este livro, embora tenha feito o máximo para torná-lo simples."(p.11)

De facto, neste livro parece assistir-se ao culminar de uma etapa da obra de Bion, onde ele deixa de lado o aparelho lógico-matemático e linguístico que tinha utilizado anteriormente, para se centrar no estado de espírito do analista e do analisando. Agora, Bion passa a utilizar o termo "analisando" em vez de "paciente" para sublinhar a diferença que existe entre a medicina, que tinha sido utilizada como modelo até aí, e a psicanálise, referindo-se, ainda, ao seguinte: "O que de forma clara, revela a diferença, é o médico depender da realização da experiência sensível, em confronto com a do psicanalista que se baseia na experiência supra-sensível. O médico olha, apalpa e cheira; o psicanalista não olha ou apalpa as realizações (...) para facilitar, proponho na área do psicanalista, o emprego do verbo "intuir" como equivalendo a "olhar", "apalpar", "cheirar" e "auscultar" do médico." (p. 17)

4.4.1 - A Realidade Última

Nesta fase da sua vida e da sua carreira, a principal preocupação de Bion no que respeita à prática psicanalítica prendia-se com a busca da verdade última, designada por O, referindo que esta não se encontra na esfera do saber ou do aprender; é-se "tornado O", no entanto, nada se "sabe" dele; "insondável e informe, embora penetre na área do vínculo K ao evoluir para um ponto em que se sabe a seu respeito, por conhecimento advindo da experiência e, enunciado em termos que derivam da experiência sensível, o seu existir é por conjectura fenomenológica."(p.36)

O valor que se atribui aos enunciados da experiência analítica depende das condições sob as quais acontece a transformação, sendo o seu valor terapêutico maior quando conduzem a transformações em O e, menor se conduzem a transformações em K. Assim, o êxito da psicanálise depende do facto de o analista pôr a sua atenção em O (vértice psicanalítico) com o qual não se pode identificar, ele deve ser o próprio O. Através da evolução de O, que chega às possibilidades do vínculo K do psicanalista, este não consegue chegar à "realidade última" mas é capaz de saber a respeito dos acontecimentos que evoluem a partir de O. Em termos de prática analítica, pode-se dizer que o psicanalista toma conhecimento, através dos sentidos, do que faz ou diz o analisando mas, não pode conhecer O, de que o analisando é uma transformação, deve esperar que O se torne manifesto no K dos acontecimentos actuais. Mas, para que haja uma transformação O --> K, é preciso que K se livre de memória e desejo.

Para Bion, a origem da memória encontrava-se num dos aspectos da identificação projectiva, que realiza uma interacção entre continente e conteúdo; sob o predomínio do princípio do prazer, o conteúdo é evacuado na procura do prazer de ser contido, por sua vez, o continente absorve essas evacuações por razões complementares. Contudo, tem como opções, rejeitar ou reter, onde prefigura a memória que esquece ou retém. Esta capacidade conserva as limitações que de devem à sua origem sensorial e, quanto mais acúmulo houver de memória, mais plena de elementos saturados ela fica, além disso, o impulso de se livrar das estimulações penosas fez com retivesse apenas os objectos de prazer e expulsasse os objectos de desprazer. Assim, a memória, que foi um continente para as evacuações da identificação projectiva, não tem qualquer serventia para o psicanalista que procura a verdade absoluta, O. Por sua vez, o desejo encontra-se lado a lado com a memória e, não é possível um existir sem o outro.

Apesar da diferença entre memória e desejo ser pouca, esses dois aspectos têm em comum os seguintes elementos: quando enunciados, não requerem formulação; provêm da experiência resultante dos sentidos; evocam sentimentos de prazer ou sofrimento. Para Bion "quem se habitua a recordar o que os pacientes diziam e a desejar-lhes bem-estar, difícil lhe é escapar ao dano provocado na intuição analítica, intrínseco a quaisquer memórias e a quaisquer desejos." (p.41) Como consequência desta constatação, surge a necessidade de o psicanalista se abster da memória e do desejo, o que lhe vai aumentar a capacidade para admitir "actos de fé".

Por "acto de fé", Bion entende uma condição peculiar ao processo científico que deve ser diferenciado do significado de conotação religiosa, referindo-se a uma necessidade de acreditar que existe uma realidade incognoscível no fundo daquilo que não sabemos o que é, e que não está ao nosso alcance. O "acto de fé" não se encontra ligado à memória desejo ou sensação, relaciona-se com o pensar, como conhecimento a priori do entendimento, não pertence ao sistema do vínculo + K mas, ao sistema O. O pensamento tem como realização a não-coisa, por sua vez, o "acto de fé" tem como base algo inconsciente e desconhecido porque não aconteceu.

A necessidade de o analista se despojar da memória e do desejo corresponde aquilo a que Freud se referiu como "cegar-se artificialmente" como forma de melhor ver na escuridão, desta forma é possível atingir F. É a partir de F que se "vê", "ouve" e "percebe" os fenómenos mentais de cuja realidade nenhum psicanalista duvida, embora não os possa alcançar através dos enunciados habituais, ou seja, "ver" os elementos que evoluem a partir de O e, também os aspectos da evolução de O invariante no analisando, à medida que a análise progride mais o analista e o analisando atingem o estado em que ambos contemplam o mínimo comum irreduzível que é o paciente, ou seja, através de F é possível ter acesso ao "homem último".

Ao longo do seu trabalho analítico, Bion foi ficando cada vez mais interessado na questão da verdade e, sobretudo, com o facto de determinados pacientes se oporem aos fundamentos da psicanálise através de ataques à associação livre. Assim, encontramos o paciente que mente e que falseia deliberadamente a associação e, o paciente psicótico que impede inconscientemente a produção de qualquer associação.

Da mesma forma que tinha postulado a existência de uma parte não-psicótica e de uma parte psicótica da personalidade, Bion também deduz a existência de enunciados falsos e enunciados mentirosos no paciente que mente. A principal diferença entre estes dois enunciados é que o primeiro demonstra a incapacidade de o paciente perceber a verdade, enquanto o segundo, se refere a uma mentira elaborada por um paciente que percebe a verdade.

4.4.2 - O Grupo e o Místico

O livro "Atenção e Interpretação" pode ser dividido em duas partes: a primeira dedicada às advertências técnicas que o psicanalista precisa ter em conta para desenvolver eficazmente o seu trabalho (sem memória, desejo e compreensão) e, uma segunda parte dedicada ao grupo e ao místico.

O grupo necessita de preservar a sua coerência e identidade, esforços que se manifestam nas convenções, leis, cultura e linguagem mas, para isso necessita de um indivíduo extraordinário. Este "indivíduo extraordinário" pode ser descrito como messias, génio ou místico e, Bion prefere chamar-lhe "místico". O místico declara-se revolucionário ou proclama a sua função de cumprir leis, convenções e o destino do grupo, sem o qual ele não pode existir; ao mesmo tempo, ele não pode ser genial se não questionar e, até mesmo destruir as leis do grupo e, conseqüentemente, ameaçar a sua coesão.

Bion concebe a relação entre a ideia messiânica e o místico e, a relação do místico com o grupo a partir de um continente e de um conteúdo, que se enquadra sempre numa das seguintes categorias: comensal, simbiótica e parasitária. Por comensal, entende-se a relação de dois objectos e de um terceiro com proveito para os três; por simbiótica, entende-se uma relação em que um depende do outro com proveito mútuo; por parasitária entende-se uma relação em que um depende do outro para suscitar um terceiro, destrutivo a todos. Por analogia, também as relações do grupo com o místico se enquadram dentro destas três categorias, donde resulta o seguinte: na vinculação comensal, ambos os lados coexistem e o desenvolvimento de um integra o do outro; na vinculação simbiótica o grupo tanto é capaz de hostilidade quanto de benevolência e submete a contribuição do místico a vigilância rigorosa, assim, tanto o grupo como o místico podem crescer; na relação parasitária, a benevolência é fatal, aquilo que importa é destruir o místico ou as ideias místicas mas, se fracassa, incumbe-lhe "estabelecer" a verdade dele ou delas.

Os místicos aparecem em qualquer religião, ciência, tempo ou lugar, são indivíduos que "contêm" a "ideia messiânica" ou vice-versa. O místico implica contacto directo ou estar "sendo tornado" Deus, atributo que não é acessível a qualquer outro membro do grupo. O Estabelecimento pronuncia-se dogmaticamente, promulga leis e normas, de maneira que as habilitações do místico se estendam a tornar Deus ou verdade e realidade últimas se estendam aos membros comuns. O Estabelecimento falha quando permite que se estabeleça o vínculo parasitário entre o místico e o grupo, assim, esvazia-se a vida do místico ou da ideia messiânica ou a sociedade se desagrega.

Finalmente, no último capítulo deste livro, Bion retoma a questão da "mudança catastrófica", à qual tinha dedicado um artigo em 1966. Fazendo referência, sobretudo, à análise de psicóticos, diz que a mudança tem que ser necessariamente catastrófica. Mais, uma vez faz advertências ao psicanalista: não deve evitar a crise mas sim controlá-la, caso contrário, corre-se o risco de que o paciente se encontre num estado de "terror sem nome" e, aquilo que deveria permanecer na esfera do pensamento torna-se apenas uma sequência de acções e reacções. Mas, para que o psicanalista consiga controlar a crise é necessário que possua uma "capacidade negativa", que permite ao homem permanecer na incerteza, no mistério e na dúvida, sem se irritar de modo algum na procura de factos ou razões. (esta ideia é retirada de Keats).

5 - O ÚLTIMO PERÍODO

Se até aqui foi possível distinguir a obra de Bion nos períodos grupal, psicótico e epistemológico, neste último período isso não é possível já que todos os temas se justapõem, interpenetram e renovam. No entanto, há três sub-períodos que é importante referir: os relatos de discussões e conferências; a fantasia literária protagonizada pela trilogia "A Memoir of the Future" e, por fim, a sua autobiografia.

Tendo sido convidado a ir a Los Angeles em 1968, onde residiu durante alguns anos, foi a partir dessa altura que começou a deslocar à Argentina e ao Brasil para uma série de conferências e para fazer supervisões, a que preferiu chamar seminários clínicos. Da sua ida a Argentina resultou a elaboração do livro "Introdução às Ideias de Bion" coordenado por Leon Grinberg que foi também quem convidou Bion a ir a este país. Por sua vez, da sua ida ao Brasil resultaram as "Conferências Brasileiras", como forma de registar a sua passagem pelas Sociedades Psicanalíticas do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília.

Para terminar este resumo da estada de Bion no continente americano, resta dizer que James L. Grotstein editou um memorial dedicado ao seu psicanalista e supervisor para comemorar o seu 80º aniversário, "Do I Dare Disturb the Universe? A Memorial to W.R.Bion".

Nas suas conferências e discussões parecia que Bion tinha pouca coisa nova para dizer para além daquilo que já tinha escrito e, dessa forma, a análise dessas conferências deve ser feita aquém e além da sua intenção explícita.

Assim, aquilo que ressalta nas conferências era a forma como se dirigia às suas audiências, imprevisível e, por vezes provocador, adoptou o método de inicialmente distribuir alguns tópicos que suscitariam o motivo para as discussões subsequentes, demonstrando sempre um enorme respeito pelos seus questionadores e pelas dúvidas e equívocos que apresentavam.

Por esta altura dois assuntos de que já tinha falado voltaram a interessá-lo: a tabela e a caesura. Escreveu dois artigos sobre esses assuntos, que serão apresentados de seguida.

5.1 - TWO PAPERS: THE GRID AND CAESURA (1977)

Este livro foi publicado em 1977 pela Imago Editora do Rio de Janeiro mas é constituído por dois artigos que tinham sido publicados inicialmente em 1964, a seguir à publicação de "Elements in Psychoanalysis".

5.2 - THE GRID (1971)

Este texto parece ser uma tentativa de Bion para tornar mais clara elaboração da tabela e a sua utilização, começando por dizer o mesmo que já tinha dito na introdução de "Elements in Psychoanalysis": "A tabela é um instrumento para o uso de psicanalistas praticantes. Não é suposto ser usada durante a sessão de trabalho." (p.3) e, pode servir para "...providenciar uma pequena escalada mental na qual o psicanalista pode exercitar os seus músculos mentais." (p.31)

Bion mostra de forma bem clara que este instrumento por si desenvolvido é para funcionar como mais um elemento do qual o psicanalista se pode servir para compreender melhor o seu trabalho e, não um simples "brinquedo" que possa ser utilizado por toda a gente.

Nas páginas seguintes vamos encontrar uma descrição detalhada da tabela em termos de colunas e linhas, sendo o eixo vertical indicador do estado de desenvolvimento e, o eixo horizontal é suposto indicar o uso que foi dado ao que foi dito. Estes dois eixos em conjunto indicam a categoria implicando uma determinada quantidade de informação compreensiva sobre aquilo que o paciente disse.

As duas primeiras linhas da tabela são referentes aos elementos Beta e Alfa, nenhum dos quais é rela ou observável. A linha C é para ser usada em categorias de pensamentos que muitas vezes podem ser expressos em termos de sentidos, normalmente, imagens como as que aparecem em sonhos, mitos, narrativas e alucinações; Bion acrescenta que é muito provável que, devido ao acumular da experiência psicanalítica, haja necessidade de que esta categoria seja alargada.

Bion nada explica acerca das colunas D e E, apenas referindo que as suas categorizações se irão tornando claras à medida que se for lendo o artigo.

Em relação à linha F, diz que é suposto que represente uma categoria para afirmações, formulações que já existem, o que pode incluir teorias psicanalíticas, teorias científicas mas não psicanalíticas, as chamadas leis da natureza e outros constructos já aceites por várias disciplinas como sendo, pelo menos temporariamente, aceitáveis como tentativas genuínas para formular observações científicas.

Em relação às linhas G e H, Bion refere que ambas dificilmente podem ter uma aproximação na realidade. Na linha G supõe-se que espere o desenvolvimento de sistemas dedutivos psicanalíticos e, na linha H o equivalente de sistemas algébricos. É desejável que estes desenvolvimentos não aconteçam prematuramente já que podem ser um obstáculo para o progresso da pós-maturidade.

No que se refere ao eixo horizontal, é suposto que siga o mesmo esquema que o eixo vertical.

A primeira coluna é para as hipóteses definitórias, que tanto podem ser primitivas como sofisticadas, dependendo da linha a que estão associadas. É interessante verificar

que essas hipóteses pressupõem sempre um elemento negativo, ou seja, se uma hipótese é sobre um determinado assunto, é sobre esse assunto e não sobre qualquer outro.

A coluna 2 assemelha-se à linha C na medida em que requer uma extensão numa "tabela" própria. Trata-se de uma coluna que serve uma série de categorias de declarações falsas palpáveis, de preferência reconhecidas tanto pelo analista como pelo analisando como sendo falsas. Este aspecto da falsidade coloca ao analista uma questão difícil que diz respeito à distinção entre uma declaração falsa e uma declaração mentirosa., sendo que o primeiro está relacionado com a ineducação do ser humano, analista ou analisando, que não se podem sentir confiantes nas suas capacidades para chegarem à "verdade", enquanto que no segundo caso, o mentiroso tem que ter certeza do seu conhecimento da verdade de forma a assegurar-se de que não diz a verdade por acidente. (p. 5)

A coluna 3 aproxima-se da ideia de Freud de memória e notação que desenvolve no artigo 'Two Principles of the Mental Functioning'. Por sua vez, a coluna 4 tem um significado próximo da atenção (flutuação livre), enquanto o significado da coluna 5 tem mais a ver com a atenção dirigida a um objecto particular.

Estas três colunas (3,4 e 5) podem ser vistas como um espectro de atenção derivado da memória e desejo para flutuar, atenção geral para uma particularidade mais extrema. (p.6)

A coluna 6 serve para categorizar pensamentos que estão estreitamente relacionados ou são transformações em acção. Para Bion, esta coluna, juntamente, com a coluna 2 e a linha C, demonstra as dificuldades inerentes à tentativa de desenvolver um instrumento que possa ser usado pelo psicanalista para clarificar os seus pensamentos acerca dos seus problemas psicanalíticos.

A primeira dificuldade que Bion identifica e que precisa ser esclarecida, prende-se com a necessidade de saber qual a relação entre a coluna 6 e a linha A (elementos Beta). A intenção é a de incluir uma categoria que de forma nenhuma pode ser um pensamento. A coluna 6 tem como objectivo qualquer coisa que, por contraste, é pensamento, mesmo que o pensamento aparente e instantaneamente seja transformado em acção ou, para ter em conta a formulação de Keats de 'capacidade negativa': "acção que é usada como um prelúdio de pensamento".

Bion refere que o psicanalista deve possuir a sua própria bateria de elementos dos sentidos da categoria C, como mitos, imagens e narrativas, entre os quais se incluem os seguintes:

- **O Mito de Édipo** - neste mito, além dos personagens já postos em evidência por Freud (o velho Rei, a rainha Jocasta e Édipo), Bion dá ainda particular importância ao papel desempenhado por Tirésias e pela Esfinge;

- **O Cemitério Real de Ur** - cerca de 3500 a.C., em Ur, Cidade de Abraham, os notáveis da corte do monarca foram em procissão até ao cemitério, onde tomaram uma droga em pequenos cálices e, juntaram-se ao seu Rei, que tinha morrido. A santificação desse lugar tornou-se desejável para aqueles que o viam como um local de descanso com

propriedades mágicas para a sua própria morte. Assim, o local santificado, juntamente com a santidade que o tornou desejável, veio a perder as suas virtudes ao longo do tempo à medida que se foi vulgarizando, demasiado cheio para mais funerais e, finalmente, adquirindo a sua utilização normal.

Cerca de 500 anos depois, esse túmulo foi assaltado por saqueadores que se tornaram bastante activos durante a **Terceira Dinastia**, apesar do perigo de se poder encontrar os espíritos da Morte. Enquanto o cortejo fúnebre demonstrou o poder da Religião, dos Rituais, da Magia e das Drogas, os saqueadores demonstraram o poder dos ganhos.

A reconstrução que foi feita destes dois acontecimentos constitui uma transformação da informação arqueológica da expedição para formar a contrapartida verbal de duas imagens visuais: o cortejo fúnebre e o saqueamento. Para Bion estes dois acontecimentos representam o domínio em que é normal a psicanálise operar. Desta forma, as suas imagens visuais que são extraídas da transformação impõem um grau de rigidez e imobilidade nos elementos que compõem as figuras, ou seja, os factos a que se dá atenção são aqueles que introduzem ordem na complexidade. Neste caso particular, aquilo que Bion fez para que pudesse existir ordem foi introduzir a diferença de 500 anos, estabelecendo a existência de duas categorias que tornaram os elementos significativos.

Nos dois acontecimentos relatados existe uma questão comum: qual terá sido a força que levou as pessoas a agirem, sabendo que os seus actos as levariam à morte? Terá sido a ignorância, no primeiro caso e, a curiosidade, no segundo caso? Ou terá sido simplesmente a religião e o amor pelo ganho?

Estas questões só se tornam significantes se se atribuir hostilidade à deidade tendo em conta a Árvore do Conhecimento do **Jardim do Eden** e, sendo expressa pela confusão de Línguas no mito da construção da **Torre de Babel**.

Mais adiante, Bion junta o mito da **Morte de Palinurus** as estas cinco histórias.

Este mito fornece ao psicanalista um modelo a partir do qual pode formular uma 'construção'. A natureza simétrica da história torna possível que qualquer elemento possa ser o vértice, sem que haja alteração no valor da função, pondo em evidência que certos elementos estão constantemente conjugados

De acordo com Bion, estas cinco histórias constituem uma galeria de imagens visuais que, juntamente com modelos, providenciam quase todos os aspectos das situações emocionais no domínio em que as teorias e a prática psicanalítica se intersectam. Na prática psicanalítica, Bion estava convencido de que a experiência emocional podia ser discernida como uma mudança constante do padrão da experiência emocional, assim, se o psicanalista desenvolver a sua capacidade para intuir essas experiências ele pode tornar-se consciente de que existem certas experiências que estão constantemente conjugadas e que essas conjunções constantes são elas próprias vividas como conjunções repetidas. Estas conjunções constantes tornam-se manifestas ao psicanalista após um período de tempo como uma mudança no caleidoscópio dos sentidos; a mudança dos sentidos apresentam uma semelhança com os elementos da categoria C que se encontram entre os seus modelos. (p.11)

Mas, a formação da bateria de elementos da categoria C que é própria de cada psicanalista não é estabelecida a partir das sessões psicanalíticas mas, pode estar geneticamente relacionada com as sessões de trabalho. Uma vez formada essa bateria não importa como nem quantas vezes ela é reformada e que lhe permitem libertar-se da memória e do desejo e, em breve da tendência para compreender.

Mesmo no final deste artigo vamos encontrar uma espécie de defesa da tabela nos seguintes termos: "A função do Establishment, Científico e Religioso, é a de proteger o místico da destruição e a de proteger o grupo dos efeitos disruptivos do místico. A Tabela, como um esquema primitivo de interruptores e fios eléctricos, é suposta ajudar a preservar a psicanálise de ser destruída "na sua infância" e, o grupo, que teve o azar de albergar tão enérgica criança, da desintegração como resultado do vigor incontrolado e indirecto da criança. Como se essa forma de lidar com a criança pudesse impressionar o seu meio tanto com o seu poder como com o seu desamparo."

5.3 - CAESURA (1975)

Este termo é utilizado por Bion para se referir à continuidade que existe entre a vida pré-natal e pós-natal e, inspira-se no artigo que Freud escreveu em 1926, "Inibição, Sintoma e Angústia", onde diz o seguinte: "A vida intra-uterina e a primeira infância apresentam uma continuidade muito maior do que a impressionante caesura do acto do nascimento nos permite supor.". Lamentando o facto de Freud não ter investigado melhor aquilo a que se referia nesta frase, Bion parte do princípio de que seria impressionante o facto de que deveria haver alguma coisa espiritual, ou uma vida psíquica intra-uterina, apoiando as suas convicções em estudos de embriologistas que encontraram no corpo adulto vestígios de órgãos sensoriais e fisiológicos do feto.

Este texto de Bion faz parte de uma série de artigos em que dá particular importância à questão do "desamparo mental" do recém-nascido e que é descrito como sendo um estado de angústia provocado pelo corte biológico do cordão umbilical, que é seguido pela condição humana de neotenia, pela qual a criança, durante um longo tempo vai depender orgânica e psiquicamente de outras pessoas. No entanto, Bion pega nesta ideia de Freud de forma diferente, pondo em destaque a onipotência mental do bebé que lhe permite libertar-se completamente da dependência da mãe.

Além desta referência de Freud, na escrita do texto sobre a caesura, Bion utiliza ainda uma série de outras referências que indica logo no início, entre as quais se salientam autores como M. Buber, *I and Thou*, V. C. Walsh, Preface to *Introduction to Contemporary Microeconomics* e, S. João da Cruz, *Ascensão ao Monte Carmelo*. Todas estas referências foram feitas a partir de vértices de diferentes disciplinas, em diferentes tempos e em diferentes línguas e delimitam o universo no qual o discurso deste texto foi confinado.

Uma das principais ideias que este texto de Bion apresenta é de que durante a sessão analítica existem sentimentos que são expressos pelo analisando e para os quais o analista não encontra um conceito. A este facto Bion chama intuição "cega" já que existe alguma coisa que cega o analista perante sentimentos que não são claramente apresentados ao aparelho óptico. Isto constitui um problema sério para o analista principiante, uma vez que proferir uma interpretação significa que o analista tem de ser capaz de verbalizar uma afirmação dos seus sentidos, das suas intuições e das suas reacções primitivas àquilo que o paciente diz, por este motivo, o papel do analista envolve o uso de ideias transitivas ou ideias em trânsito (p.44). Assim, o analista enfrenta sérias dificuldades em tentar perceber o que se passa com o analisando quando este se deita no divã e, uma vez que a análise acontece no tempo, a tendência é a de acreditar que quando o paciente fala, ele descreve um estado de espírito que também está "ordenado" no tempo; o paciente e o analista são levados a pensar em qualquer coisa que aconteceu no passado. Isto obscurece o facto de que eles existem no presente e não podem fazer nada acerca do passado, é um engano sério pensar que se está a lidar com o passado.

Por exemplo, não se pode voltar à infância uma vez que é no presente que é preciso ter um método de formulação que permita penetrar a barreira entre o presente e o passado. Este problema é análogo à caesura do nascimento, ou seja, a necessidade de penetrar naquilo que é reconhecido como um acontecimento dramático e, a questão que se coloca é saber se existe algum método de comunicação suficientemente "penetrante" que permita passar essa caesura e ir do consciente pós-natal até ao pré-mental onde pensamentos e ideias têm a sua contraparte em "tempos" ou "níveis" da mente onde não são pensamentos nem ideias.

6. - A TRILOGIA FANTÁSTICA

Esta trilogia, *Memoir of the Future*, é uma auto-análise ou auto-exploração na linha de, por exemplo, a *Tempestade* de Shakespeare ou *Samson Agonistes* de Milton. A "memória" da sua vida passada, ou mente, é revista no presente, através dum grupo de vozes ou personagens internos que, simultaneamente, prevêm a significância do seu "self" para o futuro. Bion parece ter escolhido uma forma ficcional ("science fiction" como ele sugere) porque a sua flexibilidade permite uma mais ousada resposta à verdade.

6.1 - O SONHO

Neste primeiro livro da trilogia, Bion duplica-se em A(utor) e Q(uestionador), que mantêm um diálogo sobre a obra, e, adopta sucessivamente o ponto de vista do criador e do leitor. Permite-se transtornar o leitor desde o início ao dizer que se trata de uma nova psicanálise, um negócio estranho que impõe um sacrifício de tempo e de dinheiro sem questionamento prévio.

Neste livro o anteprológo corresponde simetricamente ao pós-epílogo, onde A e Q se encontram novamente para dialogar sobre o resultado da leitura. Bion adiantou-se ao leitor que gostaria de conhecer o final sem ter lido o livro. Remete-o a uma leitura indo de alfa a omega. Fustiga ironicamente a preguiça do leitor, recordando-lhe que se trata de um livro que é o resultado de uma vida inteira de trabalho intelectual.

Ao longo do livro Bion, por vezes torna-se o psicanalista que é para dar algumas explicações ao leitor, tal como o estar cansado de que as suas noites sejam tão cheias como os seus dias, tão desordenadas quanto os seus dias são planeados. Mostra ao leitor que deve usar a perspectiva reversível na sua leitura, bastando para isso utilizar dois vértices separados e distintos. Tendo em conta as transformações, Bion considera o caso em que os dois vértices estão separados mas coincidem. É como se um dos pontos de vista precipitasse o encontro com o outro.

O Sonho apoia-se no seguinte paradoxo: podemos ter a certeza de que os personagens imaginários não existem mas, nem por isso deixam de viver entre nós. O livro foi criado de forma a que um zoológico possa acolher espécies fictícias indispensáveis à sobrevivência da humanidade. Todos os personagens do livro tentam reelaborar as mudanças catastróficas vividas pelo autor, já que a sua vida e prática dizem respeito à humanidade inteira.

Quanto à estrutura deste livro é um pouco complicada de ser entendida pelo leitor já que não se sabe em que capítulo começa; os capítulos são indicados pelo número da página. Além disso, a narrativa confunde o leitor ao ponto de este não mais quem é quem e quem faz o quê. Mas esta estrutura muda a partir do momento em que se torna "Science Fiction".

Por fim, o livro é interrompido por um diálogo, tal como tinha começado, em que Alice assinala ao autor que todos eles parecem ter voltado ao ponto de partida. A circularidade do argumento é causada pela impossibilidade de escapar à palavra, quando se trata de musculatura, sensorialidade, afectividade e acção.

Em resumo, este primeiro livro da trilogia, tem o mérito de fazer perceber que existe em psicanálise um efeito semelhante ao que foi observado por Heisenberg na física: a observação modifica a coisa observada. Já que se trata apenas de uma analogia, deveria ser possível recorrer a um "como se". O indivíduo poderia ser assimilado a um grupo e representado por uma framatização entre o seu eu, os seus objectos internos e os pensamentos sem pensador.

6.2 - O PASSADO PRESENTE

A estrutura do segundo volume da trilogia é idêntica à do primeiro volume: cada capítulo recebe como título apenas o número da página onde começa. Mas, agora os capítulos alongam-se consideravelmente, o que torna a estrutura do conjunto mais homogénea. Além disso, deixa de existir uma narrativa romanceada para passar a existir apenas "diálogos" com vários personagens.

Ao longo do livro, os personagens vão evoluindo numa situação de análise: as suas associações cruzadas fazem emergir algo do inconsciente. Bion esforça-se para relater experiências extraordinárias. Inclui, para isso, os sonhos no pensamento.

Quando iniciou a escrita desta trilogia, Bion tinha como modelos literários Virgílio, Dante e Milton. Mas, a composição dos três volumes evoca, sobretudo, a Divina Comédia. Assim, o segundo volume pode ser visto como o purgatório, que oscila entre as duas posições kleinianas, após o inferno esquizo-paranóide do primeiro volume. Os personagens vão purgar uma pena pelo autor culpado de ter sobrevivido. A perspectiva reversível funciona novamente e, os empregados tomam o lugar dos patrões.

6.3 - O PASSADO ESQUECIDO

O terceiro volume da trilogia trata-se de uma "comunicação de puro nonsense", ou seja, uma comunicação que não teria sofrido a contaminação do sentido. Os dois volumes anteriores foram escritos entre a ciência e a ficção, apresentando a memória a partir de uma nebulosa onírica. O terceiro volume realiza a ambição contida no título do conjunto: visa a um tipo de reconstrução que se abre para o futuro.

Bion tentou dramatizar através dos seus personagens os seus esforços para disciplinar os seus pensamentos e emoções de forma artística. Nesse sentido, o passado evocado encerra mudanças passíveis de levar à catástrofe. As trocas verbais e os solilóquios esforçaram-se por conter esteticamente os antigos procedimentos. O autor

decidiu voltar à mudança primordial: a que obriga o ser humano a viver fora da matriz-mãe. Mas os pensamentos pré-existiam ao pensador e a história dos seus pensamentos tinha começado antes do nascimento físico.

Os personagens da trilogia só existem falando; este carácter fundamental permite abordar os problemas da comunicação verbal. A precisão aparente do discurso científico ou social dissimula a sua ambiguidade.

Neste volume Bion reactivou a circularidade do primeiro volume; desqualificava, novamente, as noções de início e fim, enquadrando a obra com um antepólogo e um pós-epílogo.

7 - A AUTOBIOGRAFIA

Os dois livros autobiográficos de Bion foram publicados postumamente e, o segundo desses livros não chegou a ser terminado devido à sua morte.

O primeiro livro, "The Long Weekend", está dividido em três partes: a sua infância na Índia, a ida para o colégio em Inglaterra e a participação na primeira guerra mundial. Ao longo de todo este livro relata as difíceis etapas por que passou, desde que deixou a família quando saiu da Índia aos 8 anos de idade, até à sua permanência no colégio e as situações por que passou na guerra.

O segundo volume, *All My Sins Remembered*, incide sobre a sua ida para Oxford logo a seguir à primeira guerra mundial e o seu percurso até voltar para outra guerra, a segunda guerra mundial. Ao longo deste livro relata as suas três análises (com o Dr. FiP, com John Rickman e com Melanie Klein). Termina falando das suas dificuldades na relação com a filha do primeiro casamento e, que ele atribuía à sua grande crueldade.

A sua esposa, Francesca Bion, considerou no entanto, que essa era uma imagem errada que Bion dava de si próprio e, por isso, resolveu incluir no segundo volume, cartas de família dirigidas a si própria e aos três filhos. Dessa forma foi possível mostrar "o outro lado do génio".

SEGUNDA PARTE

1 - OS MODELOS

Na elaboração dos seus escritos, Bion faz muitas referências a vários autores de várias áreas, desde a filosofia e a poesia, até à matemática e à química e passando também pelos místicos. As referências que utiliza são, normalmente, conceitos ou ideias que lhe permitem expressar de forma mais clara aquilo a que se refere escreve sobre as suas próprias ideias e teorias.

Pela quantidade de referências que surgem ao longo dos seus livros, podemos ter a certeza de que nos encontramos perante uma personalidade pouco comum, que para além da sua originalidade, possui uma cultura extraordinária alicerçada em fontes tão diversas como teólogos, filósofos, escritores, matemáticos, místicos, etc e, que será o tema em estudo na segunda parte deste trabalho.

Para elaborar o estudo dessas fontes a que Bion faz referência, parece-me que a melhor será a de analisar os modelos propostos pelo próprio autor na Primeira Conferência Brasileira, onde depois de contar a lenda dos túmulos de Ur diz o seguinte: "Esta reconstrução primitiva que nem é histórica nem arqueológica, poderia se categorizada a partir do vértice religioso, estético e científico." (1973, p. 13/14)

Mas, antes de passar à análise dos modelos propostos por Bion, parece-me importante fazer referência a três conceitos que são fundamentais para que se possa perceber de que forma se pode passar de um modelo ao outro sem que se deixe de falar psicanaliticamente e, esses três conceitos são: o modelo, o vértice e o símbolo.

1.1 - O MODELO

O sentido original da palavra "modelo" é o de paradeigma, que exprime o que se deve copiar, ou que se impõe necessariamente, no mesmo título que o molde ou a matriz impõem à matéria uma forma predeterminada. Para Platão, o Demiurgo realizou o mundo moldando-o conforme ao modelo (paradeigma) único, completo e imutável. Este sentido substituiu até aos nossos dias e, constitui aquilo que se chama um modelo concreto. Em oposição surgiu a concepção de modelo abstracto.

Em contraste com a teoria, que é considerada como um instrumento de explicação dos fenómenos que deve ser apto para responder, se está correctamente construído, a múltiplas questões relativas a sistemas concretos diversos, o modelo é visto com frequência como restringido a objectivos limitados e bem determinados.

É no livro "Aprendendo com a Experiência" (1962) que Bion faz considerações sobre o modelo, onde no capítulo XXI diz o seguinte: "O uso de um modelo é eficaz por devolver o sentido de concreto a uma investigação que pode ter perdido contacto com o seu background da abstracção e dos sistemas dedutivos teóricos a ela associados (...) O defeito do modelo como instrumento reforça a necessidade de produzir abstracções." (p. 95)

Bion define modelo como uma construção em que se combinam imagens concretas entre si, por sua vez os vínculos entre as imagens concretas produzem, por vezes, o efeito de uma narração que implica que alguns elementos dessa narração sejam causa de outros. O modelo é construído com elementos do passado do indivíduo e, no contexto da experiência emocional, realça os elementos reais e as imagens visuais, dando pouca importância à forma como estão unidos.

Como contrapartida do modelo vamos encontrar a abstracção, sendo esta construída por pré-concepções do futuro do indivíduo. A sua semelhança com o modelo reside no facto de ter origem numa experiência emocional e de poder ser aplicada a outra experiência emocional; a sua diferença acenta na falta de capacidade para ser aplicado que se obtém pela perda de imagens concretas particulares. Na abstracção os elementos não estão combinados por uma narração mas sim por um método que tem como objectivo revelar melhor a relação do que os próprios objectos relacionados.

Nesta relação entre modelo e abstracção, Bion diz-nos que o modelo é um instrumento para pensar e que não deve ser concretizado até às últimas consequências. Assim, no processo que é pensar cientificamente, a seguir à utilização do modelo deve surgir uma realização que corresponda à intuição e à abstracção. Como Bion refere várias vezes, o modelo deve ser abandonado depois de ajudar a intuir o que é necessário. Caso o modelo não seja abandonado corre-se o risco de psicotizar, já que a realização pode ser confundida com a concretização.

No livro "Elementos de Psicanálise", mais precisamente no capítulo XIX, Bion mostra-nos as vantagens da utilização dos modelos para favorecer a compreensão dos processos de "pensar" e de "sentir". Nesse caso serve-se dos modelos extraídos da biologia, como o do aparelho digestivo (a introjecção, a absorção e a expulsão dos elementos psicanalíticos) e do modelo do aparelho respiratório (como no modelo da asma bronquica) e, o modelo auditivo e visual. Tendo como base estes modelos, Bion sugeriu que a mente (o aparelho para pensar) se constrói no modelo do aparelho gastrointestinal, ou seja, há o pressuposto na criança de que tudo segue uma linearidade temporal e espacial, tal como um alimento começa na boca e termina expulso pela ânus.

No capítulo seguinte do mesmo livro, Bion volta ao assunto dos modelos e da abstracção quando fala do eixo genético. Diz que o crescimento deste eixo está dependente de quatro factores: a psicodinâmica, de saturações consecutivas, de ímpetos emocionais e da alternância entre a particularização e a generalização, ou seja, entre a concretização e a abstracção. (p.96) Mais à frente diz o seguinte: "A generalização (ou abstracção) reconhece-se como um processo restrito para saturar o elemento não-saturado, de maneira a consolidar a sua aquisição. (...) A situação dinâmica de abstrair selectivamente da realização os elementos que a abstracção, a generalização ou ainda mais

abstractamente, o cálculo algébrico, encara-se como unir a pré-concepção à realização para formar a concepção e, assim, a reformulação: a reformulação é dar nome à constelação total da pré-concepção e concepção para impedir que se perca a experiência por disseminação ou dissolução dos componentes." (p.97)

Assim, a principal vantagem do modelo é a de ser mais flexível do que uma teoria, representando uma ponte entre as abstracções e a prática clínica; por outro lado, a principal desvantagem é que a sua utilização exagerada pode saturar a mente e prejudicar a observação, de forma que o meio se torna o fim.

A questão dos modelos é melhor esclarecida através do próprio Bion numa Conferência proferida em Buenos Aires em 1968, onde diz o seguinte: "Agora queria começar a referir-me aos modelos. São apenas histórias imaginárias idealizadas com o propósito de que exerçam uma porção de efeitos psicológicos sobre nós, no sentido de nos ajudar a ter uma ideia sobre uma teoria, uma ideia mais abstracta, porém, que não obstante, se mantém a uma distância reconhecida com respeito ao que podemos enfrentar num consultório." (citado por Zimerman, 1995, p.34)

Ao longo de toda a sua obra, Bion utiliza modelos biológicos, místicos, matemáticos e muitos outros sob a forma de histórias, de metáforas, de equações, etc, sendo seu modelo mais conhecido o modelo do continente/conteúdo. Trata-se do modelo que melhor sintetiza a ideologia psicanalítica de Bion, alicerçada nos vínculos (com as respectivas identificações projectivas e introjectivas) que se processam entre o bebé e a mãe ou, na situação analítica, entre o analisando e o analista.

1.2 - O VÉRTICE

O uso dos modelos não pode dissociado da concepção de "vértice", tendo em conta que a sua finalidade é a de possibilitar uma dimensão abstracta dos fenómenos psíquicos, através de uma determinada perspectiva de visualização concreta.

Para Bion o termo "vértice" designa o ponto de vista, um ângulo ou uma perspectiva, a partir dos quais tanto o analisando como o analista observam e comunicam uma determinada experiência analítica, a qual, por isso mesmo, pode ser sentida e descrita de muitas maneiras. Bion preferiu usar este termo em detrimento de outros, porque lhe possibilitava criar uma dimensão além do sensorial. Quando muda o vértice, também muda a configuração do processo, embora permaneçam os mesmos elementos.

Assim, existem diferentes vértices a partir dos quais uma observação pode ser feita (como por exemplo, o vértice político, o vértice institucional, o vértice egoísta, etc.) mas Bion ocupou-se apenas do vértice psicanalítico e da sua descrição. Este vértice exerce a sua observação através da função psicanalítica, um eixo vectorial onde encontramos as dimensões dos sentidos, dos mitos e das paixões. (Bion, 1962, p.22)

É importante que, sobretudo entre psicanalistas, seja esclarecido o vértice a partir do qual cada um está a operar de forma a que haja um maior esclarecimento que permita o desenvolvimento e crescimento das ideias e do saber. Quando isso não acontece somos remetidos para uma confusão semelhante à do mito da Torre de Babel e não há lugar para o crescimento .

Como exemplo de como um mesmo facto pode ser concebido através de vários modelos (científico, estético ou religioso), dependendo do vértice, vale a pena transcrever uma frase de Bion "Pelo vértice científico, o tempo é medido por unidades armstrong ou anos-luz, utilizando uma escala de tempo estético, poderíamos citar o ver "o tempo, como uma corrente incessante, carrega para longe todos os seus filhos". Uma escala do tempo religioso está nessa citação dos Salmos: "de eternidade-em-eternidade, tu és Deus". "(Bion, 1973, p.57)

1.3 - O SÍMBOLO

1.3.1 - Antes de Bion

Laplanche e Pontalis, no Vocabulário de Psicanálise distinguem entre simbolismo no sentido lato e simbolismo no sentido estrito. O primeiro diz respeito a um modo de representação indirecta e figurada de uma ideia, um conflito ou desejo inconsciente e, nesse sentido pode-se, em psicanálise, considerar simbólica qualquer formação substitutiva. O segundo diz respeito a um modo de representação que se distingue principalmente pela constância da relação entre o símbolo e o simbolizado inconsciente. Essa constância encontra-se tanto no mesmo indivíduo como em indivíduos diferentes e, também em diversas disciplinas.

No entanto, as questões ligadas ao símbolo e ao simbolizado são utilizadas de forma tão diversa que se torna difícil delimitar o seu uso e em distinguir as suas acepções.

De acordo com Umberto Eco (1994, Enc. Einaudi, p.143), as teorias existentes actualmente tendem a identificar a área do simbólico com a área daquilo que é definido como semiótico. Ou seja, considera-se simbólica a actividade pela qual o homem se dá conta da complexidade da experiência organizando-a em estruturas de conteúdo a que correspondem sistemas de expressão. Desta forma, o simbólico não só permite "nomear" a experiência como também organizá-la e, portanto, construí-la como tal, tornando-a pensável e comunicável.

Em Psicanálise a questão do símbolo foi desde o início fundamental para se tentar compreender a psicopatologia. E, ao contrário do que acontece noutras áreas, quase todos os autores são unânimes em considerar o símbolo como sinónimo duma falta: "há em todo o símbolo uma relação radical com o ausente, formulada pelo próprio símbolo, o qual,

ainda que parecendo formação substitutiva, não substitui nada, mas simboliza algo, ou melhor simboliza porque se dá a ausência de algo."(Amaral Dias, 1997, Comunicação à Sociedade Portuguesa de Psicanálise)

A ideia de que existe um simbolismo associado à vida psíquica pode ser encontrada na obra de Freud desde 1895, nos seus "Estudos Sobre a Histeria", onde distingue um determinismo associativo e um determinismo simbólico dos sintomas. Por exemplo, a paralisia de Elizabeth von R. é associada a diversos acontecimentos traumatizantes e simboliza certas características da situação moral da paciente. Assim, foi através do simbolismo que Freud descobriu que os sintomas histéricos tinham um significado, no sentido em que eram uma expressão simbólica de fantasias reprimidas.

Ao longo de todo o seu trabalho psicanalítico, uma das preocupações de Freud foi a de compreender o significado simbólico da comunicação dos pacientes, o que é posto em evidência, sobretudo na "Interpretação dos Sonhos" (1900). Neste texto vai fazer uma distinção entre aquilo a que chama "símbolos" e outras formas de representação indirecta. As características que atribui aos símbolos são as seguintes: são quase inteiramente universais, podem variar em certos aspectos em diferentes culturas, são dados e não formados e, derivam de um passado arcaico. No sonho, o símbolo é descrito como um "elemento mudo", no sentido em que os pacientes não são capazes de fazer associações em relação a eles e a interpretação tem de ser feita unicamente pelo analista.

Depois de Freud, foram vários os psicanalistas que se preocuparam com a questão da formação de símbolos. Entre os quais se destaca Ernest Jones, que em 1916 escreveu um artigo intitulado "The Theory of Symbolism", no qual faz uma distinção entre simbolismo inconsciente e outras formas de "representação indirecta e, entre simbolização e sublimação. Para Jones, os símbolos "surgem quando o afecto que investe a ideia simbolizada não se mostrou capaz, no que se refere ao símbolo, daquela modificação na qualidade que é denotada pelo termo sublimação." (citado por Segal, 1981, p.79). No fundo, para Jones, a capacidade de simbolização reside no facto de o objecto que foi abandonado devido a um conflito intrapsíquico e que foi reprimido, poder ser substituído por um símbolo.

Melanie Klein dá bastante importância a esse autor, utilizando muitas vezes a sua teoria como referência nas suas discussões sobre o assunto, no entanto, discorda de Jones no que diz respeito à relação entre a simbolização e a sublimação: por exemplo, tentou mostrar que o jogo (uma actividade sublimada) era uma expressão simbólica de ansiedades e desejos. Também no artigo de 1923 "Early Analysis", Klein conclui que o simbolismo é a base de toda a sublimação e todo o talento, uma vez que é através da equação simbólica (diferente da noção de "equação simbólica" proposta por Hanna Segal) que as coisas, actividades e interesses se tornam o objecto das fantasias libidinais e, é também a base das relações do sujeito com o mundo exterior e a realidade em geral. Para Klein o aparecimento dos símbolos está estritamente ligado à ansiedade sentida em consequência das fantasias sádicas que a criança dirige ao interior do corpo da mãe, que constituem a primeira relação com o mundo externo. Se a capacidade do ego para tolerar a ansiedade

for adequada, e a ansiedade for sentida em quantidade suficiente, então, há lugar a uma abundante formação de símbolos, assim como de fantasias.

Quando a ansiedade é demasiado intensa e a criança sente que destruiu o corpo da mãe, dá-se uma interrupção na produção de fantasias e na formação de símbolos. Melanie Klein recorre à análise do caso de Dick para ilustrar esta questão, referindo que nesse caso o simbolismo não se desenvolveu porque a criança achava que tinha destruído o corpo da sua mãe e que este se tinha tornada mau devido aos seus ataques agressivos. Como consequência são desenvolvidas defesas, que fazem com que a fantasia não possa existir, e a que seja impossível atribuir um carácter de representação simbólica a essas coisas. Klein concluiu, também, que se a simbolização não acontece, o desenvolvimento do ego também fica comprometido. (Klein, 1930,p.227)

Embora só em 1946, Klein tenha estabelecido a diferença entre a posição esquizo-paranóide e a posição depressiva, pode-se perceber já nestes artigos de 1923 e de 1930, que a capacidade de formar símbolos está relacionada com a passagem bem sucedida duma posição para a outra. De acordo com o modelo kleiniano, a criança que não suporta a ausência da mãe não consegue chegar à fase da simbolização, uma vez que não possui dentro de si o símbolo que lhe permite perceber que a mãe continua a ser mãe mesmo que não esteja presente o que, como já foi dito atrás, não permite que haja a passagem da posição esquizo-paranóide para a posição depressiva.

Hanna Segal foi outra psicanalista que deu uma grande contribuição para a compreensão da formação de símbolos na continuação dos trabalhos desenvolvidos por Klein. De acordo com esta autora, a formação de símbolos é "uma actividade do ego tentando lidar com as ansiedades mobilizadas pela sua relação com o objecto e é gerada primordialmente pelo medo dos objectos maus e o medo da perda ou inacessibilidade dos objectos bons."(Segal, 1982,p.81) Segundo a mesma autora e citando Morris (1938) a simbolização pode ser considerada como uma relação entre a coisa simbolizada, a coisa funcionando como símbolo e uma pessoa para a qual um representa; em termos psicológicos isso equivale a uma relação entre o ego, o objecto e o símbolo, desta forma, os problemas da formação de símbolos devem ser sempre examinados no contexto da relação do ego com os seus objectos. Se houver dificuldade na diferenciação entre o ego e o objecto, isso implica também uma dificuldade na diferenciação entre o símbolo e o objecto simbolizado, o que para H. Segal é a origem do pensamento concreto característico dos psicóticos.

A formação de símbolos parece ter início com as primeiras relações de objecto, sobretudo, no processo que envolve as primeiras projecções e introjecções existentes na posição esquizo-paranóide.

Os primeiros símbolos não são sentidos como tal ou como substitutos, mas sim como se fossem o próprio objecto. Por serem tão diferentes dos símbolos que se formam mais tarde, H. Segal propôs o termo "equação simbólica" para os designar. Este termo refere-se ao facto de que os substitutos dos objectos originais ou de partes do self, poderem ser utilizados livremente mas quase não se diferenciarem desse objecto e, serem tratados e sentidos como se fossem esse mesmo objecto. Como a diferenciação entre o

ego e o objecto é muito ténue, uma parte do ego é confundida com o objecto e, o símbolo é, por sua vez, confundido com o objecto simbolizado. Tal como acontece com os objectos originais, também a equação simbólica de objectos maus sofre, por parte do ego, a tentativa de aniquilação e, quando são equacionados objectos bons, há a tentativa de os manter.

A posição depressiva e, especialmente o facto de o bebé suportar a ambivalência amor/ódio em relação ao objecto amado e, a crescente diferenciação entre o ego e o objecto, vão funcionar como um estímulo para a formação de símbolos, que vão adquirir novas funções. Agora a utilização do símbolo vai ter como função o deslocamento da agressividade do objecto original, levando à diminuição da culpa e do medo da perda. Nesta fase o símbolo já não é equivalente ao objecto original porque a sua função é a de salvar esse objecto. Também no mundo interno vai haver a criação de símbolos com o objectivo de restaurar e possuir novamente esse objecto; uma vez que nesta fase o sentido da realidade é maior, esses símbolos são sentidos como produções do ego e, portanto, nunca são equações na sua totalidade. A capacidade de vivenciar a perda e, o desejo de recuperar o objecto, dão ao indivíduo a liberdade inconsciente do uso dos símbolos.

Também na formação dos símbolos pode ocorrer regressão quando se dá a passagem à posição depressiva, devido à grande intensidade das ansiedades. Assim, os símbolos que estavam a ser utilizados na sublimação voltam a ser equações simbólicas concretas; esta regressão é consequência da intensa identificação projectiva que leva a que o ego e o objecto se confundam novamente, assim como o símbolo e a coisa simbolizada.

A regressão tem como consequência a perturbação do processo de comunicação e deve-se a dois motivos: por um lado, porque a diferenciação entre o sujeito e o objecto é bloqueada e, por outro lado, porque os símbolos passam a ser sentidos de forma concreta e deixam de poder ser utilizados para comunicar.

Para Segal, um dos aspectos mais importantes da posição depressiva é não só a capacidade de simbolização que permite a diminuição das ansiedades, como também o papel que tem na resolução de conflitos da fase esquizo-paranóide através da simbolização desses mesmos conflitos. Dessa forma, as equações simbólicas concretas que existiam antes podem ser, progressivamente, integradas.

1.3.2 - A Perspectiva de Bion

Tal como para os autores atrás referidos, também para Bion, a formação de símbolos está directamente relacionada com a ausência do objecto e com a capacidade de o bebé lidar com o objecto nessa situação. Além disso, a capacidade de simbolização está relacionada, também, com a comunicação afectiva, ilustrada pelos vínculos L, H e K.

Aqui surge uma diferença em relação aos seus antecessores porque, ao atribuir uma grande importância à função do conhecimento ao longo de toda a sua obra, Bion também a vai considerar fundamental na formação dos símbolos, uma vez que são os símbolos que levam a criança a atingir a condição de conceituar, generalizar e abstrair, o

que lhe possibilita a expansão da sua capacidade de pensar e de conhecer. Para Bion todos os novos conhecimentos implicam o reconhecimento de verdades e de factos pré-existentes e, é através dos símbolos que o todo pode ser reconhecido nas partes fragmentadas e dispersas, assim como possibilitam que, a partir do todo, se venha a descobrir as partes. Desta forma, o símbolo pode ser visto como a unidade perdida e refeita que, no entanto, não deve significar uma unidade de tipo regressiva (unidade simbiótica mãe-filho), mas sim uma unidade onde se dá o encontro de um mesmo com um diferente. Em psicanálise, simbolizar significa captar o sentido a um outro nível, sob um outro vértice. Portanto, a capacidade de simbolizar, está estritamente ligada à capacidade do ego para suportar perdas e substituí-las por símbolos, ou seja, depende da capacidade para tolerar a frustração. Por esse motivo, para compreendermos o papel da simbolização no desenvolvimento do pensamento, temos de partir da ideia de negatividade, inata ao sujeito.

O negativo aparece ilustrado na obra de Bion através da pré-concepção, referida pela primeira vez em "Uma Teoria do Pensar" (1961), Bion atribui ao bebé uma pré-concepção inata. Do ponto de vista psicanalítico, esse facto traduz-se na teoria de que o bebé tem uma disposição inata que corresponde a uma expectativa do seio ("pensamentos vazios" de Kant). Perante esta expectativa, existem duas soluções possíveis: a pré-concepção une-se à realização (o bebé é posto em contacto com o seio) e forma-se uma concepção ou, então, a pré-concepção une-se a uma frustração (a expectativa do seio associa-se a uma realização de não-seio disponível à satisfação) e produz-se um "pensamento". A capacidade de lidar com o objecto ausente e da consequente simbolização desse objecto, está dependente de vários factores, como por exemplo, a capacidade de tolerar a frustração, a eficácia da função alfa, a capacidade de reverie da mãe e a utilização da identificação projectiva normal. Quando todos estes factores se conjugam de forma eficaz, então, o objecto ausente (o não-seio) no interior torna-se um pensamento e desenvolve-se um aparelho para o pensar. Desta forma, a associação duma concepção com uma realização, positiva ou negativa, dá início a procedimentos necessários para aprender com a experiência.

O aparelho pré-conceptual que se forma quando a tolerância à frustração permite modificar a situação de falta, destina-se a lidar com pensamentos no sentido amplo do termo, ou seja, inclui todos os objectos que foram descritos como concepções, pensamentos, pensamentos oníricos, elementos alfa e elementos beta. Tal como a função alfa tem por objectivo modificar e trabalhar os dados sensoriais para que possam ficar disponíveis para os pensamentos oníricos, o objectivo do aparelho pré-conceptual é o de trabalhar os pensamentos para que possam ficar disponíveis para a tradução em acção.

No livro "Aprender com a Experiência" (1962), Bion volta a fazer referência à pré-concepção, distinguindo duas partes: uma parte saturada (ψ), que é constante e que não é susceptível de transformação e, uma parte não-saturada (ξ) e que pode ser transformável, assim, a pré-concepção é representada por ψ (ξ). Esta fórmula é alargada no livro

"Transformations" (1965) para ψ (Ψ) (ξ), significando que a pré-concepção se transformou em concepção mas, no entanto, manteve uma parte não-saturada, que pode ser utilizada como pré-concepção numa nova experiência emocional. É esta possibilidade de a concepção manter sempre uma parte insaturada que permite a formação dos símbolos, ou seja, é necessário que "mantenha uma pura negatividade, uma qualidade vazia, de tal forma que conceitos e símbolos possam emergir." (Amaral Dias, 1997)

Neste processo de formação de símbolos é preciso ter em conta, também, a importância da "conjunção constante", na medida em que só a partir do momento em que se atribui um nome aos objectos, eles podem ser pensados mesmo estando ausentes. Bion aborda esta questão no livro "Elements of Psychoanalysis" dizendo o seguinte: "o nome é uma invenção para tornar possível pensar e falar sobre qualquer coisa antes que se saiba o que essa coisa é." (Bion, 1963, p.88) Bion mostra que, por exemplo, que termos como "cão", "inconsciente", "sonho" e "mesa" só existem quando um conjunto de fenómenos são reconhecidos como tendo uma coerência daquilo de que se desconhece o significado. A partir do momento em que se encontra o nome e, os fenómenos que lhe estão associados, o sujeito pode tentar determinar o seu significado.

Em resumo, para Bion é com base nas ausências e nos não-objectos que se abre o caminho para atingir a comunicação simbólica com os objectos e que se criam símbolos e linguagens. Isso acontece através de três processos que Bion enunciou em "Uma Teoria do Pensar" e mais tarde em "Transformações": a correlação, publicação e comunicação. Através da correlação é possível combinar conjuntos de dados sensoriais, que se harmonizam, dão lugar a uma sensação de verdade; através da publicação é possível pôr os dados sensoriais à disposição da consciência e, através da comunicação, feita através da identificação projectiva realista, é possível transmitir certos fenómenos que se conjugam constantemente nos moldes de uma relação recíproca.

1.4 - O MODELO CIENTÍFICO-FILOSÓFICO

Pode-se dizer que a primeira fase da obra de Bion foi marcada por influências vindas da filosofia e da matemática, e que se tornaram parte integrante da epistemologia de Bion, visto terem sido muito bem harmonizados no conjunto das suas ideias.

Inicialmente, Bion seguiu as ideias do Círculo de Viena e, conseqüentemente, foi introduzido na filosofia analítica anglo-saxónica, marcada pelo empirismo lógico que seguia os passos de Hume.

A concepção científica do mundo que Bion tinha nesta altura era, essencialmente, empirista e positivista, o que significava que o conhecimento tinha em conta, apenas, o conhecimento que era proveniente da experiência, ou seja, o conhecimento que se apoia nos dados imediatos. Tinha, também, por objectivo esclarecer os enunciados e os

problemas da ciência empírica pela análise lógica. Refutava a existência de uma primazia das ideias acima e além da experiência.

Mais tarde, já nos anos trinta, a "concepção científica do mundo" tornou-se positivista mas proclamava a sua ligação ao empirismo. A filosofia torna-se um conhecimento positivo pois estuda o discurso e a prática científica mais do que os objectos transcendentais da experiência. Os neopositivistas desejavam unificar a linguagem do pensamento, já que não se pode chegar à ciência unitária.

Pode-se considerar que Bion foi um neopositivista na medida em que associa um formalismo linguístico ao empirismo científico. Por outro lado, as ideias de Bion encontravam-se também no seguimento das ideias de Mach, sobretudo, no que diz respeito à economia de pensamento. Mach defendia que a ciência tinha como tarefa expôr os factos de tal forma que só utilizasse as representações estritamente necessárias à sua experiência. Bion, por sua vez, sempre sustentou que o valor do analista reside na sua capacidade de abordar qualquer eventualidade experimental com o mínimo de teorias.

Uma outra fonte de inspiração para Bion foi Gotlob Frege. Ambos tentaram construir um método "perfeitamente" científico.

Perante a inadequação da linguagem corrente, Frege tentou encontrar uma linguagem ideal, seguindo Leibniz. Julgava que as ciências exactas carecem de um meio de expressão que permita, ao mesmo tempo, evitar erros de interpretação e impedir que ocorram erros de raciocínio. Frege julgou que a ideografia seria o melhor instrumento para resolver essa questão. Procurou complementar a linguagem constiuída pelas fórmulas matemáticas recorrendo a signos concebidos segundo as novas relações lógicas. A ideografia tomou de empréstimo à matemática a dupla distinção das constantes e das variáveis, das funções e dos argumentos. Frege pôs em evidência a analogia entre função e conceito. Ambos podem ser representados por intermédio de signos compostos por duas partes distintas, em que o signo não-saturado é complementado pelo outro signo.

Bion vai utilizar literalmente este sistema de notação ideográfica quando, no livro "Learning From Experience" expõe as suas ideias sobre os elementos em psicanálise e mostra como na pré-concepção e na concepção existem elementos saturados e elementos não-saturados.

1.5 - O MODELO ESTÉTICO-ARTÍSTICO

Actualmente, há uma nítida preferência pelo modelo estético dentro da psicanálise. Além de Bion, também Hanna Segal e Donald Meltzer têm trabalhos específicos onde se debruçam sobre essa questão. Por exemplo, Meltzer, no livro "The Apprehension of Beauty" (1988) coloca a questão da estética em psicanálise como sendo um conflito no qual "a mãe "ordinariamente bela e devotada" se apresenta ao seu bebé "ordinariamente

belo" como um objecto complexo de interesse transcendental, tanto ao nível sensual como infra-sensual. A sua beleza exterior, concentrada como deve estar nos seus seios e na sua face, e tornada complicada pelos mamilos e pelos olhos, bombardeia o bebé com uma experiência emocional de qualidade apaixonada, que resulta na capacidade em ver estes objectos como "belos":

Mas, já no início da psicanálise Freud se preocupou com a análise de obras de arte (como o Moisés de Miguel Angelo ou o texto sobre Leonardo da Vinci) e, desde então, muitos outros autores se dedicaram a esse assunto, no entanto, nunca abordaram de forma directa a questão da estética que, H. Segal resume assim: "o que constitui a boa arte e em que aspectos essenciais ela é diferente das outras obras humanas, da arte ruim, em especial?"(1982, p.245/246) Curiosamente, só a descoberta do próprio Freud da fantasia inconsciente e do simbolismo, possibilitou o entendimento das obras de arte através da psicanálise numa perspectiva realmente estética.

Esta perspectiva é o que permite ir para além daquilo que é visível. Por exemplo, para os neoplatónicos, principalmente para Plotino, o belo é interpretado como manifestação do espírito em que este se desdobra e, para Kant, na **Crítica do Juízo**, o belo é descrito como como uma "finalidade sem fim", chamando estética transcendental à ciência de "todos os princípios *a priori* da sensibilidade."

Passando a questão estética para o trabalho analítico, vemos que o ponto fulcral se prende com a necessidade de o analista ver para além daquilo que o paciente diz, prende-se, sobretudo, com a capacidade do analista para simbolizar e passar para outro nível que não seja apenas aquele que lhe é "proposto" pelos sentidos. E, desta forma, há também a necessidade de o paciente conseguir simbolizar para que possa pensar na interpretação que lhe é dada a pensar.

O desafio que Bion nos propõe através do modelo estético-artístico é o de lidar com o visível mas visando o invisível. Utilizando uma frase do "Hamlet" de Shakespeare "Há mais coisas entre o céu e a terra do que pode suspeitar a nossa vã filosofia", podemos também dizer "Há mais coisas na mente do paciente do que pretendem todas as nossas interpretações." (Muniz de Rezende, 1993,p.106) Ou seja, com a perspectiva estética é criada a possibilidade de não só contarmos com o invisível mas também com todo o mais sentido que há na mente do paciente.

Neste sentido, o trabalho do analista perante o Outro, que é o paciente, só pode ser eficaz se o analista conseguir ver com "outros olhos"; mais importante do que sentir o mesmo que o paciente, é ser capaz de de ver e ajudá-lo a ver outras coisas naquilo que o paciente mostra. Só dessa forma o analista pode interpretar, ou seja, transformar uma realização numa interpretação. Se o analista permanecer no mesmo nível daquilo que o paciente diz, numa relação simétrica, então, o máximo a que pode chegar é a uma equação simbólica (como foi definida por Hanna Segal). A interpretação simbólica propriamente dita é assimétrica, decorrente de uma mudança de vértice.

Assim, a simbolização é o processo que permite interpretar, reunindo a invariante e as invariáveis. Esta questão é abordada por Bion no livro "Transformações" onde ele sugere que em torno de uma invariante sejamos capazes de captar as suas variáveis, mostrando como analogia o exemplo a transformação que ocorre quando o pintor transpõe para a tela um campo de papoilas, onde apesar de haver uma transformação, nós conseguimos identificar o campo de papoilas graças à invariância.

O processo de transformação é particularmente importante no que diz respeito às paixões. Bion introduz o tema das paixões no livro "Elementos de Psicanálise" para se referir aos objectos que derivam dos elementos psicanalíticos, os quais apresentam a dimensão dos sentidos, dos mitos e das paixões.

Quando fala da dimensão das paixões, Bion refere-se àquilo que o paciente sente e, para perceber essas paixões o analista tem de ter sensibilidade, já que é através do sensorial que depende a sua capacidade para as entender. Assim, a sensibilidade do analista significa, antes de tudo, sensibilidade às paixões do paciente. Mas, as paixões situam-se no âmbito do imaginário (na linguagem de Lacan) e, para que possam chegar ao âmbito do simbólico é necessário que haja uma transformação, se isso não acontecer, o analista permanecerá dominado por uma contratransferência identificatória, que o impedirá de ver outra coisa e de interpretar simbolicamente.

Ainda no livro "Elementos de Psicanálise", Bion diz o seguinte: "Por paixões caracterizo tudo o que se inclui em L, H, K, amor, ódio e conhecimento." (p.126) Estes são os vínculos que surgem nas relações entre objectos psicanalíticos e, conseqüentemente, nas relações entre as pessoas, onde as paixões se fazem especialmente sentir. Por esse motivo, Bion diz que são necessárias pelo menos duas mentes para que haja paixão e, acrescenta que as paixões se fazem reconhecer pela intensidade das emoções que suscitam no relacionamento das pessoas.

Como sabemos, Bion atribui um grande valor ao vínculo K (conhecimento). Em relação às paixões, este vínculo também é muito importante já que ele próprio é uma condição da paixão além de poder ser considerado como uma forma de passividade (paixão) de quem pretende conhecer perante o objecto a ser conhecido. No entanto, na sequência L, H, K, o conhecimento não é apenas uma forma de passividade (ou paixão) mas também uma condição prévia para a existência de qualquer paixão, entendida como uma reacção a um objecto apreendido, cuja "forma está presente na mente do paciente. O conhecimento implica a ideia de uma acção que é exercida no sujeito que conhece e que é essencial para o nascimento da paixão.

Mais tarde Bion introduz no domínio das paixões a Razão (R) para designar "a função que se destina a servir as paixões, quaisquer que elas sejam, orientando-as para o seu domínio no mundo da realidade." (1962,p.13/14) e, também também a sigla I, derivada da palavra ideia e que inclui todas as suas realizações, inclusive as que o pensamento representa; destina-se a representar os objectos psicanalíticos compostos pelos elementos-alfa, produtos da função-alfa.

R e I associam-se, na medida em que I se emprega para preencher o hiato entre o impulso e a sua satisfação (no sentido que Freud lhe dá em " Reformulations on the Two Principles of Mental Functioning") e, R assegura que ela alcança o seu objectivo de

modificar a frustração enquanto espera. É a Razão que permite humanizar as paixões, ou seja, transformá-las em virtude.

Como já vimos o modelo estético-artístico de Bion está estreitamente relacionado com a ocorrência de transformações e, conseqüentemente, com a passagem para o nível simbólico, como forma de criar um universo mental em expansão.

Dentro desta problemática, outro questão importante prende-se com a ideia de Bion sobre a "memória do futuro", que não é mais do que o desejo e, exige um elevado grau de simbolização para que possa ser entendido.

1.6 - O MODELO MÍSTICO-RELIGIOSO

Antes de iniciar a análise deste modelo, convém lembrar que por **misticismo** se entende um estado espiritual de perfeição da alma que depois de liberta do pecado entra num contacto especial (iluminativo e unitivo) com Deus. O estado místico possui duas propriedades principais: a passividade da alma inundada dos dons sobrenaturais e a simplicidade com que produz a união com Deus. Neste estado admite-se uma espécie de irrupção do absoluto no humano liberto ou purificado da matéria. Assim, pode-se estabelecer uma diferença entre a mística e a religião onde a mística é mais do que a religião, onde a mística reúne e a religião separa. Sendo a razão epistemológica desse facto que as religiões se distinguem pelas suas falas enquanto os místicos se encontram no silêncio do seu ser.

Como fonte principal deste modelo místico-religioso na obra de Bion vamos encontrar Mestre Eckhart, que explora um pensamento teocêntrico e antinómico, expressão do "excesso" inerente à experiência religiosa e mística que vive da coincidência radical (entre o ser e a essência, a substância e o acidente) com a interioridade total (porque não há outro ser na essência senão o de Deus, nem no acidente senão o ser da substância); a criatura pode ser, assim, do ser de Deus sem contudo o ser, isto é, a relação do ser com o ente é a do ser com o nada, desde que se encare o ente não pelo que recebeu do ser mas tão-só em si mesmo. Mas esse não é um atributo suficiente, porque mais do que o ser, Deus é a perfeita unidade do *intelligere* "que era no princípio". Necessariamente acima do ser, porque o princípio da unidade que liga os seres se não confunde com aquilo que une, Deus opera sobre o não-ser. Entretanto, ao absoluto nada do homem, criatura, possibilita-se, a partir do conhecimento intelectual, a ascensão à pura Unidade.

Eckhart faz uma distinção entre Deus e Deidade que reside no seguinte: regressando ao mais íntimo da sua alma, divina, "fundo" ou "castelo", superador das várias faculdades, "incríavel" e "incriado", o homem alcança a união com Deus; libertando-se de tudo o que não é Deus, o "uno da alma" conhece a liberdade da divindade, que é ausência

de relações e alteridade, fundo obscuro sem distinções. O homem verdadeiramente pobre nada quer (nem as obras exteriores de penitência, nem sequer a "vontade querida de Deus"), nada sabe (ignora mesmo que vive para a Verdade) e, finalmente, nada tem (o despojamento completo passa pela libertação em relação ao próprio "lugar", relativo, de deserto e claridade, em que a alma acolhe Deus).

Temos assim, no universo místico de Meister Eckhart, uma Deidade da qual nada se sabe e, um Deus através do qual se procura saber sobre essa Deidade. Mas, tudo o que se pode saber sobre a Deidade são as suas emanações que são a geração (Pai, Filho e Espírito Santo), a Encarnação e a Criação e, que implicam a ideia de movimento e transformação dentro da própria estrutura divina. Paralelamente, no universo psicanalítico de Bion, vamos encontrar também um ponto de partida que é incognoscível, a Realidade Última ("O"), a que só é possível ter acesso através das evoluções de O. Utilizando a linguagem de Kant temos, então, a coisa-em-si (Deidade) e, os fenómenos (emanações) que podemos conhecer.

A atitude mística de Bion em relação à psicanálise começa a ser visível a partir do livro "Transformations" (1965), onde é introduzida a ideia de que existe uma "realidade última" (O) para onde deve evoluir o processo psicanalítico. Bion considera O com base em vários elementos: o elemento insaturado da pré-concepção; as Formas Platónicas e os seus "reminders" (fenómeno); Divindade, "Deus" e as suas encarnações; a Realidade Última ou Verdade e o fenómeno, que é tudo o que os seres humanos podem saber sobre a coisa-em-si. Todo o processo de transformação (de movimento rígido, projectivas e em alucinação) tem como ponto de partida O: "Devo agora pressupor que o material providenciado pela sessão analítica tem significado porque é o ponto de vista do paciente (representação) de certos factos que são a origem (O) da sua reacção." e, logo a seguir continua dizendo o seguinte: "A partir do tratamento analítico como um todo, espero descobrir a partir das invariantes neste material o que é O, o que é que ele faz para transformar O (ou seja, a natureza de T (paciente) alfa) e, conseqüentemente, a natureza de T (paciente)." (Bion, 1965, p.15) Através destas afirmações de Bion, podemos perceber que, a partir deste momento todo o trabalho do analista gira à volta de O, como forma de, analista e paciente, atingirem a verdade sobre este último. Tendo em conta a teoria das transformações, "O" significa também que esse processo se inicia a partir de uma original "realidade incognoscível".

A "realidade incognoscível" é o ponto de partida tanto para o paciente como para o analista e, deve estar disponível para transformação para ambos. Quando o ponto de partida "O" não é o mesmo para o paciente e para o analista, torna-se um dado irrelevante para o processo e a investigação psicanalítica fica ameaçada. No entanto, quando o ponto de origem é comum aos dois, a investigação pode progredir mas, é preciso perceber que nesse caso "O" tem um significado diferente para cada um dos intervenientes da sessão psicanalítica. Assim, para o paciente, "O" representa tudo aquilo que é desconhecido para si próprio, o que ainda não apareceu e não evoluiu; enquanto que para o psicanalista, "O" é o seu ponto de partida do desconhecido, ou seja, é o seu vértice psicanalítico, que pode evoluir muito, tendo por base a sua intuição, até chegar à formulação da interpretação.

Para que o paciente possa chegar ao seu "O" é necessário que ocorra uma transformação, que pode ser de quatro tipos: de movimento rígido, projectiva, em alucinação e em "O". Os três primeiros tipos de transformações podem ser entendidas como transformações de "O", ou seja, relacionam-se com o "saber acerca de O" e, podem ser englobadas no vínculo K ou no vínculo -K, assim a sua evolução seja no sentido da verdade ou da negação dessa verdade. Estas transformações estão associadas a um processo de exploração e elaboração cognitiva dominado pela "pulsão epistemofílica". No entanto, para Bion esta era uma forma de conhecimento insuficiente para aceder à realidade psíquica e, é nessa sequência que surgem as transformações em "O", que possibilitam alcançar um conhecimento mais profundo e vivencial da realidade psíquica, ou seja, o "tornar-se O" (K -->O). Só as interpretações que se destinam a efectuar transformações de "saber acerca de algo" em "ser esse algo" produzem um efeito de mudança e maturação mental.

Perante a transformação em O, Bion questiona se será possível uma interpretação psicanalítica fazer a transição entre conhecer o fenómeno "self real" e tornar-se o "self real". Na sua opinião, neste caso a interpretação deve possibilitar mais do que apenas um aumento do conhecimento mas, o passo mais importante pertence ao analisando, ou seja, depende da sua "divindade", que deve consentir a encarnação na pessoa do analisando. (Bion, 1965,p.148)

No entanto, essa passagem do "saber acerca de algo" para o "tornar-se algo" depara com dificuldades que derivam do medo de conhecer a verdade. Dessa forma surge a resistência a $T K \rightarrow T O$, que manifesta a preferência em saber alguma coisa em vez de se tornar essa coisa. Uma interpretação pode ser aceite em K mas rejeitada em O; o aceitar uma interpretação em O significa que o paciente "sabe" que uma parte de si próprio, à qual foi dada atenção, é sentida como envolvendo "ser" ou "tornar-se" essa pessoa.

Quando o paciente aceita a interpretação em O, desencadeia-se um processo em que O se transforma em $T \beta$ ($O \rightarrow T \beta$), em que se pode dizer que O "evolui" através de: a) tornar-se manifesto (ou "cognoscível") $T \beta$ K -->; b) tornando-se uma "lembrança", uma "encarnação" ou "personificação" ou uma "incorporação". -->; c) tornando-se $T \beta$ O ou, "at-one-ment".

A atitude mística de Bion em relação à psicanálise começa de facto quando ele propõe as transformações em O. Desta forma a sessão psicanalítica passa a ser não só uma forma de o paciente saber mais sobre si próprio mas, também (e sobretudo) de chegar à realidade última sobre si próprio, sendo esta realidade última entendida no sentido místico do termo.

A concepção mística da psicanálise bioniana atinge o seu ponto máximo no livro "Atenção e Interpretação" (1970), onde a "realidade última", o "O", continua a ser uma constante e onde é introduzida uma nova ideia, também trazida do misticismo: "sem memória e sem desejo". Além disso, trata-se de um livro em o modelo místico é abordado, sobretudo, em relação à atitude do psicanalista.

Assim, a polémica ideia de Bion "sem memória e sem desejo" encontra o seu fundamento na mística eckhartiana. Nesta perspectiva, a atitude "sem memória e sem desejo" significa despojamento, desnudamento, quase o não ser de nós mesmos para que o ser possa ser em nós, ou seja, a experiência psicanalítica (a experiência da verdade) caracteriza-se pela primazia do ser.

É este despojamento/desnudamento (*Abgeschiedenheit*) que permite que a voz do Outro se pronuncie no psicanalista enquanto continente em que se deposita um conteúdo. Ou seja, a atitude de escuta do analista é uma atitude de escuta do Outro, o que até poderia ser denominado como escuta do "O"-outro. (Muniz de Rezende, 1993,p.196) Aqui encontramos o sentido místico da escuta, o encontro com O através do silêncio do ser.

"Sem memória, sem desejo e sem compreensão", que Amaral Dias (1994) considera "uma meta-atitude que sustenta uma meta-teoria" permite ao analista compreender o seu paciente e permite, também, a activação das suas próprias teorias científicas. Assim, essa meta-atitude deve ser entendida como uma pré-concepção, com a sua parte não-saturada, que possibilita ao psicanalista aproximar-se dum grau de liberdade que, juntamente com o analisando, o leva a dirigir-se a O sem que haja o perigo de interferência das suas próprias ideias pré-concebidas.

É a atitude que o psicanalista toma em se libertar de memória e desejo que permite a transformação de K em O, só assim pode ser tornado O. De acordo com Bion, o analista sabe a respeito do que o paciente faz, diz e está sendo, mas não consegue alcançar o O de que o paciente é o evolver, o analista só pode ser tornado O. As interpretações advêm desse facto e, no evolver de O, são um acontecimento real comum ao analista e ao paciente.

Bion sublinha várias vezes a necessidade de o psicanalista se libertar de memória e desejo, que corresponderá ao que Freud referiu como "cegar-se artificialmente", e que é a única forma de se atingir o "acto de fé" (F). Bion introduz esta expressão para se referir a fé de que existe a verdade e a realidade últimas - o desconhecido, o incognoscível. Quando o analista atinge F, o seu conhecimento passa a ser intuitivo em vez de representativo e, então é possível tocar o real, tornar-se um com o real. O "acto de fé" está relacionado com o pensar, como conhecimento *a priori* ao entendimento; o pensamento tem como realização a não-coisa, o "acto de fé" tem como base algo inconsciente e desconhecido porque não aconteceu, por isso, pertence ao sistema O.

O objectivo do psicanalista durante a sessão psicanalítica é o de atingir a verdade emocional do seu paciente que, mesmo sabendo que é desconhecida em si mesma, o psicanalista tem a fé de que a vai atingir. Essa Fé em O vai capacitar o analista para conhecer e recordar de forma menos dissociada, como parte dum profundo processo de crescimento.

A Fé em O aproxima-se, assim, duma atitude de pura receptividade, dum alerta constante ao que se está a passar na sessão. Bion sublinha que este estado pode ser desconfortável para o analista, já que tem de tolerar fragmentação, mudanças súbitas e pedaços de significado e de não-significado, períodos caóticos e sem expressão e tempestades psíquicas. Esta situação pode ser semelhante à alucinação, que evolue através

de F em O: "A receptividade atingida através do desnudamento de memória e desejo (que é essencial para a operação de "actos de fé") é essencial para a operação da psicanálise e de outros procedimentos científicos. É essencial para que se experiencie a alucinação ou o estado de alucinação." (Bion, 1970)

Tendo em conta que a psicose é um estado psíquico dominado por elementos beta (as coisas em si mesmas ou o ponto de origem), então, F em O é uma porta aberta para permitir que analista e analisando investiguem em direcção a O.

Assim, quando o analista se consegue libertar de memória e desejo e permite que se instaure F e, sobretudo F em O, ele adquire uma atitude mística (at-one-ment) que é essencialmente união, a experiência imediata de Deus ou simplesmente do Um e que é fundamental para a construção do par continente/conteúdo. Essa atitude mística implica sempre uma união entre continente e conteúdo; desta forma, o paciente e o psicanalista estão condenados à meditação, a uma ponte de acesso à realidade interna, à reconstrução dessa realidade de acordo com a estruturação própria do conhecimento, ou seja, à transformação em O.

Por outro lado, a liberdade que o psicanalista adquire quando se liberta de memória e desejo e se instaura F, também lhe permite tornar-se mais confiante nas suas observações e, conseqüentemente, nas suas interpretações. Quando essa liberdade domina a atitude do psicanalista está, então, mais apto para suportar a natureza efémera da relação psicanalítica e para que alguns dos obstáculos no caminho para O sejam ultrapassados.

A introdução da noção "acto de fé" marca o terceiro ponto de contacto entre Bion e o pensamento teológico, na medida em que a teologia distingue três aspectos do acto de fé, dos quais se podem encontrar equivalentes nos escritos do período místico de Bion.

Assim, o primeiro aspecto posto em evidência pela teologia, mostra Deus como o objecto do acto de fé. É em relação a este aspecto que Bion fala da Realidade Última. Tanto para Bion como para a teologia, o acto de fé não termina no enunciado mas sim na realidade. Apesar de não se possa conhecer nem dizer a realidade última, o contacto com a experiência implica o contacto com a realidade porque a experiência é a realidade que, no entanto, só é possível de atingir através de um acto de fé (realizado pelo analista real).

O segundo aspecto do acto de fé está relacionado com a comunicação: falar a alguém, com alguém, dirigir-se a alguém e, diz respeito à fé-confiança. Este aspecto é transposto por Bion como "estar de acordo com O" e, remete-nos para aquilo que Bion designa como "at-one-ment".

Para a mística a relação com a Deidade só é possível através de um hábito entetivo chamado Graça, que se traduz por um modo de SER. Na linguagem de Mestre Eckhart chama-se graça ao nosso ser divino ou o nosso sermos divinos. Mas, na estrutura do universo místico, são as virtudes que habilitam os homens para agir no prolongamento desse modo de ser e, que são as seguintes: fé, esperança e caridade. Sendo esta última a maior dessas virtudes, é a partir dela que se estabelece uma relação directa com a Deidade, a partir do seu fundamento que é a graça.

Também Bion fala do SER para se referir às transformações em SER (being) e que lhe permitem dizer que o analista se transforma em "O". O analista não está apenas interessado em conhecer mas também em se transformar em O. Nesta sequência, também em Bion existe um equivalente da caridade que é *at-one-ment*, em ambos os casos se trata de estar junto, de estar em união com alguém. Assim, SER, em termos psicanalíticos, é *at-one-ment*: estar de acordo com "O". Da mesma forma que o dinamismo da vida mística é o dinamismo da fé e da esperança em torno da caridade com sustentação pela graça, também o dinamismo da vida psíquica se faz em torno de *at-one-ment*, de acordo com O, em direcção a O.

O terceiro aspecto está relacionado com a ideia de direcção e movimento, que no caso da psicanálise de Bion se traduz em "mover-se em direcção a O" que, tanto se refere às evoluções de "O" em relação ao conhecimento como às transformações do Conhecimento em direcção a "O".

TERCEIRA PARTE

1 - OS FUNDAMENTOS

Como é possível ver através da leitura dos livros de Bion, muitas são as influências que se podem encontrar, desde filósofos, poetas, matemáticos, historiadores, escritores e artistas, todos eles contribuindo de forma decisiva para que no conjunto da sua obra nos pudessemos deparar com uma nova psicanálise que nos permite caminhar para um universo mental em expansão.

Mas, sem dúvida que a base principal para essa nova psicanálise são Sigmund Freud e Melanie Klein. O primeiro entrou na vida e obra de Bion através da leitura dos livros, que Bion parece ter iniciado quando tinha vinte e poucos anos e, a segunda, tanto devido aos seus escritos como à relação directa, resultante da análise pessoal que Bion fez com Klein durante quase dez anos.

Ao longo de todos os livros de Bion encontramos referências a Freud, havendo mesmo questões fundamentais no pensamento de Bion que são o resultado da modificação ou do alargamento dos conceitos de Freud, tal como o conceito de "barreira de contacto", o mito de Édipo, etc.. E, é preciso referir que, apesar disso, nunca transgrediu ou se apropriou de nenhum conceito essencial de Freud.

Duma forma geral, podemos dizer que a diferença fundamental entre Freud e Bion reside no facto de Freud se ter baseado, essencialmente na teoria pulsional, enquanto Bion valorizou sobretudo a teoria cognitiva psicanalítica.

Quanto à influência de Melanie Klein, pode-se constatar que grande parte das suas principais concepções metapsicológicas adoptadas por Bion constituindo, juntamente com os conceitos de Freud, o fundamento para a sua própria psicanálise. Algumas das modificações mais significativas que Bion fez em relação às concepções de Klein são as seguintes: (1) em relação à passagem da posição esquizo-paranóide para a posição depressiva, Bion formulou uma concepção mais desenvolvida que a dela, isto é, mais do que uma simples passagem de uma posição para outra, ele enfatizou um permanente intercâmbio oscilatório e interactivo entre ambas as posições, que representou graficamente por PS <---> D; (2) em relação à natureza e formação de símbolos, Bion forneceu um entendimento a partir de um vértice essencialmente diferente do de Klein; (3) em relação ao clássico conceito kleiniano de "reparação", Bion preferia falar em "reestruturação do ego"; (4) coube a Bion dar uma dimensão ao fenómeno das identificações projectivas que foi muito além do aspecto quantitativo das mesmas, tal como o seu emprego excessivo nas situações psicóticas; ele também valorizou o aspecto qualitativo dessas identificações projectivas e, cabe-lhe o reconhecido mérito de ter sido o primeiro autor a mostrar o quanto elas se constituem como um importante meio de comunicação num nível primitivo por parte do paciente; (5) a utilização do conceito de inveja primária que, gradualmente, foi perdendo relevo na obra de Bion, apesar de lhe ter voltado a dar importância no livro "Atenção e Interpretação".

Além das fontes de inspiração psicanalíticas, é importante fazer referência às influências filosóficas exercidas pelos escritos de Platão e Kant.

1.2 - A INFLUÊNCIA DE SIGMUND FREUD

1.2.1 - O Projecto para uma Psicologia Científica

Irei começar esta comparação entre a obra de Freud e Bion através de uma concepção que Freud introduziu no seu "Projecto Para Uma Psicologia Científica" em 1895 mas ao qual nunca mais se referiu. Nesse texto Freud postula a existência de dois teoremas fundamentais que são os seguintes:

- o princípio da inércia neuronal: os neurónios tendem a libertar-se da quantidade de energia que procede, em geral, do mundo externo (Q). Este princípio explica a estrutura dioxotómica dos neurónios em motores e sensórios como uma forma de neutralizar a recepção de energia procedente do interior (Qn).

- o segundo teorema diz que o sistema nervoso consiste numa rede de neurónios, semelhantes mas distintos, que estão em contacto uns com os outros através dum substância estranha e, cujas terminações estão em contacto através dum tecido estranho. Este teorema implica a ideia dum neurónio catártico que pode estar ligado a uma determinada quantidade de energia, enquanto outras vezes pode estar vazio.

É a partir deste segundo teorema que se pode pensar na existência de "barreiras de contacto". Em relação a estas barreiras Freud diz o seguinte: "Um único neurónio é o modelo de todo o sistema nervoso com a sua estrutura dicotómica, sendo o cilindro axial o órgão de descarga. A função secundária (do sistema nervoso) que, contudo, necessita da acumulação de Qn, é tornada possível pela assumpção de resistências que se opõem à descarga; e a estrutura dos neurónios torna provável que as resistências se encontram todas localizadas nos *contactos* (entre um neurónio e outro) que, desta forma assumem o valor de *barreiras*. A hipótese de "*barreiras de contacto*" é frutífera em muitas direcções." (1895, p.298)

Assim, temos a existência de dois tipos de neurónios: uns que são permeáveis e que permitem a passagem de Q η e que a seguir a cada passagem de energia apresentam o mesmo estado que anteriormente (neurónios η) e, os neurónios impermeáveis em que as barreiras de contacto deixam passar a energia parcialmente ou com dificuldade e, que após cada passagem de energia podem apresentar um estado diferente do anterior (neurónios ψ). É este último tipo de neurónios que são responsáveis pela memória e, provavelmente, pelos processos psíquicos em geral.

Em relação às barreiras de contacto Freud coloca uma questão que necessita de ser explicada para se poder compreender melhor os processos psíquicos: se todas as barreiras de contacto oferecem o mesmo tipo de resistência, como se explica que umas sejam preferidas em detrimento de outras?

Essa preferência parece estar dependente do grau de facilitação das barreiras de contacto, ou seja, do grau em que se tornam mais capazes de condução, menos impermeáveis e mais semelhantes à do sistema ----- .

Embora a noção de "barreira de contacto" tenha uma conceptualização diferente em Freud e em Bion, a ideia base é a mesma para os dois autores: a existência de uma membrana que permite a troca de elementos entre duas instâncias. Para Freud isso acontecia entre os neurónios, para Bion o mesmo passa-se em relação ao consciente e ao inconsciente, mas a troca acontece em todos os momentos do dia, quando a pessoa está acordada e atenta, e em todos os momentos da noite, quando a pessoa está a dormir e pode sonhar.

No capítulo VIII de "Learning From Experience", Bion introduz o termo "barreira de contacto" para se referir a uma barreira que marca o ponto de contacto e separação entre elementos conscientes e inconscientes e origina a distinção entre eles, sendo formada por elementos alfa que proliferam e aderem entre si, decorrentes da acção da função alfa sobre as impressões sensoriais. Esta noção de "barreira de contacto" acentua, segundo Bion o estabelecimento do contacto entre o consciente e o inconsciente e a passagem selectiva de elementos de uma instância para a outra, dependendo dessa passagem da natureza da barreira de contacto. A natureza desta barreira está, por sua vez, dependente da natureza dos elementos alfa que podem, por exemplo, aglomerar-se ou, então ordenar-se sequencialmente, como numa narração de um sonho.

Tanto para Freud como para Bion, essa membrana era, também um factor estreitamente relacionado com a memória.

Freud diz que a memória é representada pelas diferenças nas *facilitações* entre os neurónios psi que, por sua vez, dependem da quantidade de energia interna ($Q\eta$) que passa através do neurónio no processo de excitação e, do número de repetições do processo. Em termos de memória, pode-se dizer que a memória depende do factor a que se chama magnitude da impressão e da frequência com que essa impressão é repetida.

Por seu lado, Bion refere que a natureza da transição de consciente e inconsciente e vice-versa e, como consequência, a natureza da barreira de contacto e dos elementos alfa que a compõem afectam a memória e as características de qualquer tipo de recordação. (Bion, 1962,p.38)

1.2.2 - Psicologia de Grupo e Análise do Ego

Em 1921, Freud escreveu um texto intitulado "Psicologia de Grupo e Análise do Ego" onde analisa a questão da identificação dentro dum grupo. Refere-se à identificação como sendo a mais precoce expressão de ligação afectiva com outra pessoa. e fornece três fontes de identificação:

1- a primeira mostra a identificação como a forma original de relação afectiva com o objecto;

2- na segunda Freud explica que, de forma defensiva, a identificação torna-se o substituto duma relação libidinal com um objecto através da introjecção do objecto pelo ego;

3- a terceira fonte surge como a percepção duma qualidade comum partilhada com outra pessoa que não é alvo de instintos sexuais.

É este último tipo de identificação que preside à constituição dos grupos.

Quando existe uma certa hostilidade dirigida a pessoas que são normalmente amadas, diz-se que há ambivalência de sentimentos; quando essa hostilidade é dirigida, por exemplo a estrangeiros, fala-se em amor próprio ou narcisismo.

O amor próprio é importante para a preservação do indivíduo e surge quando há uma divergência em relação aos parâmetros normais que regem o desenvolvimento do indivíduo, envolvendo uma crítica do próprio e a procura de uma mudança.

Mas, quando há a formação de um grupo, a hostilidade desaparece, temporária ou permanentemente, dentro desse grupo. À medida que o grupo evolui, os seus elementos agem de forma a tornarem-se uniformes, tolerando as particularidades dos outros, tornando-se idênticos a eles e não possuindo sentimentos de aversão para com eles. Este tipo de comportamento, segundo Freud, só pode ser explicado duma forma: a existência de laços afectivos com os outros.

No grupo, o amor próprio sofre uma limitação, o que mostra que a formação do grupo se baseia na existência de novas formas de laços afectivos entre os seus membros.

Para poder analisar a natureza desse tipo de laços afectivos, Freud vai analisar a estrutura de dois grupos artificiais: a Igreja e o Exército, que são grupos que estão sujeitos a uma determinada força externa que impede a sua desintegração e impede, também, que hajam alterações na sua estrutura.

Ambos os grupos são caracterizados pela ilusão de que o líder (Cristo no caso da Igreja e o Comandante no caso do Exército) ama todos os membros do grupo da mesma forma.

É a partir desta ilusão que os elementos do grupo podem coexistir e aceitarem-se uns aos outros.

Assim, na Igreja assiste-se a um tipo de democracia baseada no facto de que perante Cristo todos são iguais e todos têm direito à mesma quota do seu amor. Por seu lado, no Exército todos são companheiros, uma vez que o Comandante é encarado como um pai que ama todos os filhos de igual forma.

A partir daqui se conclui que cada membro dum grupo onde existe um líder está sujeito a dois tipos de laços afectivos: por um lado existe uma forte ligação com o líder, em que cada indivíduo desiste do seu ideal do ego para o substituir pelo ideal do grupo, que é personificado pela pessoa do líder, por outras palavras, o ideal do ego é projectado no líder, passando este a ser o seu ideal; por outro lado, as relações entre cada membro do grupo são marcadas por uma ligação afectiva baseada na identificação.

Embora este texto seja bastante mais longo e dê atenção a outras questões significativas para o estudo dos grupos, parece-me que estes dados são suficientes para se fazer uma aproximação em relação às conclusões a que Bion chegou nos seus trabalhos sobre o mesmo tema.

Em primeiro lugar é preciso ter em conta que existe uma diferença significativa na forma como Freud e Bion viam os grupos. Freud considerava a família como o modelo básico de qualquer grupo e, os papéis dos indivíduos no grupo podiam ser extrapolados a partir da observação da família. Para Bion, o modelo básico do grupo era a análise individual. Tendo como base as suas experiências com grupos durante a guerra e depois na Tavistock Clinic, comparava o grupo a uma análise individual, em que os fenómenos do grupo podiam ser comparados à transferência em psicanálise.

Quanto às influências que se notam na obra de Bion, podemos começar pelos grupos que ambos estudaram: o Exército e a Igreja. Freud vai utilizar estes dois grupos artificiais para estudar os laços afectivos particulares aos membros de um grupo, enquanto Bion utiliza esses mesmos grupos para se referir ao "grupo especializado de trabalho", que tende a estimular a actividade de um pressuposto básico (ao Exército corresponde o pressuposto básico de ataque/fuga, enquanto à Igreja corresponde o pressuposto básico de dependência).

Em segundo lugar, ambos se referem à existência duma atitude comum aos elementos dum grupo, à qual Bion chamou "mentalidade de grupo", que se refere ao facto de que dentro do grupo, o indivíduo adquire uma unanimidade de pensamento e objectivo que transcende o próprio indivíduo (Bion,1961) e, a Freud se referiu como sendo uma limitação do amor próprio e, uma conseqüente criação de novos laços afectivos.

1.2.3 - Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental (1911)

Este texto incide, sobretudo, no aparecimento do princípio da realidade como sucessor do princípio do prazer e nas alterações sofridas pelo aparelho mental devido a esse facto.

O princípio da realidade sucede ao princípio do prazer a partir do momento em que a procura da satisfação tem de se reger em função das condições impostas pela realidade externa. Para Freud o princípio do prazer seria o governante dos processos mentais inconscientes, ponto de partida para a "psicologia fundada na psicanálise". O princípio do prazer deixa de predominar a partir do momento em que "a não ocorrência da satisfação esperada, a decepção, levou ao abandono dessa tentativa de satisfação através da alucinação."(Freud, 1911,p.219) Para solucionar este problema, o aparelho mental viu-se obrigado a representar as condições reais do mundo externo e a procurar nelas uma modificação. É, então, que surge o princípio da realidade, que deixa de representar o que é agradável para passar a representar o que é real, mesmo que seja desagradável.

A partir deste momento a realidade passa a ter uma maior importância, assim como os órgãos dos sentidos que estão em contacto com essa realidade e a consciência que lhes está ligada. Como consequência, surgem três funções que têm por objectivo ter em conta tanto as qualidades sensoriais como as qualidades de prazer e desprazer: a atenção, a notação e a acção. Freud descreve-as da seguinte forma. "Foi instituída uma função especial, que tem de pesquisar periodicamente o mundo externo, de forma a que os seus dados possam ser familiares se surgir uma necessidade interna urgente - a função da *atenção*. A sua actividade encontra as impressões sensoriais a meio caminho, em vez de esperar o aparecimento. Ao mesmo tempo, provavelmente, um sistema de *notação* foi introduzido, e cuja tarefa era de armazenar os resultados dessa actividade periódica da consciência - uma parte do que chamamos *memória*. (...) Uma nova função foi agora atribuída à descarga motora, a qual, sob o domínio do princípio do prazer, serviu como forma de aliviar o aparelho mental do aumento de estímulos, e que realizou essa tarefa enviando inervações para o interior do corpo (levando a movimentos expressivos e à exposição e manifestação de afectos). A descarga motora era agora empregue na apropriada alteração da realidade; foi convertida em *acção*."

Na sequência deste processo torna-se necessária a restrição da descarga motora, o que acontece através do processo de pensamento. Freud colocava a hipótese de que o processo de pensamento teria sido, originalmente, inconsciente, estando por detrás de meras representações ideacionais e estando também relacionado com as relações entre as impressões dos objectos e, só adquiriria outras qualidades perceptíveis à consciência, depois de ser conectado com resíduos verbais.

Mas, tendo em conta as modificações provocadas pelo princípio da realidade, Freud refere-se ao processo de pensamento como sendo um processo que se desenvolve através da apresentação das ideias que é dotado de características que permitem ao aparelho psíquico tolerar um aumento da tensão provocada pelos estímulos enquanto o processo de descarga vai sendo adiado.

Este artigo teve uma grande importância para Bion e reflete-se na sua obra, sobretudo, na construção da Tabela e na teoria do pensamento.

Na Tabela, as colunas 3, 4 e 5 (notação, atenção e indagação) correspondem às alterações descritas por Freud a partir do momento em que o princípio da realidade começa a dominar. No artigo "The Grid" de 1971, Bion diz o seguinte: "As colunas 3, 4 e 5 são relativamente simples; a coluna 3 aproxima-se da ideia de Freud de memória e notação tal como ele a descreveu no artigo "Two Principles of Mental Functioning". A coluna 4 está próxima da atenção - flutuante - e, a coluna 5 mais relacionada com algum objecto particular. As colunas 3, 4 e 5 podem ser convenientemente vistas como um espectro de atenção, que vai desde a memória e desejo flutuante, atenção geral a um maior extremo de particularidade."(Bion, 1971,p.6)

Quando Freud fala da substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade como forma evitar a decepção causada pela ausência da satisfação esperada, ele

aborda quase todas as questões essenciais relativas à formação do pensamento: a ausência do objecto necessitado, a impossibilidade real de compensar essa ausência com uma gratificação alucinatória, a internalização do objecto falante através de representações no ego, e a busca de modificações do mundo real, através dos pensamentos e, a partir desses, por meio das acções.

São estes aspectos que Bion considera para elaborar "Uma Teoria do Pensar" de 1961, introduzindo-lhes algumas modificações, nas quais tiveram grande importância as teorias kleinianas.

Bion considera o processo de pensar como estando dependente do desenvolvimento dos pensamentos e do desenvolvimento de um aparelho para os pensar, sublinhando que "o pensar é um desenvolvimento imposto à psique pela pressão dos pensamentos e não o contrário."(Bion,1961,p.186)

Divide os pensamentos em três categorias: pré-concepções, concepções e conceitos mas, restringe o termo "pensamento" à união de uma pré-concepção com uma frustração. Propõe como modelo o bebé cuja expectativa de um seio se associa à realização de um não seio disponível à satisfação. Quando a tolerância à frustração é suficiente o "não-seio" transforma-se num pensamento e desenvolve-se um aparelho para o pensar. A capacidade para pensar que permite ultrapassar a frustração sentida entre o momento em que a necessidade é sentida e o momento em que é desencadeada a acção apropriada para satisfazer essa necessidade. A capacidade de pensar permite ao aparelho mental aumentar a tolerância à frustração. Este aspecto vai ao encontro daquilo que Freud tinha postulado em relação ao princípio da realidade, ou seja, a capacidade para pensar desenvolve-se a partir do momento em que o princípio da realidade se impõe ao princípio do prazer.

A questão da tolerância à frustração encontra-se no artigo de Freud estreitamente ligada ao processo secundário, no qual as exigências da realidade promovem a criação do pensamento verbal como forma de adiar a descarga pulsional e de melhorar os estados de desamparo que decorrem das frustrações. Perante as novas exigências reais, o pensamento verbal da criança é forçado a desviar-se da sua função primitiva de adiamento da descarga motora e necessita abrir um novo caminho, ou seja, o auto-conhecimento.

1.2.4 - Neurose e Psicose (1924)

Neste pequeno artigo de 1924, Freud diferencia neurose e psicose nos seguintes termos: "a neurose é o resultado do conflito entre o ego e o seu id, enquanto, a psicose é, de forma análoga, um distúrbio semelhante nas relações entre o ego e o mundo externo."(p.149)

A neurose é, sobretudo, caracterizada pela existência de material reprimido que leva à criação de uma representação substitutiva, o sintoma. O Ego sente que a sua

unidade é ameaçada e sente-se enfraquecido pelo intruso, de forma que continua a defender-se contra o sintoma tal como clivou o impulso instintual. O Ego encontra-se, assim, ao serviço do Super-ego e da realidade externa o que faz com que entre em conflito com o Id.

No outro extremo está a psicose, em que o mundo externo ou não é percebido ou, então, a sua percepção não tem qualquer efeito. Neste caso, o Ego cria um novo mundo externo e interno autocraticamente, do que resultam dois factos: o novo mundo é construído de acordo com os desejos dos impulsos do Id e, o motivo para a dissociação da realidade externa tem a ver com a frustração provocada pela realidade em relação a um desejo - uma frustração que parece intolerável.

Como podemos ver, Freud fazia a distinção entre neurose e psicose, sobretudo tendo em conta a relação do ego com a realidade. Em Bion vamos encontrar uma ideia semelhante quando faz a distinção entre parte psicótica da personalidade e parte não-psicótica da personalidade. Em 1955 Bion dedica um artigo a este assunto (publicado em "Second Thoughts", 1967) mas considera que as duas personalidades coexistem e essa coexistência é essencial para o crescimento da mente. Este facto é especialmente importante no caso de pacientes psicóticos, cuja personalidade não-psicótica se encontra obscurecida pela personalidade psicótica, sendo-lhes, hipoteticamente, sempre possível "recuperar" a capacidade para pensar e o contacto com a realidade, o que parece responder à dúvida colocada por Freud no seu artigo, quando diz o seguinte: "Gostaria de saber em que circunstâncias e de que forma o ego consegue ter sucesso em sair desses conflitos [com a realidade], que estão certamente sempre presentes, sem se tornar doente." (1924,p.152)

1.2.5 - Inibição, Sintoma e Angústia

A preocupação de Bion em relação à vida psíquica do embrião surge quase no fim da sua vida, quando escreveu o artigo "Caesura" (1977) e, também na trilogia "A Memoir of the Future", sobretudo no terceiro volume "The Dawn of Oblivion" onde Bion põe em diálogo partes do self ainda dentro do útero e fora do útero, assim como partes embriológicas do self outras de estágios mais tardios da vida. Desta forma põe em evidência que há partes da personalidade que postas de lado logo na etapa pré-natal, mas que podem ter um papel muito importante na psicopatologia tardia.

Simon (1988) no seu artigo "The Imaginary Twins: the case of Beckett and Bion", sugere que esta preocupação de Bion com a vida mental ainda dentro do útero poderá estar relacionada com a influência exercida por Beckett, que foi seu analisando nos anos de 1935/36. O mesmo autor põe mesmo a hipótese de que o paciente A descrito no primeiro artigo escrito por Bion no período psicótico, "The Imaginary Twin", seja Beckett ou, então, alguém muito parecido com ele. Simon sublinha ainda que Beckett poderia ter

sido sentido por Bion como o seu "gémeo imaginário", numa altura em que ainda não tinha desenvolvido as suas teorias e necessitava de possuir uma forma de expressar e ter controle sobre as experiências de tratamento e da sua própria vida, com as quais era difícil lidar e comunicar. (Simon, 1988, p.340)

Mas, voltando às ideias de Bion, no início do artigo sobre a Caesura, são indicadas as fontes nas quais se inspirou para debater o assunto. Entre elas está uma frase do artigo "Inibição, Sintoma e Angústia": "A vida extra-uterina e a primeira infância apresentam uma continuidade bem maior do que a impressionante cesura do acto do nascimento nos permite supor."

As sensações associadas a estar dentro e estar fora do útero não são tão abruptas quanto possa parecer. As sensações tácteis de estar dentro dum "meio aquático" (watery medium), parecem manter-se e serem transportadas para as primeiras experiências da criança no mundo exterior.

Partindo desta ideia Bion postula a existência duma vida mental antes do nascimento, à qual é difícil aceder devido à cesura do nascimento. A questão que coloca em relação a este problema é a seguinte: "Como é que se pode penetrar este obstáculo? Poderá algum método de comunicação ser suficientemente "penetrante" para passar essa cesura desde o pensamento consciente pós-natal até ao pré-mental, no qual pensamentos e ideias possuem a sua contraparte em "tempos" ou "níveis" da mente onde não são pensamentos nem ideias?" (Bion, 1977, p.45)

Bion sublinha que essa penetração tem de ser efectiva nos dois sentidos, no entanto, como a psicanálise acontece no "aqui e agora", é impossível voltar atrás. É no presente que é preciso encontrar um método de formulação que possa penetrar a barreira.

O problema da cesura encontra-se também presente quando é preciso passar dum estado mental para outro. É preciso ultrapassar os vários obstáculos que surgem nesse processo e tentar perceber se são patológicos ou não. Bion refere que na experiência psicanalítica a preocupação principal recai na decifração daquilo que não sabemos em direcção ao que sabemos ou que podemos comunicar, e também, a partir daquilo que sabemos e podemos comunicar naquilo que não sabemos e de que não estamos conscientes porque é inconsciente e, pode mesmo ser pré-natal, ou pré-nascimento duma psique ou vida mental, mas é parte duma vida física, que em algum estágio um impulso físico pode ser transformado numa acção física.

Freud sempre se preocupou com a questão da angústia causada pelo corte biológico do cordão umbilical e, a que se referiu como provocando no bebé um estado de "desamparo mental". A seguir a este estado é posta em evidência a condição humana da neotonia, que mostra que, durante muito tempo, a criança vai depender física e psiquicamente de outras pessoas.

Bion retoma esta ideia de Freud mas deu-lhe outra dimensão ao destacar a onnipotência do bebé que o ajuda a libertar-se da dependência absoluta da mãe.

1.3 - O MITO DE ÉDIPO

Este mito, uma das teorias-chave da psicanálise, foi introduzido por Freud para descrever o conjunto de desejos amorosos e hostis que a criança experimenta em relação aos pais, baseando-se na história de Édipo Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pelo personagem do sexo oposto.

Freud chegou à ideia da existência de um complexo de Édipo a partir da sua auto-análise, das suas observações clínicas, dos estudos antropológicos e dos trabalhos sobre arte e literatura que, juntamente com a leitura da história de Édipo-Rei, lhe deram a ideia da universalidade do complexo. A primeira referência a este assunto data de 1897 e tem a ver com a morte do seu pai ocorrida um ano antes. Numa carta dirigida a Fliess diz o seguinte: "Eu descobri o amor pela mãe e os ciúmes do pai no meu próprio caso também, e agora acredito que seja um fenómeno geral da infância." (p.223)

A história de Édipo é um assunto recorrente em quase todas as épocas e culturas. Esta tendência tem-se mantido até aos nossos dias, onde tanto a filosofia como o cinema, a literatura, o teatro e a psicanálise (entre outras disciplinas) continuam a explorar as diversas facetas desse mito: enigmas, descoberta, tragédia espiritual, crime e castigo, infanticídio e abandono, fantasia e acção. Contudo, Freud enfatizou apenas o parricídio e o incesto com a mãe, que considera fantasias da criança e que podem ser identificadas em toda a gente. Na "Interpretação dos Sonhos" (1900) Freud diz o seguinte: "Tal como Édipo, nós vivemos na ignorância desses desejos, repugnantes moralmente, que foram forçados em nós pela natureza, e que após a sua revelação, podemos todos desejar fechar os olhos às cenas da nossa infância."

Na perspectiva de Freud, o complexo de Édipo seria um estado universal do desenvolvimento, que poderia ser considerado como uma lei universal da vida mental (Freud, 1925); as perturbações na sua resolução podem ter como consequência um resultado psicopatológico.

Segundo Freud, o complexo de Édipo é vivido no seu período máximo entre os três e os cinco anos, durante a fase fálica (em 1924 Freud introduziu mesmo o termo "fálico-edípico" para mostrar que a fase fálica é contemporânea do complexo de Édipo). O final do complexo de Édipo representa o culminar do desenvolvimento sexual da criança. A este final segue-se o período de latência, que dura até à adolescência, quando se dá o segundo desenvolvimento sexual e se estabelece a sexualidade adulta. O final do complexo de Édipo, o início do período de latência e a formação do super-ego são processos interrelacionados.

O fim do complexo de Édipo é explicado por Freud no seu artigo de 1924, "The Dissolution of Oedipus Complex", partindo do princípio de que existem factores que precipitam esse fim tanto no rapaz como na rapariga. No caso da rapariga, Freud sublinha a altura em que ela passa a olhar para si própria como aquilo que o pai ama acima de tudo, no entanto, quando chega o momento em que sofre um severo castigo do pai, acaba por sair desse "sonho"; no caso do rapaz, o acontecimento precipitante surge quando ele considera a mãe como propriedade sua e existe um momento em que descobre que esse amor, que julgava só seu, foi transferido para um bebé que está para chegar. Mas, para Freud, mesmo que não existam nenhum destes acontecimentos, a ausência da satisfação desejada e a continuada negação do bebé desejado, leva a que a criança retire o seu amor desses objectos. Por outro lado, o fim do complexo de Édipo pode também acontecer porque chegou a altura certa para a sua desintegração e, Freud diz o seguinte: "Apesar da maioria dos seres humanos passarem pelo complexo de Édipo como uma experiência individual, não é, contudo, um fenómeno que seja determinado pela hereditariedade e que desapareça de acordo com um programa quando surge a fase seguinte do desenvolvimento." (Freud, 1924, p. 174)

Freud coloca, assim, lado a lado a perspectiva ontogenética e a perspectiva filogenética, as quais considera compatíveis e que ilustra da seguinte forma: "Também é verdade de que até no nascimento do indivíduo ele está destinado a morrer, e se calhar a sua disposição orgânica talvez contenha a indicação daquilo que ele irá morrer." (Freud, 1924, p. 174)

Desde que Freud introduziu na psicanálise a ideia do complexo de Édipo, esta passou a fazer parte do background de teorias dos psicanalistas da época. Só com Melanie Klein foram introduzidas algumas alterações à teoria original de Freud, sendo a mais importante o facto de ter situado o início do complexo bem mais cedo do que tinha sido proposto anteriormente: "Penso que o ponto essencial das considerações que eu fiz, é de que eu datei estes processos como tendo início mais cedo, e que as diferentes fases (especialmente nos estádios iniciais) fundem-se mais livremente umas nas outras do que se pensava até então." (Klein, 1988, p. 197)

Klein concluiu que as tendências do complexo de Édipo se manifestam como consequência da frustração que a criança sofre durante o desmame e que o seu aparecimento acontece por volta do final do primeiro ano e início do segundo ano de vida. Estas tendências do complexo de Édipo são reforçadas pelas frustrações anais sofridas durante os treinos de higiene. (Klein, 1926) Mais tarde, em 1945, Klein situa o complexo de Édipo durante o primeiro ano de vida.

Ao longo da sua obra Klein sempre associou o complexo de Édipo aos sentimentos de culpa, à agressividade e às ansiedades sentidas no início da vida, referindo que o complexo começa a desenvolver-se de forma normal quando as ansiedades diminuem. Enquanto isso não acontece e, também devido à imaturidade do ego, os estádios iniciais do complexo de Édipo são caracterizadas por flutuações entre os diferentes objectos e objectivos, acompanhadas de correspondentes flutuações na natureza das defesas.

Juntamente com as alterações sobre o início do complexo de Édipo surgem, também alterações relativas ao início da formação do Super-ego.

Para Freud a formação do super-ego coincidia com o declínio do complexo de Édipo uma vez que, a criança ao renunciar à satisfação dos seus desejos edipianos atingidos pela interdição, transforma o seu investimento nos pais em identificação com os pais, ou seja, interioriza a interdição; o super-ego seria um herdeiro do complexo de Édipo.

Por sua vez, Klein refere que o super-ego existiria desde a fase oral, e devido à oscilação entre a fantasia de vida e as emoções conflituais, a criança introjecta os seus objectos (primeiro os pais) em cada estágio da organização libidinal. Mais concretamente, o seio da mãe é a base do super-ego, já que é o primeiro objecto a ser introjectado e, de cujas componentes depende o facto do super-ego poder ser amável e protector ou destrutivo e devorador.

Apesar desta alteração em relação ao início do complexo de Édipo, os seus elementos de base continuaram a ser os mesmos: Édipo-Rei, Jocasta e Laius. Ou seja, o mito de Édipo continuou a ser visto apenas do ponto de vista do parricídio e do incesto, pode-se dizer que continuou a ser uma questão familiar.

No entanto, Bion vai mudar a perspectiva em relação a este mito, sobretudo, porque o analisou do ponto de vista do conhecimento e considerou-o um importante componente do conteúdo da mente humana.

Bion fez referência pela primeira vez ao mito de Édipo, tendo em conta a questão da verdade, em 1958, no artigo intitulado "On Arrogance". Neste texto, o crime sexual é relegado para segundo plano e, o crime principal passa a ser a arrogância de Édipo, que quer saber a verdade a qualquer preço.

Mas, é no livro "Elementos em Psicanálise" (1962) que Bion faz uma análise detalhada do mito. Enquanto Freud usou este mito para ilustrar uma das facetas da sexualidade humana, ou seja, a relação Mãe, Pai e Filho, para a qual utilizou as personagens Édipo-Rei, Jocasta e Laius, Bion vai fazer incidir a sua atenção sobre três personagens diferentes: Tirésias, a Esfinge e o Oráculo e, diz o seguinte: "Graças às suas descobertas (de Freud) é possível, através da revisão do mito, ver que contém elementos a que não foi dada importância nas primeiras investigações porque estavam ofuscadas pela componente sexual do drama." (Bion, 1962, p.45) É a partir dessas três novas personagens que Bion vai rever o mito, utilizando para isso a Tabela e, atribuindo-lhe um papel importante na questão do conhecimento

Bion começa por referir que a forma como o mito é narrado e a forma como os seus elementos estão interligados é, de certa forma, análoga à fixação dos elementos de um sistema dedutivo científico através da sua introdução no sistema: é semelhante à fixação dos elementos no correspondente cálculo algébrico, caso exista. Desta forma, não é possível isolar nenhum dos elementos da história sem que haja distorsão, já que só podem ser compreendidos através da sua relação com os outros elementos. Por exemplo, a componente sexual possui uma qualidade que só pode ser descrita devido às implicações

que lhe são atribuídas através da sua inclusão na história; se essa componente for isolada da história perde as suas qualidades a não ser que o seu significado seja conservado através da indicação expressa de que "sexo" é um termo usado para representar o sexo tal como é experienciado no contexto do mito.

Além do elemento sexual, os outros elementos encontrados e interligados no mito edípico são enumerados por Bion e colocados na Tabela da seguinte forma:

1. O pronunciamento do Oráculo de Delfos: define o tema da história e pode considerar-se uma definição; corresponde à hipótese definitiva da Tabela;

2. A advertência de Tirésias: corresponde à coluna 2 da Tabela, ou seja, a hipótese que se sabe ser falsa e que funciona como barreira contra um outro conhecimento;

3. O mito como um todo: corresponde à coluna 3 já que, na sua totalidade, o mito pode ser considerado como o registo de uma realização, cunprindo por isso a função que Freud atribuiu à Notação;

4. O Enigma da Esfinge: corresponde à coluna 4, ou seja, à função que Freud atribuiu à Atenção, no entanto, implica também uma ameaça contra a curiosidade que a própria Esfinge estimula.

5. O triunfo de Édipo: corresponde à coluna 5 (Investigação), já que representa o triunfo da curiosidade sobre a intimidação, e pode ser considerado como um símbolo da integridade científica (o instrumento de investigação).

6. Os restantes elementos que podem ser isolados correspondem à coluna 6 - Acção - e são os seguintes: a peste que assola a população de Tebas; os suicídios da Esfinge e de Jocasta; a cegueira e o exílio de Édipo; e o assassinato do Rei.

Através desta categorização na Tabela, podemos ver melhor como o mito de Édipo pode ser usado à luz da Teoria do Conhecimento. Desta forma, o conflito entre o ponto de vista do paciente e o ponto de vista do analista deve ser encarado como um conflito entre K e -K, isto é, entre a verdade e a tentativa de a evitar (em termos de mito, representa o conflito entre Tirésias e Édipo).

Além do mito de Édipo, Bion utilizou também os mitos do Éden e da Torre de Babel e, mais tarde, os mitos da morte de Palinuro e da morte do rei de Ur, nos seus escritos sobre a teoria do conhecimento porque, o modelo dos Mitos representa uma intersecção entre o imaginário e o real, o concreto e o abstracto e entre o conhecer e o não conhecer as verdades originais. Uma vez que a produção imaginária colectiva que está contida no mito equivale à fantasia inconsciente como uma produção individual, esses mitos podem também ser considerados como mitos privados de cada indivíduo.

O mito conta um acontecimento primordial que teve lugar no começo do Tempo, é uma história sagrada. "Dizer" um mito é proclamar o que se passou *ab origine*. Uma vez "dito", quer dizer revelado, o mito torna-se verdade apodíctica: funda a verdade absoluta. O mito proclama a aparição de um novo acontecimento primordial. Portanto, é sempre a narração de uma "criação": conta-se como é que qualquer coisa foi efectuada, como é que começou a ser. É por esse motivo que o mito é solidário da ontologia: só fala das

realidades, do que aconteceu realmente, do que se manifestou plenamente. Contar essa história equivale a revelar um Minsitério, porque os personagens do mito não são seres humanos: são Deuses ou Heróis Civilizadores, e por esta razão as suas gesta constituem Mistérios: o homem não poderia conhecê-los se não lhos revelassem.

Em relação à utilização destes mitos, Bion diz o seguinte: "Os componentes destes mitos que eu desejo usar são aqueles que ilustram, no sentido de imagens internas ou símbolos que fazemos para nós próprios, características que podem representar os elementos psicanalíticos que procuro." (Bion, 1963, p.65)

Quando Bion estabelece a dimensão dos mitos (ou componente "como se") como uma das características dos elementos em psicanálise e dos objectos que deles derivam (as outras duas são a dimensão dos sentidos e a dimensão das paixões), refere que os enunciados que são proferidos nessa dimensão não se referem a factos observados ou a formulações que pretendam representar uma realização, mas são sim mitos pessoais. (Bion, 1963, p.12)

Na medida em que se tornam privados, estes mitos constituem uma parte do primitivo aparelho que possibilita a apredizagem, que é semelhante ao papel que os mitos públicos desempenham como sistemas de notação e de registo no desenvolvimento dos grupos, já que se trata da comunicação do conhecimento privado do indivíduo perante o grupo. Por exemplo, o mito privado correspondente ao mito de Édipo (como função da investigação), permite que o paciente compreenda a sua relação com os pais; se existirem perturbações no desenvolvimento desse mito, então, corre o risco de se desintegrar e, o aparelho que permitiria à criança aprender com a experiência corre também o risco de não se formar. No entanto, se o desenvolvimento decorrer normalmente, a criança conseguirá atingir uma concepção da relação parental.

Desta maneira, todos os mitos constituem formas primitivas de pré-concepção, no sentido em que mantém uma área insaturada que pode sempre ser preenchida pelos acontecimentos da experiência e, assim, dar origem a uma concepção.

2. O MODELO FREUDIANO

Com Freud assistimos ao nascimento de uma nova ciência, ou pelo menos à tentativa de criar uma nova ciência, tal como é expresso no "Projecto Para Uma Psicologia Científica": "A intenção é fornecer uma psicologia que deverá ser uma ciência natural: ou seja, que represente processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais específicas, que tornem esse processo claro e livre de contradições. Duas ideias principais estão envolvidas: [1] aquilo que distingue a actividade do resto deve ser visto como Q, sujeito às leis gerais do movimento. [2] os neurónios devem ser tomados como as partículas materiais." (1895,p.)

Ao tentar criar uma nova ciência, Freud fê-lo de acordo com as preocupações da época. Assim, ele tentou estudar a mente como fenomenologicamente idêntica ao cérebro, donde resulta um modelo neuropsicológico, com "hidrostática" e com o conceito darwiniano da evolução da mente. Devido a estes factores, a posição da "sua" psicanálise em relação às emoções ou aos afectos foi dificultada. Com base no modelo neuropsicológico, afirmava que as quantidades de excitação do aparelho mental eram apreendidas, subjectivamente, como emoções. Com base nos conceitos de Darwin, afirmava que as emoções eram experimentadas como consequência da percepção do nosso próprio comportamento social, sendo a exibição afectiva uma reliquia de modos primitivos de comunicação social. Outra questão que também sofreu limitações devido às fontes de inspiração de Freud, foi a dor mental (que irá ser um aspecto central nas teorias de Bion). Desde a análise de "O Pequeno Hans" que se percebe que Freud tinha consciência de que a dor mental existia e que estava ligada ao conflito intrapsíquico. No entanto, como a psicanálise de Freud acentava na ideia de que o objectivo final do funcionamento mental era a acção, o sofrimento mental (geralmente descrito como ansiedade) era entendido como tendo um valor heurístico de "sinal" de algum perigo.

Embora esses dois pontos de partida tenham proporcionado a Freud desenvolver as suas ideias, também tiveram um carácter limitativo (como por exemplo, não arranjar espaço para um mundo interno de que, apesar disso, o conceito de super-ego foi precursor).

Este modelo via a mente como um limite para o corpo e as suas necessidades e, por isso, envolvida na procura de meios que gratificassem essas necessidades sem precisar envolver-se num confronto directo com o meio ambiente, humano ou não-humano.

Na sequência do modelo neuropsicológico vamos encontrar o Inconsciente, Pré-consciente e Consciente (1ª tópica), que foram descritos à imagem da teoria anatómo-fisiológica das localizações cerebrais. Esta última baseava-se na ideia de existiam funções muito especializadas ou tipos específicos de representações ou imagens que seriam armazenadas em determinadas partes do córtex cerebral e que dependiam de suportes neurológicos rigorosamente localizados. Mas, Freud acrescentou a esta ideia o facto de que essa diferenciação entre os diferentes sistemas deveria ter um significado funcional, ou seja, que a mesma parte do aparelho não pode desempenhar as funções contraditórias que

são a recepção das excitações e a conservação dos seus vestígios. Assim, ao identificar Inconsciente, Pré-consciente e Consciente, Freud atribuiu a cada um desses sistemas uma função, um tipo de processo e a sua energia de investimento, que se especificam por conteúdos representativos. Entre cada um desses sistemas, Freud situa também censuras que inibem e controlam a passagem de um para o outro.

Mas, Freud vai para além dessa diferenciação fundamental ao dizer que a diferença entre os sistemas é correlativa de uma certa ordenação, de modo que a passagem de energia de um ponto para outro deve seguir uma ordem de sucessão determinada: os sistemas podem ser percorridos numa direcção normal, "progressiva", ou num sentido regressivo. Esta última forma de sucessão é ilustrada pelo sonho, em que os pensamentos podem assumir um carácter visual que pode ir até à alucinação, regressando, assim, aos tipos de imagens mais próximas da percepção, situada na origem do percurso da excitação.

Esta primeira proposta de Freud para distinguir os sistemas psíquicos pode ser entendida de duas formas: por um lado, encontramos uma origem genética, em que a emergência e a diferenciação progressiva das instâncias é feita a partir de um sistema inconsciente que, por sua vez, tem origem no biológico; por outro lado, existe a tentativa de explicar a constituição do inconsciente pelo processo de recalçamento, o que leva Freud a falar do recalçamento originário.

A partir de 1920, Freud começou a elaborar uma nova teoria, conhecida por 2ª tópica, na qual os sistemas psíquicos passaram a ser o Id (pólo pulsional da personalidade), o Ego (que funciona como o representante dos interesses da totalidade da pessoa e como tal é investido de líbido narcísica) e o Super-ego (instância que julga e critica, constituída pela interiorização das exigências e das interdições parentais).

O aparecimento desta nova teoria fica a dever-se ao facto de Freud ter começado a perceber o importante papel desempenhado pelas defesas inconscientes e pelas diversas identificações na constituição da pessoa e das formações permanentes que depõem no seio dela (ideias, instâncias críticas, imagens de si mesmo). Com esta nova concepção, passam a haver relações "intra-sistémicas" para além das relações "inter-sistémicas" que já existiam na primeira tópica, o que fez com que fossem postulados novos mecanismos específicos de cada instância e do seu intra-relacionamento.

São vários os textos de Freud em que é possível perceber que tem a necessidade de se libertar do modelo neuropsicológico para poder ir mais além, no entanto, isso só acontece praticamente no final da sua vida e obra, num artigo intitulado "Clivagem do Ego no Processo de Defesa" (1940). Assim, no geral, toda a sua obra foi marcada pela ideia de que existe uma distribuição de energia entre as instâncias psíquicas e que o conflito entre elas se resolve através da descarga dessa energia, ou seja, existe uma pulsão que é dirigida a um objecto, através do qual consegue atingir o seu alvo (descarga de excitação).

O esforço teórico de Freud foi, por um lado, o de aplicar a teoria da líbido à relação entre as células do organismo e, por outro, o de adaptar essa mesma teoria à

dualidade dos instintos. Para Freud as células germinais, potencialmente imortais, comportavam-se de uma forma que podia ser considerada narcísica no sentido em que necessitam de toda a sua potencialidade para atingir o seu objectivo, que é conservar a espécie.

A noção de pulsão foi, desde o início analisada de acordo com o modelo da sexualidade (sendo, no entanto, contraposta a outros tipos de pulsões) e na teoria freudiana manteve-se sempre dualista. Assim, os instintos sexuais surgem como uma parte do Eros dirigida aos objectos, que equivalem ao instinto de Vida, por oposição a Thanatos, ou instinto de Morte.

No fundo, Freud construiu um modelo quasi-neuropsicológico que nunca se afastou muito do "Projecto Para Uma Psicologia Científica", em grande parte devido à supremacia do modelo médico nessa época e que impedia que a mente pudesse ser compreendida como diferente do cérebro. Dessa forma, criou-se uma ciência que procurava explicações e verdades absolutas, ou leis que pudessem explicar os fenómenos observados. Mas, provavelmente, foi também a necessidade de criar uma ciência natural e, a consequente necessidade de criar teorias e leis que pudessem ser mantidas em qualquer situação e que pudessem ser apoiadas por diferentes observadores, que fez com Freud se mantivesse fiel ao seu modelo neuropsicológico.

3 - A INFLUÊNCIA DE MELANIE KLEIN

3.1 - IDENTIFICAÇÃO PROJECTIVA

Melanie Klein descreveu a existência dum mecanismo chamado "identificação projectiva" em 1946 num famoso artigo chamado "Notes on Some Schizoid Mechanisms". Como ela própria refere nesse trabalho «algumas das conclusões que irei apresentar neste artigo veem na sequência das conclusões apresentadas por Fairbairn, enquanto outras diferem significativamente. A abordagem que Fairbairn faz tem como ponto de partida o desenvolvimento do ego na relação com os objectos, enquanto que a minha tem como ponto de partida, fundamentalmente, as ansiedades e as suas vicissitudes."

De acordo com Klein, as relações de objecto existem desde o início e, o primeiro objecto é o seio da mãe, em relação ao qual o bebé dirige impulsos destrutivos, expressos através de ataques sádico-orais, e que se irão estender a todo o corpo da mãe. Nesta altura, os medos persecutórios que advêm dos impulsos sádico-orais para roubar os bons conteúdos do corpo da mãe e, os impulsos sádico-anais que pretendem pôr os excrementos no corpo da mãe (de forma a controlá-la), vão ser muito importantes no desenvolvimento da paranóia e da esquizofrenia. Desta forma se pressupõe que desde o nascimento existe já um ego suficientemente organizado para poder experienciar ansiedades, usar mecanismos de defesa e formar relações de objecto tanto reais como através da fantasia.

Contudo, no início o ego do bebé é desorganizado e, está exposto à ansiedade provocada pelo conflito entre o instinto de vida e o instinto de morte, assim como está exposto ao impacto da realidade exterior. Quando é confrontado pelo instinto de morte, o ego vai desviá-lo, por um lado, numa projecção e, por outro lado, na sua conversão em agressividade. Desta forma vai ficar clivado e projecta a parte que contém o instinto de morte no

objecto externo original, ou seja, o seio. Este, por sua vez, é sentido como contendo grande parte do instinto de morte que foi projectado pelo bebé e vai ser sentido como mau e ameaçador, dando origem ao sentimento de perseguição sendo, então, o medo original do instinto de morte transformado em medo do perseguidor. Este medo vai levar à divisão do seio em vários pedaços, de modo que o bebé vê-se confrontado com uma multidão de perseguidores. A parte do instinto de morte que ficou no ego vai ser convertida em agressividade que vai ser dirigida aos perseguidores.

Ao mesmo tempo, também a libido é projectada de forma a criar um objecto que irá satisfazer o esforço instintivo do ego pela preservação da vida, estabelecendo-se uma relação com o objecto ideal. Também com a libido acontece o mesmo que com o instinto de morte, ou seja, parte dela vai ser projectada para fora e, a que permanece é utilizada para manter uma relação libidinal com o objecto ideal.

Nesta altura, o objectivo do bebé é tentar adquirir, manter dentro e identificar-se com o objecto ideal, que é percebido como algo que lhe dá vida e é protector e, também manter fora o mau objecto e as partes do self que contêm os instintos de morte.

Nesta fase, que Klein denominou esquizo-paranóide, a ansiedade predominante é a de que o objecto ou objectos perseguidores entrem no ego e aniquilem ou dominem tanto o objecto ideal como o próprio self. Contra essa ansiedade vão ser desenvolvidos mecanismos de defesa, esforçando-se o ego por introjectar a parte boa e projectar a parte má.

Um desses mecanismos é a identificação projectiva, que Klein propôs que designasse "uma forma de relacionamento que é o protótipo de uma relação de objecto agressiva, onde grande parte do odio é dirigido à mãe e, esta passa a sentida como má." Através deste mecanismo partes do Eu e

de objectos externos são expelidas e projectadas no objecto externo, o qual se torna possuído e controlado pelas partes projectadas.

Este mecanismo tem início quando a posição esquizo-paranóide se estabelece em relação ao seio mas, persiste e, em geral intensifica-se, quando a mãe é percebida como um objecto total e todo o seu corpo é penetrado por identificação projectiva.

O conceito de identificação projectiva aborda dois aspectos diferentes e importantes: o aspecto "projectivo" e o aspecto "identificatório" mas, de acordo com Meltzer (1984) este termo não é satisfatório. Nas primeiras descrições que Melanie Klein faz do mecanismo de identificação projectiva, está subjacente a ideia de um fantasma onnipotente que penetra nos objectos externos. Mas, os seus trabalhos posteriores demonstram também que há a possibilidade desse fantasma penetrar no interior do corpo e do psiquismo dos objectos internos. As consequências psicopatológicas da utilização deste fantasma onnipotente também se fazem sentir no aspecto projectivo e no aspecto identificatório. O lado projectivo está relacionado com a experiência do Self no interior do objecto, ou seja, "o mundo no interior do objecto", quais são os fantasmas, as angústias e as possibilidades de vida, em geral, dentro desse objecto. O lado identificatório tem um interesse no sentido da imediata apropriação das qualidades e das capacidades do objecto que foi penetrado pelo objecto.

3.1.1 - O Continente/Conteúdo

Bion teve a preocupação de desenvolver uma teoria do pensamento, onde se pudesse compreender porque motivo algumas pessoas tinham tantas dificuldades em pensar e, por consequência, em estabelecer relações emocionais íntimas. Ao longo dos seus trabalhos desenvolveu uma nova concepção, tanto na relação analista/analizando como na relação mãe/bebé. Nesta conceptualização, o papel do analista e da mãe não se

limita a ser um simples regulador das emoções e das angústias (para as manter a níveis toleráveis) mas tem, também, um papel de participação e de ajuda activa no que se refere aos processos do pensamento do paciente e do bebé. Desta forma, Bion apela ao conceito de identificação projectiva, como um instrumento ao serviço da comunicação.

Assim, Bion vai atribuir à identificação projectiva uma dimensão muito para além do aspecto quantitativo que tinha sido descrito anteriormente e, concluiu que para todo o conteúdo projectado existe um continente receptor, além disso foi o primeiro autor a reconhecer que esse mecanismo desempenhava um importante papel como meio de transmissão da comunicação num nível muito primitivo por parte do paciente.

Ao atribuir um papel primordial à identificação projectiva na comunicação primitiva pré-verbal, Bion sustenta que este mecanismo é o precursor do acto de pensar quando o aparelho para pensar pensamentos ainda não está formado. Mais tarde, esse mecanismo irá também ser fundamental para a formação do aparelho para pensar através da interacção dinâmica continente/contéudo, onde o bebé vai projectar partes da psique, especialmente, emoções incontroláveis, que funcionam como "contéudo" num "continente" (o bom-seio), de modo a receber de volta os

"contéudos", mas desintoxicados pela acção da mãe. Este mecanismo vai ser importante para a formação do pensamento e dos símbolos.

Para demonstrar melhor o que pretendia dizer através do modelo continente/contéudo, Bion recorreu mais uma vez a outros modelos. Neste caso utilizou o modelo da relação sexual e o da relação boca-seio. O primeiro serviu para que Bion pudesse representar graficamente a relação continente/contéudo, pelos signos () numa clara alusão de que a vagina se comporta como um continente para conter a introdução do pénis, com as respectivas possibilidades prazerosas ou desprazerosas, sadias ou patológicas, que podem ocorrer nessa relação.

Mas, foi o segundo modelo que foi usado de forma consistente e sistemática para caracterizar as identificações projectivas que se processam entre as necessidades e ansiedades do bebé, projectadas na mãe e a capacidade desta em contê-las, até ela as poder devolver ao bebé de forma adequada.

Esta capacidade da mãe para devolver de forma adequada os contéudos projectados depende da sua capacidade de reverie. Tendo a sua origem na palavra francesa rêve que significa sonho, esta capacidade prende-se com um estado de "sonho" da mãe em que ela capta o que se passa com o seu filho, não tanto através da atenção provinda dos órgãos dos sentidos, mas muito mais pela sua intuição, de modo que uma menor concentração no sensorio possibilita um maior afloramento da sensibilidade. Bion diz que essa capacidade de reverie é uma componente da função alfa da mãe, capaz de captar as identificações projectivas do bebé, independentemente delas serem percebidas por esta, como sendo boas ou más.

Mas, a função continente da mãe, perante os contéudos do bebé, pode ter variantes:

1- a mãe encontra-se ausente física ou afectivamente e, dessa forma ela não atende às necessidades da criança ou, então desvaloriza as suas necessidades ou angústias; como resultado a criança entra num estado de des-esperança e o ódio da privação pode tornar-se tão intenso que, mesmo quando as suas necessidades vão ser satisfeitas, ele recusa essa satisfação.

2- uma segunda hipótese é de que a mãe seja dedicada física e afectivamente, no entanto a ansiedade que a domina levam-na a tomar medidas precipitadas e inadequadas para fazer face às necessidades do filho, o que pode implicar a devolução dos conteúdos do bebé sem que os tenha desintoxicado (por exemplo, a devolução do medo de morte, ficando o bebé invadido por um "terror sem nome").

3- na terceira possibilidade, a mãe é normalmente afectuosa e maternal e, perante o filho que chora devido ao temor à morte, ela funciona como um continente adequado, onde esse conteúdo é transformado de forma a que volte ao bebé liberto da angústia que provocava anteriormente.

Estas três possibilidades na relação entre a mãe e o bebé correspondem ao que Bion, mais tarde, designou como os três modos de relação entre o continente e o conteúdo e que apresentou no livro "Atenção e Interpretação"(1970) para se referir também à relação entre o místico e o grupo. Essas três modalidades são denominadas como parasitária, comensal e simbiótica.

A relação é "parasitária" quando o conteúdo vive às custas do continente, ou vice-versa, numa relação que tende para uma destruição recíproca.

Na relação "comensal", o continente e o conteúdo convivem de forma harmoniosa sem que, no entanto, haja crescimento significativo em nenhum deles.

Por fim, na relação "simbiótica", assiste-se a uma convivência entre continente e conteúdo onde há um crescimento que beneficia os dois.

O modelo continente/conteúdo tornou-se essencial, também para a técnica e prática analítica, sendo a relação mãe-bebé equivalente à relação analista-analisando. Dessa forma, tal como a criança só pode interiorizar uma determinada função se a mãe a devolver convenientemente, assim também o analista deve funcionar como um bom modelo de introjecção para permitir ao analisando desenvolver a capacidade de conter não só as angústias das pessoas que lhe estão próximas, como as suas próprias angústias. Mais, concretamente, Bion diz que o vínculo entre o analista e o analisando (ou entre mãe e bebé) é o mecanismo de identificação projectiva e, dependendo da capacidade de continência do analista, assim esse vínculo pode ser restaurado e desenvolvido ou, no caso de haver uma falha no continente, esse vínculo sofrerá renovados ataques com deterioração da sua capacidade de desenvolvimento.

Também os fenómenos de contratransferência e de contra-identificação dependem da capacidade de continência do analista. Desta forma o destino das identificações projectivas do analisando no analista também têm três destinos, análogos às três hipóteses que Bion colocou em relação às angústias do bebé que são projectadas na mãe.

3.2 - POSIÇÃO ESQUIZO-PARANÓIDE E DEPRESSIVA

Como já vimos atrás, o mecanismo de identificação projectiva inicia-se na fase que Melanie Klein denominou como posição esquizo-paranóide.

Esta fase, que inicialmente deveria chamar-se apenas posição paranóide, adquiriu o nome por que ficou conhecida devido às influências de Fairbairn, como a própria Klein explica: "Quando este artigo foi publicado pela primeira vez em 1946, usava o meu termo posição paranóide como sinónimo da posição esquizóide de Fairbairn. O exame posterior das coisas levou-me a combinar o termo de Fairbairn com o meu e, ao longo da presente obra, uso a expressão posição esquizo-paranóide." (citado por Baranger, 1981, p.16)

A posição esquizo-paranóide é, sobretudo, marcada pela "visão" da mãe como um objecto parcial que é sentida como boa quando alimenta e conforta e é sentida como má quando não atende de imediato às necessidades do bebé. Esta intensa clivagem do objecto em bom e mau faz com o bebé se confronte com os seus sentimentos de ambivalência em relação ao objecto. Como forma de evitar a ansiedade causada por essa ambivalência e, quando todos os outros mecanismos falham, a solução encontrada é a desintegração do ego que leva à sua divisão em pequenos pedaços.

Mas, quando passa a haver a predominância das experiências boas sobre as experiências más, o ego adquire crença na prevalência do objecto ideal sobre os objectos persecutórios, bem como na predominância do seu instinto de vida sobre o instinto de morte. Assim, à medida que a clivagem diminui, o ego adquire uma maior tolerância em relação à sua própria agressividade e, torna-se capaz de a sentir como parte de si mesmo, não havendo necessidade de a projectar nos seus objectos. Dá-se, desta forma, uma crescente diferenciação entre o que é Eu (self) e o que é o objecto.

Desta forma ficam criadas as condições para que se atinja a posição depressiva que foi definida por Klein como sendo a fase do desenvolvimento na qual o bebé reconhece um objecto total e se relaciona com esse objecto, o que acontece quando percebe que a mãe, além do seio, as mãos e da face, também pode ser boa, má, estar presente ou ausente e que pode ser amada ou odiada.

À medida que os mecanismos projectivos diminuem de intensidade, os objectos bons e maus vão-se aproximando e, o bebé começa a perceber que os sentimentos de gratificação e frustração provêm duma mesma fonte. Perante esta ambivalência, o medo do bebé é de que os seus impulsos destrutivos tenham destruído ou possam vir a destruir o seu objecto de amor, do qual depende totalmente. Como consequência desta situação surge a culpa que, à medida que há um fortalecimento do ego, o bebé vai conseguir tolerar, assim como vai ser capaz de amar e reconhecer as pessoas como indivíduos separados e diferenciados.

Quando se atinge esta etapa do desenvolvimento, estabelece-se a relação do bebé com a realidade. O ponto de fixação da doença psicótica está na posição esquizo-paranóide e no início da posição depressiva; assim, quando ocorre a regressão a esses pontos primitivos do desenvolvimento, perde-se o sentido da realidade e o indivíduo torna-se psicótico.

3.2.1 - Flutuação Entre a Posição de Dispersão Esquizo-Paranóide, Ps, e a Posição Depressiva de Integração, D (Ps <---> D)

Enquanto Klein concebeu as posições esquizo-paranóide e depressiva a partir da passagem evolutiva de uma para outra, Bion vai usar essas concepções numa forma dinâmica, propondo uma interacção entre essas posições que designou graficamente por PS<--->D, cujo nome completo é "flutuação entre a posição de dispersão esquizo-paranóide Ps e a posição depressiva de integração o ponto D" e que é descrito em "Elementos em Psicanálise" (1963) da seguinte forma: "Considera-se Ps uma nuvem de partículas capazes de se conglomerar em D e, D como um objecto capaz de se fragmentar e difundir como Ps." Assim, aquilo que Bion propõe é uma dinâmica imanente à mente em que o que era genético e/ou epigenético se transforma em actividade do ser, em inteligência transformando essa dinâmica interactiva num dos factores envolvidos na função psicanalítica da personalidade.

No livro "Elementos em Psicanálise", Bion considera o mecanismo PS<--->D como parte do processo necessário para que se desenvolva o pensamento através da sua acção sobre os objectos da realidade externa considerados elementos-beta e, pode também ser considerado como um estágio no desenvolvimento da auto-consciência quando esse processo decorre normalmente.

Mas, podem haver desvios em relação a esse processo, sendo as duas formas mais importantes o pensamento paranóide e a somatopsicose.

No pensamento paranóide Ps não vai dar a D mas sim a um novo Ps, ou seja, gera-se um Ps que interage com novo Ps e assim sucessivamente, criando a questão central da psicose que é o ódio à realidade. Por outras palavras, há um abater de D como unidade de significação por uma causalidade circular que estrutura então um "pensamento", pensado em anti-pensamento. (Amaral Dias, 1993,p.30)

Quando se origina esta circularidade de pensamento, em que Ps só pode originar um Ps, encontramos-nos num nível cognitivo onde domina o pensamento concreto. Devido à falha da função alfa, a mente apenas dispõe de elementos-beta que só são susceptíveis (em termos de Tabela) de hipótese definitiva, de serem "pensados" como enunciados falsos ou, então, podem ser vividos através duma acção.

Neste caso, ocorre aquilo que Bion denominou por "ataques aos elos de ligação", em que tudo o que pode ser uma forma de contacto com a realidade (interna ou externa) é atacado e destruído. A origem desta perturbação é dupla: por um lado, existe a disposição inata do sujeito para a destrutividade excessiva, para o ódio e para a inveja e, por outro lado, existe o ambiente que, na pior das hipóteses lhe nega o uso dos mecanismos de clivagem e de identificação projectiva.

A intensidade dos ataques torna-se ainda maior quando a mãe/analista apresentam uma falta de receptividade aos medos e ansiedades do bebé/paciente e, é diminuída, mas não abolida, quando a mãe pode introjectar os sentimentos do bebé e se mantém equilibrada. Mesmo assim, a tentativa de destruir a relação não desaparece porque o bebé sente ódio e inveja da capacidade da mãe em suportar os estados emocionais que ele próprio não consegue.

As relações do bebé com os seus objectos (internos ou externos) é mentida apenas com objectos parciais e, o seu pensamento fica restringido a objectos concretos. A forma de se relacionar com esses objectos está dependente do uso da identificação projectiva que, neste caso é patológica e por isso, vai impedir que se desenvolva a curiosidade que permite aprender com a experiência. Como consequência, o bebé torna-se incapaz de lidar com as suas emoções demasiado poderosas, que se tornam intoleráveis. Assim, os sentimentos de ódio voltam-se contra todas as emoções, inclusive contra o próprio ódio, e contra a realidade externa que os estimula.

Devido à identificação projectiva patológica e à clivagem intensa, os objectos e a parte da personalidade que ligariam o bebé que ligariam o bebé à realidade são fragmentados em partículas diminutas. O bebé fica, então, rodeado por objectos bizarros, o que contribui para o sentimento de que não pode restaurar os seus objectos ou o seu ego.

Em casos extremos pode ocorrer uma retirada autista, em que a criança se centra em si própria e todos os objectos à sua volta são tornados inanimados. Para Francis Tustin porque a mãe falha como suporte para a adaptação da criança, o que faz com que haja uma regressão da posição depressiva para a posição esquizo-paranóide. A criança volta a um nível de pensamento concreto, voltando a não haver diferenciação entre o "eu" e o "não-eu". Tustin refere, ainda, que a criança vai substituir a relação com a mãe por objectos (autistas), que lhe permitem sentir as sensações desejadas, evitando que a separação seja sentida. Como consequência, passa a viver num mundo falso e desenvolve, também, um "falso self". Uma vez que existem esses objectos que lhe permitem sentir as sensações que deseja, o contacto com o mundo externo torna-se cada vez mais difícil e, começam a verificar-se os comportamentos desregrados e excêntricos característicos destas crianças.

Além da perturbação do pensamento que é a psicose (caracterizada por Ps<-->Ps), Amaral Dias (1993) sublinha também a perturbação que é somatopsicose. Em contraste com a causalidade circular do pensamento psicótico, vamos encontrar agora uma causalidade linear, onde a ideia do sofrimento é uma constante. Neste caso, Ps evolui para D mas depois não há interacção; esta situação leva à desistência do objecto externo ou interno e à consequente depressão.

Quando se toma atenção ao discurso do sujeito psicossomático, chega-se à conclusão de que quando ele fala, não fala de nada. Embora haja a passagem de Ps para D, o pensamento mantém-se ao nível do factual e do concreto, a simbologia própria da linguagem não existe porque o símbolo passa a ser o sintoma somático.

Neste caso, estabelece-se uma relação continente/conteúdo em que o continente despoja o conteúdo da sua qualidade penetrante e o conteúdo despoja o continente da sua qualidade receptora. Trata-se de uma modalidade parasitária com a palavra, que por isso, na relação objectal inviabiliza a penetrabilidade emocional e a recepção pelo objecto. (Amaral Dias, 1992, p.104)

Já vimos atrás que a designação correcta de Ps<-->D é "flutuação entre a posição de dispersão esquizo-paranoide e a posição depressiva de integração", o que nos remete para outra questão central deste mecanismo: a tolerância à dispersão. Se não houver tolerância, o processo de crescimento mental fica ameaçado já que, perante a situação frustrante a solução encontrada é a fuga o que vai impossibilitar a instropecção e a deriva interna.

3.3 - O MODELO KLEINIANO

Melanie Klein considerava-se a si própria como uma continuadora natural das ideias de Freud nos seus últimos anos de vida. Por exemplo, ela desenvolveu a aplicação da teoria do instinto de morte na prática clínica, elaborou a teoria do superego, e procurou encontrar sinais de determinantes psicológicos significantes cada vez mais cedo na vida do indivíduo. Além disso, estendeu a psicanálise às crianças, o que Freud não tinha feito.

Mas, a sua principal contribuição é a descoberta de que existe um mundo interno que é um lugar tão real como o mundo externo. A implicação deste mundo interno foi a de que a realidade psíquica pôde ser tratada de forma concreta como um lugar onde as relações aconteciam e onde o significado da vida era gerado para ser usado no mundo externo.

Com esta nova descoberta o conceito freudiano de recalçamento foi posto em risco, colocando-se a hipótese da existência de um inconsciente não necessariamente ligado ao recalçamento, ao mesmo tempo que o vértice de observação foi deslocado do processo onírico do recalçado para a relação. Com esta passagem, a atenção centrou-se nas imagens que povoam o mundo interno e, a fantasia passou a ter um papel central na existência do inconsciente, além de passar a ser entendido como transacções que ocorriam no mundo interno.

Por outro lado, o conceito de fantasia inconsciente permitiu pensar num ponto de encontro e de integração entre pulsões e afectos, o que reconduz estes últimos para ao domínio do inconsciente, de onde Freud os tinha excluído nos seus trabalhos sobre a

metapsicologia. É, no entanto, este paradigma kleiniano, unindo afecto e representação, que permitiu novos desenvolvimentos, tanto na teoria como na prática, na psicanálise actual.

Como consequência, os sonhos deixaram de ser vistos como um processo que permitia aliviar as tensões de forma a proteger o sono para passarem a ser vistos como imagens do **dream life** que estavam sempre presentes, tanto quando a pessoa estava a dormir como quando estava acordada.

As novas propostas de Melanie Klein podem ser consideradas como um modelo teológico, em que cada pessoa possui aquilo que pode ser descrito como uma "religião", na qual os objectos internos têm a função de Deuses. No entanto, o poder dessa "religião" não deriva da crença nesses Deuses, mas sim porque esses Deuses têm, de facto, funções na mente. E, se a pessoa não confiar nos seus Deuses, encontrar-se-à num estado a que Kierkegaard chamou "estado de desespero".

Como consequência desta "sociedade da mente", os conceitos de narcisismo e de transferência sofrem uma profunda alteração. O conceito de narcisismo deixa de ser uma teoria sobre a natureza da libido e da sua relação com o corpo para passar a ser um conceito muito mais social e organizacional, nomeadamente no que se refere à relação das diferentes partes da personalidade da criança, devido à sua competição e ao desafio exercido pelos objectos internos, sobretudo, as figuras parentais que desempenham funções de Deuses.

Por seu lado, o conceito de transferência deixa de ser entendido como reliquias do passado para passar a ser entendido como externalizações do presente imediato da situação interna e, que deve ser estudada como realidade psíquica. Os pacientes deixam de sofrer de reminiscências e, são entendidos como vivendo no passado, como se o passado fosse representado no presente imediato no mundo interno ao nível da vida mental infantil.

Além das alterações que sofreram os conceitos de narcisismo e de transferência, Klein introduz os conceitos de posição esquizo-paranóide e depressiva. Na primeira, a pessoa é levada a abandonar-se a si própria por um sistema de valores de interesse do self, enquanto na segunda, devido à relação com os bons objectos, chega-se ao amor por esses objectos como o sistema de valores predominante, além da preocupação pelo self. Se através destes conceitos, foi possível perceber a relação do self com os sistemas de valores, através da introdução dos conceitos de clivagem e identificação projectiva, foi possível perceber que a mente não era uma unidade e que podia ser fragmentada. Além disso, o mecanismo de identificação projectiva permitiu perceber que podem existir mais do que dois mundos onde as pessoas podem viver, existem tantos quantos são possíveis, já que viver dentro de um objecto implica viver num mundo diferente (da realidade psíquica e da realidade externa e regido por severas perturbações).

Melanie Klein descreve uma mente que lida com significados e com valores, que oscila as suas relações entre o narcisismo e as relações de objecto e, que vive em, pelo menos, dois mundos diferentes, o mundo interno e o mundo externo, acabando com a ideia de unidade da mente a partir do momento em que percebe que esta se pode dividir a

si própria e, que essas partes se relacionam separadamente umas com as outras e com o mundo externo. Assim, a psicanálise de Klein baseou-se, essencialmente no estudo das relações entre as diversas partes da mente sem que tenha havido uma abordagem de cada uma delas em particular.

Melanie Klein, por seu lado, permitiu a mudança que possibilitou a passagem para uma ciência descritiva, observando e descrevendo fenómenos que eram infinitos nas suas possibilidades porque eram fenómenos da imaginação e não acontecimentos finitos dependentes da distribuição da "energia mental" do cérebro.

3.4 - O MODELO BIONIANO

O modelo bioniano é descrito por Meltzer como quasi-filosófico, no sentido em que os pensamentos se encontram na caverna assombrada de Platão, esforçando-se por apreender os fenómenos do mundo. (Meltzer, 1978, p.2)

Bion descreveu a mente como um aparelho para pensar e aprender, tendo em conta a experiência emocional que lhe é imposta, através da sua capacidade de atenção selectiva que advém do órgão da consciência para a percepção das qualidades psíquicas. É esse aparelho que consegue transformar a experiência emocional em pensamentos que pode ser usado para pensar e, conseqüentemente, para aumentar o seu nível de abstracção e sofisticação.

Bion considerou a hipótese de que a mente se podia atacar a si própria e ficar dividida em minúsculos fragmentos, clivando funções mentais específicas e, que podia também projectar pedaços da personalidade que continham essas funções isoladas noutros objectos. Foi a partir desta ideia que Bion começou a investigar e a elaborar o conceito de pensamento. Nessa elaboração dessa teoria, Bion parte do princípio que pensamentos e a sua elaboração são diferentes do acto de pensar (como transformação desses pensamentos).

Através da divisão da personalidade em parte psicótica e parte não-psicótica, Bion introduziu também a ideia de que existe uma área do funcionamento mental que consegue simbolizar e outra que não consegue atingir esse estado de simbolização. Através da simbolização, as operações que são desencadeadas, juntamente com a introjecção, a instituição de um pensamento inconsciente capaz de estabelecer vínculos entre as várias experiências emocionais. Desta forma, o pensamento pode aproximar-se do consciente, através do pré-consciente, mediante as ligações que estabelece com os vestígios verbais, o que já tinha sido sublinhado por Freud.

O aparecimento de pensamentos implica o desenvolvimento da mente e, este desenvolvimento é considerado por Bion como algo muito complexo, que tem de ser estruturado em cada etapa e que não pode ser comparado com as formas de crescimento

biológicas, adoptando o ponto de vista de que o desenvolvimento mental era, de certa forma, autónomo, ou seja, a mente construía-se a si própria, pedaço a pedaço através de experiências "digestivas".

E, nesse processo, a mãe desempenhava um papel fundamental ao executar funções para o bebé (funções mentais) e, que a partir da sua internalização podiam depois ser levadas a cabo pelo próprio bebé. No fundo, aquilo que a mãe tem que fazer é pensar pelo bebé. É através da função-alfa que é possível que os conteúdos projectados pelo bebé sejam transformados e devolvidos de forma que possam ser pensados e, sobretudo, ser sonhados pelo bebé. Mas, além da capacidade de reverie, a mãe precisa de ser, também, internalizada como um objecto do pensamento, deixando de ter um papel meramente físico, que satisfaz as necessidades do filho.

Na sua tentativa de mostrar como os pensamentos se desenvolvem, Bion construiu a Tabela, em que o nível básico dos pensamentos é representado pela linha C que se refere aos sonhos, aos pensamentos oníricos e aos mitos. Paralelamente ao crescimento dos pensamentos na mente, Bion sugeriu a existência paralela dos anti-pensamentos ao serviço da destruição, que iriam contra a descoberta da verdade e, que seriam, no fundo, um sistema para gerar mentiras.

Através desta Tabela com uma parte positiva e outra negativa, foi possível concluir acerca da existência duma justaposição entre verdade e mentira, em que a tentativa de manter relações de amor com os bons objectos é constantemente ameaçada pelas mentiras que pretendem o abandono da relação com a verdade, o que seria a fonte primordial da doença mental.

O desenvolvimento da mente depende do nível das relações íntimas (existe também o nível das relações contratuais e o nível das relações causais, mas não levam ao crescimento nem ao desenvolvimento da mente) em que os acontecimentos primordiais são experiências emocionais, sobre as quais se deve pensar e compreender se a mente está a crescer e se pode desenvolver. A emoção é o significado da experiência e de tudo o que evolui na mente através da função alfa, ou seja, as representações do significado, que são as paixões. Por outras palavras, a saúde mental consiste em estar apto para preservar a área das relações íntimas apaixonadas, isto é, o nível estético da experiência.

Assim, para Bion as relações do mundo interno geram o significado das relações em geral e geram, também, um significado que pode ser usado na vida e nas relações do mundo externo, o que quer dizer que todas as relações externas têm uma qualidade de transferência, uma vez que o seu significado deriva daquilo que existe no mundo interno.

A modificação que Bion introduz na modificação que, por sua vez, Klein tinha feito do modelo da mente proposto por Freud, diz respeito às funções mentais que fornecem emocionalmente o seu lugar correcto na apreciação daquilo que se passa na mente e daquilo que se passa nas relações com outras pessoas. É só nas relações íntimas, onde se encontram as paixões, que os conflitos com significado emocional podem ser experimentados, o que contribui para o crescimento da mente. (Meltzer, 1981, p.184)

3.5 - AS INFLUÊNCIAS FILOSÓFICAS

3.5.1 - Platão

A principal influência de Platão na obra de Bion encontra-se na teoria do mundo das ideias. A sua teoria do conhecimento parte da distinção entre mundo sensível, que proporciona um conhecimento relativo da realidade e, conhecimento científico e racional (episteme) que penetra no verdadeiro ser das coisas, as ideias. Estas são unidades universais, essências objectivas, eternas e imutáveis, reais em si mesmas, que existem no mundo inteligível, um mundo à parte do das coisas, que não são mais do que as cópias ou as sombras das ideias. Graças às ideias, que actuam como princípios ontológicos e epistemológicos, as coisas são e podem ser conhecidas.

Mas, para mostrar melhor de que forma Platão entende as ideias será melhor apresentar um breve resumo sobre a sua teoria que é desenvolvida na República (livros V-VII).

Platão introduz as Formas na República através de Sócrates e, faz essa introdução, aparentemente, sem nenhum argumento a favor da sua existência. Várias questões se podem colocar em relação a esta falta de argumentos: talvez Platão quisesse manter a sua teoria disponível só a iniciados; talvez não tivesse argumento e postulasse a existência das Formas, de forma a prosseguir com o resto da teoria; ou talvez pensasse que seria tão óbvia a existência das Formas que estas não necessitavam de demonstração.

Assim, só se podem entender as Formas analisando aquilo que Platão pretende delas e, a sua definição acontece através do contraste com as não-formas. As Formas podem ser caracterizadas de três maneiras:

1. Unicidade - a Forma X é a única da sua espécie;
2. Autopredicação - A Forma X é o exemplar puro da propriedade X;
3. Não-identidade - As coisas individuais X (acções, corpos, configurações, objectos manufacturados) participam da Forma X, mas nenhuma delas é a forma unitária de X.

Embora Platão nunca esclareça muito bem a questão das Formas, a relação que se pode tirar é de que se, de facto, tem de haver qualquer conhecimento, então deverá ter as Formas por objectos.

Mas, como a meta principal de Platão é a demonstrar as lacunas do mundo da experiência vulgar, a superioridade das Formas baseia-se no argumento contra o conhecimento dos particulares:

1. o conhecimento de uma coisa X é possível apenas se essa coisa for incondicionalmente X (ou "sempre" X);
2. as coisas individuais X (em virtude, ao menos de algumas propriedades X) são X e não-X;
3. Não pode haver conhecimento de coisas individuais X.

Desta forma, temos o pressuposto de que o conhecimento tem de ser conhecimento do que é. Por exemplo, o método científico pressupõe que se parta da ignorância a respeito do Sol ou da circulação sanguínea humana para chegar, assim, às primeiras opiniões, a saber, que o Sol gira em torno da Terra ou que o sangue flui e reflui nas veias para os tecidos do organismo e regressa ao coração. Após observação e experimentação, essas opiniões são abandonadas, substituindo-as pelo conhecimento. É, então, que se fica a saber que a Terra gira em volta do Sol e que o sangue percorre as artérias e as veias. Completou-se, assim, uma jornada, da ignorância passando à opinião e, desta ao conhecimento, sempre sobre os mesmos objectos. Na perspectiva de Platão, a cada grau de intelecção tem de corresponder uma ligação a um assunto diferente, por exemplo, não-sangue, quase-sangue, verdadeiro sangue.

As Formas contrapõem-se aos objectos da observação humana e essa oposição entre o visível e o inteligível sugere uma analogia entre o Sol e algumas entidades correspondentes no domínio do intelecto:

Forma do Bem	Sol
Inteligência	olhos
Conhecimento	visão
Formas	objectos visíveis

Assim como os olhos vêem os objectos graças ao fornecimento da luz pelo sol, assim também a razão humana pode conhecer as Formas graças apenas às intercessões da Forma do Bem. E como o Sol, fonte de toda a energia, torna possível a existência de todas as coisas vivas, a Forma do Bem não só nos permite conhecer as Formas mas é causa de elas existirem em primeiro lugar. Assim, a Forma do Bem, qual meta nebulosamente vislumbrada de toda a investigação, torna as Formas acessíveis à mente, da mesma maneira que o Sol torna as coisas acessíveis aos olhos.

A Forma do Bem é o princípio supremo da metafísica, em virtude da sua superioridade relativamente às outras Formas, bem como o princípio supremo da epistemologia, a entidade que tem de se compreender se se quiser conhecer a natureza integral das Formas. Assim, as duas funções da Forma do Bem, correspondentes às funções do Sol enquanto causador tanto das coisas visíveis como da visão delas, associam

a metafísica à epistemologia. Ao mesmo tempo, justamente por ser a Forma do Bem, esta representa a meta da vida. o princípio que dá sentido e justificação a todo o comportamento humano orientado pela busca do valor.

Platão faz a distinção entre o objecto de opinião e o objecto do conhecimento, com base na perspectiva da Forma do Bem, a partir da qual descreve uma linha irregularmente dividida, com cada parte igualmente dividida nas mesmas desiguais proporções. Os dois segmentos resultantes do primeiro corte correspondem aos objectos do conhecimento e da opinião. Os objectos de opinião, as coisas visíveis, são depois separados em objectos físicos ordinários e suas sombras e reflexos. A classe mais elevada de objectos dá lugar, por sua vez, a uma divisão em Formas e objectos matemáticos.

Com esta Linha Dividida, Platão pôde pôr em evidência dois aspectos: permite explicar a um auditório afilósofico como os objectos de opinião se relacionam com os objectos do conhecimento, convidando o mesmo auditório a ver o mundo visível como uma imagem ao espelho de um outro lugar mais consistente; em segundo lugar, a Linha permite a Platão encontrar um lugar especial para a matemática. a inquirição que ele colocou acima de todas as outras capacidades como propedêutica da filosofia.

Nos termos de Platão, as coisas deste mundo possuem uma realidade mais substancial do que os seus reflexos; o meu reflexo depende de mim quanto à sua existência mas não o contrário; constituo um objecto mais fiável de conhecimento do que o meu reflexo. Assim, a metáfora da semelhança utilizada por Platão, diz aos não-filósofos o que eles perdem quando se espojam no mundo dos sentidos e sugerem o modo como eles poderão vir a alcançá-lo.

Através da Alegoria da Caverna, Platão transpõe as distinções da Linha Dividida para a imagética do Sol e da luz que ilustrou a Forma do Bem. Os quatro estados de coisas que os prisioneiros vêem - as sombras (projectadas pelo clarão da fogueira) das estátuas das coisas; as próprias estátuas; as sombras (projectadas pela luz solar) das coisas de que as estátuas são imagens; finalmente, as próprias coisas - correspondem aos quatro estádios de objectos cognitivos dispostos ao longo da Linha Dividida.

Mas, a Alegoria da Caverna identifica um tipo específico de coisas para cada um dos passos da Linha. Enquanto a Linha atenua a hierarquia do conhecimento e do ser, para realçar as abordagens dos humanos ao que eles conhecem, a alegoria adere à pressuposição estrita de que, para cada espécie de saber, há uma coisa separada a conhecer.

Em resumo, Platão tenta definir as suas Formas em oposição às coisas deste mundo. Esta oposição dirige-se sempre à não-identidade das Formas com os particulares e, habitualmente, capta também a sua autopredicação, a sua característica de exemplificar as suas propriedades

Como diz Lansky no artigo "Philosophical Issues in Bion's Thought" (1981,p.429) "A tarefa de Bion é a de descobrir nas fundações, a mais universal notação e linguagem para a essência dos dados psicanalíticos" e, é neste sentido que o seu trabalho é muito mais filosófico do que psicanalítico.

Ainda de acordo com este autor, esta procura nas fundações assemelha-se ao trabalho desenvolvido pelo matemático alemão Gotlob Frege na sua tentativa de procurar as fundações da matemática para além do sistema em que se insere.

Mas, para além da tarefa de procurar as fundações, encontramos em Bion a preocupação de perguntar "O que é que é isso que é conhecido; o que é o conhecido; o que é que é conhecido; e em que sentido?"

Estas perguntas de carácter epistemológico têm a sua origem em Kant. Como se sabe, Bion teve o primeiro contacto com as ideias de Kant quando estudava em Oxford através do filósofo Patton que, como refere na sua autobiografia, foram extremamente importantes e, essa importância refletiu-se ao longo da sua obra.

Bion utilizou as ideias kantianas, sobretudo, para clarificar as questões relativas ao pensamento, introduzindo a ideia de que, tal como as coisas no mundo material, também as coisas do mundo interno são incognoscíveis em si-mesmas. Assim, o problema do conhecimento é encarado como uma tentativa de, nas fundações, descobrir que tipo de pensamento pode ser competentemente usado no processo de pensar, ou seja, a memória, armazenamento, e transformação de pensamentos sonhados, conceitos e ideias, aspectos que não são conhecidos em si-mesmos mas só através das suas qualidades primárias e secundárias. O que só é possível através da função-alfa que transforma os elementos-beta.

É a partir desta clarificação epistemológica do que pode ser transformado (através da função-alfa) e do que não pode ser transformado, que Bion pode inferir as fundações do pensamento na situação analítica, o que foi tentado através da descrição dos elementos psicanalíticos e da tabela.

3.5.2 - Immanuel Kant

No primeiro período da sua obra que vai até 1768, Kant dedica-se apenas ao exame crítico de obras filosóficas já existentes, onde se dedica às teorias das ciências da Natureza e às questões da filosofia do tempo. Mas, começa também a desenvolver as suas próprias teorias que esboça pela primeira vez na Dissertação de 1770 (Da Forma e dos Princípios do Mundo Sensível e do Mundo Inteligível) e que aparecerão de forma definitiva na sua principal obra, **Crítica da Razão Pura**, em 1781. É, nesta última obra que reside o interesse, já que são as ideias aí expostas que Bion utilizou como base para a elaboração das suas próprias teorias.

A filosofia de Kant deve ser entendida como um grande momento da filosofia burguesa clássica, que deveu o seu início a Bacon e Descartes e prolongou-se até Hegel e

Feuerbach. Este movimento filosófico exprime os interesses e as exigências da burguesia ascendente em luta contra a ideologia feudal-clerical e, o seu pensamento girará em torno da questão formulada implicitamente por Bacon e Descartes: "Como é que um homem pode dominar racionalmente a Natureza e a sociedade?", já que a principal diferença deste movimento filosófico em relação à filosofia tradicional da sociedade feudal está em não mais considerar a realidade objectiva como dada mas sim como dominável pela razão humana.

Nesta nova corrente filosófica proclama-se a independência do homem relativamente a toda a autoridade; o indivíduo é introduzido pelo pensamento burguês como Eu, como Sujeito que é capaz - eficaz e activamente - de acções e decisões autónomas. Por seu lado, a realidade exterior é considerada pela filosofia burguesa clássica como algo meramente exterior e que é, também perturbador, sendo algo que se contrapõe ao homem e limita o seu agir. Torna-se, assim, em todas as suas manifestações, um mundo exterior estranho ao homem.

Nesta perspectiva, Kant considera a realidade objectiva segundo o modelo da produção matemática e da construção geométrica como produzida, como gerada pela razão, como o seu produto - precisamente na medida em que ela é susceptível de ser dominada pelo homem.

Juntamente com Hobbes, Spinoza e Leibniz, Kant foi um dos primeiros filósofos a tentar demonstrar que o mundo exterior podia ser dominado pelo homem. No prefácio da segunda edição da *Crítica da Razão Pura*, diz o seguinte:

"Admitia-se até aqui que todo o nosso conhecimento se devia regular pelos objectos; mas todas as tentativas para estabelecer qualquer coisa a priori segundo conceitos, pelo que o nosso conhecimento fosse estendido, não conduziam, sob este pressuposto, a nada. Tente-se pois uma vez ver se não progrediremos melhor nas tarefas da metafísica, admitindo que os objectos têm de se regular pelo nosso conhecimento, o que concorda melhor com a possibilidade requerida de um conhecimento a priori desses objectos, que deve estabelecer qualquer coisa a respeito deles, antes de eles nos serem dados." (citado por Buhr, 1968,p.63)

O pensamento de Kant é conduzido pela convicção de que a realidade objectiva é dominada, sem excepção, por uma conformidade a leis (necessidade natural); o facto de se poder conhecer a verdade das leis da Natureza é, para a filosofia de Kant, um pressuposto indispensável. Esta ideia de Kant enquadra-se na filosofia racionalista dos séculos XVII e XVIII, também conhecida por filosofia matemático-mecanicista porque ela encontrou a evidência e a cientificidade, sobretudo na forma demonstrativa da geometria euclidiana, e reconduziu finalmente todo o acontecer à transferência de movimento de corpos qualitativamente semelhantes. E, é com Kant que este movimento atinge o seu ponto mais alto, uma vez que para este filósofo a ciência verdadeira e a ciência matemática da Natureza são idênticas. Tudo aquilo que não pode ser reconduzido à ciência matemática da Natureza ou que, pelo menos, não pode ser, segundo os seus princípios, reconduzido a um sistema, não merece o nome de ciência, não é uma ciência propriamente dita, mas apenas "um saber que é impropriamente designado como tal."

Assim, enquanto os seus antecessores estavam firmemente convencidos da onipotência do conhecimento matemático da Natureza, Kant exprime a convicção de que se colocam limitações de princípio à sua capacidade operacional. O facto de surgirem novas descobertas, a conclusão de novas conexões, começaram a tornar o pensamento matemático-mecanicista demasiado limitado para responder a novas questões com os métodos antigos. Desta forma, ficou aberto caminho para que Kant pudesse demonstrar essas limitações e de resolver filosoficamente a situação problemática daí resultante.

Kant resolveu esse problema da filosofia burguesa clássica tanto no campo teórico (Crítica da Razão Pura) como no campo prático (Crítica da Razão Prática), na primeira desenvolve em a sua teoria do conhecimento enquanto na segunda desenvolve a sua ética, estética, filosofia da história, filosofia política e filosofia da religião.

E, as soluções apresentadas por Kant foram as seguintes:

- na filosofia teórica: demonstrou que a realidade objectiva era produzida pela razão humana e, deste modo, como dominável pelo homem, ao introduzir as categorias como formas de entendimento que são absoluta e ilimitadamente válidas para cada esfera da experiência e para cada experiência singular, mas não para o todo absoluto da experiência; e pelo facto de ter tornado todos os fenómenos acessíveis em princípio ao conhecimento humano mas, em contrapartida, ter tornado inacessíveis as coisas-em-si.

- na filosofia prática: a realidade social faz do indivíduo um ser sociavelmente-insociável que prescinde de todo o acordo real com o mundo e a sociedade - desde que esta exista apenas como algo formal, como uma ideia à qual continuamente se aspira, e pertença às tarefas infinitas da razão que o indivíduo tem de se colocar a si mesmo nas suas acções.

3.5.3 - A Teoria do Conhecimento

A teoria do conhecimento é apresentada por Kant na "Crítica da Razão Pura" (1781), onde propõe o **método transcendental** como forma de exame crítico das condições e das possibilidades do conhecimento.

O método transcendental tem como consequência que o conhecimento não se deve regular pelos objectos, mas sim os objectos pelo nosso conhecimento, em relação ao qual Kant diz o seguinte: "Eu chamo transcendental a todo aquele conhecimento que não se ocupa tanto de objectos como do nosso modo de conhecer objectos, na medida em que este deve ser possível *a priori*."

Por conhecimento a priori, Kant entende o conhecimento independente de toda a experiência, o conhecimento que, por um deduzir lógico, se obtém a partir da razão. Assim, cada conhecimento a priori, ou seja, puro, é certamente obtido exclusivamente a partir das formas da intuição (espaço e tempo) das formas do entendimento (categorias) e

dos conceitos da razão (ideias). Elas não derivam da experiência, mas são só elas que tornam possível o conhecimento da experiência, na medida em que lhe conferem o seu carácter necessário e essencial.

Na Crítica da Razão Pura, a principal preocupação de Kant foi a de transformar a filosofia, segundo o modelo da ciência matemática da Natureza, numa verdadeira ciência e de fundamentar com segurança as correspondentes condições do conhecimento.

3.5.4 - Juízos Analíticos e Juízos Sintéticos

O início dessa investigação é feito através da distinção entre juízos analíticos e juízos sintéticos. A determinação do juízo analítico é a decomposição ou análise, enquanto que a determinação do juízo sintético é a ligação, a síntese.

Desta forma, os juízos analíticos têm um diminuto valor cognitivo, pois apenas atingem o mero esclarecimento do que já era conhecido. O autêntico valor cognitivo procede somente daqueles juízos que contêm uma proposição sobre a conexão, as ligações, de representações diversas, contrapostas. É o caso exclusivo dos juízos sintéticos e, principalmente, daqueles juízos que assentam em efectivas conexões de representações que são obtidas por meio da percepção. logo, no caso dos juízos da experiência. Esta espécie de juízos sintéticos constitui a base de toda a actividade cognitiva, mas não o seu fim último.

A actividade de conhecimento do homem não deve reduzir-se a eles, porque eles carecem do momento mais importante do conhecimento verdadeiro e autêntico: a universalidade e a necessidade rigorosas.

Assim, segundo Kant, só podem ser universais e necessários aqueles juízos que se obtêm a partir da razão pura, e que são a priori, isto é, de antemão, rigorosamente universais e necessários. Todos os juízos analíticos são juízos a priori, porque para os emitir não é preciso nenhum caso da experiência - eles assentam exclusivamente num acto do entendimento. No entanto, eles não alargam o nosso conhecimento.

O conhecimento só pode ser alargado através dos juízos sintéticos a priori, que para Kant significam o ideal do conhecimento verdadeiramente autêntico e, que se acontecem na total ausência da experiência. É a partir destes juízos sintéticos a priori que Kant introduz a lógica transcendental, afirmando que a lógica formal não pode tratar esse tipo de juízos porque não os pode conhecer. A questão fundamental colocada por Kant nesta altura consistia em descobrir o fundamento da possibilidade de síntese a priori e determiná-la segundo as suas fontes originais.

Essa investigação é iniciada por Kant através dos "dois ramos do conhecimento humano... que brotam talvez de uma raiz comum, se bem que para nós desconhecida, a saber a sensibilidade e o entendimento." (citado por Buhr, op.cit.,p.72)

Estes "dois ramos do conhecimento humano" estão contrapostos, sendo o traço distintivo da sensibilidade a receptividade. Ela é a capacidade de perceber os objectos, é o lado passivo do conhecimento.

Por seu lado, o entendimento, caracteriza-se pela espontaneidade, é a faculdade de pensar os objectos, é, portanto, o lado activo do conhecimento.

A sensibilidade fornece o conteúdo do conhecimento, o entendimento proporciona-lhe a forma. Na medida em que fornece o conteúdo do conhecimento, a sensibilidade é a primeira condição de qualquer conhecimento. Mas, para obter um conhecimento autêntico, é preciso acrescentar a esta primeira condição uma segunda, o entendimento, que elabora, sintetiza, liga e ordena o material fornecido pela sensibilidade e lhe proporciona a forma cognitiva correspondente.

A união da sensibilidade e do entendimento completa-se, exclusivamente, no subjectivo, já que Kant os coloca numa oposição rígida. Assim, como todo o conteúdo do conhecimento só existe no entendimento através da sensibilidade, ou seja, através da forma subjectiva como ela o recebe, jamais qualquer conhecimento chega ao que é objectivo, às coisas como são em si mesmas. O conteúdo do conhecimento é, para Kant, sempre uma diversidade, uma multiplicidade de impressões sensíveis, e só isso. Só mediante a actividade do entendimento é que a multiplicidade se torna unidade (à qual Kant cham "forma"), a qual provém exclusivamente dele, mas não é própria dos objectos do próprio conhecimento e, por isso, não pode absolutamente ser dada pela sensibilidade.

As categorias são as formas do entendimento e constituem o pensar puro. Mas, os conceitos que constituem o pensar puro são, além disso, simultaneamente as formas da actividade sintetizadora do entendimento. Nesta fase chega-se ao conceito decisivo da teoria kantiana do conhecimento: o conceito de síntese.

Se o entendimento não acrescentasse certas formas de unidade ao material sensível do conhecimento, este ficaria preso à mera diversidade da intuição sensível e, por isso, estas formas de unidade têm já de entrar na imagem que nós temos de um objecto. Não se trata de algo que se acrescenta temporalmente, mas de um acrescentamento objectivo ou lógico. Quando se dá a percepção de um objecto estas formas estão também presentes. A possibilidade do conhecimento (experiência) em geral, repousa assim em pressupostos conceptuais determinados que têm a sua origem na espontaneidade do pensar e que são justamente as formas particulares. A estes pressupostos conceptuais chama Kant conceitos puros do entendimento, conceitos a priori ou categorias.

As categorias são as formas de unidade que o entendimento acrescenta ao diverso das intuições sensíveis para daí tirar conhecimento. Kant identifica doze categorias que divide sob os títulos gerais de Quantidade, Qualidade, Relação e Modalidade. As categorias da **quantidade** são: a unidade, a pluralidade e a totalidade; as da **qualidade**

são: realidade, negação e limitação; as da **relação** são: substância e acidente, causa e efeito e acção recíproca; as da **modalidade** são: possibilidade, existência e necessidade.

As categorias, em si mesmas, são vazias e só ganham significado mediante a sua aplicação ao material dado da intuição sensível. Só uma tal ligação do material dado pela sensibilidade com as categorias constitui, segundo Kant, experiência, a experiência científica, e só ela é conhecimento em geral.

A questão central é a de saber como é que se consuma o processo do conhecimento a partir da união da sensibilidade e do entendimento. Para Kant essa questão podia ser respondida mediante a aplicação dos conceitos puros do entendimento, das categorias, ao conteúdo cognitivo dado pela sensibilidade. É pois, o entendimento que sintetiza a diversidade oferecida na intuição à unidade e transforma desse modo a mera intuição num conhecimento. Por síntese, Kant entende "no sentido mais geral, a acção de juntar umas às outras representações diferentes e de compreender a sua diversidade num conhecimento." (Buhr, p.76)

O conceito de síntese traduz o esforço de Kant para evitar a contradição entre unidade e pluralidade nos elementos básicos do conhecimento e para afastar também do mundo objectivo o mínimo vestígio de unidade.

A partir da doutrina dos juízos sintéticos a priori, Kant constata o carácter dialéctico do conhecimento humano: o conhecimento é exposto aí como processo, no qual os momentos contrários se interpenetram e se tornam unidade.

Mas, Kant não conseguiu resolver as dificuldades que resultam do aspecto dialéctico do conhecimento (sensibilidade e entendimento, pluralidade e unidade) e, assim, todo esse processo se torna um assunto exclusivamente subjectivo, já que a união dos momentos opostos do processo de conhecimento resulta apenas na consciência e mediante a actividade desta. Assim, restou a Kant excluir a dialéctica do processo de conhecimento para a substituir pela consciência em geral, que passa a ser a condição de todo o conhecimento, cuja função é dupla: apreender como um os momentos opostos do processo de conhecimento e tornar objectivo o conhecimento.

Numa perspectiva de teoria do conhecimento a questão fundamental da filosofia apresenta-se como a questão da relação entre sujeito e objecto, ou mais precisamente, da relação entre o sujeito que conhece (o homem) e o objecto que deve ser conhecido (a realidade objectiva).

Na sequência da problemática da totalidade do pensamento burguês (a burguesia não pode ser dominada racionalmente como totalidade), surge a questão da relação sujeito-objecto, que em Kant é transformada na questão das relações entre coisa em si e fenómeno. Assim, a conclusão a que se chega é de que a totalidade como coisa em si é incognoscível.

Desta forma, o resultado é de que o conhecimento só capta fenómenos e não coisas em si; só os fenómenos das coisas são acessíveis (cognoscíveis) ao conhecimento humano; pelo contrário, as coisas tal como são em si mesmas permanecem-lhe inacessíveis (incognoscíveis)

Como consequência, Kant encerra o conhecimento do objecto no sujeito (na consciência); os dois elementos que compõem o conhecimento estão apenas dependentes do sujeito.

O saber sobre um objecto só pode ser sempre um saber sobre o que nos é dado na sensação, nunca um saber sobre o próprio objecto, ou seja, só se pode conhecer os fenómenos, de objectos tal como nos aparecem.

Por fenómenos Kant entende "tudo o que é intuído no espaço e no tempo, por consequência, todos os objectos de uma experiência possível para nós, isto é, simples representações, que enquanto nós as representamos como seres extensos ou como séries de alterações não têm fora dos nossos pensamentos existência fundada em si."(p.83) Por seu lado, a coisa em si "... decorre naturalmente do conceito de um fenómeno em geral que tem de haver algo que lhe corresponde e que em si não é fenómeno ..., ou seja, um objecto independente da sensibilidade."; apesar de a coisa em si não ser cognoscível, também não é negada a sua existência.

Com a introdução do conceito de coisa em si, Kant estabelece os limites do conhecimento humano. No entanto, o estabelecimento destes limites são uma mera construção já que Kant institui de modo não-dialéctico um abismo entre coisa em si e fenómeno que não existe na realidade, acabando por ser, em última instância, apenas os limites do pensar metafísico.

3.6 - CONSIDERAÇÕES

Depois da exposição das teorias do conhecimento de Platão e Kant, podemos perceber melhor a sua relação com a teoria do pensamento e do conhecimento de Bion.

Sem dúvida, que a base da teoria do pensamento é a teoria das Formas de Platão: elas precedem e presidem o nosso mundo. Nesta lógica encontramos a ideia a que Bion tantas vezes fez referência: "pensamentos à procura de pensadores." Tal como na Alegoria da Caverna, nós vemos a sombra que é projectada pelo Sol e é, então, necessário partir em busca das formas que lhes deram origem.

Mas, as referências mais importantes e que aparecem explicitamente na obra de Bion vêm directamente de Kant, sendo alguns dos seus conceitos e ideias transpostos para a psicanálise e, conseqüentemente, utilizados a partir do vértice psicanalítico.

Talvez a primeira semelhança entre Bion e Kant possa ser encontrada no objectivo que se propunham atingir: a cientificidade das suas respectivas ciências. Kant tinha como objectivo principal fazer da filosofia uma verdadeira ciência de acordo com o modelo matemático da Natureza, por seu lado, Bion pretendia fazer a matematização da psicanálise, o que foi tentado através da construção da Tabela.

Quanto à teoria do conhecimento, são vários os pontos em comum. Vejamos os principais:

- para Kant o conhecimento puro só é possível através das formas da intuição. Bion no livro "Atenção e Interpretação" (1970) diz o seguinte: "O médico olha, apalpa e cheira. O psicanalista não olha ou apalpa as realizações; a ansiedade não tem forma, cor, cheiro ou som. Para facilitar, proponho na área do psicanalista, o emprego do verbo "intuir" como equivalendo a "olhar", "apalpar", "cheirar" e "auscultar", na do médico." (p.17) Assim, a intuição é, para Bion, o que permite "conhecer" aquilo que se passa na sessão analítica, é o que lhe permite passar do nível sensível para o nível supra-sensível. Este aspecto da intuição como "instrumento" de trabalho do psicanalista é também posto em evidência quando Bion se refere à capacidade de reverie da mãe (equivalente à função continente do analista). Esta capacidade representa um estado em que a mãe capta o que se passa com o seu filho, não tanto através da atenção proveniente dos órgãos dos sentidos mas muito mais pela sua intuição, de modo que uma menor concentração no sensorio possibilita um maior afloramento da sensibilidade.

Mas, a capacidade de reverie é considerada por Bion como uma componente da função-alfa da mãe que permite transformar os conteúdos que são projectados pelo bebé. Por outro lado, a função-alfa é o que permite que os elementos-beta sejam transformados em elementos-alfa de forma a que se desenvolva o aparelho para pensar pensamentos. Apesar de o conceito de "função-alfa" ser considerado como uma contrinuição que Bion foi buscar à matemática, o que é um facto é que também para Kant é necessário que os elementos da sensibilidade sejam transformados para que possam ser conhecidos, pois de outra forma não passariam de um aglomerado de emoções. E, essa transformação também é efectuada por uma instância que tem essa tarefa específica, ou seja, o entendimento. E, neste sentido, parece-me que o conceito de "função-alfa" em Bion e o de "entendimento" em Kant podem ser considerados equivalentes.

Outro dos pontos comuns diz respeito ao processo de conhecimento. Para Kant este processo implica a existência de um sujeito que conhece e de um objecto que deve ser conhecido. Para Bion o processo de conhecimento, representado pelo vínculo K, implica a existência do analista que quer conhecer e do analisando que se presta a ser conhecido.

QUARTA PARTE

1 - OS FUNDAMENTOS DA TABELA

A tabela é apresentada pela primeira vez em 1963 no livro "Elementos em Psicanálise" e, como é referido pelo próprio Bion, trata-se de um instrumento de registo e de classificação de formulações verbais, gestos e situações vinculares da sessão analítica e, é condição essencial que a notação e a classificação sejam feitas fora da sessão para não perturbar o contacto emocional entre o analista e o analisando.

É um instrumento que facilita o psicanalista a pensar sobre pensamentos não pensados durante a sessão, ao fazer emergir relações das quais não se suspeitava, ajudando também à posterior comunicação e elaboração das diversas descobertas e interpretações realizadas durante a sessão, ou seja, é uma tentativa de construir um instrumento que permitisse indagar sobre o objecto na sua ausência tal como acontece noutras disciplinas

Como instrumento, esta tabela está construída com base em conceitos e teorias mas não é uma teoria por si só. Os enunciados que categoriza vão desde elementos aparentemente simples como um gesto, uma exclamação ou uma conduta corporal, até formulações complexas como ideias, pensamentos e conceitos, desde que tenham sido formulados. Pode utilizar-se para classificar os pensamentos e interpretações do analista mas, basicamente, utiliza-se para toda a forma de comunicação que se estabelece entre o analista e o analisando.

A Tabela já foi apresentada neste trabalho mas, parece-me ser necessário voltar a referir a sua estrutura, de forma a que fique bem presente e de modo a facilitar a compreensão do que vai ser exposto daqui em diante.

Assim, a sua estrutura é concebida a partir da existência de dois eixos: o vertical, chamado eixo genético, no qual se categorizam os enunciados de acordo com o seu estado de desenvolvimento ou complexidade quanto ao seu nível de abstracção; e, o eixo horizontal, chamado eixo dos usos, no qual existe uma linha em aberto, para indicar a possibilidade de futuras ampliações, caso a prática clínica assim o exija.

O entrecruzamento destes dois eixos dá origem a casas, num total de 63, sendo 34 denominadas por uma letra e um número, enquanto 24 se encontram vazias, de forma a permitir futuras investigações psicanalíticas. A partir deste entrecruzamento, em que cada enunciado configura um uso e um nível de desenvolvimento, é possível atribuir uma grande plasticidade a algo que parecia rígido.

As duas primeiras linhas do eixo vertical podem ser consideradas de forma conjunta, uma vez que tanto os elementos-beta como os elementos-alfa não são

observáveis na clínica, sendo termos teóricos úteis para pensar ou falar dos distintos fenómenos.

Os elementos-beta são primitivos e representam coisas-em-si-mesmas; entre eles não há diferenciação entre animado e inanimado, mundo interno e mundo externo, símbolo e simbolizado. Além disso, como estão saturados, não podem ser utilizados como pré-concepções, só podem ser evacuados através da identificação projectiva.

Os elementos-alfa, por seu lado, são o resultado da operação da função alfa sobre as impressões sensoriais e das experiências emocionais, e podem ser considerados como pensamento incipientes. Possibilitam ao indivíduo ter sonhos de acordo com aquilo a que Freud chamou "pensamentos oníricos".

A linha C representa os fenómenos compostos por pensamentos oníricos, imagens visuais, sonhos, alucinações e todas aquelas ideias combinadas de forma narrativa, como podem ser os mitos privados e públicos.

A linha D é a da pré-concepção: corresponde a um estado mental de expectativa adaptado para receber uma restrita margem de fenómenos.

A linha E é a concepção: corresponde a um estado em que a pré-concepção se liga a uma realização com o domínio de muitos elementos sensório-perceptivos.

A linha F é o conceito: deriva da concepção por um processo de abstracção que a libertou dos elementos sensório-perceptivos. Representa uma categoria para enunciados já existentes.

A linha G representa os sistemas dedutivos científicos: trata-se de uma combinação de conceitos e hipóteses ou sistemas de hipóteses vinculados entre si por uma relação lógica.

A linha H representa o cálculo algébrico: vários signos podem ser agrupados de acordo com certas regras de combinação como ocorre na matemática.

Todas as linhas, excepto a primeira, representam categorias de enunciados que não estão saturadas, ou seja, que têm capacidade para acumular significado. As duas últimas linhas (G e H) não têm referência na prática clínica.

No eixo horizontal, vamos encontrar uma primeira coluna designada por hipótese definitiva que tende a ligar os factos que foram descobertos previamente e que se encontram numa conjunção constante.

A coluna 2 corresponde a enunciados falsos: são usados com a intenção de impedir os enunciados que podem gerar angústia ou turbulência emocional ou desenvolvimentos que envolvem uma mudança catastrófica.

A coluna 3 é chamada notação: é usada para registar os enunciados que cumprem a função de notação e memória.

A coluna 4 é chamada atenção: representa o uso por como Freud como a função da atenção e da atenção flutuante.

A coluna 5 é a indagação: é utilizada para os enunciados que permitem a exploração dirigida a um aspecto particular das coisas.

A coluna 6 é a acção: representa o uso de pensamentos relacionados com a acção ou com transformações em acção.

De acordo com o próprio Bion, as colunas 2 e 6 precisam de um desenvolvimento futuro de forma a abarcar uma quantidade de fenómenos complexos que se apresentam à observação.

Como já foi referido a Tabela foi construída com base em teorias mas não é uma teoria por si só. No entanto, parece-me mais adequado dizer que a tabela foi construída com base em modelos e, dessa forma poderá também ser considerada como um modelo. E, tal como Bion sublinhou várias vezes, o modelo deve ser utilizado enquanto é útil e, depois deve ser abandonado de forma a que não se exagere a sua utilização.

É importante lembrar que os dois eixos sobre os quais a Tabela foi construído correspondem aos dois principais elementos em psicanálise: a relação continente/conteúdo e o mecanismo Ps<-->D, a partir dos quais surgem todos os outros elementos.

Assim, o eixo genético deve os seus desenvolvimentos à acção do par continente/conteúdo, revelando uma relação mútua entre as categorias em que uma depende das modificações que, na categoria anterior, a levam a actuar como pré-concepção ou como registo.

Por seu lado, as categorias do eixo sistemático estão dependentes da acção de dispositivos sobre os elementos A-G. Desta forma, o uso que consiste no emprego de um aspecto das categorias de A a H, para indagação ou pesquisa, passa a existir graças a esse dispositivo e a ter eficácia devido ao seu uso. Este tipo de acção é representada por Ps<-->D.

Para fazer uma análise adequada da Tabela e inferir os fundamentos epistemológicos que lhe estão subjacentes é necessário partir de dois pontos principais:

(1º) Bion contruiu a sua Tabela à semelhança da Tabela dos elementos químicos desenvolvida por Mendeleiev;

(2º) a noção de "mudança catastrófica" é parte integrante da Tabela: é condição necessária para que se passe de uma categoria para a seguinte.

Além destes dois aspectos, são vários os modelos que se podem identificar na Tabela:

- modelo continente/conteúdo
- modelo kantiano (elementos beta)
- modelo matemático (teoria das funções)
- modelo cognitivo I (conceitos)
- modelo cognitivo II (verdade, falsidade, mentira)
- modelo cognitivo III (pensamento como evolução e expansão)
- modelo ternário (vínculos)

É a partir de todos estes elementos que me proponho tentar desvendar os fundamentos epistemológicos da Tabela e, chegando ao final desta tarefa, tentar mostrar em que medida a psicanálise de Bion é uma nova psicanálise.

2 - A TABELA

O modelo gráfico da Tabela de Bion baseia-se na tabela elaborada por Mendeleiev para classificar periodicamente os elementos químicos. A ordenação sistemática desses elementos foi feita segundo a sua estrutura atômica e as propriedades físicas e químicas que dela derivam. Corresponde, com poucos desvios, a uma ordenação segundo o peso atômico, do menos ao maior. Nas linhas horizontais, chamadas **períodos**, os elementos estão ordenados pelo seu número atômico (Z). As colunas verticais, chamadas **grupos**, constam de famílias de elementos com propriedades físicas e químicas semelhantes. A periodicidade nas propriedades dos elementos deriva da periodicidade nas estruturas electrónicas. Assim, por exemplo, o carácter metálico decresce da esquerda para a direita ao longo de um período e, dentro de cada grupo, aumenta com o número atômico. A proporção de combinação com o oxigénio aumenta regularmente ao longo de um período, enquanto as proporções de com o hidrogénio aumentam primeiro até ao grupo IV e diminuem em seguida. Graças a esta regularidade, Mendeleiev pôde prever a existência de elementos ainda desconhecidos na época, assim como as suas propriedades.

Este sistema periódico, tal como se conhece actualmente, foi apresentado em 1869 e, deve-se principalmente a Mendeleiev, embora o alemão Lothar Meyer também tenha feito um estudo independente com os mesmos resultados. Mas, com o aparecimento de isótopos produziram-se "inversões" na tabela. Actualmente, a sequência dos elementos estabelece-se considerando o número atômico, de acordo com a lei de Moseley (que estabelece a relação entre a frequência de um raio roentgen, emitido por um átomo e os números quânticos dos níveis de energia entre o electrão salta).

A partir desta descrição da tabela de Mendeleiev é fácil perceber as semelhanças com a Tabela de Bion, ambas são constituídas por dois eixos, um vertical e outro horizontal, cada um deles representando uma determinada propriedade dos elementos e, a partir do entrecruzamento entre essas propriedades é possível descobrir novos elementos e ordená-los na tabela. Um dos requisitos necessários para os elementos é a capacidade que devem ter para poderem unir-se e desunir-se, combinar-se e reconstruir-se entre si.

Mas, as semelhanças acabam por aqui, sobretudo, porque a complexidade da mente humana não pode ser estudada através dum instrumento "simples" como é uma tabela de dupla entrada. Se, na tabela dos elementos químicos de Mendeleiev é possível prever os elementos ainda não descobertos e o lugar que irão ocupar nessa tabela porque os factores que os constituem têm uma progressão constante, na mente humana isso não acontece, sendo quase impossível prever qual será o próximo elemento a surgir.

Bion criticou por diversas vezes a Tabela por si construída e, de facto, da forma como foi elaborada, trata-se de algo inovador mas, sobretudo, pode ser vista como um instrumento a ser desenvolvido no futuro.

3 - OS MODELOS

3.1 - O MODELO CONTINENTE-CONTEÚDO

Como já vimos anteriormente, o modelo continente/conteúdo de Bion tem por base o mecanismo de identificação projectiva descrito por Melanie Klein em 1946. Bion caracterizou este mecanismo a partir da ideia de que para cada conteúdo projectado é necessário que exista um continente que o receba (o modelo que representa esta abstracção é o da relação mãe/bebé). O continente e o conteúdo dependem das emoções para que se possam unir e, caso elas não existam, a tendência é a de ficarem desvitalizados, aproximando-se de objectos inanimados. Mas, quando se estabelece entre os dois uma relação simbiótica (ou seja, em K), a actividade resultante é introjectada pelo bebé de forma que o aparelho continente/conteúdo se instala no bebé como parte do aparelho da função-alfa.

Por outro lado, o modelo continente/conteúdo representa também a relação entre a pré-concepção e as impressões sensoriais, na medida em que, quando é internalizado, forma um aparelho de regulação de uma pré-concepção com os dados sensoriais de uma realização apropriada. É a repetição deste processo que promove o crescimento do continente/conteúdo, que está dependente da capacidade de tolerância à dúvida. Daqui resulta um aparelho que permite aprender pela experiência; a relação crescente continente/conteúdo é representada pelos signos (continente)_n e (conteúdo)_n, onde é fundamental que (continente)_n possua a capacidade de permanecer integrado e de ser flexível, o que lhe permitirá ser receptivo à ideia nova. (Bion, 1962, p.123/125)

Dividindo o modelo continente/conteúdo nos seus componentes vamos encontrar um continente que funciona como um retículo e que deve manter constantes as suas qualidades, de forma a permitir que as projecções o penetrem, o que implica a capacidade para tolerar a dúvida. Por seu lado, o conteúdo pode ser visto como análogo aos elementos da posição esquizo-paranóide, mas liberto dos sentimentos persecutórios, e deverá poder ser representado pelo conceito de infinito. Assim, é a partir duma emoção (tolerância) que é possível a existência de um sistema aberto à dúvida (continente) e ao sentimento de infinito, e que é possível o desenvolvimento do vínculo K.

O modelo continente/conteúdo foi o primeiro elemento de psicanálise que Bion descreveu no livro "Elementos de Psicanálise" em 1963. Na sua qualidade de elemento de psicanálise, e tal como todos os outros elementos, não pode ser observado, só podendo ser conhecido através das suas qualidades primárias e secundárias (no sentido kantiano). Ainda na sua qualidade de elemento de psicanálise, deve ter a propriedade de articulação

com outros elementos (além de poder ser capaz de representar uma realização a que estava originalmente destinado a descrever e, eventualmente, ser capaz de formar uma sistema dedutivo científico).

O segundo elemento psicanalítico que foi postulado por Bion foi a relação $Ps \leftrightarrow D$, que tem uma relação muito estreita com o elemento anterior. De facto, a interacção entre os dois mecanismos é tão intensa que o continente/conteúdo depende de $Ps \leftrightarrow D$ e vice-versa. É também a partir dessa interacção o objecto total (no sentido kleiniano), já que é a partir da adequada interacção $Ps \leftrightarrow D$ que é possível apreender o objecto total, enquanto, a significação atribuída a esse objecto total depende do continente/conteúdo.

São estes dois elementos que estão na base da construção da Tabela, a partir dos quais todos os outros elementos podem ser reconhecidos. Assim, o eixo genético deve os seus desenvolvimentos à acção do par continente/conteúdo, revelando uma relação mútua entre as categorias em que uma depende das modificações que, na categoria anterior, a levam a actuar como pré-concepção ou como registo. Por seu lado, as categorias do eixo sistemático estão dependentes da acção de dispositivos sobre os elementos A-G. Assim, o uso que consiste no emprego de um aspecto das categorias de A a H, para imdagação ou pesquisa, passa a existir graças a esse dispositivo e a ter eficácia devido ao seu uso. Esse tipo de acção é expresso pelo mecanismo $Ps \leftrightarrow D$.

Também o objecto de estudo da psicanálise tem por base a interacção desses dois mecanismos, só assim se pode delimitado o objecto psicanalítico. Se pensarmos em termos de Tabela, só se pode saber qual o elemento que é motivo de investigação por parte do analista e do analisando tendo em conta a sua categorização em cada um dos eixos e a sua consequente posição na Tabela.

O objecto psicanalítico possui uma qualidade não sensorial e pode "crescer", "decrecer", "ser" e "mudar", sendo representado pela fórmula: $+ Y (\mu) (\xi) (\psi)$. Esta fórmula possui os elementos ou factores que juntam o carácter inato da personalidade do paciente (μ) com a disponibilidade (ξ) da sua pré-concepção (ψ)-expectativa, que podem saturar-se em maior ou menos grau na realização-experiência da sessão analítica. Os valores de (μ) e de (ξ) são determinados pelo contacto da experiência emocional do analista com o paciente; a formulação da interpretação incluirá estes elementos emocionais numa nova dimensão, a dimensão do mito.

Como foi dito atrás, enquanto elemento de psicanálise, o par continente/conteúdo deve ter a capacidade de se articular com outros elementos. Bion referiu dois deles como fundamentais nessa articulação: um é $Ps \leftrightarrow D$ (já analisado), o outro é a dor mental.

No livro "Elementos de Psicanálise", Bion aborda esta questão a partir da ideia de "perspectiva reversível", um termo introduzido para mostrar que os pacientes dominados pela parte psicótica da personalidade, utilizam um recurso inconsciente que reverte às suas premissas todo o significado das interpretações do analista, embora possam estar de pleno acordo manifesto com ele. Este mecanismo do paciente tem como fim tornar estática uma

situação que é de natureza dinâmica. Não se trata de um distúrbio do pensamento, mas sim duma forma de evitar a dor mental.

A dor é considerada por Bion como indissociável do conceito de crescimento mental: "O crescimento é um fenómeno que parece apresentar peculiares dificuldades à percepção, tanto devido ao objecto em crescimento ou ao objecto que o estimula, como devido à sua relação com o fenómeno precedente ser obscura e separada no tempo. A dificuldade em o observar contribui para a ansiedade em estabelecer "resultados" em psicanálise." (Bion, 1963, p. 63)

Quando a dor é suportada, porque a própria personalidade do sujeito e a acção eficaz da função alfa sobre os elementos beta, assim o permitem, então, o processo de crescimento mental pode decorrer normalmente, traduzindo-se pela passagem das várias categorias da Tabela desde A (os elementos beta) até, pelo menos, F (os conceitos).

Se tal não acontecer, o sujeito pode manter-se no nível do pensamento concreto (elementos beta) ou, então, também pode haver uma regressão através da reversão da função alfa. Um mecanismo que tem como objectivo destruir a barreira de contacto (formada por elementos alfa), despojando-os de todas as suas características. Os elementos resultantes são projectados, formando a tela de elementos beta, dando origem a objectos com as características dos objectos bizarros (constituídos por elementos beta mais traços do ego e do super-ego). Desta forma o paciente evita a dor inerente ao processo de crescimento e consequente procura da verdade.

3.2 - O MODELO KANTIANO

As principais ideias de Kant que influenciaram a obra de Bion já foram discutidas no capítulo "As Influências Filosóficas: Immanuel Kant", motivo pelo qual serão aqui abordados, de forma resumida, os aspectos essenciais.

A influência da filosofia kantiana na obra de Bion fez-se sentir na elaboração das teorias do conhecimento e do pensamento. De facto, para Bion, o conhecimento surge como o vínculo existente entre os pensamentos e as emoções e, tanto o conhecimento como o pensamento devem a sua origem a uma reacção à experiência emocional primitiva que decorre da ausência do objecto. Para Bion, "conhecer" é uma etapa do pensamento e progride em função deste; como exemplo dessa dependência, Bion utiliza a incógnita, que é desconhecida e que, por esse motivo, faz pensar e criar. Tanto na formação do pensamento como do conhecimento, o ponto fulcral está no facto de a criança conseguir ou não tolerar a frustração que lhe é imposta pelas privações. Quando consegue suportar suficientemente a frustração de forma a modificar a realidade, então, os processos do conhecimento e do pensamento podem desenvolver-se.

A filosofia de Kant é facilmente encontrada nestas duas teorias de Bion, sobretudo, no que diz respeito ao processo de conhecimento: ambos partilham da ideia de que as coisas tal como são em si mesmas são inacessíveis ao conhecimento (incognoscíveis) e que só os fenómenos dessas coisas podem ser conhecidas pelo homem. Também para ambos, o processo de conhecimento depende da relação existente entre um sujeito que conhece (o homem) e o objecto que deve ser conhecido (a realidade objectiva). Para que esse processo de pensamento seja possível é preciso que exista um mecanismo que actue sobre os dados sensoriais, transformando-os em elementos que possam ser usados para pensar: Kant designa-o por entendimento, Bion designa-o por função alfa.

Quando isolamos o modelo kantiano na Tabela de Bion, encontramos-lo em três níveis: na linha A (elementos beta), na linha B (elementos alfa) e na linha D (pré-concepção), de forma indirecta encontramos também a função alfa.

Partimos, assim, duma matriz (elementos beta) donde é suposto os pensamentos emergirem. Partilham as qualidades dos objectos inanimados e dos objectos psíquicos sem que haja alguma forma de distinção entre os dois. Tal como a coisa-em-si-mesma descrita por Kant, também os elementos beta são inacessíveis ao conhecimento humano e só podem ser observados através das suas qualidades secundárias, como por exemplo, gestos, palavras e acções. Tendo em conta o eixo horizontal da Tabela, estes elementos são susceptíveis de hipótese definitiva, de serem "pensados" como enunciados falsos ou de poderem ser vividos através de uma acção.

Na perspectiva kantiana, o conhecimento é constituído por uma multiplicidade de impressões sensíveis que se transformam em unidade (forma), através da acção do entendimento. Se tal não acontecesse, o material sensível do conhecimento ficaria preso à mera diversidade da intuição sensível.

Encontramos nesta passagem algo semelhante ao que Bion designou como função-alfa, ou seja, um mecanismo que permite que os dados sensoriais sejam transformados de forma que possam ser pensados (elementos alfa). É através desse mecanismo que é fornecido à psique o material necessário para ser usado como pensamentos oníricos.

É a partir da transformação dos dados sensoriais que se constitui o sistema protomental. Este sistema não pode ser caracterizado nem como psíquico nem como físico, porque estes dois aspectos encontram-se indiferenciados; é uma matriz donde surgem os fenómenos. Quando evolui dá lugar a fenómenos psíquicos ou físicos. Estes protopensamentos estão disponíveis em qualquer nível da Tabela, para poderem ser de algum modo transformados em elementos subsequentes e, assim, poderem ser colocados na mente do sujeito.

Quanto à noção de pré-concepção, já vimos que Bion se lhe refere no sentido kantiano de "pensamentos vazios". Esta ideia é expressa por Kant para se referir à necessidade que existe de a sensibilidade e o entendimento operarem em conjunto no processo de conhecimento: "Sem sensibilidade não nos seria dado nenhum objecto e sem entendimento nenhum seria pensado. Pensamentos sem conteúdo são vazios, intuições

sem conceitos são cegas ... As duas faculdades também não podem trocar as suas funções. O entendimento não pode intuir nada e os sentidos nada podem pensar." (Kant, 1781, citado por Buhr, 1989,p.74) Não só todo o pensamento é pensamento de algo, como nenhum pensamento pode prescindir de uma imagem produzida por "síntese figurada", tal como representamos no papel o círculo que queremos pensar ou quando representamos o tempo por uma linha recta. É também neste sentido que Kant fala da existência de formas *a priori*, porque para que a acção do entendimento permita dar unidade (forma) à multiplicidade de impressões sensíveis, é necessário que as formas façam parte da imagem do objecto desde o início. Quando se dá a percepção de um objecto, essas formas têm de estar também presentes, que só intervêm e só são válidas na relação com os dados da sensibilidade.

Traduzindo isto em linguagem bioniana, encontramos-nos perante a ideia de que o bebé possui a expectativa inata de um seio que, quando é posta em contacto com a realização (os dados da sensibilidade de Kant) que se aproxima dela, tendo como resultado uma concepção.

Podemos, então, concluir que tanto para Kant como para Bion, o desenvolvimento do pensamento está dependente da existência de "pensamentos vazios" (pré-concepções), que existem em relação a todos os objectos, e que só se transformam em pensamento quando se unem ao objecto a que correspondem e, que portanto, se encontram disponíveis em qualquer nível do pensamento (que em Bion é representado pelo eixo vertical da Tabela A-H).

3.3 - O MODELO MATEMÁTICO

3.3.1. A Função

A noção de "função" adquire acepções mais ou menos gerais ou específicas conforme as disciplinas em que se insere. Os significados mais gerais encontram-se nas ciências ditas exactas, tais como a matemática, a física e a química, enquanto a biologia e as ciências humanas e sociais acrescentam ao sentido geral elementos que dependem da especificidade dos objectos que estudam.

Na Matemática, este conceito está associado às situações nas quais uma grandeza, chamada "função", é determinada pelo valor que toma uma outra grandeza chamada variável. Trata-se de uma relação de dependência que é facilmente transformada em interdependência pela noção de função inversa. Nas ciências da natureza inanimada como, por exemplo, a química, o comportamento da função é semelhante ao que se passa na matemática.

Mas, quando se passa para as ciências da Natureza animada, há um deslocamento de sentido na função, que depende do nível de evolução dos organismos que as diversas disciplinas estudam. Neste caso, a noção de função tende a não englobar o conjunto das propriedades que os elementos manifestam considerados no contexto em que estão situados, mas, entre estas, apenas a considerar aquelas que contribuem para a realização dum dado objectivo. Por exemplo, a função de um indivíduo na sociedade só tem em conta o papel com vista à realização de determinados objectivos.

A função de um objecto ou de um elemento qualquer está estreitamente ligada ao comportamento deste elemento e ao papel que ele desempenha num dado contexto. A noção de função é inseparável da de interacção e, em consequência, também da de sistema; a sua explicação não se pode fazer sem que intervenham, simultaneamente, o elemento considerado e os outros elementos situados no contexto.

As funções dum elemento num dado sistema são em princípio experimentáveis a partir das características intrínsecas do elemento, das características intrínsecas dos elementos do meio e daquelas que, não se atribuindo especificamente a nenhum elemento, aparecem sob forma extrínseca, isto é, como características atribuídas globalmente ao sistema. É, contudo, importante salientar que, na realidade, o estudo da Natureza corresponde em primeiro lugar a um processo em sentido inverso, ou seja, é a partir da observação das interacções (funções) que se atribui, por indução, um certo número de características aos elementos.

A noção de função corresponde a uma etapa essencial da investigação dos factores que intervêm nas relações entre os elementos. É frequente os elementos de um sistema intervirem nas relações que lhes dizem respeito através de processos muito diferentes e, é interessante tentar discriminar esses processos e reduzi-los a um número tão pequeno quanto possível de interacções típicas e irredutíveis entre si, de forma a que se possam destacar as **funções elementares**. A partição dos elementos e a atribuição de características que lhes são intrínsecas constitui duas operações em estreita relação. Assim que uma partição se escolhe, a observação das relações entre elementos permite destacar pouco a pouco um certo número de funções elementares e aceder assim, às características intrínsecas. Mas, a procura de funções elementares pode tornar-se muito difícil porque, na maioria dos casos, os elementos observados participam em interacções múltiplas e diversas, algumas das quais podem corresponder a trocas nos dois sentidos com o mundo exterior.

Pôr em evidência as funções elementares a partir da observação das relações entre elementos constitui-se, assim, como a parte mais difícil do processo indutivo. A passagem do conhecimento de uma função reconhecida como elementar à atribuição de características intrínsecas constitui uma etapa menos delicada, já que se traduz, num grande número de casos, no enunciado dum predicado qualitativo único acompanhado eventualmente, de características quantitativas próprias de cada elemento. A dificuldade específica desta fase só aparece posteriormente quando é necessário garantir a independência da nova característica intrínseca em relação às características já conhecidas ou, no caso contrário, de estabelecer as autênticas relações de dependência.

O acesso ao conhecimento científico dum elemento único, que se supõe totalmente isolado, está em princípio excluído. É somente pelas interacções nas quais ele participa que um objecto manifesta a sua presença e as suas propriedades, de maneira durável ou reprodutível.

Apesar das dificuldades, o objectivo das observações é o de conseguir isolar um fenómeno simples, eliminando as interacções parasitárias susceptíveis de o modificarem, e mostrando que as interacções secundárias que subsistem não têm qualquer influência sobre ele ou são desprezíveis. À medida que a observação dum sistema se torna mais precisa, há uma diminuição do número de fenómenos que podem ser considerados como secundários e um aumento do número de fenómenos que devem ser considerados como parasitários. A progressão dos níveis de observação menos precisos para os níveis mais precisos permite separar por etapas sucessivas os diferentes tipos de interacções e avaliar as suas importâncias relativas. Mas, se os conhecimentos anteriores não permitem identificar a priori no fenómeno global a presença simultânea de funções elementares, ou se os refinamentos experimentais não conduzem à separação em fenómenos mais simples, a investigação das funções elementares torna-se difícil.

O que é que se passa quando as noções atrás descritas são aplicadas a sistemas abstractos?

Sem dúvida que existe uma distinção entre sistemas materiais e sistemas abstractos, no entanto, o conhecimento de um sistema material qualquer põe sempre, e obrigatoriamente, em questão um sistema abstracto, que é uma representação adaptada ao entendimento. Assim, a principal diferença entre estes dois tipos de sistemas reside na espontaneidade; enquanto de que o sistema material pode ter uma espontaneidade própria e as interacções entre eles podem produzir-se independentemente da intervenção do espírito. A queda de um corpo no campo gravitacional, ou o movimento dos planetas no sistema solar, são fenómenos independentes do conhecimento que as pessoas têm deles. Por seu lado, no sistema abstracto não há espontaneidade própria, e as interacções susceptíveis de se produzirem entre eles requerem, obrigatoriamente, a intervenção do espírito. Dois sistemas de palavras, constituindo cada um uma frase, não poderão interagir senão no processo de conhecimento, isto é, pela intervenção do espírito, que desempenha aqui um papel de terceiro sistema obrigatório.

É importante notar que quando se transpõe a noção de função dos sistemas materiais para os sistemas abstractos, há um desvio que, no segundo caso, a faz praticamente corresponder à noção de "significação". Paralelamente, a noção de interacção nos sistemas abstractos tende a exprimir a interdependência das significações próprias a cada um destes sistemas. Esta situação é a consequência da intervenção obrigatória do espírito em tudo o que pode conter o termo "interacção" aplicado aos sistemas abstractos. Este tipo de interacção só se pode produzir no terceiro sistema constituído pelo espírito que toma conhecimento, e só pode dizer respeito ao que, neste espírito mediador, constitui uma referência suficientemente universal para ser aplicável a

tudo o que é susceptível de ser objecto de conhecimento; é exactamente esse o papel que desempenha a significação.

3.3.2 - A Teoria das Funções

Bion fala pela primeira vez em funções no livro "Aprender com a Experiência" (1963) e diz o seguinte: "Suponho que haja factores na personalidade que se combinam, produzindo entidades estáveis que denomino funções da personalidade." Mais adiante explica o que entende por funções e factores: "Função" é o nome para a actividade mental própria a um número de factores operando em consonância. "Factor" é o nome de uma actividade mental que opera em consonância com outras actividades mentais, constituindo uma função." (Bion, 1963, p.19) Os factores só podem ser deduzidos a partir das funções.

A primeira função a que Bion faz referência e que "também pode ilustrar o uso que se pode dar a uma teoria das funções", é a função alfa, que é intencionalmente desprovida de significado.

Adoptando os critérios matemáticos atribuídos à "função", Bion pretende que o seu significado seja o de "prover à investigação psicanalítica um equivalente das variáveis dos matemáticos, uma incógnita que pode ser revestida com um valor que o seu uso ajudou a revelar." (Bion, 1963, p.21)

Para que o uso da função alfa possa ser eficaz é preciso que seja considerada uma incógnita, cuja flexibilidade depende do emprego de variáveis como factores, que podem ser substituídos por teorias e conceitos de valor fixo. Bion sublinha que o valor dessas variáveis deve ser de facto constantes para a partir do momento em o seu valor for fixado também se possa fixar o significado da função alfa. Na prática isso significa que a aproximação à precisão só é possível quando um factor é claramente descrito ou quando uma teoria é correctamente citada. (Bion, 1962, p. 63)

Assim, a função-alfa designa uma abstracção utilizada pelo analista para descrever uma função cuja natureza desconhece até ao momento em que a pode substituir pelos factores que a investigação sobre a função-alfa já revelou.

A noção de função-alfa pode, também ser considerada como uma estrutura, já que é uma parte do aparelho psíquico que produz a barreira de contacto. Por sua vez, esta barreira de contacto pode ser considerada como possuindo as características de uma estrutura.

A noção de "função" é usada conceptualmente com dois sentidos:

(1º) uma observação clínica é função de uma quantidade de factores correlacionados; assim, o valor de qualquer função depende da forma como os factores se relacionam entre si;

(2º) a função possui uma direcção, ou seja, sustenta que tem um objectivo e uma finalidade.

Por seu lado, os factores são aqueles factos psicanalíticos que se podem caracterizar com a precisão de uma formulação, tanto na prática psicanalítica como na investigação teórica.

Tal como na matemática, também Bion considerou a relação entre a função e os factores como uma interacção dinâmica e, sublinhou que quando se esclarece o duplo sentido da função, a sua qualidade de desconhecida diminui e passa a ser um factor. Este factor pode, por sua vez, ser correlacionado com outros factores, de forma que surge uma nova função a ser investigada.

Os factores da função-alfa foram sendo esclarecidos pouco a pouco, de modo que pode ser definida como "uma investigação que se ocupa do pensar, do pensamento e da aprendizagem pela experiência emocional" (Sor, 1990, p.62), o que constitui o enunciado de uma teoria cognitiva no campo psicanalítico.

Por seu lado, a função psicanalítica da personalidade é uma função dos factores envolvidos no seu desenvolvimento. A função psicanalítica da personalidade constitui a essência da psicanálise, na qual estão envolvidas duas pessoas (o paciente e o analista) cujo objectivo é o de chegar o mais próximo possível da verdade inerente ao paciente. Na sua constituição intervêm o factor continente/conteúdo em K e o factor $Ps \leftrightarrow D$ também em K. Também intervêm todos os desenvolvimentos psíquicos que levam o sistema ou aparelho a cumprir a função de ter um objectivo que pode ser descrito da seguinte forma: "observar uma mente nas suas transformações e evoluções, na área do conhecimento e descobrimento de si mesmo." (Sor, 1988, p.84)

3.4 - O MODELO COGNITIVO I

3.4.1 – Conceito

A procura duma definição satisfatória do termo "conceito" é uma tarefa muito difícil e já houve muitos autores que se dedicaram ao seu estudo sem, no entanto, chegarem a resultados consensuais. As dificuldades surgem, sobretudo, devido a três problemas: [1] a quantidade de entidades que podem ser consideradas "conceito" é muito

vasta, [2] a procura de atributos comuns a essa quantidade de entidades parece não adiantar muito de novo: o número de atributos é pequeno; a sua aplicação ao conjunto dessas entidades é muitas vezes dúbia; a luz que lançam sobre a natureza essencial dos conceitos é frequentemente incerta, [3] em contraste. essas entidades diferem entre si numa grande variedade de formas e, de certa forma, as suas diferenças tornam-se mais importantes do que as suas semelhanças.

Apesar não se poder chegar a uma única definição do conceito pode-e, contudo, estudar as suas semelhanças e as suas diferenças e descobrir os problemas que daí emergem.

Assim, a principal semelhança entre os conceitos é a noção de resposta equivalente, ou seja, todos os conceitos implicam reacções idênticas a diferentes estímulos ambientais. Este ponto de vista faz com que o conceito seja localizado nos organismos, dando pouca importância ao meio ambiente. Mas, como sublinha Carroll (1964), não pode haver conceitos num mundo totalmente inorgânico porque eles são propriedades da experiência orgânica. (citado por Flavell, 1970, p.984) Além disso, este ponto de vista assume sempre que o organismo possui uma rede organizada de respostas equivalentes, o que implica discriminação e generalização, ou seja, se o indivíduo dá uma resposta a um determinado conjunto de estímulos, dará uma resposta diferente a um segundo conjunto de estímulos e assim sucessivamente.

O reportório de conceitos serve, desta forma, para modelar todo o mundo do organismo em unidades funcionais, proporcionando um mapa completo de respostas a conjuntos de estímulos em todo o comprimento e largura do meio psicológico. No caso de organismos humanos, Harvey, Hunt e Schroder referem que os conceitos têm uma função estruturante-do-mundo e descrevem-na da seguinte forma:

"Assumimos que um indivíduo interage com o seu meio através da sua "destruição" e organizando-o em padrões significativos congruentes com as suas próprias necessidades, físicas e psicológicas. Como resultado desta interacção, as constâncias perceptuais e comportamentais desenvolvem-se, a partir das predilecções avaliativas do indivíduo sobre aspectos diferenciados do seu mundo externo. Vamos-nos referir a essas tendências avaliativas como conceitos... Um conceito é um sistema de ordenação que serve de vínculo mediático entre o input (estímulo) e o output (resposta). Ao operar como um sistema de ordenação, um conceito pode ser visto como esquema categorial, um meio interveniente ou um programa através do qual os estímulos são codificados, passados ou avaliados na sua forma para evocação da resposta.

Á medida que um conceito se desenvolve, serve de filtro experiencial através do qual os estímulos são vistos, standardizados e avaliados, um processo que, em grande parte, determina que respostas podem e irão ocorrer." (citado por Flavell, 1970, p. 984)

No entanto, surgem duas dificuldades quando se identifica o conceito com respostas equivalentes. A primeira prende-se com o facto de não haver a certeza de todos os conceitos encerrarem em si uma resposta equivalente e, mais genericamente, coloca-se

a questão de saber se a descrição em termos de "resposta" e "equivalente" mostra sempre o que está realmente envolvido na produção e no uso dos conceitos. Em segundo lugar, também é questionável em que medida todas as reacções que são consideradas, incontestavelmente, consideradas respostas equivalentes podem ser, incontestavelmente, consideradas conceitos.

Diferenças Entre os Conceitos

A diversidade encontrada nos conceitos é, sobretudo de dois tipos: há variações associadas com conceitos, mesmo no seu aspecto público e consensual. Contudo, os conceitos são fundamentalmente, fenómenos cognitivos e privados, que podem e são externalizados como objectos sociais, e a sua aceitação tem a ver com o que deve ser o seu significado exacto e correcto. Por outras palavras, é possível ver o conceito como entidades ideais desligadas e não relacionadas com as experiências cognitivas vividas pelo indivíduo e, é possível distinguir um determinado número de dimensões nas quais essas entidades podem variar.

Além das diferenças de variação na natureza dos conceitos, podem-se também encontrar diferenças na sua relação com os indivíduos que os usam. Saber que um conceito, enquanto entidade pública, tem determinados atributos não significa que uma pessoa saiba aquilo que esse conceito significa para a pessoa que o utiliza ou como é que essa pessoa o representa ou, ainda, como e sob que condições essa pessoa tem acesso ao conceito e o utiliza, ou seja, o seu estatuto e papel na vida cognitiva.

A variação dos conceitos acontece a sete níveis:

[1] Atributos - Um objecto da percepção ou do pensamento só pode ser considerado um conceito bem-definido se e só se possuir o conjunto de atributos que fazem parte da definição desse conceito. Mas, o conceito, invariavelmente, possui outros atributos que não podem ser definidos.

Os atributos, criteriosais e não-criteriais, associados com a identificação de instâncias e o uso do conceito são muito mais heterogéneos. Literalmente, nada do que o ser humano está apto a perceber ou construir intelectualmente pode servir como um atributo conceptual. Um atributo pode ser, por exemplo, um propriedade física perceptível ou passível de ser medida, assim como a cor, a textura ou a composição duma instância. Estas são propriedades que, normalmente, sugem na mente quando se pensa sobre os atributos criteriosais das instâncias do conceito. Mas, os objectos possuem também propriedades menos concretas, que são categorizadas como não-imediatas e "transformacionais", ou seja, aquilo que o objecto pode ser ou fazer sob certas condições e aquilo que o indivíduo pode fazer a ou com ele sob certas condições.

[2] Estrutura - O significado dum conceito inclui não só o conjunto dos seus atributos criteriais mas, também, a reivindicação de como esses atributos devem estar interligados ou combinados na definição do conceito.

Bruner, Goodnow e Austin (1956) (citado por Flavell, 1970,p.987) distinguem três tipos de combinações: conjuntiva, disjuntiva e relacional. Se duas propriedades têm de estar presentes no objecto para que possa ser constituída uma instância do conceito, então, a estrutura é conjuntiva; se a presença das duas propriedades é suficiente, então, a estrutura é disjuntiva; e, se a relação entre os atributos tem de ser de certo tipo, a estrutura é relacional. Qualquer uma destas combinações, por si sós ou combinadas umas com as outras, podem ser obtidas para um determinado conceito.

Deve-se notar que, em contraste com a conjunção e com a relação, a disjunção serve para unir o que podem ser objectos muito diferentes dentro do mesmo domínio conceptual.

[3] Abstracção - Diz-se que um conceito é "concreto" na medida em que as suas instâncias são objectos tangíveis, e "abstracto" na medida em que o não são. Assim, "cão" e "telefone" são categorizados como conceitos concretos, enquanto, "eternidade" e "democracia" são conceitos abstractos. O ponto de vista de que os conceitos são retirados de outros conceitos torna-se mais evidente do que no caso de entidades abstractas: os seus componentes são inteiramente conceptuais - atributos, instâncias e tudo o resto.

[4] Inclusão - Os conceitos variam no número de instâncias que incluem. Um conceito pode não ter instâncias ("pilotos de jactos Sumérios"), ter um pequeno número ("Países Norte Americanos"), um grande número ("grãos de areia") ou ter um número infinito ("inteiros").

[5] Generalidade - Os conceitos também variam na sua posição na classificação hierárquica à qual pertencem; quanto mais altos se encontram na árvore taxonómica, mais gerais eles são. Por definição, "gorila da montanha" constituirá um conceito muito específico, "mamífero" já será mais geral e, "organismo" será muito geral.

[6] Precisão - Um conceito é "preciso" na medida em que o nosso conhecimento actual nos permite concordar com um conjunto de regras explícitas e passíveis de serem trabalhadas para distinguir as instâncias das não-instâncias.

Mas, mesmo que não seja possível formular um conjunto de regras de identificação explícito, os utilizadores do conceito podem, no entanto, identificar instâncias com precisão e consistência, ou seja, apesar da incapacidade para explicar essas regras, elas podem estar representadas algures, de uma forma inarticulada e implícita, na estrutura psicológica do indivíduo.

[7] Poder - Um conceito é poderoso se satisfaz duas condições: (a) maior parte das pessoas deve concordar que o conceito é, por alguma razão, importante e central; (b) a sua acessibilidade torna possível ou facilita a acessibilidade de um grande número de outros conceitos. Matáforas como "chave", "pedra de base" vêm à mente em conexão com conceitos desse tipo, por causa da sua localização e papel dentro dos sistemas de conceitos interconectados. Esta dimensão é particularmente importante para os psicólogos comportamentais e para os educadores, já que tem a ver com a aquisição de conceitos.

Variação na Relação Sujeito-Concepto

[1] Validade- Embora um determinado conceito possa ter um significado público relativamente constante e fixo, as concepções que os indivíduos têm deles podem variar muito. Neste caso, existem dois tipos de variações principais: primeira, a interpretação operativa que o sujeito faz em relação ao conceito pode desviar-se da interpretação aceite num grande número de dimensões. O conceito tem um significado mais ou menos definitivo e, os sujeitos podem fazer várias aproximações diferentes a esse significado. Por outro lado, o conceito do sujeito pode desviar-se do padrão no qual o seu significado é menos definido e fixo do que o do padrão. Desta forma, o conceito não só difere do padrão no seu significado mas, também no significado para o próprio indivíduo, conforme a ocasião.

Ambos os pontos de partida para a validade podem ser inseridos na aquisição ontogénica dos conceitos. Assim, os estudos de Piaget indicam que, por exemplo, o conceito de quantidade em crianças pequenas tende a ser diferente e mais instável do que o protótipo desse conceito nos adultos.

[2] Estatuto - Não é correcto dizer que uma pessoa "tem" um determinado conceito, porque podem ser "tidos" de diferentes formas. O conceito pode ter só o estatuto de veículo ou instrumento de adaptação, ou pode ter o estatuto de um objecto do pensamento totalmente codificado e bem-articulado. Não se pode dizer que um sujeito tem um conceito se, de alguma forma, não pode pensar com ele; por outro lado, pode-se dizer que um sujeito tem um conceito, mesmo que ele não pense nesse conceito. Ou seja, a pessoa que utiliza os conceitos pode não ter nome para um conceito ou não ter consciência dele; ou pode saber o seu nome sem que seja capaz de o caracterizar em maior detalhe; ou pode ser uma grande autoridade no seu significado total e exacto, nas suas implicações para uma grande quantidade de coisas, e no seu lugar no sistema completo de objectos relacionados.

[3] Acessibilidade - A distinção entre aprendizagem e execução também se aplica ao uso dos conceitos: um sujeito pode ter adquirido um conceito e, mesmo assim, por várias razões, não lhe poder ter acesso nem o poder usar nas ocasiões apropriadas. A distinção é entre aquilo que uma pessoa sabe e aquilo que a pessoa pode fazer quando a

situação acontece, ou seja, a acessibilidade está relacionada com a disponibilidade de o conceito poder ser usado nas ocasiões próprias.

3.4.2 - A Teoria do Pensamento

Na teoria do pensamento que elaborou em 1961, definiu o "conceito" como a união de uma pré-concepção com uma frustração, ou seja, atinge-se o conceito quando é preciso lidar com um objecto ausente, resultando daí um carácter de negatividade.

Mais tarde, em 1963, no livro "Elementos de Psicanálise", apresenta a Tabela, cujo eixo vertical (ou genético) é constituído pelas várias etapas do pensamento, de acordo com a sua crescente complexidade: elementos beta, elementos alfa, pensamentos oníricos, pré-concepções, concepções, conceitos, cálculo algébrico e sistema dedutivo científico. Apesar de incluir mais dois níveis de complexidade a seguir ao conceito, Bion sublinha que esses dois níveis não são encontrados nas sessões psicanalíticas, pelo que o conceito será o nível de pensamento mais complexo que os analisandos podem atingir.

Para Bion, o conseguir alcançar o nível dos conceitos está dependente da capacidade para tolerar a frustração perante a ausência do objecto e, pelo conseqüente desenvolvimento dum aparelho que permita pensar. É, também esse processo que permite aceder à simbolização e, portanto, conceitos e símbolos encontram-se estreitamente ligados, representando níveis complexos do pensamento humano.

É importante lembrar que o pensamento humano tem, essencialmente, dois objectivos: a capacidade de criar conceitos e, mais tarde sistemas hipotético-científicos e cálculos algébricos num nível muito superior de abstracção e, também a construção de uma capacidade própria que permita a auto-introspecção.

3.5 - MODELO COGNITIVO II

3.5.1 - A Verdade

O termo "verdade" é definido como a conformidade do conhecimento com o seu objecto. Se se trata de um objecto dado na realidade, a conformidade só se pode manifestar mediante a adequação do pensamento à coisa, e não segundo as regras gerais do pensamento.

Assim, uma das teorias da verdade advogadas pelos filósofos - a correspondência - tem em conta o facto de que não se pode formular um critério geral da verdade para todos os conhecimentos sem fazer uma diferenciação dos objectos correspondentes. O que significa que em condições normais, a mente humana está apta a adquirir conhecimento dos objectos através da observação e da experimentação refinada. Este conhecimento baseado na observação pode, depois, ser utilizado para testar crenças e teorias. De acordo com esta teoria só pode haver uma descrição verdadeira do mundo.

Duas premissas principais estão ligadas à teoria da correspondência: uma epistemológica e outra ontológica. A epistemológica refere-se ao facto de que os objectos se encontram aptos a provocar os sentidos a fazerem uma observação mais ou menos correcta desses objectos tais como eles são. A premissa ontológica refere-se ao facto de que nenhum pensamento nem nenhuma acção de qualquer tipo podem ser causados; as mentes são parte da natureza.

A segunda teoria da verdade - a coerência - tem em conta a seguinte questão: "Em que objectos consiste o mundo?", que só faz sentido dentro duma teoria ou descrição (Kant foi o primeiro filósofo a adoptar esta teoria) Desta forma, a verdade é uma espécie de coerência ideal entre as crenças e entre as experiências, como se essas experiências estivessem elas próprias representadas nesse sistema de crenças. Com esta teoria são abandonados os objectos tal como são e substituídos por objectos tal como são construídos ou constituídos devido à teoria e crença que governam a sua observação e à forma como os observadores os experimentam. Por sua vez, a mente submete os objectos que procura conhecer a condições a partir das quais se encontra apta para os conhecer. Tendo em conta a teoria da coerência, pode haver mais do que uma descrição verdadeira do mundo.

Também nesta teoria existem duas premissas principais: epistemologicamente, assume-se que as formas de pensar e perceber, inevitavelmente, condicionam aquilo que é observado; os objectos não têm forma de se definirem a si próprios e, têm de esperar que as definições inerentes às teorias os permitam perceber. Ontologicamente, os seres humanos são únicos na natureza, devido à sua inteligência, que têm a capacidade para acções voluntárias de diversos tipos (as acções dependem mais da razão do que das causas). As mentes constituem a natureza.

Na psicanálise muitos têm sido os autores que se têm dedicado à questão da verdade e, apesar das ambiguidades, as suas opiniões convergiram a favor da teoria da coerência.

Actualmente, as teorias psicanalíticas dão plausibilidade à ideia de coerência, uma vez que não há uma teoria unificada, sendo muitas delas divergentes e, algumas vezes, mutuamente inconsistentes, suportadas pela observação clínica. (Hanly, 1990)

O critério de coerência em relação à verdade parece surgir naturalmente na psicanálise devido à quantidade de teorias existentes, no entanto, já na obra de Freud se podia encontrar esse critério da coerência. Há várias passagens nos seus textos em é

possível detectar esse critério, como por exemplo, no texto "Formulações sobre os dois Princípios do Funcionamento Mental" (1911) em que diz o seguinte: "The place of repression, which excluded from cathexis as productive of unpleasure, was taken by an impartial passing of judgement, which had to decide whether a given idea was true or false - that is, whether it was in agreement with reality or not - the decision being determined by making a comparison with the memory-traces of reality." (Freud, 1911, p.221), ou quando sublinha que mesmo nos estádios mais precoces da descrição, uma nova ciência já utiliza conceitos que não são todos retirados do campo de observação ao qual a observação se refere (Freud, 1915), ou ainda na descrição do Homem dos Lobos (1918), quando tenta provar a realidade objectiva da cena primária. Ainda num texto de 1937, Freud diz o seguinte: "a relação entre o analista e o paciente baseia-se no amor à verdade - isto é, no reconhecimento da realidade - e isso exclui qualquer tipo de impostura ou engano."

3.5.2 - Bion e a Verdade

A questão da verdade foi sempre a grande preocupação de Bion ao longo da sua obra. Formulou e reformulou teorias sempre com o objectivo de poder chegar ao que chamou a "verdade última" (O). A verdade é essencial para o crescimento mental, sem verdade, o aparelho mental não se desenvolve.

Mas, a complexidade do problema é grande, até porque, para Bion, todo o pensamento é falso, se for comparado com a "verdade" do facto que formula; o que varia é o grau de falsidade. Por este motivo, embora a verdade seja a questão central, o que se torna realmente importante é a distinção entre falsidade e mentira.

A preocupação de Bion pelo conceito da verdade é introduzido no texto "On Arrogance" (1958) onde diz o seguinte: "...o objectivo implícito da psicanálise em procurar a verdade a qualquer custo é sentida como sinónimo da capacidade de conter os aspectos clivados e abandonados de outras personalidades, mantendo uma observação equilibrada. Isto parece ser o sinal para o aparecimento da inveja e do ódio" (1968, p.88)

Este comentário surge antes da descrição que Bion faz de um seu paciente que tenta destruir a ligação com ele e, que parece ser a forma de evitar chegar à verdade, ou seja, o paciente não permite que o analista investigue acerca da sua verdade e, por isso tenta destruir o vínculo que os une através de ataques destrutivos e mutilantes que impede o normal uso do mecanismo de identificação projectiva.

O tema do ataque aos vínculos continua a ser desenvolvido por Bion no texto "Ataques aos Elos de Ligação" (1959) mas, não há referências à questão da verdade, só é possível deduzir que essa questão está subjacente, já que os ataques que o sujeito faz são uma forma de evitar o contacto com a realidade e, logo, evitar descobrir a verdade sobre si próprio.

Mas, a preocupação com a verdade, a falsidade e a mentira só surgem verdadeiramente na obra de Bion quando começa a investigar o vínculo K.

O processo que leva às falsificações e às mentiras está intimamente ligado à tentativa de evitar conhecer a verdade, o que se traduz por um vínculo (- K) e que está, por sua vez, intimamente ligada ao pensamento, de forma que só se pode estudar o assunto tendo em conta esses três aspectos.

A questão do conhecimento (vínculo K) é pela primeira vez abordada por Bion no livro "Aprender pela Experiência" (1961), em que o vínculo K é descrito como representando a relação psicanalítica. Assim, X está em posição de chegar a conhecer Y que, por sua vez, está em posição de chegar a ser conhecido por X. Isto implica que X se ocupa em conhecer a verdade em relação a Y. (Bion,1961,p.73)

Mas, o acto de conhecer implica a existência de uma experiência emocional que pode ser dolorosa. Para fazer desaparecer essa dor, o sujeito pode modificá-la ou fugir dela. Quando a solução é a fuga perante a dor mental, então, encontramos-nos no domínio da mentira, em que a realidade é negada. Assim, "a diferença entre o objectivo da mentira e o da verdade pode ser expresso como uma mudança no sentido de (X K Y) e está relacionado com a intolerância à dor associada ao sentimento de frustração."(Bion,1961,p.75) No entanto, esta fuga à dor mental é consequência da falta dum aparelho para pensar pensamentos, o que faz com que o sujeito não possa usar os seus pensamentos, tendo como resultado o aumento da frustração.

Como consequência do processo em que a falta dum aparelho para pensar pensamentos implica o aumento da frustração e da intolerância à dor mental e que tem como resultado a negação da realidade, o vínculo (K) transforma-se em (- K).

Bion atribui o vínculo (-K) à inveja e ilustra-o a partir do exemplo do bebé que sente medo de morrer e, por isso dissocia e projecta os seus sentimentos de medo no seio, juntamente com a inveja e o ódio em relação ao seio imperturbável. A inveja impossibilita o estabelecimento de uma relação comensal e, assim, o bebé sente que o seio o despojou invejosamente dos seus elementos valiosos e o obrigou a ficar com os maus. A violência dessa emoção associada à inveja, afecta de tal forma os processos projectivos, que é projectado muito mais do que o medo de morrer, de facto é como se toda a personalidade tivesse sido evacuada. (Bion,1961,p.129) Quando isto acontece, o ego não quer conhecer e, assim, vai construir estruturas falsas, onde K é substituído por omnisciência, onnipotência e prepotência; o enfoque científico é substituído pela moral do seu super-ego (que despreza a verdade); não se desenvolve a capacidade de discriminação entre verdades, falsidades e mentiras; e há uma hipertrofia dos mecanismos defensivos ligados à negação.

O "super-ego" de que fala Bion, tem características distintas daquele super-ego que tinha sido descrito pelos autores antes de si. Neste caso trata-se de um "super" super-ego, uma vez que a necessidade de superioridade é primordial nos pacientes psicóticos que não se querem livrar da sua parte psicótica da personalidade. Atribuem a esta parte da personalidade uma falsa crença de que a sua arrogância onnipotente é que representa ser fonte de saúde e força do seu self. Qualquer sinal de inferioridade ou fragilidade tem que ser evitado.

Para que seja mantida a sensação de superioridade, o paciente psicótico ataca o vínculo do conhecimento e estabelece as suas relações em -K. O "super" super-ego tem, então, como função negar a verdade, a ciência e a moral, pelo que cria e segue um código de valores de normas e uma ética própria. A predominância deste tipo de estrutura psíquica leva a que se organize um núcleo narcisista, que se constitui como uma das mais difíceis formas de resistência.

Quando o par continente/conteúdo é reintrojectado em -K, transforma-se numa relação menos (continente/conteúdo), que constitui pouco mais do que a aparência duma psique. Nesta introjecção marcada pela inveja, a sua característica principal pode ser descrita como "um estado de falta" (without-ness): é um objecto interno sem exterior, é um canal alimentar sem corpo. (Bion, 1962, p. 129)

A relação continente/conteúdo negativa é dominada pelo ódio a qualquer novo desenvolvimento da personalidade. Assim, qualquer tendência em direcção à verdade, a estabelecer o contacto com a realidade, ou seja, a ser científico, desencadeia ataques destrutivos de forma a prevalecer a superioridade moral criada pelo "super" super-ego.

Quando a actividade do par menos continente/conteúdo tem êxito, dá-se uma inversão na função alfa e, então, os elementos alfa são transformados em elementos beta. Isto implica que o paciente se sinta rodeado por objectos estranhos que só são reais porque são o resíduo de pensamentos e concepções que foram privados de sentido e foram eliminados.

Na construção da Tabela, Bion introduziu uma coluna relativa aos enunciados falsos (coluna 2), a qual representa enunciados que negam a situação desconhecida e ameaçadora e que surgem devido à ansiedade do analista, impellido na interpretação a tranquilizar-se a si próprio e ao paciente de que aquela não existe.

No artigo intitulado "The Grid" (1964), Bion explica que a coluna 2 necessita duma tabela para si própria e que a sua ideia original foi a de fornecer uma série de categorias de enunciados falsos palpáveis e que, de preferência tanto o analista como o analisando soubessem que esses enunciados eram falsos.

A partir dos enunciados falsos da coluna 2, Bion refere a necessidade que existe em fazer a distinção entre falsidade e mentira: "... o enunciado falso está mais relacionado com a imperfeição do ser humano, tanto o analista como o analisando, que não se pode sentir confiante na sua capacidade para ser conhecedor da 'verdade', e o mentiroso que tem de ter a certeza do seu conhecimento da verdade de forma a ter a certeza de que não a revela por acidente." (Bion, 1964, p. 5)

As mentiras que surgem quando a verdade é odiada podem ser de três tipos: as experiências emocionais que não são transformadas em pensamentos (os elementos beta), os pensamentos que são destruídos pela reversão da função alfa ou, possivelmente, um aparelho idêntico mas, operando negativamente devido a uma demoníaca parte da personalidade. (Meltzer, 1978, p. 117)

Mais tarde, em "Atenção e Interpretação" (1970), Bion vai estudar a questão da verdade e da não-verdade e a sua relação com o pensador e com os pensamentos. Tal como na relação do místico com o grupo ou do continente com o conteúdo, também a relação do pensador com os seus pensamentos pode ser comensal, simbiótica ou parasitária. No primeiro caso, o estado comensal entre a ideia nova e o pensador, implica que não haja influência mútua, o que pode mudar quando o pensador e a ideia nova se encontram num momento de mútua evolução. Quando se dá esse encontro, acontece uma mudança catastrófica.

A partir da mudança catastrófica resulta uma relação simbiótica, na qual o pensamento e o pensador crescem e evoluem numa relação mutuamente benéfica. Esta relação dá origem a pensamentos que serão falsos por estarem incluídos numa relação continente/contéudo em K, ou seja, falsos porque expressam uma restrição se forem comparados com a verdade original. Essa verdade original só pode ser apreendida pela intuição e será objecto de transformações de movimento rígido ou projectivas que dão lugar a representações, símbolos, novos conceitos, etc..

Se, no entanto, a relação entre os pensamentos e o pensador é parasitária, se o vínculo é -K, então, o resultado poderá ser a proliferação de mentiras como forma de evitar a verdade.

Bion considera que a não-verdade é de natureza compulsiva [O --> T(-O)] e, assim, o paciente, no decurso da análise, vê-se obrigado a prosseguir com a sua compulsão, rejeitando as interpretações e a ostentar convicção nos seus pronunciamentos de forma a evitar que a análise possa ter eficácia (a psicanálise tem como objectivo central atingir a verdade do paciente).

A não-verdade depende do pensador (epistemologicamente, depende do ímpeto da ansiedade do pensador) e através dele adquire significação. A compulsão estabelece-se, neste caso, como o vínculo parasitário entre o pensador e a não-verdade e que despoja de significado todo o meio ambiente. A destrutividade dessa compulsão depende, em grande parte, da inveja, do ciúme e da possessividade, que podem ser considerados como equivalentes mentais do parasitismo físico.

Em contrapartida, a verdade absoluta, pode ser descrita como "um pensamento sem pensador". Não necessita de um pensador porque o pensamento verdadeiro aguarda o advento do pensador que se personifica através do pensar verdadeiro.

Mas, como Bion sublinha, a capacidade do ser humano tolerar a verdade acerca de si mesmo é muito precária, uma vez que é uma fonte de dor e nunca se pode chegar a um conhecimento satisfatório. Por isso, a tendência para acções evacuativas é grande e a mente está sempre em posição de criar mentiras que se oponham a essa dor.

3.6 - MODELO COGNITIVO III

3.6.1 - O Pensamento como Evolução e Expansão

Como refere Muniz de Resende, aquilo que Bion nos propõe através das suas teorias, é a possibilidade de pensar psicanaliticamente a psicanálise e, isso implica "uma transformação constante, que não isole o psicanalista, pondo-o fora do mundo, mas lhe permita, ao contrário, acompanhar de muito perto os questionamentos e as descobertas que vão acontecendo, em termos de ciência e de cultura." (1994,p.11) Aquilo que Bion fez ao longo da sua obra foi procurar novos interlocutores que fornecessem novos conceitos que permitissem a expansão para além da psicanálise clássica. Neste sentido, a noção de um "universo em expansão" pode ser uma boa forma de descrever a psicanálise bioniana no geral.

Num sentido mais estrito, podemos encontrar nas teorias de Bion três aspectos que ilustram o universo mental em expansão: a teoria das transformações e a mudança catastrófica, que contribuem para que a relação continente/conteúdo de tipo simbiótico evolua para a expansão infinita.

A teoria das transformações e a mudança catastrófica propostos por Bion encontram o seu modelo na teoria do "big-bang" e na teoria das catástrofes, respectivamente, e que irão ser descritas de seguida.

3.6.2 - O Universo em Expansão

Segundo a teoria do Big Bang (proposta pela primeira vez em 1931, pelo astrónomo belga George Lemaître), toda a matéria do Universo estaria inicialmente concentrada num ponto de densidade infinita, a que se chamou átomo primitivo ou ovo cósmico. Em determinado momento, este átomo ter-se-ia tornado instável, e deu origem a uma violenta explosão (big bang) e subitamente começou a expandir-se. Com o decorrer do tempo (algumas centenas de milhões de anos), a matéria ter-se-ia acumulado em nuvens separadas, chamadas protogaláxias, que posteriormente foram dar origem às galáxias e, por fim, às estrelas e aos restantes corpos celestes.

Uma das questões mais importantes que se colocam em relação a esta teoria tam a ver com a continuidade da expansão: será que continuará indefinidamente ou cessará em algum momento? Alguns cosmologistas são da opinião de que o Universo passa por fases de expansão e contracção (universo pulsante) sensivelmente com a mesma duração e, que cada fase de expansão é iniciada com uma violenta explosão. No entanto, outros cosmologistas pensam ter havido uma contracção única, iniciada numa data infinitamente remota, a que se seguiu a fase actual de expansão, que continuará indefinidamente.

Até ao início do séc.XX pensava-se que o Universo era estático e, até mesmo Einstein modificou a sua teoria da relatividade para que esse facto pudesse continuar a ser assim. Foi o físico russo Alexander Friedmann que tentou explicar que o Universo não era estático, através de duas conclusões muito simples: o Universo parece idêntico seja em direcção se olhe e que tal também seria verdade se o Universo fosse observado de qualquer outro lugar.

No modelo proposto por Friedmann, todas as galáxias se afastam directamente umas das outras e a velocidade desse afastamento é proporcional à distância entre elas. Apesar de ter descoberto um modelo, na realidade existem três modelos que se adequam às duas suposições fundamentais de Friedmann. O primeiro diz respeito a um Universo que se expande suficientemente devagar para que a atracção gravitacional entre as diferentes galáxias provoque abrandamento e provavelmente paragem da expansão; as galáxias começam, então, a mover-se umas em direcção às outras e o Universo contrai-se (neste modelo o espaço é finito na sua extensão). O segundo modelo descreve um Universo que se expande tão rapidamente que a atracção gravitacional nunca pode parar a expansão, embora a faça abrandar um pouco (o espaço é infinito). No terceiro modelo o Universo expande-se apenas à velocidade suficiente para evitar o colapso; contudo, a velocidade a que as galáxias se afastam umas das outras torna-se cada vez menor, embora nunca chegue a alcançar zero (o espaço é infinito).

Todos estes modelos têm em comum o facto de em certo momento do passado, a distância entre as galáxias vizinhas dever ter sido zero. Nesse momento a que se chama big bang, a densidade do Universo e a curvatura do espaço-tempo teriam sido infinitas. Este aspecto constitui aquilo que em matemática se chama uma singularidade e, significa que, mesmo que tivessem havido acontecimentos anteriores ao big bang, não podiam ser utilizados para determinar o que veio a acontecer depois, porque tudo o que se previsse falharia no momento do big bang. Do mesmo modo, se, como é o caso, sabemos apenas o que aconteceu desde o big bang, não podemos determinar o que aconteceu antes.

3.6.3 - A Teoria das Catástrofes

Até há relativamente pouco tempo, vigorava na ciência aquilo que é conhecido como "axioma de conservação da continuidade", que diz que as causas cujas acções variam de modo contínuo podem provocar unicamente variações contínuas dos efeitos.

Contudo, desde o séc.XIX que se percebia que haviam excepções a essa regra e, Georges Cuvier (zoólogo e paleontólogo francês, 1769-1832) foi o primeiro a referir essas excepções quando, através dos seus estudos sobre seres vivos e fósseis, concluiu que a crosta terrestre tinha sofrido transformações muito profundas no passado e, tinham sido sempre acompanhadas do desaparecimento de espécies vivas. Segundo Cuvier, essas transformações tinham um carácter violento e súbito, eram roturas de continuidade, catástrofes. Portanto, Georges Cuvier foi o primeiro a propôr uma teoria das catástrofes,

segundo a qual as espécies existentes numa dada época na Terra eram sempre exterminadas por meio de catástrofes e substituídas por novas espécies através de um acto divino.

Mas, a proposta de Cuvier não foi bem recebida já que a ideia vigente na época era de que a única explicação verdadeira dos fenómenos era a que se integrava nos modelos quantitativos, ou seja, num sistema de equações que definisse a evolução de certos parâmetros em função doutros. O poder explicativo de um modelo quantitativo depende, em grande parte, da riqueza da linguagem matemática, da sua capacidade de descrever as diversas funções. Todas as relações que a linguagem matemática não sabe indicar, e para as quais não tem fórmulas, são inconcebíveis no âmbito de um modelo quantitativo e, portanto, devem necessariamente ser postas de parte. Assim, ao partir-se do princípio de que todas as interações entre os fenómenos podem ser representadas por funções analíticas, as descontinuidades que se observavam eram consideradas como meramente aparentes e eram reduzidas a variações contínuas.

Assim, perante a evidência da existência de descontinuidades visíveis a olho nú, os homens da ciência invocavam mudanças imperceptíveis mas que se produzem de modo contínuo, o que os levava a modificar a escala do tempo, que sofre uma dilatação, permitindo um enorme número de mudanças cuja integração conduz a transformações visíveis. Desta forma, a descontinuidade deixa de ser produzida pelas próprias coisas mas sim pela forma como é percebida pelas pessoas. Como consequência desta continuidade microscópica e contínua, houve a necessidade de inventar instrumentos que permitissem verificar o axioma. Mas, isso não foi possível, já que a descontinuidade existia de facto.

Mas, no ano de 1876 deu-se uma mudança nessa perspectiva quando Maxwell (físico escocês) coloca o problema da história e da previsão, ou seja, saber se era possível a partir do estado presente, conhecido, de um objecto (a que actualmente se chama sistema real), se podem deduzir, por um lado, os estados passados do mesmo objecto e, por outro lado, os seus estados futuros. É possível deduzir o estado futuro dum objecto a partir do presente através dum sistema de equações diferenciais ordinárias, que descreve a evolução dum sistema real. Mas, através desse sistema de equações a solução encontrada é uma solução unívoca, ou seja, a partir de um estado inicial, determina uma e só uma trajetória do sistema real. Encontramo-nos, assim, perante um problema de determinismo (o estado inicial de um sistema determina de modo unívoco a sucessão dos seus estados futuros?) e, de um problema da presença da descontinuidade nos próprios sistemas reais: de cada vez que uma pequena variação das condições iniciais provoca uma grande variação das condições finais, verifica-se uma indeterminação prática desta última por acção da primeira. Segue-se que a evolução dum sistema real em que aparece tal descontinuidade não pode ser descrita através de um sistema de equações diferenciais ordinárias.

O conceito de determinismo que Maxwell combate é o de Laplace, que supõe que um Demónio, conhecendo os estados iniciais de todas as partículas de que se compõe o universo e todas as forças que nele agem, seria capaz de deduzir toda a sequência completa dos seus estados futuros. Maxwell levanta duas objecções a esta ideia. Em primeiro lugar, o sujeito do conhecimento não pode ser assimilado a um Deus e, em segundo lugar, a presença de singularidades em certos sistemas reais torna impossível a

previsão unívoca dos estados futuros desses sistemas, uma vez que, na vizinhança de pontos singulares, as influências cuja grandeza física é demasiado pequena para ser considerada por um ser finito, podem produzir resultados da maior importância. É assim, porque na vizinhança de singularidades, aparecem descontinuidades entre as causas e os efeitos, cessando as causas semelhantes de provocar efeitos semelhantes. Desta forma, o determinismo laplaciano só pode ser aplicado, quando muito, a certos sistemas pouco complexos mas nunca ao universo no seu conjunto.

Ao ser foi posto em causa o determinismo, começou-se a privilegiar o estudo das singularidades e das descontinuidades, o que levou a uma nova orientação nas pesquisas. Apesar desta questão ter sido colocada nos finais do século passado, só nos anos 50 e 60 pôde de facto ser estudado porque, até aí a linguagem matemática era incapaz de dominar as descontinuidades.

René Thom foi o primeiro a elaborar a teoria das catástrofes, formulando o teorema com o seu nome, que estabelece uma relação inteligível entre as causas cujas acções variam de modo contínuo e os efeitos descontínuos. O próprio René Thom explica o seguinte acerca da sua teoria: "A teoria que proponho provém da conjugação de duas fontes: por um lado, as minhas investigações em Topologia [parte da matemática centrada no estudo do espaço e das propriedades que o afectam] e Análise Diferencial sobre o problema dito da estabilidade estrutural (...) e, por outro lado, a leitura dos tratados de Embriologia e, em particular dos livros de C.H. Waddington, cujas ideias de "chréode" e de "paisagem epigenética" me parecem adaptar-se muito bem ao esquema abstracto que eu encontrara na minha teoria da estabilidade estrutural das funções e aplicações diferenciáveis. Isto significa que a teoria apresenta um grande carácter de abstracção e de generalidade, e o seu campo de aplicação ultrapassa de longe a Embriologia ou mesmo a Biologia"(Thom, 1965, citado na Enciclopédia Einaudi, vol.29,p.243)

O papel da embriologia a que Thom dá destaque é interessante a vários níveis. Os processos morfogénicos estudados por esta disciplina são considerados como os mais rebeldes em relação à linguagem matemática tradicional, uma vez que estão cheios de descontinuidades de que não é possível serem tratadas por essa disciplina.

Para René Thom os processos de morfogénese são capazes de fornecer um paradigma geral de toda a evolução: "O espectáculo do universo é um movimento incessante de nascimento, de desenvolvimento, de destruição de formas. O objecto de toda a ciência é prever esta evolução de formas e, se possível, explicá-la." (Thom, 1972, citado na Enciclopédia Einaudi, vol.29,p.244) Mas, para Thom a explicação a que se refere não implica só a utilização de um modelo quantitativo, implica, sobretudo, tornar inteligível e oferecer representações qualitativas satisfatórias da evolução das formas porque, através da Topologia e Análise Diferencial é possível o acesso ao pensamento qualitativo rigoroso e, em teoria, é possível definir uma forma e determinar se duas funções têm ou não o mesmo tipo topológico, ou seja, a mesma forma.

Assim, a questão da estabilidade já pode ser estudada pela matemática; quando uma pequena perturbação transforma o tipo topológico numa função, aparece uma nova forma desta; produz-se, pois, uma solução de continuidade, uma catástrofe. Paradoxalmente, as catástrofes, têm formas que são estruturalmente estáveis.

O teorema de Thom estabelece que os tipos topológicos das catástrofes, as suas formas, dependem do número de dimensões do espaço de controlo, e quando este número é igual ou maior que 3, do número de dimensões do espaço dos estados. No entanto, para as dimensões do espaço de controlo iguais a 3 ou a 4 (as dimensões maiores não interessam, embora sejam estudadas pelos matemáticos), o tipo topológico da catástrofe é o mesmo para todas as dimensões do espaço dos estados iguais ou maiores que 2. Uma vez que as catástrofes que aparecem nas dimensões inferiores do espaço de controlo também estão presentes nas suas dimensões superiores, existem apenas sete catástrofes que se podem representar num espaço de controlo a 4 dimensões, equivalentes a espaço-tempo usual; chama-se catástrofes elementares.

0Da teoria de Thom resulta que "se pode criar uma teoria da morfogénese in abstracto, puramente geométrica, independente do substracto das formas e da natureza das forças que o criam." (Thom, 1972, citado na Enciclopédia Eunaudi, vol.29,p.247)

3.6.4. - O Universo Mental em Expansão

Em 1965, Bion elaborou a teoria das transformações, a qual pressupõe que, tal como a projecção duma figura geométrica num plano transforma algumas propriedades e mantém outras inalteradas, também a análise modifica algumas propriedades da sessão e conserva outras invariantes. Mantendo a analogia com a geometria, Bion distinguiu entre transformações de movimento rígido e transformações projectivas. As primeiras referem-se a transformações em que há pouca deformação e, em que certos significados são mantidos, mais ou menos permanentemente, invariáveis, por seu lado, as transformações projectivas transformam pontos em pontos e linhas em linhas, preservando as suas propriedades de incidência, no entanto, não preserva a distância nem os ângulos; as figuras são muito deformadas em relação ao original, que se torna pouco reconhecível. Bion distingue, ainda, um terceiro grupo de transformações - as transformações em alucinoses - nas quais o produto final pode ser, entre outras coisas, uma alucinação.

Todas estas transformações têm um estado inicial, um processo de transformação realizada de acordo com determinada técnica e sob determinadas condições e, um produto final. Por outro lado, todas as transformações estão estreitamente ligadas ao conceito de invariância, que se refere àquilo que se mantém inalterável no processo de transformação; é a invariância que permite reconhecer no produto final, o original transformado.

Além disso, todo o processo de transformação implica a existência de uma mudança, na qual o produto final dessa transformação (T-Beta) vai funcionar como o ponto de partida para uma nova transformação (O). A essa mudança, Bion chamou

"mudança catastrófica", a qual se refere a um conjunto de acontecimentos que estavam ligados no momento da aparição duma ideia nova e, que comporta três elementos: a subversão do sistema (há subversão na ordem ou sistema de coisas), a invariância e a violência (é súbita e violenta quase num sentido físico). Referiu também a importância em distinguir entre o estado pré-catastrófico e o estado pós-catastrófico. O estado pré-catastrófico é caracterizado por não conter emoções, por ser teórico e sem qualquer indicação de qualquer mudança externa e, a violência está confinada aos fenómenos vividos como insight psicanalítico, ou seja, é uma violência teórica. Por sua vez, o estado pós-catastrófico é caracterizado por uma violência bem patente, a emoção é óbvia e é estimulada no psicanalista e, a componente ideacional que antes era evidente, parece ter desaparecido.

O trabalho do analista é o de procurar as invariantes e demonstrar que o estado emocional, aparentemente diferente, contém os mesmos elementos do estado pré-catastrófico.

Quando ocorre em K, a transformação e a conseqüente "mudança catastrófica" constituem um fenómeno evolutivo, de crescimento mental, que só pode ser comparado a uma explosão que transforma um momento "pré-catastrófico" num momento "pós-catastrófico" (rico em emoções). Está associado a uma transformação e, constitui o ponto de partida para uma evolução. Desta forma, pode-se dizer que o momento pós-catastrófico de uma sequência anterior, é parte constitutiva do momento pré-catastrófico da sequência seguinte e, portanto, pode-se dizer que são intercambiáveis

Se, no entanto, a transformação se der em -K, então, a mudança que ocorre pode aproximar-se de uma catástrofe real, como por exemplo, enlouquecer ou despersonalizar-se, ou entrar num sistema de ideias rígido, estático e regulamentado de forma que a ameaça de uma mudança é rapidamente combatida.

O processo de transformação em K, onde a mudança catastrófica é tolerada e funciona como o início de uma nova transformação, vai permitir ao par continente/conteúdo a evolução no sentido da expansão para o infinito, representado pelos signos (continente/conteúdo)_n, estamos perante uma relação simbiótica em que "dois se unem para criar um terceiro para benefício dos três."

Tendo em conta as duas teorias expostas anteriormente, a teoria do big-bang e a teoria das catástrofes, podemos ver como a teoria das transformações constitui um modelo perfeito dum universo mental em expansão. De facto aquilo que Bion nos propõe é a compreensão do conhecimento e do pensamento através dum processo que resulta duma transformação (o big-bang), que será sempre súbita e violenta, e que continuará infinitamente, se o processo decorrer normalmente. Mas, tal como alguns cosmologistas acham que o universo evolui através de fases de expansão (sempre iniciadas a partir duma violenta explosão) e contracção, também na teoria de Bion, podemos encontrar algo semelhante que está dependente da tolerância à dor mental. Ou seja, o universo mental expande-se em direcção ao infinito mas, quando a dor mental é demasiado intensa e o

sujeito não a consegue suportar, podem-se dar regressões, de que o mecanismo da reversão da função pode ser um bom exemplo.

Em suma, a ideia de Bion sobre os primitivos elementos beta é uma espécie de Big Bang que corresponde ao ponto de partida da realidade psíquica. A origem do pensamento afectivo é vista como tendo início numa violenta explosão.

3.7 - MODELO TERNÁRIO

O modelo ternário é ilustrado, na obra de Bion, pela teoria dos vínculos: L (Love), H (Hate) e K (Knowledge). Por "vínculo" entende-se uma experiência emocional na qual duas pessoas ou duas partes de uma personalidade estão relacionadas uma com a outra.

Melanie Klein tinha formulado a relação emocional entre a mãe e o bebé em termos de amor e ódio, no entanto, Bion percebeu que nessa relação existia um outro tipo de vínculo: o desejo de a mãe compreender o seu bebé, que foi formulado em termos de vínculo K.

Ao longo de toda a obra de Melanie Klein fica bem patente que as relações que a criança estabelece com os seus objectos são marcadas pelo amor e pelo ódio, pode-se dizer que se trata de um modelo binário.

Como se sabe, o modelo kleiniano assenta, essencialmente, nas duas posições básicas da mente humana: a posição esquizo-paranóide e a posição depressiva, acompanhadas por um conjunto particular de relações de objecto, externas e internas, fantasias, ansiedades e defesas.

De forma resumida, é através da posição esquizo-paranóide que a criança estabelece o seu primeiro contacto com o mundo externo e, nesta altura apenas existe ódio, quando o bebé se sente frustrado por as suas necessidades não serem satisfeitas de imediato, ou amor, quando as suas necessidades são satisfeitas. Devido a esta divisão extrema entre amor e ódio, o primeiro objecto que é introjectado - o seio - também irá ser dividido em bom e gratificante ou mau e perseguidor e, por consequência, a interacção entre o amor e ódio praticamente não existe.

A luta entre o amor e o ódio só se torna realmente intensa com a entrada na posição depressiva porque, a partir do momento em que o bebé começa a perceber a mãe como um objecto total, ele vai ver-se confrontado com os seus sentimentos ambivalentes em relação a ela. Assim, desencadeia-se um processo em que o bebé pensa ter destruído de facto o objecto (a mãe) dos seus impulsos agressivos quando este desaparece do seu campo de visão, ausência que é sentida como a morte do objecto. Mas, quando a mãe volta a aparecer e, devido ao amor contínuo e aos cuidados que esta lhe dispensa, o bebé

fica menos assustado com as suas fantasias destrutivas e, o seu ódio torna-se menos assustador porque acredita que o seu amor pode restaurar aquilo que tinha destruído anteriormente. Desta forma, o bebé aumenta a sua crença na existência dum bom objecto e na sua capacidade para amar.

À medida que esta experiência se vai repetindo, o objecto bom vai sendo, gradualmente, melhor assimilado pelo ego, pois, na medida em que o ego restaura e recria o objecto internamente, este torna-se cada vez mais propriedade do ego, podendo ser assimilado por ele e contribuir para o seu crescimento. Desta forma, o bebé começa a distinguir entre fantasia e realidade e, a sua relação com os objectos também se modifica, adquirindo a capacidade de amar e respeitar as pessoas como indivíduos separados e diferenciados; torna-se capaz de reconhecer os seus impulsos, de sentir responsabilidades por eles e de tolerar a culpa.

É um facto que Klein valorizou, sobretudo, os sentimentos de amor e ódio na relação do bebé com os seus objectos, no entanto, o desejo de conhecer (a que chamou "pulsão epistemofílica"), também foi abordado.

Como refere Thorner no seu artigo de 1981, "Notes on the Desire for Knowledge", Freud e alguns dos seus contemporâneos interessaram-se pela questão do conhecimento que, no entanto, foi esquecida até ser novamente retomada por Bion. Nesses primórdios da psicanálise, o desejo de conhecer foi associado aos instintos sexuais, já que se considerava que as primeiras pesquisas levadas a cabo pela criança tinham a ver com a curiosidade sexual, especialmente, com as questões relacionadas com o nascimento das crianças, donde é que elas vinham e as relações sexuais entre os pais. Contudo, Freud também sublinhou que não se podia considerar que esse instinto para conhecer estivesse apenas ligado à sexualidade. Nos "Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade" refere-se a esse tema da seguinte forma: "O impulso de saber não pode ser contado entre as componentes impulsivas elementares da vida afectiva, e não é possível fazê-la depender exclusivamente da sexualidade. A sua actividade corresponde, por um lado, à sublimação da necessidade de domínio e, por outro lado, utiliza como energia o desejo de ver. Todavia, as relações que apresenta com a vida sexual são muito importantes; a psicanálise mostra-nos esta necessidade de saber muito mais cedo do que geralmente se pensa. A criança liga-se aos problemas sexuais com uma intensidade imprevista, e pode mesmo dizer-se que são esses problemas que despertam a sua inteligência." (Freud, 1900,p.117)

Klein, como seguidora das ideias de Freud, nos seus primeiros trabalhos também considera que o desejo de saber tem uma origem libidinal. Por exemplo, na introdução de "The Development of a Child" (1921) Klein diz o seguinte: "Devemos deixar a criança apreender a maior quantidade possível de informação sexual de acordo com o que o crescimento que requer o seu desejo de saber, retirando, assim, o mistério da sexualidade e grande parte dos seus perigos."(p.1)

Mais tarde, quando começa a dar maior importância aos componentes agressivos e ao instinto de morte, passa a relacionar o desejo de saber ao domínio das ansiedades que surgem quando aparece o complexo de Édipo.

Klein atribui o aumento da ansiedade ao facto de o ego ainda se encontrar pouco desenvolvido quando se manifestam as tendências edípicas e, assim, não conseguir suportar todos os problemas com que se defronta, que são parcialmente inconscientes e que, quando se tornam conscientes não podem ser expressos em palavras, porque a criança ainda não atingiu um nível de comunicação e linguagem que lhe permita expressar os seus sentimentos, o que faz com as questões continuem sem resposta. Estes dois aspectos (um ego incipiente e a linguagem que ainda não se desenvolveu) fazem aumentar o ódio e são responsáveis pela inibição do impulso epistemofílico.

3.7.1 - Amor, Ódio e Conhecimento

Apesar de o desejo de saber ter sido abordado antes de Bion, nunca lhe foi atribuída uma grande importância como um impulso fundamental para o desenvolvimento e maturação cognitiva da criança. Esse desenvolvimento sempre esteve dependente dos impulsos de amor e ódio dirigidos aos objectos e, sobretudo, da capacidade de integrar e suportar a ambivalência resultante desses dois impulsos.

Bion, contudo, apercebeu-se de que colocar a questão das relações em termos de amor/ódio não era suficiente porque na primeira relação que o bebé estabelecia com a mãe, havia a necessidade dela utilizar o seu próprio pensar e o seu próprio conhecer para conter as angústias do filho. Assim, era necessário encontrar um terceiro vínculo emocional, que correspondia ao desejo da mãe em compreender o seu bebé, o vínculo K. Ao contrário do que tinha acontecido até aí, o desejo de saber passa a ter um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo da criança (juntamente com a capacidade de reverie da mãe e com capacidade da criança para simbolizar) e, será a este vínculo que Bion irá dar importância ao longo da sua obra, relegando para segundo plano os vínculos de amor (L) e ódio (H).

Bion começa a falar dos vínculos no livro "Aprender Pela Experiência" (1962) na sequência da discussão sobre a importância da experiência emocional. Esta não pode ser concebida fora de uma relação, na qual existem três factores que são inerentes ao vínculo entre objectos: "As relações básicas que postulo são: 1) X ama Y; 2) X odeia Y; 3) X conhece Y. Estes vínculos expressar-se-ão por meio dos signos L, H e K." (Bion, 1961,p.68)

Tendo por base estes três signos, perante uma experiência emocional, o analista deve esclarecer quais são os objectos vinculados e qual desses três signos representa com mais precisão o verdadeiro vínculo entre eles.

A necessidade de eleger um dos signos como representante de uma relação deve-se ao facto de que é bom para o analista possuir uma "chave" que permita validar os outros elementos que estão combinados na formulação do enunciado. No entanto, ao eleger um dos signos, não é exigido que ele represente com exactidão uma "realização" mas, sim que esteja de acordo com aquilo em que o analista acredita. A afirmação que o analista faz sobre os elementos da análise, deve parecer-lhe uma reflexão verdadeira dos seus sentimentos e, deve, também, poder ser usada por ele sempre que seja necessário. Ou seja, quando o analista elege um dos signos deve sentir que é o correcto e deve esforçar-se por mantê-lo constante.

A discussão sobre os vínculos é retomada no livro "Elementos de Psicanálise" (1963), onde são descritos como pertencendo ao domínio das paixões. No início deste livro, Bion tinha atribuído três domínios aos elementos psicanalíticos e aos objectos que deles derivam: o domínio dos sentidos, o domínio dos mitos e o domínio das paixões.

O domínio dos sentidos implica que aquilo que é interpretado deve ser, entre outras coisas, um objecto dos sentidos. O domínio do mito refere-se a enunciados que representam um mito pessoal. Por fim, o domínio das paixões representa uma emoção experimentada com intensidade e calor sem qualquer sugestão de violência. Neste livro, Bion considera os vínculos L, H e K como elementos de psicanálise e, a paixão é uma das dimensões que esses vínculos devem possuir para que possam ser reconhecidos como um elemento presente.

A dimensão da paixão não está dependente dos sentidos porque "para que os sentidos estejam activos é necessária apenas uma mente: a paixão é a evidência de que duas mentes estão ligadas e de que não é possível haver menos de duas mentes se a paixão estiver presente." (Bion, 1963,p.13) Podemos, então, concluir que o que os sentidos proporcionam acerca das paixões não é sensível mas apenas sensorial, no entanto, para perceber a paixão é necessária a sensibilidade. E, esta sensibilidade encontra-se tanto no analisando como no analista: o paciente fala daquilo que sente, das suas paixões e, o analista tem de possuir capacidade para as perceber. Assim, a sensibilidade do analista significa, em primeiro lugar, sensibilidade às paixões do paciente. Essas paixões podem ser reconhecidas teoricamente (como por exemplo, inveja, ódio, amor, alegria, fuga, etc.) mas, é essencial que o analista seja capaz de as identificar existencialmente, ou seja, no momento em que manifestam na sessão analítica e, é nesse sentido que a sensibilidade lhe é indispensável.

Associada aos vínculos L, H e K e, conseqüentemente, à dimensão das paixões está a Razão (R) que, de acordo com Bion "representa uma função cuja intenção é servir as paixões, o que quer que sejam, levando-as à supremacia no mundo da realidade." (Bion,1963,p.4) Associada à Razão encontra-se, por sua vez, a Ideia (I) que representa os objectos psicanalíticos compostos por elementos-alfa. A Razão está associada à Ideia na medida em que a Ideia é usada como forma de suprimir a falha entre o impulso e a sua

satisfação. A Razão assegura que a modificação da frustração seja alcançada durante a pausa temporal.

Uma vez que L, H e K são os vínculos que unem os objectos psicanalíticos, eles são o vínculo dinâmico que existe entre continente/conteúdo e entre Ps \leftrightarrow D. Mas, Bion foi mais além, ao confrontar os elos emocionais positivos com os elos emocionais negativos, mostrando como eles estavam ligados entre si. A benignidade ou não de continente/conteúdo e de Ps \leftrightarrow D está, assim, dependente da natureza do vínculo: amor (L), anti-amor (-L); ódio (H), anti-ódio (-H); conhecimento (K), filistinismo (-K).

Ao atribuir aos vínculos um valor positivo e um valor negativo, Bion põe em evidência o conflito intrínseco entre eles mostrando que, no nível das paixões, prazer e dor estão intrinsecamente ligados um ao outro.

Apesar de considerar os três vínculos fundamentais para o crescimento mental e para o estabelecimento de relações afectivas entre as pessoas, Bion deixa de lado os vínculos L e H para se dedicar apenas ao estudo aprofundado do vínculo K porque, como dirá mais tarde no livro "Transformações" (1965) para se referir à relação paciente/analista: "... L ou H obstruem aquilo que deveria ser uma relação em K." (p.70)

Talvez por esse motivo Bion tenha desenvolvido maior parte das suas teorias tendo em conta o vínculo K mas estando subjacentes os vínculos L e H. Ainda no livro "Transformações", Bion diz o seguinte: "Associei K com a curiosidade, mas é necessário considerar outros impulsos, emoções e instintos, nomeadamente, os fenómenos que considerei conjuntamente como L e H e o efeito da intrusão de um grupo no outro." (p.67)

Mais à frente Bion questiona se será possível utilizar a Tabela para investigar algo mais do que K, nomeadamente, os vínculos L e H. No entanto, esta questão parece-me desnecessária dado que, como foi dito atrás, Bion refere a necessidade de considerar o vínculo K associado às emoções. Assim, na própria Tabela é possível perceber quando a relação psicanalítica decorreu em K ou quando foi perturbada por alguma emoção que impediu o crescimento mental, levando a uma relação em -- K.

Amaral Dias (1997) propõe uma Tabela revista e modificada (é acrescentada a coluna da Decisão, que passa a ser a coluna 6), na qual é possível distinguir entre K, -- K e K \rightarrow O. Desta forma podemos nos aperceber da influência de L e H no processo de crescimento mental.

Assim, encontramos-nos perante uma Tabela onde as colunas 1, 2 e 7 são incluídas no vínculo -- K, a partir do qual se pode inferir a influência do ódio à realidade e a consequente incapacidade para tolerar a frustração, o que se traduz pela necessidade de construir mentiras e por acções (acting outs) que impeçam que a verdade venha ao de cima.

Por seu lado, o amor à verdade é visível através das colunas 3, 4, 5 e 6 (notação, atenção, investigação e decisão), que traduzem a curiosidade do paciente e a vontade de se conhecer a si próprio.

Contudo, a relação em + K não é suficiente para que o processo de conhecimento atinja o seu ponto culminante. Para que isso aconteça é necessário que haja uma transformação de K em O, o que só pode acontecer através da indagação e que culmina na decisão. Só quando nos encontramos no domínio do transformável podemos falar num universo mental em expansão e do conseqüente caminho em direcção à "verdade última".

CONCLUSÃO

Após a análise das obras de Bion e das suas principais ideias, damo-nos conta de que estamos perante qualquer coisa nova: uma nova psicanálise, uma metapsicanálise.

Sem perder o fio central daquilo que é a psicanálise, ou seja, "um procedimento para a investigação de processos psíquicos, que de outra forma são de difícil acesso" (in "Psychoanalysis and Theory of the Libido", vol. XIII, p. 211), Bion foi construindo a sua própria teoria psicanalítica.

Quando se lêem os textos de Bion pela primeira vez, fica-se um pouco perdido e assustado porque se trata duma linguagem nova e de difícil compreensão, além das inúmeras referências a outras disciplinas.

Contudo, quando analisamos pormenorizadamente as suas ideias, percebemos que Bion apenas está a falar da mente humana e dos processos que dela fazem parte. A utilização que Bion faz de termos retirados da matemática, da química ou da filosofia, funcionam apenas como auxiliares que lhe permitem expressar de forma mais clara aquilo que pretende dizer. Por exemplo, o termo "função", que Bion foi buscar à matemática, adquiriu na sua obra um significado próprio como função-alfa ou função psicanalítica da personalidade sem, no entanto, perder o significado matemático, no qual uma função implica sempre a existência de duas entidades que se afectam mutuamente sempre que há alterações numa delas.

Além do termo "função" existem muitos outros que têm a mesma progressão nas teorias bionianas mas, que no entanto, não podem ser consideradas como uma base dessas teorias.

De facto, aquilo de que Bion falou durante toda a sua obra foi de psicanálise e, o fundador da psicanálise foi Freud. Será, portanto, a partir das ideias de Freud e, mais tarde, de Melanie Klein, que poderemos encontrar os principais fundamentos das teorias desenvolvidas por Bion.

São vários os textos de Freud a que Bion faz referências directas nos seus livros, desde os seus primeiros trabalhos com grupos até aos textos sobre a caesura e a realidade última. Entre os textos de Freud, Bion deu particular atenção a "Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental" (1911), que foi fundamental para a elaboração da teoria do pensamento (tanto Freud como Bion partilham a ideia de que é a tolerância à frustração causada pela ausência do objecto desejado que permite que se desenvolva a capacidade para pensar) e, para a construção da Tabela (as colunas 3, 4 e 5 correspondem aos processos de notação, atenção e indagação descritos por Freud); de forma idêntica, Bion vai utilizar algumas ideias de Klein para fundamentar as suas teorias (Bion deu particular importância às noções de identificação projectiva e de posição esquizo-paranóide e posição depressiva).

É, no entanto, preciso deixar claro que em ambos os casos, Bion nunca se apropriou ou transgrediu os conceitos que pediu "emprestados" para a construção das suas teorias, apenas os modificou ou alargou de acordo com as suas próprias ideias e de acordo com os factos que se lhe deparavam na sua prática clínica.

Assim, como vários autores fazem referência, a obra de Bion tem origem nas obras do par heterossexual da história da psicanálise: Sigmund Freud e Melanie Klein.

No entanto, como sublinha Florence Guignard no seu artigo "Sigmund Freud et Wilfred R. Bion. Filiation et Commensalité" (1994), talvez a filiação seja mais freudiana porque tanto a obra de Freud como a obra de Bion têm como eixo central a epistemologia, ou seja, "o estudo dos processos psíquicos de conhecimento."

De facto, ao longo de toda a obra de Bion mas, sobretudo, a partir de 1962 com o livro "Learning From Experience" (que marca o início do chamado período epistemológico), podemos notar a importância que o conhecimento adquire para Bion, estando mesmo na origem das suas mais originais teorias.

É justamente nesse livro que Bion introduz a ideia da existência dum vínculo que promove o crescimento mental: o vínculo K (conhecimento), que a partir daí irá tornar-se praticamente a base de toda a sua metapsicanálise.

Antes de Bion apenas se consideravam os sentimentos de amor e ódio como a base para o crescimento mental, já que era através da interacção desses dois sentimentos que o ego adquiria a maturidade necessária para fazer face aos conflitos internos e externos.

Bion, no entanto, percebeu que só o amor e o ódio não eram suficientes para que esse crescimento pudesse ocorrer; descobriu que para além do amor ou do ódio que a mãe dirigia ao seu bebé, havia também o desejo de o conhecer e que era assim que se criavam as condições ideais para o desenvolvimento mental do bebé. Esta situação é análoga à relação que se estabelece entre o analista e o analisando e, da mesma forma, é a vontade de conhecer que promove o desenvolvimento da relação psicanalítica; o amor ou o ódio só iriam impedir esse desenvolvimento porque, agora, trata-se de um amor ou de um ódio à verdade.

Para elaborar a sua teoria do conhecimento Bion vai também utilizar as ideias de Platão e de Kant, as quais nos ajudam a compreender alguns dos pontos essenciais dessa teoria, mas dum ponto de vista mais geral. Porque, mais uma vez, Bion parece utilizar as noções de Platão e de Kant como suportes para desenvolver uma teoria psicanalítica do conhecimento sem, no entanto, serem de facto os seus fundamentos. Esses fundamentos vão ser encontrados na psicanálise, nos "pais" Freud e Klein.

Tanto para Freud como para Klein a questão do conhecimento estava ligada à curiosidade sexual que todas as crianças demonstravam, à qual Klein chama "pulsão epistemofílica". Contudo, para Freud essa pulsão não estava apenas ligada à sexualidade e, parece-me que apesar de Freud não lhe atribuir um papel fundamental na vida afectiva, o desejo de conhecer é também um aspecto essencial na teoria psicanalítica freudiana.

Desta forma, tanto em Freud como em Bion deparamo-nos com a ideia de que fazer psicanálise implica o esforço, por parte do analista e do analisando, para chegar às fundações.

Em Freud isso traduz-se pela necessidade de "vasculhar" o passado do analisando para descobrir o acontecimento que provocou os sintomas que apresenta no momento (sobretudo, nos caso das neuroses); nas teorias de Bion não se trata propriamente de descobrir o acontecimento traumático mas sim de tentar desvendar o mito privado do analisando (como se sabe, um mito relata aquilo que aconteceu na origem). É esse mito que funda a verdade absoluta sobre o sujeito.

A ideia da verdade absoluta ou realidade última (O) surge no livro "Atenção e Interpretação" (1970) sendo, então, considerada como aquilo que o analista e o analisando se propõem alcançar sem, no entanto, nunca o conseguirem porque essa verdade absoluta é sempre uma coisa-em-si-mesma e, portanto, incognoscível.

Mas, essa tentativa de chegar a O só pode progredir se forem reunidas duas condições básicas: a capacidade do analisando tolerar a dor mental e a capacidade do analista se libertar de memória, desejo e compreensão. Só desta forma ficam optimizadas as condições que permitem que o processo psicanalítico evolua e que se possa chegar o mais próximo possível da realidade última do paciente.

São as duas condições atrás referidas que simbolizam uma relação psicanalítica que se desenrola sob o domínio de K e que permite que se instale no analisando um universo mental em expansão.

Voltando um pouco atrás, é curioso verificar que também Freud proclamava a existência duma coisa-em-si-mesma (também no sentido kantiano) que era incognoscível e à qual ele se referia para justificar a existência do inconsciente: "se aceitamos a existência duma coisa-em-si-mesma incognoscível que está por detrás do fenómeno físico, porque não adoptar a mesma hipótese em relação à psique?" (citado por Laplanche in "New Foundations for Psychoanalysis", 1989).

Bion raramente falou do inconsciente ao longo da sua obra; parece ter substituído esta noção, tão importante na psicanálise clássica, pela categoria dos elementos-beta que são coisas-em-si-mesmas, incognoscíveis e que só podem ser pensadas quando transformadas em elementos-alfa através da acção da função alfa.

Em resumo, parece-me que apesar da aparente confusão de autores e ideias citados por Bion na sua obra, os fundamentos terão que ser, necessariamente, procurados e encontrados na psicanálise. Já foi dito atrás que Bion possui uma dupla filiação psicanalítica que é encontrada em Freud e Klein.

No entanto, penso que podemos encontrar muito mais pontos em comum entre as ideias de Freud e Bion do que entre as ideias de Klein e Bion, não só pela quantidade de referências feitas por Bion às obras de cada um desses psicanalistas mas também e, sobretudo, pela atitude assumida perante a ciência psicanalítica.

Enquanto Melanie Klein elaborou as suas teorias com base na prática clínica, não se aventurando (ou, talvez, não se interessando) por outros cominhos além desse, Freud e Bion enveredaram também pela epistemologia, o que os fez tentarem utilizar todos os "meios" possíveis para poderem tentar investigar de forma aprofundada os mistérios da mente humana.

Além disso, tanto Freud como Bion têm em comum o facto de terem criado uma meta-teoria (metapsicologia e metapsicanálise, respectivamente), ou seja, ambos se atreveram a ir para além do conhecido.

BIBLIOGRAFIA

- Amaral Dias, C. (1988) - **Para Uma Psicanálise da Relação**. Edições Afrontamento. Porto.
- Amaral Dias, C. (1992) - **Aventuras de Ali-Babá nos Túmulos de Ur**. Fenda Edições. Lisboa.
- Amaral Dias, C. (1993) - **Só Deus em Mim se Opõe a Deus**. Fenda Edições. Lisboa.
- Amaral Dias, C. (1994) - La Fonction Contenante de L'Analyste. **Bulletin de la Société Psychanalytique de Paris**. 31.
- Amaral Dias, C. (1995) - **A Re-Pensar**. Edições Afrontamento. Porto.
- Amaral Dias, C. (1997) - **Tabela Para Uma Nebulosa: Desenvolvimentos a partir de W. R. Bion**. Fim do Século Edições. Lisboa.
- Amaral Dias, C. (1997) - Discussão da Formação do Símbolo a Partir de Bion e Lacan. **Comunicação à Sociedade Portuguesa de Psicanálise**.
- Baranger, L. (1981) - **Posição e Objecto na Obra de Melanie Klein**. Editora Artes Médicas. Porto Alegre.
- Begoin, J. (1980) - Notice Necrologique: W. R. Bion. **Revue Française Psychanalyse**. 2. 349-354.
- Bahia, A. B. (1981) - New Theories: Their Influence and Effect on Psychoanalytic Technique. **Do I Dare Disturb The Universe? -a memorial to W. R. Bion**. Karnac Books. London.
- Bion, W. R. (1961) - **Experiências Com Grupos**. Imago Editora. Rio de Janeiro. 1970.

- Bion, W. R. (1962) - **Aprendiendo de la Experiência.** Editorial Paidos. Buenos Aires. 1987.
- Bion, W. R. (1963) - **Elements of Psychoanalysis.** Karnac Books. London. 1984.
- Bion, W. R. (1965) - **Transformations.** Karnac Books. London. 1984.
- Bion, W. R. (1967) - **Second Thoughts.** Karnac Books. London. 1984.
- Bion, W. R. (1970) - **Atenção e Interpretação.** Imago Editora. Rio de Janeiro. 1991.
- Bion, W. R. (1973) - **Conferências Brasileiras. vol.1. São Paulo.** Imago Editora. Rio de Janeiro. 1974.
- Bion, W. R. (1977) - **Two Papers: The Grid and Caesura.** Karnac Books. London. 1989.
- Bion, W. R. (1982) - **The Long Weekend.** Karnac Books. London. 1991.
- Bion, W. R. (1985) - **All My Sins Remembered.** Karnac Books. London. 1991.
- Bion, W. R. (1981) - **A Memoir of the Future: The Dream; The Past Present and The Dawn of Oblivion.** Karnac Books. London. 1991.
- Bléandou, G. (1990) - **Wilfred R. Bion: A vida e a Obra.** Imago Editora. Rio de Janeiro. 1993.
- Buhr, M. (1968) - **Immanuel Kant: Introdução à Vida e à Obra.** Editorial Caminho. Lisboa. 1989.
- Château, J. *et al.* ;Kant. **Las Grandes Psicologias Modernas.** Editorial Herder. Barcelona.

- Deattre, P. (1994) - Teoria/Modelo. **Enciclopédia Eunaudi, Vol. 21.** 223-287. Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Lisboa. 1994.
- Delattre, P. (1994) - Função. **Enciclopédia Eunaudi, vol. 21.** 288-304. Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Lisboa. 1994.
- Eco, U. (1994) - O Símbolo. **Enciclopédia Eunaudi, Vol.31.** 138-176. Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Lisboa. 1994.
- Eigen, M. (1985) - Toward Bion's Starting Point: between catastrophe and faith. **International Journal Psycho-analysis.** 66.321-330.
- Eliade, M.; **O Sagrado e o Profano.** Edição "Livros do Brasil". Lisboa.
- Flavell, J. H. (1970) - Concept Development. **Carmichael's Manual of Child Psychology.** 3rd Ed. vol.1. New York.
- Freire, A. (1968) - **O Pensamento de Platão.** Livraria Cruz. Braga.
- Freud, S. (1895) - **Project For a Scientific Psychology.** Standard Editions. vol.1. London. 1981.
- Freud, S. (1900) - **Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade.** Edição "Livros do Brasil". Lisboa.
- Freud, S. (1911) - **Formulations on the Two Principles of Mental Functioning.** Standard Editions. London. 1981.
- Freud, S. (1921) - **Group Psychology and Analysis of the Ego.** Standard Editions. London. 1981.
- Freud, S. (1924) - **Neurosis and Psychosis.** Standard Editions. London. 1981.
- Freud, S. (1924) - **The Dissolution of The Oedipus Complex.** Standard Editions. London. 1980.

- Fromm, E. (1957) - Symbolic Language in Myth, Fairy Tale and Novel. **The Oedipus Papers**. G. Pollock, J. Munder, Editors. The Chicago Institute for Psychoanalysis. 1988.
- Fuller, P. (1980) - **Arte e Psicanálise**. Publicações Dom Quixote. Lisboa. 1983.
- Grinberg, L. et al. (19) - **Nueva Introduccion a las Ideas de Bion**. Tecnopublicaciones. Madrid.
- Guignard, F. (1994) - Sigmund Freud et Wilfred R. Bion. Filiation et commensalité. **Revue Française de Psychanalyse**. 5. 1619-1637.
- Hawking, S. W. (1988) - **Breve História do Tempo**. 3ª Ed. Gradiva Publicações. Lisboa. 1995.
- Hanly, C. (1990) - The Concept of Truth in Psychoanalysis. **International Journal of Psychoanalysis**. 71. 375-383.
- Heimann, P. (1951) - Uma Contribuição Para a Reavaliação do Complexo de Édipo - Os Estágios Primitivos. **Novas Tendências na Psicanálise**. 2ª Ed. Editora Guanabara Koogan. Rio de Janeiro. 1980.
- Heimann, P. (1952) - Certain Functions of Introjection and Projection in Early Infancy. **Developments in Psychoanalysis**. Karnac Books. London. 1989.
- Joseph, B. (1981) - Toward The Experience of Psychic Pain. **Do I Dare Disturb The Universe? -a memorial to W.R.Bion**. Karnac Books. London.
- King, P. H. M. (1983)-The Life and Work of Melanie Klein in the British Psychoanalytical Society. **International Review Psycho-analysis**. 64. 251-260.
- Klein, M. (1923) - Early Analysis. **Love, Guilt and Reparation**. Virago Press. London. 1988.
- Klein, M. (1926) - The Psychological Principles of Early Analysis. **Love, Guilt and Reparation**. Virago Press. London. 1988.

- Klein, M. (1928) - Early Stages of the Oedipus Complex. **Love, Guilt and Reparation.** Virago Press. London. 1988.
- Klein, M. (1930) - The Importance of Symbol-Formation in the Development of the Ego. **Love, Guilt and Reparation.** Virago Presse. London. 1988.
- Klein, M. (1937) - **L'Amour et La Haine.** Éditions Payot. Paris. 1975.
- Klein, M. (1937) - Love, Guilt and Reparation. **Love, Guilt and Reparation.** Virago Press. London. 1988.
- Klein, M. (1945) The Oedipus Complex in the Light of Early Anxieties. **Love, Guilt and Reparation.** Virago Press, 1988.
- Klein, M. (1946) - Notes on Some Schizoid Mechanisms. **International Journal Psychoanalysis.** 27(3/4). 99-110.
- Lacroix, J.; **Kant e o Kantismo.** Rés-Editora. Porto.
- Lansky, M. R. (1981) - Philosophical Issues in Bion's Thought. **Do I Dare Disturb the Universe? - a memorial to W. R. Bion.**
- Laplanche, J.; Pontalis, J.-B. (1967) - **Vocabulário de Psicanálise.** 7ª Ed. Editorial Presença. Lisboa. 1990.
- Luzes, P. (1968) - O Que é o Pensamento?. **Primeiro Congresso Internacional de Psicanálise em Portugal.**
- Luzes, P. (1978) - Sobre a Vida e Obra de Melanie Klein. **Análise Psicológica.** 4 (1). Lisboa.
- Lyth, O. (1980) - Obituary: Wilfred Ruprecht Bion. **International Journal Psychoanalysis.** 61.

- Mackay, N. (1981) - Melanie Klein's Metapsychology: phenomenological and mechanistic perspective. **International Review of Psycho-analysis**. 62. 187-198.
- Mancia, M. (1987) - **O Sonho Como Religião da Mente**. Escher. Lisboa. 1991.
- Mancia, M. (1990) - **No Olhar de Narciso - Ensaio Sobre a Memória, o Afecto e a Criatividade**. Escher. Lisboa. 1992.
- Meltzer, D. (1978) - **The Kelinian Development**. Clunie Press. London. 1985.
- Meltzer, D.; Harris, M. (1980) - Les Deux Modèles du Fonctionnement Selon M. Klein et Selon W.R. Bion. **Revue Française de Psychanalyse**.
- Meltzer, D. (1981) - Memorial Meeting For Dr. Wilfred Bion. **International Review Psycho-analysis**. 8. 3-14.
- Meltzer, D. (1984) - Les Concepts D'"Identification Projective" (Klein) et de "Contenante-Contenu" (Bion) en Relation avec la Situation Analytique. **Revue Française Psychanalyse**. XLVIII (2). 541-549.
- Meltzer, D. *et al.* (1984) - La Distinction Entre Les Concepts D'Identification Projective (Klein) et de "Contenant-Contenu" (Bion). **Revue Française de Psychanalyse**. XLVIII (2). 551-569.
- Meltzer, D.; Williams, M. H. (1988) - **The Apprehension Of Beauty**. Clunie Press. London.
- Milner, M. (1955) - O Papel da Ilusão na Formação Simbólica. **Novas Tendências da Psicanálise**. Editora Guanabara Koogan. Rio de Janeiro. 1980.
- Pappas, N. (1995) - **A República de Platão**. Edições 70. Lisboa.
- Pollock, G. H. (1983) - Oedipus: the Myth, the Developmental Stage, the Universal Theme, the Conflict and Complex.

- Pomian, K. (1979) - Catástrofes e Determinismo. **Filosofia e Epistemologia**. A Regra do Jogo Edições.
- Rezende, A. M. (1993) - **Bion e o Futuro da Psicanálise**. Papirus Editora. Campinas.
- Rezende, A. M. (1994) - **A Metapsicanálise de Bion**. Papirus Editora. Campinas.
- Segal, H. (1964) - **Introdução à Obra de Melanie Klein**. Imago Editora. Rio de Janeiro. 1975.
- Segal, H. (1975) - Notas Sobre a Formação de Símbolos. **Melanie Klein Hoje, vol. I**. Imago Editora. Rio de Janeiro. 1991.
- Segal, H. (1981) - **A Obra de Hanna Segal**. Imago Editora. Rio de Janeiro. 1982.
- Segal, H. (1985) - The Klein-Bion Model. **Models of the Mind**. 2ª Ed. Edited by Arnold Rothstein. International University Press. Connecticut. 1987.
- Segal, H. (1991) - **Sonho, Fantasia e Arte**. Imago Editora. Rio de Janeiro. 1993.
- Simon, B. (1988) - The Imaginary Twins: the case of Beckett and Bion. **International Review Psycho-analysis**. 15. 331-352.
- Sor, D.; Gazzano, M. (1988) - **Cambio Catastrofico**. Ediciones Kargieman. Buenos Aires.
- Thorner, H.A. (1981) - Notes on the Desire for Knowledge. **Do I Dare Disturb the Universe? - memorial for W. R. Bion**.
- Tustin, F. (1981) - Psychological Birth and Psychological Catastrophe. **Do I Dare Disturb the Universe? - a memorial for W.R. Bion**.
- Zimmerman, D. (1995) - **Bion: Da Teoria À Prática**. Editora Artes Médicas. Porto Alegre.